

ANNE MARCK

Negócios Do Coração

Encontrar o amor sem perder a razão





O livro **Negócios do Coração** narra uma história fictícia. Nomes, lugares, personagens foram produzidos pela imaginação da autora. Qualquer semelhança com a vida real é meramente coincidência.

Todos os direitos deste livro, inclusive sua divulgação são reservados a Copyright © 2014 by ANNE MARCK.

Esta versão do livro esta sendo divulgada de forma gratuita, não devendo ser comercializado.

Fale com a autora: escritora.annemarck@gmail.com.

Boa Leitura.

Sinopse

Maria Hellen é uma linda jovem que teve sua vida desastrosamente roubada por uma relação ruim, muito ruim... apesar de sua beleza, por dentro ela está quebrada para relacionamentos e não quer pensar nisso. O foco de sua vida passou a ser a promissora empresa que ela e seu melhor amigo fundaram, ainda na faculdade. O sucesso nos negócios e o sonho de levar o projeto para a África e melhorar a vida de um país devastado dá a ela a força e energia que ela precisa para viver, mas até quando ela vai conseguir se manter longe do amor? O atraente dominador Victor Harris e o quente Felipe Santiago vão por à prova sua determinação.

Uma história que vai te prender do início ao fim.

Prólogo

É engraçado como o destino pode ser surpreendente e nos levar á lugares que nem de longe imaginávamos como sendo possível. Meu peito reverbera a sensação de que algo grandioso está por vir e eu esperei por anos, mas será que estou pronta para isso?

♠ *Uma nova etapa* ♠

Observo os movimentos da aeromoça andando em nossa direção, uma jovem perfeitamente maquiada e de sorriso amigável enquanto oferece os serviços de bordo ao meu amigo, só não sabe ela que se Miguel continuar como está, a companhia aérea terá um grande trabalho para limpar a aeronave. Ele não gosta de voos longos e normalmente seu estômago é o mais prejudicado.

Ela avalia por um minuto nossas expressões e, parecendo notar a agonia de meu amigo, se afasta sem insistir muito.

Miguel Andriatto é meu melhor amigo, mais do que isso, ele é como um irmão, temos sentimentos quase paternos um pelo outro, eu cuido dele e ele cuida de mim desde que... bem... desde que eu estava no fundo do poço e ele graciosamente se aproximou me trazendo para a luz.

Olho para ele e percebo que a coisa está mesmo feia.

– Lembre-me de tomar um remédio na próxima vez, Helle. Meu estômago está revirando. Daqui a pouco todos saberão o que comi no café da manhã – suas grandes mãos estão cruzadas sobre o estomago e a cabeça apoiada no encosto.

Helle é um apelido para Maria Hellena. Recebi este nome em homenagem à minha avó materna, que conheci somente por fotos. Ela era linda assim como minha mãe, mas delas eu só herdei fisicamente os olhos grandes e verdes, meu cabelo castanho é herança genética do meu pai.

– Eca Miguel, que nojo! – dou um leve soco em seu ombro e ele ri, mas as sombras escuras embaixo dos olhos azuis não negam seu sofrimento.

– Eu definitivamente odeio aviões!

– Estamos quase chegando, só faltam mais algumas horas. Aguenta aí Loiro.

Meu comentário é um tanto irônico, acabamos de deixar São Paulo e o caminho para Nova Iorque é longo. Dou uma piscadela e ele me devolve um olhar divertido daqueles do tipo “não brinque comigo agora”.

Seguro a mão de Miguel e fecho meus olhos, eu não posso e nem consigo dormir, minha cabeça está á mil pensando no grande passo que estamos dando. Minha vida mudou de rumo completamente a cerca de dois anos e desde então, eu tenho me encontrando em cada coisa que faço, recuperando minha identidade que estava anulada por um relacionamento malsucedido e que quase transformou minha vida em um inferno. Sem Miguel eu com certeza não estaria aqui.

Conheço Miguel há seis anos, desde o inicio na universidade, porém só nos aproximamos depois de algum tempo. Fizemos o trabalho de conclusão de curso juntos, o que nos rendeu o prêmio de melhor projeto econômico-social da universidade e a chance de tirar a empresa do papel através dos recursos financeiros de um investidor-anjo, há quase dois anos. A chegada de Miguel em minha vida foi como um sopro de ar fresco. Recordo-me de alguns momentos amargos, tais como o dia em que ele me resgatou e deixei minha casa saindo apenas com a roupa do corpo, sinto um nó na garganta quando me lembro, mas desde então nunca mais chorei, porque naquela data encontrei minha libertação.

Nossa empresa é meu objetivo de vida. Foi reestruturando os negócios dos agricultores da região nordeste do Brasil que ganhamos o prêmio Nobel de Empreendedorismo Social, isso nos motivou á seguir em frente e decidimos abrir uma unidade semelhante na África, se tudo der certo nas reuniões com investidores que teremos em Nova Iorque. Pesquisamos muito até decidir que queríamos levar o projeto para o Níger, um país devastado e com um dos piores índices de desenvolvimento humano do planeta, com poucas terras férteis e com uma população absolutamente miserável, há muito trabalho á ser feito.

Meu coração está acelerado com a expectativa do que encontraremos pela frente.

Agendamos reuniões em quatro empresas de Manhattan, todas elas de alguma forma investem em projetos empresariais, mas não sabemos ao certo se algo tão ousado quanto o que planejamos será bem visto por alguma delas. Nosso escritório no Brasil fez todos os arranjos de horários, esta será uma semana de bastante trabalho. Eu li várias vezes o perfil das empresas e dos CEOs, e ao que parece, eles são verdadeiras máquinas de fazer dinheiro, precisamos exatamente disso, então tecnicamente é uma combinação perfeita: nós oferecemos um projeto que gera lucro e eles emprestam os recursos. *Vai dar tudo certo Helle, tenha fé, você só precisa convencer um estranho a te emprestar alguns milhões, tarefa fácil!*

Miguel adormeceu, é um alívio, nos últimos dias nós quase nem dormíamos trabalhando nesse projeto, parecíamos zumbis, mas nem de longe ele pode ser comparado a isso. Meu melhor amigo é grande e forte, é um loiro lindo com cerca de um metro e oitenta e cinco, um pouco mais alto do que eu, com meus um metro e setenta e três, e esse seu tamanho já me ajudou muito... *concentre-se, tente não se lembrar de coisas ruins.*

Não há nada que eu possa fazer agora, a não ser ler novamente o perfil do CEO da primeira reunião, vi algumas matérias sobre ele na internet, profissionalmente ele é descrito como um homem bem-sucedido que começou a trabalhar cedo, é dono de quase metade dos prédios de Manhattan e herdou uma pequena fortuna de seus pais, entretanto nas imagens do Google o que mais tem é foto dele em eventos, acompanhado de belas mulheres, *OMG ele é muito bonito! Mas isso não é da minha conta...* Deus ajude que ele seja generoso.

As luzes da aeronave se apagaram... sinto meus olhos pesando.

– Hei garota acorde, estamos em Nova Iorque!

Caramba! Peguei no sono e nem percebi.

Abro os olhos lentamente e me dou conta de que dormi por um bom tempo, com os documentos do CEO no meu colo. Estico os braços dormentes, olho para ver Miguel me encarando com um sorriso engraçado, aparentemente ele está com um aspecto melhor, mais descansado e as olheiras suavizadas.

– Minha nossa! Eu dormi a viagem toda – dou uma limpada nos olhos – E você como está?

– Melhor do que você Helle, seu cabelo está horrível! – ele ri, me provocando.

Isso não é nenhuma novidade: eu tenho o cabelo mais rebelde do mundo, ele é longo e castanho escuro, tem dias que está bem definido com ondas perfeitas, mas tem dias que é um desastre e tenho a sensação que é assim que ele está agora.

– Se bem que eu te amo de qualquer jeito, bebê – ele dá um toque de seus ombros nos meus, sorrindo com beicinho e eu não posso evitar sorrir também.

Sáímos do aeroporto e eu estou simplesmente pasma, nunca vi tantos táxis juntos, nem mesmo em São Paulo que é a maior cidade do Brasil.

Ultimamente tenho conhecido muitas cidades do meu país, com o projeto passei bastante tempo na região nordeste e em São Paulo, mas nossa empresa tem sede em Curitiba, uma cidade lindíssima, com pouco mais de dois milhões de habitantes, capital do estado no sul do país. Lá o clima é frio e os moradores bastante contidos, é um pouco difícil de socializar e fazer amizades, mas é onde eu nasci, cresci e amo.

Depois de uma breve viagem de táxi, chegamos ao hotel onde as reservas foram feitas. Nos apresentamos e somos encaminhados para nossos quartos, são no mesmo corredor uma porta de frente para outra. Escolhemos aquele hotel porque fica a poucas quadras de todos os investidores que visitaremos. Como consequência, estamos em um local muito sofisticado para o meu gosto e com a diária mais cara do que qualquer hotel que eu já me hospedei. Apesar de nossa empresa estar dando lucros e mesmo sabendo que estou aqui á trabalho, não me sinto confortável em ficar num hotel tão caro. Este valor poderia alimentar uma família por um mês, em cidades pobres do Brasil. Sempre fui muito responsável com relação á dinheiro, sei dar o valor que lhe é devido, minha infância não foi nada fácil.

Tenho que admitir que o quarto é muito lindo, há uma cama King Size com uma cabeceira que ocupa boa parte da parede, duas luminárias com design moderno instaladas uma de cada lado da cama e em frente há uma televisão bem grande com tela plana, no canto uma poltrona tão confortável que dá até vontade de dormir nela, os tapetes são uma atração á parte, mas o que realmente impressiona é o banheiro, *parece maior do que um quarto inteiro do meu apartamento*, com cubas duplas, bem iluminado e a banheira cabe uma família. *Santo exagero!*

É noite de domingo e a nossa primeira reunião será somente na terça-feira, podemos aproveitar para conhecer a cidade. Nova Iorque recebe milhares de turistas todos os dias, esta interação de nacionalidades é encantadora, sou fascinada por conhecer culturas diferentes e aqui é possível ver pessoas de muitos lugares do mundo, falando em diversas línguas.

Miguel já esteve em Nova Iorque antes, ele tem uma amiga que é advogada de direitos humanos na ONU... há um lance entre eles. Ele marcou de encontrá-la amanhã, gostei disso, acho que ela é uma boa pessoa apesar de não a conhecer.

Jantamos em um restaurante bem charmoso, voltamos para o hotel e fomos para o meu quarto, nós sempre conversamos muito, sobre tudo, sobre nossas escolhas pessoais e profissionais. Miguel é um bom conselheiro e me ajuda muito, ele já me viu em um dos piores momentos da minha vida e se comportou como meu irmão.

Deitamos jogados na grande cama e ficamos conversando por algumas horas até que o sono e o cansaço da viagem pegaram de jeito.

– Garota vá dormir porque amanhã temos que curtir esta cidade maravilhosa! – Miguel se levanta me puxando junto com ele.

Levo-o até a porta, e é claro que ele precisa dizer o que eu já esperava, antes de sair.

– Aproveite o clima fresco para passear muito e quem sabe conhecer alguém legal. Você merece encontrar um cara bom porque é a pessoa mais especial e linda do mundo, bebê.

Girando nos calcanhares ele sai para o corredor, mas eu ainda consigo falar.

– Eu preciso me concentrar no trabalho, nada de relacionamentos pelos próximos trinta anos, lembra? – quase grito.

Ele vira e dá uma piscadinha atrevida, entrando em seu quarto.

Ele sempre fala isso, mas depois do meu último relacionamento envelheci emocionalmente vinte anos em apenas cinco e não me sinto preparada para ter alguém agora, não com tudo o que eu vivi. Miguel é protetor, eu sei que ele me quer feliz, quando ele percebe que eu não estou bem, arranja logo um jeito de me animar, é como um leão quando o assunto sou eu, por muitas vezes ele lutou minhas batalhas e quando eu mais precisei de alguém na vida foi ele quem esteve lá. Cada célula do meu corpo é grata a ele.

Acordo cedinho. Depois de sei lá quantos meses estou tendo uma primeira segunda-feira de folga e preciso aproveitar. Decido conhecer o Central Park e aproveitar para me exercitar. Coloco uma regata, short e tênis, alongo o corpo, prendo o cabelo em um rabo de cavalo e deixo o quarto. Passando pela portaria do hotel já sinto o ritmo da cidade. *OMG! Nova Iorque é vibrante, quanta gente!*

Caminho e observo a multidão que se esbarra, vários turistas tirando fotos, milhares de táxis disputando as ruas, o barulho é ensurdecedor.

Finalmente chego ao parque. Estou absolutamente fascinada com o que encontro, o cheiro delicioso de ar fresco, a grama verdinha e bem cortada, as árvores com folhas em tons de amarelo e rosa, pássaros fazendo a própria sinfonia, até um esquilo atravessa correndo o gramado, que doideira, dá a impressão que estamos fora da cidade, o local é fantástico e era um sonho conhecer.

Dou uma corrida inteira ao entorno e me sento um pouco para apreciar o lugar. Volto ao hotel, maravilhada, Nova Iorque é mesmo a selva de pedras que nunca dorme e é linda.

A noite chega rapidamente, decido me deitar cedo para estar bem descansada e encarar uma reunião onde eu tenho de pedir dinheiro a alguém e estes assuntos são sempre delicados. Mando uma mensagem de texto para o celular de Miguel, eu sei que ele ainda está fora, provavelmente com sua amiga:

“Loiro vou dormir, te encontro amanhã cedo para o café, se cuida e me mande mensagem quando voltar para o hotel. Te amo.”

Tomo um banho demorado na minha banheira máster, relaxando cada músculo do corpo, me seco, verifico o celular e há uma mensagem:

“Acabo de chegar, nos vemos amanhã, durma bem. Também de amo.”

♠ Olhos de oceano ♠

Acordo cedo e saio correr no Central Park novamente, esse local me transmite paz e eu preciso estar tranquila hoje. Corro por quase uma hora e volto para o hotel, tomo banho visto um vestido cinza claro ajustado ao corpo, comprimento pouco acima dos joelhos e um blazer branco, desço encontrar Miguel e tomamos café da manhã juntos.

Subo para o quarto escovo os dentes, dou uma última ajeitada na maquiagem e capricho no rímel para dar destaque aos meus olhos que são o ponto forte do meu rosto, passo um gloss leve na boca apenas para dar brilho, eu tenho lábios grossos e batom os deixa ainda maiores, o que não é ideal para uma reunião de negócios. Prendo meu cabelo em

um coque e calço sapatos de salto, ao ver minha imagem no espelho, sinto certo otimismo. Quando desço, Miguel está me olhando com um sorriso bobo:

– Caramba Helle! Você está maravilhosa. Quer matar aqueles caras antes mesmo deles liberarem a grana pra gente? Aposto que eles vão babar pela beleza da *mulher brasileira*.

Ele ri e vem ao meu encontro. Miguel realmente sabe elogiar.

Sáimos do hotel e pela curta distância vamos caminhando. Com meus saltos altos eu fico quase da altura do Miguel, ele está fantástico com terno cinza escuro, camisa branca e gravata azul marinho que realça os seus olhos. Andando pelas ruas movimentadas desta cidade parecemos um casal e despertamos alguns olhares.

Chegamos ao endereço indicado e meu queixo quase cai, é um edifício enorme, todo espelhado, se destaca no meio dos outros prédios e o mais incrível: reflete o céu perfeitamente azul desta manhã. Ao entrarmos, percebo que a beleza também esta no interior, o piso todo de mármore em tom claro, sofás com design moderno no canto esquerdo do salão, uma recepção incrivelmente mobiliada e, como não poderia ser diferente, uma bela recepcionista morena de cabelos escorridos na altura dos ombros, olhos levemente puxados, boca desenhada com batom vermelho e um terno preto colado ao corpo. Aproximamo-nos e os olhos dela vão direto para Miguel... *oh que surpresa...* ela nos encaminha para os macios sofás, tão confortáveis que dá até vontade de deitar.

Aguardamos por cerca de dez minutos, mas como chegamos mais cedo isto é perfeitamente normal. Embora eu já tenha ensaiado a minha fala de apresentação do projeto por inúmeras vezes, estou bastante nervosa, pra não dizer tremendo, e acho que Miguel também está um pouco ansioso. No entanto isto tem uma causa maior *então vamos lá, nós somos adultos e pessoas de negócios, não estamos aqui á toa*.

A recepcionista se aproxima e nos indica o elevador, marca o último andar e lá vamos nós, Miguel aperta firme a minha mão me acalmando, seu toque me tranquiliza.

A porta do elevador se abre e... minha nossa!

Estou de frente ao homem *mais perfeitamente e fodidamente lindo que estes meus olhos já viram na face da terra*. OMG! Ele é perfeito! Será que é real? Estou hiperventilando!

Os cabelos castanhos quase negros, bem cortados... *tamanho ideal para eu passar meus dedos... aff... o que está acontecendo com você Maria Hellen?* Os olhos de um azul claríssimo e divino parecendo o oceano em dia de sol, a pele morena clara, lábios carnudos e vermelhos, corpo forte, pelo jeito ele é mais alto que Miguel. Ombros largos, mas aparentemente magro, o terno exala luxo, acho que o valor poderia alimentar umas vinte famílias por um mês, mas veste-o como uma luva. *Perfeito!*

Os olhos do homem lindo vão diretamente para minha mão atrelada à de Miguel, por um momento a expressão em seu rosto diz que ele não gosta do que vê, mas é só por um milésimo de segundo porque eis que ele consegue ficar ainda mais lindo quando abre um sorriso de me fazer umedecer, Miguel solta minha mão para cumprimentá-lo.

– Olá, sou Miguel Andriatto da A&V Company, e esta é minha sócia senhora Maria Hellen Vagnolli.

Miguel falou *senhora* e o bonitão rapidamente olha para minha mão esquerda, acho que procurando o anel de casada, mas não, eu não uso e no que depender de mim nunca mais vou usar, minha separação corre litigiosamente na justiça brasileira, mas este *deus grego* não precisa saber da minha história. Os olhos dele correram meu corpo, e ele me estende a mão.

– Olá *senhora* Vagnolli, sou Victor Kayden Harris, é um prazer finalmente conhecê-la.

OMG ele disse que é um prazer *finalmente* me conhecer, o que isto quer dizer? E ele enfatizou a palavra *senhora*... que mão macia e... que sensação estranha na barriga só te tocar nele... *mantenha o foco Helle.*

– Olá senhor Harris, somos gratos por sua empresa aceitar nos receber, sabemos que seu tempo é precioso – *isso aí, mantenha a compostura, o negócio aqui é profissional Helle.*

O bonitão me olha como se estivéssemos sozinhos em um quarto, será que estou vendo coisas? *O que está acontecendo comigo?*

Ele dá um sorriso lindo de canto de lábios... de tirar o fôlego... e nos encaminha para uma sala onde estão mais quatro pessoas. Miguel entra primeiro, eu o sigo e atrás de mim, com uma mão em minhas costas está o *deus grego*, mesmo por cima das roupas eu posso sentir um calor eletrizante emanando pelo meu corpo.

Sento de frente para o *bonitão* e Miguel ao meu lado direito. Em frente a ele está uma elegante ruiva com mais ou menos uns trinta e cinco anos, ao lado dela uma loira

usando um vestido vermelho tão justo que seus seios quase saltam pra fora, ela me olha com curiosidade, deve ter menos de trinta anos. Ao lado direito do senhor Lindo-Harris há um homem com menos de quarenta anos, charmoso e de olhar amigável e ao lado dele outro homem de sorriso despojado, que logo trata de se apresentar.

– Bom dia senhores, sou David Willians diretor financeiro da KHarris Investment Company & Financial Holdings, gostaria de dizer-lhes que é fascinante conhecer pessoalmente dois ganhadores de um prêmio Nobel, mas imagino que os senhores não vieram aqui para contar como é prazeroso ter este reconhecimento, então podemos objetivar esta reunião. Em que esta companhia pode ajudá-los? – educado e direto ao assunto... isso é bom.

Enquanto eu observo David, percebo que os olhos de oceano mais lindos do mundo estão em mim, me estudando. Por que ele não para de me olhar? Sinto meu rosto queimar e minha face está corando rápido demais... ótimo, agora meu nervosismo é evidente. Pelo discreto sorrisinho em seus lábios, acho que ele percebeu minha reação.

Miguel faz a apresentação da nossa empresa, expõe alguns números e um material que preparamos exclusivamente para esta reunião, todos o observam com atenção, exceto o bonitão cujos olhos me queimam, e isso está começando a me incomodar. Quando Miguel termina, ouço uma voz agora mais rouca se direcionar á mim.

– *Senhora Vagnolli*, devo admitir que o projeto de vocês é audacioso. Aparentemente vocês tiveram êxito bastante rápido no Brasil e tenho que parabeniza-los por isto, mas o que lhe assegura que na África haverá a mesma receptividade? Vocês entrarão em um solo absolutamente rústico, talvez em proporções muito piores do que as encontradas nos cenários mais negativos do Brasil, vocês estão preparados para lidar com esta situação? Pergunto isso porque o meu dinheiro custa caro e quero saber exatamente quais os planos no caso deste projeto falhar – lá está ele enfatizando a palavra *senhora* novamente.

Seu olhar é debochado e desafiador... *caramba... na versão provocativo é ainda mais sexy.*

Se recomponha destes pensamentos Helle. Agora!

– Bem senhor Harris, nós chegamos até aqui examinando os cenários, conforme os dados apresentados pelo meu sócio, fizemos um longo estudo do território. Reconheço que há certa audácia na escolha do país, mas como o senhor deve bem saber, os riscos são proporcionais ao retorno – ensaiei esta resposta por dias, e consegui falar com toda a

confiança que me é permitido diante de um homem estranho que mexe em lugares do meu corpo que eu nem sabia que era possível, só com o olhar.

Miguel segura a minha mão por baixo da mesa me tranquilizando, olho para ele e sinto seu apoio. O bonitão nos observa com curiosidade após assistir a troca de olhares entre eu e Miguel. Encaro-o firmemente, quase que o enfrentado, esperando a próxima pergunta... *que comecem os jogos senhor deus grego, eu vim pra esta cidade pra conseguir um investidor e é isso o que eu vou fazer.*

A voz agora menos rouca, mas ainda linda, novamente se pronuncia.

– Bem senhores, o que precisávamos saber por hoje é o suficiente, podemos tratar dos detalhes na próxima reunião.

Próxima reunião? Ele não recusou nossa proposta, por enquanto, e isso é muito esperançoso.

– Preciso dizer-lhes que algumas coisas ainda me preocupam, mas vou pedir para minha equipe reunir nossos questionamentos a respeito e entraremos em contato.

Não é de todo o mal, teríamos mais uma reunião como já esperávamos.

Todos se levantam e nos cumprimentam. Os membros da equipe se retiram da sala e ficamos em pé nós três, eu, o bonitão e Miguel. Victor se movimenta em nossa direção, me olhando de um jeito intenso como se conseguisse ver dentro de mim, sinto meu coração disparar e acho que Miguel nota, desvio o olhar e abaixo minha cabeça sentindo novamente o rubor. Como isso é possível? Como posso reagir assim ao olhar de um desconhecido? Com tanta coisa acontecendo, será que estou fantasiando coisas?

Sou interrompida no meu devaneio pela voz de Victor.

– Esta reunião foi muito interessante, eu gostaria de convidá-los para um almoço apenas para que possamos falar mais abertamente – ele fala olhando diretamente para Miguel, como se este convite não fosse pra mim.

Sem hesitar, Miguel aperta a mão de Victor e percebo imediatamente que ele recusará o convite.

– Senhor Harris tenho um compromisso, mas minha sócia poderá tirar todas as suas dúvidas, aliás, ela é a grande responsável por estarmos aqui hoje – ele se vira pra mim

com um olhar de falsas desculpas – Helle, nós veremos mais tarde, eu te ligo assim que voltar do meu compromisso.

O que? É isso mesmo? Miguel acaba de me empurrar para um almoço com o deus grego sozinha?

Ele beija meu rosto e sai antes que eu possa lhe falar qualquer coisa... *arg! eu te mato Miguel!*

Observo-o tomar o elevador, e olho para ver o bonitão me encarando como se fosse me comer viva, literalmente, sinto minha pele queimar novamente. *OMG será que eu preciso mesmo ficar tão vermelha quando ele me olha?*

– Agora somos só nos dois *senhora* Vagnolli, ou posso lhe chamar de Helle? Aliás, não vejo em seu dedo nenhum sinal que me diga que é casada, a que isso se deve? – seu olhar é atento e me analisa como se pudesse ver minha alma.

– Acredito que podemos ficar com o tratamento formal senhor Harris, a propósito eu prefiro não falar de minha vida pessoal. Se estiver tudo bem, podemos almoçar agora? Não devo demorar, tenho um compromisso esta tarde – *nossa!* Nem eu entendi esse meu comportamento.

Ele me olha com espanto, mas novamente apenas por um milésimo de segundo, ele é muito bom em adotar uma expressão de homem confiante e levemente debochado.

– Tudo bem *senhora* Vagnolli, podemos ir agora mesmo – acho que ele gosta da palavra *senhora* porque faz questão de enfatizá-la.

Ele coloca a mão em minhas costas e *caramba aquela sensação um pouco abaixo da barriga de novo!* Entramos no elevador, quando as portas se fecham ele está bem próximo ao meu corpo e eu posso sentir uma corrente elétrica de alta voltagem entre nós, acho que ele também sente porque suspira fundo e dá um sorriso. Essa é a viagem de elevador mais longa da história, pelo menos da minha. Eu acabo de conhecer este homem e já estou sentindo como se ele me impedisse de respirar, *OMG que sensação é essa?*

Chegamos ao hall do prédio, ele acena para seu motorista que já está parado na porta, é um homem de no máximo quarenta anos, forte e cujas formas físicas lembram um jogador de futebol americano, de onde eu venho ele seria chamado de armário. Ele nos cumprimenta com aceno de cabeça, Victor faz questão de abrir a porta pra mim, acho

isso muito *macho alfa*, como se estivesse marcando seu território. Imagino que outras mulheres cairiam mortinhas com esta atitude *tão cavalheira*, mas eu só consigo pensar em como parece dominador e pela experiência que tenho isso não é nada bom.

Entramos no restaurante e me sinto intimidada, é um local pequeno, elegante e reservado com poucas mesas, o maitre vem até nós, se dirigindo ao bonitão pelo nome e apontando a mesa. Sento e ele se posiciona em pé ao meu lado.

– Senhorita Vagnolli tem alguma bebida de sua preferência? – *como é? Ele me chamou pelo nome? Santo Deus, como raios o maitre sabe o meu nome?*

Percebendo meu embaraço, o deus grego á minha frente trata logo de responder por mim.

– Raul, vinho branco para nós dois, por favor – *perai, além de o maitre saber meu nome, eu nem posso responder? Quando foi que ele se sentiu autorizado a fazer escolhas por mim? Eita, as minhas lembranças deste tipo de atitude não são nada boas.*

Sinto meu estômago embrulhar e percebo que eu preendi a respiração.

– Minha nossa Helle, você está pálida! Isso é porque Raul sabe seu nome ou porque não gosta de vinho branco? Se eu soubesse que isso te deixaria tão branca, teria pedido uma vitamina – *vi um sorriso de abrindo em seus lábios.*

O que?... Ele está debochando de mim?

Puxo o ar, tentando me recompor. Estreito meus olhos e o encaro firmemente.

– Duas questões bastante curiosas senhor Harris: como ele sabe meu nome e quando foi que eu lhe pedi para escolher por mim? Aliás, tem mais uma questão: achei que estávamos acordados em tratarmos-nos formalmente – como se eu tivesse acabado de contar uma piada, ele ri... alto... *aff... Por que estou tão grosseira?*

Ele é tão lindo gargalhando.

– Bem, ao que parece óbvio, Raul não tem nenhum poder de adivinhação, ou, tão pouco seu nome está estampado em um crachá, ele sabe por que eu liguei antes avisando – ele apontou para o vinho sendo entregue – Eu pedi o vinho porque você ficou tão embaraçada quando ele a chamou pelo nome que ficaríamos uma eternidade esperando sua resposta, e como você mesmo disse: tem compromissos e não podemos demorar. Quanto ao tratamento, me desculpe *senhora* Vagnolli, serei mais cuidadoso.

Ele está realmente sendo debochado.

– Senhor Harris, percebi que gosta muito da palavra *senhora*, pois faz questão de enfatizá-la sempre que a diz, mas claro isso não é da minha conta. Podemos nos abster ao senhor me falar sobre suas dúvidas a respeito do projeto e eu responder, se assim for melhor – toma senhor *engraçadão*, engula essa, cadê seu espírito irônico agora? Minha voz saiu tão aguda que até eu me surpreendi.

A expressão em seu rosto de alterou, o sorriso lindo deu lugar a uma carranca.

– Eu *não* gosto da palavra *senhora*, principalmente tendo que me referir a *você*, mas claro, não me diz respeito, como fez questão de esclarecer – ele levanta a taça de vinho e toma um longo gole, vejo o movimento do líquido descendo por sua garganta e acho terrivelmente sensual, nunca tinha notado isso em um homem.

Victor percebe que estou provavelmente de boa aberta observando-o e me dá um olhar quente como o inferno... *aff que calor*.

Espera! O eu foi mesmo que ele disse? Ele não gosta que eu seja senhora, será que entendi direito? Engulo em seco e tento aliviar o clima.

– Bem senhor Harris, fiquei com uma dúvida, se me permite: quando o senhor comunicou ao maitre nossa chegada? Se bem me lembro depois que Miguel nos deixou o senhor não fez nenhuma ligação ou menção de pegar em um telefone, devo acreditar em telepatia? – faço um olhar inocente.

Eu não podia deixar de dizer isso, é prazeroso mostrar á ele que eu também posso ser irônica. Desta vez ele gargalha alto, o que me deixa ruborizada.

– Vejam! A senhora Vagnolli tem senso de humor, isso me parece muito promissor – ele deixa as costas caírem para trás no encosto da cadeira me encarando – Mas não, não foi telepatia, minha secretária fez a reserva ontem pela manhã, e antes que a senhora me faça as perguntas óbvias de como foi que eu sabia que a senhora aceitaria ou como eu sabia que seu sócio Miguel não viria junto, eu lhe respondo: foi apenas uma intuição, um golpe de sorte. Agora se não se incomoda, podemos pedir nossa refeição?

Fico sem palavras. Aceno que sim, o maitre volta, peço filé de boi e salada e ele pede peixe e salada também. O vinho branco está uma delícia, geladinho, e com o clima quente lá fora, cai muito bem.

Enquanto almoçamos tratamos de não falar muito, ele me pergunta coisas banais sobre o clima do Brasil em Maio, faz alguns comentários sobre sentir vontade de conhecer meu país e pergunta se já fui ao Rio de Janeiro, eu respondo que sim e que tudo lá é maravilhoso. Ele até que é uma pessoa agradável, até demais, chega a ser encantador, mas eu não posso ter estes pensamentos, ele é o tipo de homem inatingível e eu não sou exatamente a pessoa mais aberta á relacionamentos, *então, se segura Helle, termina este almoço e vá embora!*

Terminamos. Ele pede a conta, me ofereço para pagar minha parte e ele nega veemente como se isso fosse uma afronta, prefiro não questionar, eu tenho que manter um relacionamento cordial com esse homem, afinal de contas nossa empresa precisa do investimento da empresa dele... além do mais, ele foi muito educado neste almoço e eu não quero estragar isso agora.

Estamos prontos para sair, enquanto caminhamos até a porta, ele se vira e me olha nos olhos, com aquela expressão profissional estampada no rosto.

– Este almoço foi bem rápido e não pude lhe perguntar muitas coisas, eu também tenho um compromisso agora e preciso que a senhora jante comigo esta noite, tenho algumas dúvidas e prefiro que me esclareça antes da próxima reunião em minha empresa. Agora vou deixá-la em seu hotel e passo ás vinte horas para buscá-la.

Estou sem palavras. Ele realmente é um mandão. Antes mesmo que eu possa responder, ele abre a porta do carro me fazendo entrar. Eu não gosto muito desta ideia, mas, não é o momento para discutir sobre essas ações, eu vim pra Nova Iorque atrás de um investidor e se ele quer jantar e conhecer mais detalhes que assim seja.

O carro se movimenta lentamente pelas ruas congestionadas da cidade, não tiro os olhos da janela, sabendo que ele me observa. Na minha vida nunca me senti verdadeiramente atraída por alguém, ou estranhamente constrangida por estar na presença de um homem, mas a força que emana de Victor me trás sensações totalmente novas. Até a respiração se torna mais difícil perto dele.

Pisco algumas vezes para não entrar nas minhas lembranças mais profundas sobre relacionamentos e quase tomo um choque quando reconheço a fachada do hotel, *qual o problema dele? Como ele sabe que estou hospedada aqui? Ele é algum tipo de perseguidor? Será que isso tem a ver com o fato de minha empresa querer alguns milhões dele? Devo perguntar?* O carro estaciona na porta do hotel, ele é saudado pelo porteiro. *Ele conhece todo mundo nesta cidade?*

Victor se movimenta para sair do carro, e ao que tudo indica abrir a minha porta, mas eu me antecipo e pulo fora do veículo surpreendendo-o, ele fica parado em pé, com olhar zangado me encarando.

– Acho que é melhor eu não perguntar como o senhor sabe que estou hospedada neste hotel. Nos vemos às vinte horas senhor Harris, até mais – entro no hotel sem olhar pra trás, mas sinto os olhos dele fuzilando as minhas costas, minhas pernas até ficam fracas.

Chego ao elevador e mando uma mensagem para Miguel.

“Ok, não sabia das suas habilidades em me empurrar para almoçar com um estranho, com tanta facilidade. Ele quer jantar hoje às 20:00 para falar de NEGÓCIOS e eu imagino que posso contar com sua presença. Bj”

Entro no meu quarto me sentindo confusa, como é possível um estranho, que eu conheço a menos de três horas, mexer comigo. Por que ele marcou um almoço já contando com ausência do Miguel? Ele nem me conhece, como ele sabe que estou neste hotel, será que ele me investigou? Minha equipe do Brasil havia passado tudo sobre nossa empresa para a companhia dele, todos os balanços, informações, absolutamente tudo. Se bem que estamos pedindo um valor altíssimo, qualquer um com bom senso investigaria sobre a empresa e os sócios. Mas será que ele investigou nossa vida pessoal também? Será que sabe sobre aquele porco do Thiago? Não, acho que não, ele ficou curioso sobre eu ser uma senhora sem aliança, mas o que isso tem a ver?

Ouçó uma batida na porta e sei do que se trata. Abro a porta e Miguel está de novo com aquele olhar de falso arrependimento, como eu posso ficar brava com ele?

– Helle, me perdoe, eu sei você quer me matar, seu olhar lá na sala de reuniões dizia tudo, mas bebê, você precisa de um pouco de diversão... mesmo não fazendo meu tipo, devo admitir que o cara se parece comum galã de cinema – ele ri debochado, entrando no quarto.

– Bem, admito que ele parece um galã, entretanto você me deu a ele como um pedaço de carne em uma bandeja, sem piedade – coloco as mãos no quadril ficando de frente pra ele – Quanto ao gosto pessoal, tenho certeza que, se ele parecesse com certa advogada da ONU, faria seu tipo!

Ele faz um beicinho, quase envergonhado. A coisa é mais séria do que eu pensei. Sento na beira da cama e continuo.

– Ok, mas vamos ao que interessa: você vai comigo ao jantar de hoje? É para tratar de negócios Miguel, eu preciso de você lá – ele desvia o olhar e senta ao meu lado.

– Eu combinei um jantar com a Mônica esta noite, ficamos longe muito tempo e eu preciso acertar os ponteiros com ela – ele parece ansioso e eu bem sei que há algo mais do que simplesmente amizade, todos estes anos ele nunca ficou com ninguém e sempre falava dela com um carinho especial.

Deito as costas na cama, relaxando um pouco depois de tudo.

– Eu só vou aceitar porque te amo, sei que você realmente gosta da Mônica e tudo bem, vou me sacrificar ficando mais um pouco ao lado daquele homem feio e sem graça.

Ele deita também, rindo. Começo a contar os detalhes do almoço com Victor-deus-grego.

♠Apenas negócios♠

Passo o restante do dia me preparando mentalmente para o jantar. *Não é um encontro Helle, é somente um jantar de negócios.* Procuro nas roupas que eu trouxe algo descontraído, mas nem tanto, sério, mas não muito. Que tipo de roupa eu devo vestir, será que devo colocar algo casual, algo formal, algo sensual?... *OMG que pensamentos são esses, é só mais um jantar!* Olho para minhas opções: curto demais, comprido demais, fechado demais, aberto demais, *caramba! O que eu vou vestir?*

Decido colocar um vestido preto, que se encaixa no meio termo entre o formal e o casual, ele é justo nos lugares certos, tem um bom caimento, valoriza meu corpo, porém

o decote é moderado, não vai me expor muito, o comprimento é pouco acima do joelho, mas nada que me deixe desconfortável. Tomo um longo banho, prendo meu cabelo de forma que fique com fios soltos caindo sobre meu colo e costas, passo maquiagem e capricho no rímel, desta vez resolvo colocar um pouco de cor nos lábios, mas somente pra acentuar a cor natural. Coloco um brinco discreto com um ponto de luz e calço meus sapatos pretos de salto alto. Pronto.

Admito que meu coração acelera a medida que o horário se aproxima.

No horário marcado, lá está o motorista *armário* no hall me esperando, ele me cumprimenta com um aceno de cabeça bastante cordial, mas totalmente profissional. *Será que ele aprendeu essa expressão com o senhor deus grego?* Entro no carro e sinto a porta se fechar atrás de mim. Todos os homens desta cidade abrem e fecham as portas dos veículos para as mulheres? *Caramba, eu realmente estou neurótica hoje, são apenas gentilezas, não significa que eles vão te trancar em um quarto e te deixar lá... arg! A sensação de enjoo de novo... guarde as lembranças ruins Helle, elas estão no passado.*

Quando percebo já estamos em um restaurante com frente bastante modesta e ar francês. Ao entrar sou direcionada para uma mesa ao fundo do restaurante, um local acolhedor, com luz baixa, uma música agradável, parece legal... *parece romântico! OMG! Foco Helle.*

Aproximo da mesa e sinto os olhos do bonitão me avaliando, dos pés á cabeça, acho que ele está gostando do que vê, há um sorrisinho em seus lábios e o olhar com que me encara é de tirar o fôlego. *Respira Maria Hellen.*

– Como sempre, está muito bonita senhora Vagnolli – ele estende á mão, forte, macia e quente. Aquela eletricidade de novo e a mesma sensação abaixo da barriga, como pode um simples aperto de mão provocar esta sensação em meu corpo? Acho que até meu couro cabeludo se arrepiava quando ele me toca.

– Obrigado pelo elogio senhor Harris, o senhor também não está nada mal – ele dá aquele sorriso sexy, aliás, ele inteirinho é lindo e particularmente esta noite está ainda mais gracioso, vestido com um terno escuro, mas sem a gravata.

A luz favorece muito sua pele, os cabelos quase negros e os olhos no tom azul oceano. *Tantas descrições assim me dizem que para o bem da minha sanidade mental, preciso me manter longe deste homem.*

Sentamos, e noto que seu semblante está diferente, mais suave do que no nosso almoço. Acho que ele está me estudando. Ficamos sem dizer nada por alguns minutos até pedirmos a refeição. Percebo minha pele ruborizando e tento observar o local para me distrair e diminuir a tensão, é um restaurante bem agradável.

O garçom traz as bebidas, o bonitão ainda me encara e eu não estou confortável com esse silêncio todo e com seu olhar.

– Então senhora Vagnolli, conte-me o que te levou para este ramo específico de negócios.

Seu olhar é sincero, ele realmente quer saber a história toda, mas acho melhor eu não me aprofundar, são tantos fatos e tantas coisas que aconteceram até eu conhecer Miguel e... enfim.

– Miguel e eu fizemos a graduação e o projeto de conclusão do curso juntos, nós pesquisamos e chegamos à conclusão que este era um nicho de mercado pouco explorado – beleza! Consegui dar a minha resposta padrão. Espero que ele se satisfaça.

Ele cruza os dedos, traz o corpo mais para frente, chegando mais próximo, avaliando minhas palavras.

– Então vocês decidiram entrar no ramo da agricultura em regiões críticas e improváveis somente pelos lucros de um mercado pouco explorado? – sua sobancelha forma um pequeno arco.

Pelo sorriso em seus lábios, acho que de fato ele não comprou minha resposta, mas como eu vou falar para um investidor que o cunho é mais social do que financeiro? Ele vai me chutar a bunda e me mandar de volta pra casa. Victor Harris é um homem de negócios e consequentemente quer lucros.

Engulo em seco e mudo minha postura, levando meu corpo para trás, ganhando tempo e também tentando ficar sóbria diante do cheiro delicioso que vem dele, uma mistura de banho e loção para o rosto, suave e sexy.

– Exatamente senhor Harris, nós percebemos que estas regiões *críticas*, como o senhor diz, podem oferecer retornos excelentes se reorganizadas e bem administradas. A agricultura familiar e rudimentar tem grande força quando concentrada. Ocorre que os agricultores se acostumam a vender barato seus produtos individualmente, e por consequência perdem o poder de negociação.

Ele se ajeita na cadeira para me ouvir, seus olhos sempre intensos estão em mim como se estivéssemos sozinhos nesse restaurante, quase intimidante, mas eu continuo.

– O solo desfavorável e o baixo investimento resultam em um volume anual pouco representativo – levo um pouco de vinho á boca – A receita que encontramos é unir e investir, ou seja, agrupamos estes agricultores e investimos em seus negócios. Atualmente a tecnologia pode solucionar alguns problemas, Senhor Harris, basta investimento.

Ele me observa com os olhos estreitados e um dedo sobre os lábios, avaliando as minhas palavras, sua expressão é indecifrável. Vislumbro seu lindo rosto e não imagino como um homem desses pode estar aqui, sentado comigo e realmente prestando atenção no que estou dizendo.

– Estou impressionado com sua narrativa do negócio senhora Vagnolli, achei que tudo se resumia à filantropia, mas vejo que estamos falando de retornos financeiros esta noite. – ele toma mais um pouco do vinho.

Noto um pouco de aborrecimento no comentário, mas me abstenho de pensar no motivo disso. Prefiro a distração de assistir o movimento quente do vinho deslizando por sua garganta perfeita. Ele deixa a taça na mesa e inclina o corpo em minha direção, de novo, seus olhos tem um misto de desafio e incredulidade. *Este deus grego está duvidando?* Ele não acredita que tudo se trata apenas de negócios? Está me testando?

– Ora, senhor Harris, estamos falando de negócios, e se estes podem oferecer retornos lucrativos e beneficiar muitas famílias, então encontramos a chave para o sucesso.

Resposta ensaiada e bem falada. *Ponto pra mim!*

Desta vez ele apenas esboça um sorrisinho de canto de lábios.

– Bem, isso nós veremos na próxima reunião, devo alertar-lhe que minha equipe está bastante receosa, acredito que as perguntas serão mais pertinentes, pois gostaríamos de investir em um negócio com segurança.

Eu coro. Será que ele pensa que somos crianças brincando de ajudar o mundo? Não chegaríamos aqui hoje se nos comportássemos assim.

– Estamos abertos á responder a todos estes questionamentos, senhor Harris.

– E seu marido também está envolvido neste projeto? Não vejo nenhum *senhor Vagnolli* nos registros que nos enviaram.

Droga! Ele tocou no assunto que eu estava evitando desde que o conheci, ele realmente tocou no *maldito assunto*!

– Não senhor Harris, ele não está envolvido e estamos em um processo de separação na justiça do Brasil, Vagnolli é meu sobrenome de solteira, mas eu gostaria de não entrar neste assunto.

Ele está sorrindo? Parece satisfeito com a minha resposta... Ah maldição, por que eu estou feliz de ver a satisfação dele? Seus olhos lindos me atingem e desvio rapidamente o olhar para meus dedos cruzados em meu colo, tentando recobrar o juízo quase perdido vendo o sorriso do homem sexy direcionado á mim.

Ouço-o limpara a garganta.

– Tudo bem, me desculpe pela invasão, faço porque preciso conhecer as pessoas que querem me tirar dinheiro e principalmente uma quantia tão significativa quanto a que sua empresa me pede – lá está a expressão profissional novamente, menos mal.

Respiro fundo e volto a encará-lo.

– Eu entendo e penso que nós enviamos todas as informações possíveis sobre nossa empresa, mas é claro, estou á disposição para tirar quaisquer dúvidas que o senhor tenha, foi para isso que vim aqui esta noite.

Seu olhar vai dos meus lábios para meus olhos e quase me falta ar com o jeito com que ele me encara.

– Admito, no entanto estou com uma dúvida crucial: Por que você com apenas 25 anos prefere ser chamada de senhora, mesmo se separando? Acredito que não se importe que eu saiba sua idade, como eu falei, nós pesquisamos quem quer nosso dinheiro.

Caramba, por que ele repete que eu quero o dinheiro dele? Ora, porque é verdade! *E ele verificou minha idade!*

– Eu não faço exatamente questão de ser tratada como senhora. É apenas um tratamento formal e nos negócios creio que uma *senhorita* nem sempre é levada a sério – tomo um pouco de vinho, respiro fundo e continuo, tenho certeza que minhas próximas palavras irão atingi-lo, minha voz sai até rouca – Acredite senhor Harris, *alguns* homens acham

divertido tentar seduzir uma jovem que está apenas querendo tratar de negócios – *toma bonitão, coloca essa na sua coleção!*

Ele fica levemente surpreso e sorri tão abertamente que seus dentes lindos estão todos exibidos. *Aff! Ele tem covinhas na bochecha quando ri, tem como ficar mais bonito do que isso?*

– Boa resposta, ponto pra senhora. Agora vamos jantar porque a comida já está esfriando – ele me observa atentamente, acho que não consigo engolir nem um grão de arroz sendo olhada desse jeito, meu ventre chega a tremer com a sensação de seus olhos me queimando.

O jantar passa rapidamente e eu sinto que preciso ir embora, se eu ficar mais um minuto ao lado deste homem, sou capaz de fazer uma besteira. *Caramba Helle! Quando foi que você fez isto? Que pensamentos são estes? Você está tendo uma reunião, lembra disso, você não quer se envolver, ou ter qualquer relacionamento com ninguém.*

Estamos prontos para entrar no veículo. Ele me puxa para o lado gentilmente e abre a porta, nesse momento me vem um flash amargo na memória. *Eu tinha dezoito anos e saí com Thiago, era nosso primeiro encontro, ele me levou para jantar e naquela noite foi a pessoa mais miseravelmente gentil que eu havia conhecido, um pouco mais velho do que eu, se formaria naquele ano em engenharia, era bonito, romântico, mas algo em seus olhos me dava medo e eu burramente não ouvi meus instintos. Ele abriu a porta do carro e sussurrou no meu ouvido que era melhor eu ir me acostumando porque a partir daquele dia ele faria tudo por mim. Eu subestimei minhas habilidades racionais e ali começou meu inferno pessoal.*

Arg! Vou vomitar, preciso vomitar, eu preciso correr, minha nossa! Como eu me deixei lembrar novamente, a única coisa que eu faço todos os dias é evitar estas malditas lembranças e agora eu estou aqui, ofegante quase morrendo, que saco!

– Jesus Cristo, Maria Hellena, você está pálida! – saio do meu devaneio com Victor me segurando e estranhamente sinto um conforto com seu toque.

– Hã... eu estou bem, acho que comi muito e preciso descansar, é isso – seus olhos se estreitam, ele me observa com incredulidade, mas por hora, compra a resposta e me leva para dentro do carro.

A viagem até o hotel é longa, tudo passa em câmera lenta e o *deus grego* não tira os olhos de mim, eu posso sentir, mas estou olhando pra fora justamente para não encarar

os olhos azuis. Chegamos ao hotel, ele rapidamente salta fora do veículo e vem abrir minha porta, eu estou sem forças para lutar contra isso ou dar uma de espertinha antecipando seus movimentos, eu apenas quero dormir. Suas mãos estão segurando as minhas e eu percebo que seu olhar é de preocupação.

– Você está mesmo bem? Vai ficar bem sozinha? Miguel estará com você? – eu aceno que sim com a cabeça e me viro rumo á entrada, ele me para segurando de leve meu braço – Foi uma noite muito prazerosa Maria Hellena, espero que possamos sair novamente – ele disse *sair*? Isto foi uma saída ou um jantar de negócios? Nem consigo raciocinar, eu preciso ficar sozinha. Aceno novamente com a cabeça e entro no hotel.

Subo para o quarto atordoada. Fiquei quase dois anos evitando qualquer menção ao meu passado infeliz e hoje tenho um surto de memória, estou com raiva de mim. Mas o que desencadeou estas lembranças? Foi o gesto de gentileza ou a sensação de me sentir atraída por Victor Harris?

Esse deus grego não é homem pra mim e sequer teria algo comigo, ele pode ter qualquer mulher neste planeta e é obvio que ele jamais vai querer alguém como eu, cheia de traumas e que evita relacionamentos porque teve a infelicidade de se relacionar com um monstro.

E eu? Eu quero me envolver com alguém? Sentir-me presa novamente? Não, definitivamente não! Eu não posso mais ver este homem. Ele me afeta de um jeito que eu não entendo e sei que isso não tem como acabar bem, principalmente pra mim. Eu não vou mais ver Victor Harris.

♠Azáleas brancas ♠

Quase não durmo durante a noite e logo cedo me apronto para uma corrida no Central Park, eu amo aquele lugar, cheguei há poucos dias na cidade e parece que eu tenho uma ligação de vida com ele.

Estou quase deixando o hotel e recebo uma mensagem de Miguel.

“Bom dia mulher mais linda da terra! Dormiu bem? Como foi seu jantar com aquele homem feio? Vamos tomar café da manhã juntos? Amor.”

Miguel é capaz de me alegrar sempre, mas hoje eu preciso pensar, ficar um pouco sozinha. Eu nunca me senti assim, nem mesmo quando eu achava que estava apaixonada pelo porco do Thiago. Preciso manter o controle da minha vida, e ficar pensando tanto em Victor Harris não é saudável.

“Loiro, jantar bom, mas acho que não devemos colocar muita esperança neles. Hoje temos reunião com outra empresa. Vou correr no parque. Ligo quando chegar. Amor.”

O relógio marca sete e meia da manhã. Chego à rua e lá está à movimentação enlouquecida da cidade, não importa o horário. Caminho para o parque, decidida a me exercitar e esquecer o rompante emocional que atormenta minha cabeça. E corro até minha cabeça esvaziar.

Volto ao hotel, tomo banho me alimento rapidamente, e visto um termo social bege claro e camisa de seda branca, coloco um colar de pedras, calço saltos e resolvo prender meu cabelo em um coque.

Mando uma mensagem para Miguel, avisando que eu estou pronta. Encontro-o na recepção, ao me ver, ele vem logo em minha direção me abraçando.

– Meu Deus Helle, você está com uma cara péssima, o que aconteceu? Você está bem? O que aconteceu no jantar? Fale bebê, eu detesto ver você assim, eu sei que há algo de errado – seus olhos me encaram com preocupação, tão familiar.

– Estou bem Miguel, apenas não consegui dormir direito, vai passar assim que a gente voltar da reunião, conseguir um investidor e seguirmos o plano.

Ele continua a me olhar, beija minha testa e vamos até o táxi.

– Você pesquisou sobre este cara que vamos ver hoje? Li alguma coisa sobre ele ser um playboy de merda, espero que não seja verdade ou estaremos perdendo tempo, o cara jamais vai pensar em alguém que não ele mesmo – Miguel parece desconfiado.

Eu realmente havia lido exatamente isso, que o cara é um playboy, se envolve em confusão, vira a noite em festas, já saiu com quase todas as celebridades de Nova Iorque e que alguns de seus negócios são um tanto desconhecidos. Mas a imprensa costuma ser sensacionalista em se tratando da vida pessoal de pessoas em destaque. Sei disso por experiência, quando recebemos o premio Nobel, alguns jornais relataram que eu e Miguel éramos amantes, é mole?

– Precisamos pagar para ver, Miguel, se ele fosse um canalha como dizem não aceitaria nos receber, ele tem o nosso material, sabe do nosso projeto e aceitou esta reunião – ele concorda com a cabeça, mas no fundo, essa é uma dúvida para nós dois.

Entramos na reunião e fomos recebidos por um sujeito jovem, talvez menos de trinta, corpo forte, menor que Miguel, não é exatamente bonito, mas tem charme. Cabelos e olhos castanhos e um sorriso que não alcança os olhos.

– Olá senhores, sou Ryan Parkerys, CEO da Parkerys Company, é um prazer recebê-los.

Trocamos cumprimentos e ele nos indica as cadeiras á sua frente.

– Verifiquei o projeto de vocês e estou interessado em saber mais sobre o assunto.

Ele é gentil, mas não sei... há algo em seus olhos que... me deixam em dúvida.

Miguel descreve o negócio e ele ouve atentamente, sua secretária, uma jovem loira anota tudo com muita rapidez. Os olhos de Ryan vão de mim para Miguel, atento, ele ouve tudo e dá seu parecer.

– Bem, é tudo muito lindo senhores, entretanto a minha empresa já tem um departamento que faz caridade, preciso dizer que é fascinante o que vocês fizeram no Brasil, mas em países da África a realidade é absolutamente outra. Vocês querem entrar em uma região devastada por uma guerra civil, com um dos piores solos do planeta, onde o deserto é quase predominante. Isso pra mim é rasgar dinheiro. Não há nada de bom ou atrativo para minha empresa naquela região – o sujeito exala falsa modéstia.

Percebo que a secretária para de escrever e olha pra ele, os dois trocam olhares... como um cachorrinho ela rapidamente abaixa a cabeça e se volta para seu computador. Há algo estranho aqui.

– Sinto desestimulá-los, mas é um suicídio financeiro o que vocês me pedem e, sinceramente, como gestor eu devo aconselhá-los a abandonar este plano. Vocês são jovens e tem potencial para desenvolver ideias melhores.

Uma onda de irritação me toma, o que esse arrogante pensa que é?

– Lamento que pense assim senhor Parkerys, meu sócio e eu pesquisamos muito e conhecemos todos os pontos fortes e fracos do negócio, não se trata de *caridade* como o senhor acaba de dizer, se trata de identificar um mercado potencial. Enquanto empresas como a sua rejeitam a região, empresas como a minha reconhecem oportunidades naquele lugar.

Ele tentame interromper, mas eu continuo.

– Agradecemos o seu conselho quanto a mudar nosso plano, tomaremos nota disto quando nossa empresa estiver fixada no Níger e recebendo lucros. Quanto á sua observação sobre o nosso potencial esteja certo de que servirá de estímulo para continuarmos.

Miguel segura um leve sorriso, a secretária arregala os olhos como se eu tivesse duas cabeças em cima do meu pescoço e o sujeito engole em seco.

– Não me entenda mal senhora Vagnolli, só estou querendo poupar uma jovem linda e atraente de ter dificuldades maiores naquela região, se o problema é dinheiro pode tê-lo quando quiser com sua beleza.

Arg! Ele me disse isso mesmo? Ele acha que eu sou um pedaço de carne procurando por dinheiro! Ah homem, você acabou de dizer a coisa errada!

– Agradeço o elogio, mas penso que a beleza, senhor Parkerys, é absolutamente superficial e com isto se torna a arma dos fracos. A questão não é o dinheiro, trata-se de superar desafios e eu e meu sócio estamos aqui para encará-los.

A reunião está acabada, levo a mão em sinal de despedida na direção do homem que agora está branco em minha frente.

– Por hora, foi um prazer conhecer alguém com pensamentos tão *distintos* quanto os seus, agradecemos pelo seu precioso tempo recebendo-nos, senhor Ryan Parkerys – minha voz soou fria e acho que demonstra o desprezo que senti pelas palavras deste homem.

Miguel sufoca o riso com uma tosse, nos levantamos e o homem permanece sentado como se tivesse recebido um golpe de boxe, mas sem abandonar o sorriso nos lábios. Apertamos as mãos e saímos da sala. No elevador Miguel me abraça.

– Bebê! Achei que ele fosse chorar. Não conseguimos dinheiro, mas o prazer de ver aquele imbecil com cara de que havia comigo um lagarto inteiro sem mastigar foi impagável!

Não consigo evitar o riso, mas acho que é mais de nervosismo.

Caminhamos para a saída, estou me sentindo um pouco culpada pelo meu comportamento, eu não deveria ter agido desta forma. Viro para Miguel e encosto minha cabeça em seus ombros.

– O problema Miguel, é que está é a nossa segunda reunião e não conseguimos nada, temos mais duas empresas e se nada der certo não sei o que vamos fazer.

Ele me abraça.

– Tenha fé Helle, vamos conseguir um investidor, tenho certeza.

Voltamos para o hotel. Miguel entra no meu quarto, se joga na cama e com uma cara de desconfiado fica me observando, ele me conhece muito bem e eu procuro não esconder nada, ele é como um porto seguro para mim.

– O que está acontecendo bebê, eu posso ver que você não está nada bem, converse comigo. Você sabe que estou sempre aqui pra você, vamos lá – e com estas palavras ele abre meu baú de emoções.

– Miguel, eu quero sair logo desta cidade, eu quero acabar com isso e ir pra África. Desde que conheci Victor Harris eu me sinto insegura, este negócio de ir jantar sozinha com ele não me fez bem, ele mexe comigo de um jeito que eu não posso aceitar, estou me sentindo fraca e incapaz. – sento na cama – Quando ele sorri, sinto que me falta ar nos pulmões, mas quando ele abre a porta do carro é como se eu estivesse revivendo meus anos de escuridão. Estou esgotada, parece improvável, mas eu me sinto totalmente frágil por uma pessoa que eu mal conheço.

Olho para Miguel me escutando atentamente, deitado de lado, apoiando o rosto com a mão. E continuo.

– Sabe o que é pior? Ele não fez absolutamente nada para que eu me sinta desse jeito. Ele nem sabe que existo como mulher. No fundo sei que ele está forçando a barra pra gente desistir do dinheiro dele e isso é tudo... eu só fiquei sozinha com ele duas vezes e me sinto assim... isso é possível? – sinto um nó na garganta ao ouvir minhas palavras, *o que está acontecendo comigo, droga!*

– Helle, eu já falei isso pra você e acho que vou falar sempre, você é linda, é uma mulher incrivelmente sexy, afetuosa, com um senso de humor maravilhoso, os olhos e boca mais perfeitos que já vi, mas o que é mais impressionante em você é o seu coração. Você me colocou nessa, você criou isso tudo e deu certo! Entenda uma coisa, aquele animal de seu ex-marido não merece um único pensamento seu. Acabou. Seu passado com ele foi apenas uma fase ruim da vida, mas acabou, é passado e você tem um futuro inteiro pela frente. Não deixe um porco como aquele te arruinar para a vida, para o amor, bebê – ele me abraça até que uma batida na porta nos interrompe.

– Senhora Maria Hellena Vagnolli?

O que é isso? Um entregador com... flo-flores?

– Sim, sou eu.

Um rapaz novinho e simpático, com um arranjo lindo de flores, sem nenhum cartão.

– Oh, nossa... sem cartão? – falo meio surpresa.

Ele acena com a cabeça, acho curioso, mas como eu não entendo nada de flores resolvo perguntar.

– Hum... legal, que tipo de flores são estas? – eu não sei se minha pergunta soou engraçada, mas ele abre um sorriso em expectativa.

– São Azáleas Brancas, senhora – bem, pela cara dele, Azáleas Brancas têm algum significado.

– Ok, obrigado! – fecho a porta, Miguel está sentado na cama com alegria no olhar.

– Então não tem cartão Maria Hellena? Muito misterioso... me deixa fazer uma conta rápida... desde que chegamos à cidade você saiu para jantar com... deixa-me fazer as contas... uma pessoa é isso? Então quem será que mandou? – ele fica em pé e dá um toque de ombros nos meus, quase como um cúmplice, levemente debochado.

Não posso negar que estou bastante curiosa sobre o tipo de flores que recebi. Deve ter algum significado especial, embora eu não entenda nada de flores, pelo sorriso do entregador elas querem dizer alguma coisa.

Ligo meu notebook e vou logo abrindo a página do Google. Digito “significado de azáleas brancas” e quase caio da cadeira com o resultado da pesquisa: um blog sobre flores indica que elas representam... *romance!*

Miguel que lê sobre meus ombros me dá um tapinha nas costas relembrando minhas palavras.

– Se isso é nem saber que você existe como mulher, imagina quando ele te descobrir.

Ele cai na cama como um menino. Miguel tem um sorriso fácil e sincero, e eu sei que ele é muito favorável à ideia de eu me envolver em um romance. Se bem que, para que isto aconteça, ele tem que conhecer o cara, entrevistá-lo e aprovar. Ele sempre me diz que precisa ter certeza que não vou me envolver com um cafajeste... realmente adorável.

– Por falar nisso, como está sua situação com a Mônica? Vocês estão juntos? – percebo certa dor na expressão de Miguel.

– Ah sei lá Helle, as coisas estão meio complicadas, minha história com ela é antiga. Ficamos muito tempo sem nos falar, e agora com esta proximidade parece que estamos tendo que lidar com algumas diferenças – ele está triste!

– Que tipo de diferenças Miguel? – me preocupo com ele e preciso saber o que lhe aflige.

– Ela acha que a separação física entre nós torna as coisas difíceis. Eu sei que ela me ama, eu posso ver isto e eu a amo desde que éramos crianças. Eu entendi quando ela optou por esta carreira, o emprego na ONU é uma realização pra ela... no entanto ela acha que a África vai tornar as coisas mais distantes entre nós. Sei que no fundo ela quer ficar comigo, mas tem medo de sofrer com a distância.

Relacionamentos são difíceis mesmo...

– Loiro, segue seu coração, você vive me dizendo isso e agora é a sua vez. Vai fundo, você a ama, então fique com ela. Não existe distância física para estas coisas, vocês podem se ver até mesmo se você for para o Japão. Avião torna as coisas rápidas – ele olha pra longe de um jeito meio triste, acho que está pensando no que eu disse. Dou um abraço e sinto seu sorriso se abrindo

– Ok bebê, então você agora dá conselhos amorosos? Isto é incrível. Comece a segui-los também. – ele me abraça forte – Agora vou para meu quarto, marquei um encontro com ela Te ligo mais tarde – ele se levanta – Ah... amanhã temos mais uma reunião e estou bastante otimista, acho que esta empresa vai investir Helle.

Tomara que Miguel esteja certo, eu só tenho certeza de uma coisa, com ou sem flores eu não quero ver Victor Harris novamente. Ele mexe comigo e eu não posso deixar alguém me abalar agora. Reconstruí a minha vida e estou firme no propósito de ir para o Níger.

Quando estava no ensino médio vi um documentário sobre o continente africano e os países pobres. Assisti a uma cena que me marcou: uma família com alguns poucos pés de feijão, uma vaca magricela, o pai e a mãe pareciam extremamente velhos, judiados pelo sol, mas o que me chocou de fato e bateu como uma faca no meu peito foi ver os filhos, cerca de oito crianças em idades entre um e dez anos aproximadamente e, magros, extremamente magros, o formato dos ossos do corpo era perfeitamente visível, eles não tinham nada de gordura, exceto pela barriga saliente, eles eram raquíticos.

Como dói saber que alguns têm tanto e outros vivem na mais extrema dificuldade. Passei a procurar mais informações sobre o Níger, li sobre a guerra civil que devastou ainda mais o país, sobre como o deserto é predominante, o bloqueio comercial que eles sofrem em função de um golpe militar e como eles são afetados pelo desinteresse e corrupção local, com um dos piores índices de desenvolvimento. È um país esquecido pelo mundo.

Quando Miguel e eu ganhamos ajuda de um investidor-anjo na universidade eu sabia que se fizéssemos nosso trabalho no nordeste do Brasil poderíamos provar que é possível com esforço e dinheiro mudar a vida dos mais desfavorecidos. A situação dos agricultores nordestinos se parecia, em grau menor, com a dos africanos. O sol castigava o solo, os bichos e a plantação não resistiam á seca. Nós investimos e prosperamos. E faríamos isso na África também.

♠*Obra do destino*♠

Acordo firme no meu propósito de não pensar no *deus grego*. Refleti muito na noite anterior e cheguei à conclusão que ele só se propôs á jantar comigo para me desestimular da ideia de pedir seu dinheiro. Acho que as flores fazem parte do plano de “*não dou o dinheiro, mas saio bem na foto*”, quer saber? Chega de pensar nele. Hoje teremos um dia corrido, mais uma reunião e desta vez as coisas precisam dar certo. *Pensamento positivo Helle.*

Às sete horas da manhã caminho até a saída do hotel, vou fazer uma corrida no parque, *no meu* Central Park, lugar maravilhoso e que me faz tão bem. Estou vestida com short e um top, cabelo preso em um rabo de cavalo.

Saio andando em direção ao parque.

Por obra do destino, meu coração quase para no peito... só posso estar vendo coisas! O deus grego entrando em uma cafeteria, lindo como sempre de terno cinza, cabelos arrumados... será que devo falar com ele sobre as flores?

Espera um pouco... ele está... acompanhado? Santo Deus! Que sensação é essa? Eu vou vomitar, quem é essa mulher ao seu lado? Ruiva, se tiver trinta anos é muito, magérrima, parece uma modelo de capa de revista e para os dois estarem tão cedo no café é porque provavelmente... dormiram juntos! Arg! Eu vou vomitar sim! Respira, respira, respira...

Corro até minhas pernas doerem, ainda bem que a reunião de hoje é às duas horas da tarde, tenho tempo de me enfiar na banheira máster e... *quem sabe me afogar nela*. Volto ao hotel, faço algumas ligações para o Brasil para checar como estão as coisas, em seguida mando mensagem para Miguel.

“Preparado para mais uma batalha? Te amo.”

Relaxo na banheira até a água esfriar e me tocar pra fora. Não demora muito vem a resposta, acho que é por isso que me sinto tão segura com ele, Miguel sempre está por perto.

“Sempre, meu bebê, hoje será um dia melhor. Te amo também.”

Hoje será um dia positivo, está um clima quente, o céu azul claro. Vou me inspirar nesta tarde linda para me vestir, ir á reunião e sair de lá com um contrato. *Isso aí garota, pensamento positivo!* Escolho um vestido branco com corte reto, na altura dos joelhos, sem decote, com detalhes de renda e um cinto fino de couro verde na cintura, sapatos pretos altíssimos, deixo meu cabelo solto e para minha alegria ele está ótimo hoje, em ondas que caem nas minhas costas. Maquiagem modesta, atenção ao rímel para destacar meus olhos verdes e um brilho sutil nos lábios. *Vamos lá.*

Bato na porta do quarto de Miguel, quando ele abre, fico de boca aberta, nossa sintonia é tão boa, ele está usando gravata verde e um terno escuro sob medida, simplesmente lindo.

– Oi bebê, vejo que está pronta pra acabar com aqueles caras. Hoje o dia promete!

Eu dou a ele meu melhor sorriso de falso deboche e um leve soco no ombro, ele me puxa pra dentro do quarto e me fez ver o presente que comprou para Mônica, na Tiffany: uma pulseira maravilhosa, com diamantes em formato de pequenos corações. *OMG! É lindo!*

Miguel é filho único de uma família muito bem estabelecida financeiramente, embora ele não faça o tipo extravagante, ele é bem generoso com seus presentes.

– Loiro, esta pulseira é maravilhosa e estes corações significam muito, ela vai amar!

Ele sorri com cara de bobo, *Uau! Este sorriso é de homem absolutamente apaixonado!*

– Pronto para encontrarmos a pessoa que vai investir em nossa empresa? – ele me dá o braço, eu seguro e saímos com destino ao táxi que fica na porta do hotel, na saída uma mulher olha para Miguel, completamente boquiaberta, *reação normal*.

Chegamos à empresa, uma jovem muito elegante nos recebe e pede que esperemos enquanto ela anuncia nossa chegada. Repasso mentalmente o que eu sei de informações da J&H Holdings & Co.: gigante no setor de participações, com investimentos em vários ramos, tecnologia, manufatura e no entretenimento.

Fomos chamados e entramos no elevador, Miguel aperta minha mão com força sentindo minha ansiedade e tentado me acalmar. Quando as portas do elevador se abrem... eis que como um *déjà vu*... ali parado em nossa frente está Victor Harris, nos esperando com um sorriso nos lábios e um olhar de deboche que rapidamente se desfaz quando vê minha mão enlaçada na de Miguel.

Assumindo sua expressão profissional, que eu já consigo reconhecer, ele dá um passo em nossa direção lançando a mão para cumprimentar Miguel.

– Boa tarde, senhor Andriatto, nos encontramos novamente.

Em seguida ele se vira para mim, me oferecendo a mão, que eu timidamente aperto sentindo um choque que reflete diretamente no meu ventre.

– É sempre um prazer revê-la senhora Vagnolli – o sorriso debochado vem de novo aos seus lábios – Mas acho que a senhora está surpresa em me ver.

– Oh... senhor Harris, b... boa tarde. Eu realmente não esperava encontrá-lo novamente... digo aqui, humm... quero dizer... prazer em revê-lo também – sinto meu rosto queimar. *Mas que raio de gagueira! E o que este homem está fazendo aqui?*

Ele nos conduz para uma sala e desta vez somos apenas nós três, ninguém mais. Um local amplo, elegante, a sala é quase do tamanho do meu apartamento, sem exageros. E agora que me recuperei do susto percebo como ele é *desgraçadamente* lindo, *será que ele ficou mais lindo desde a última vez que o vi? Isto é possível?* Ele está com um terno elegante e justo, que pelo jeito custa o preço do meu apartamento... *ok, parece exagero agora*. Tudo nele é tão fantástico que deveria ser crime alguém assim existir.

Victor limpa a garganta, indica nossos lugares e encara Miguel.

– Bem, eu agora acredito mesmo que vocês não sabiam que sou um dos proprietários desta empresa. J&H são as iniciais de Johnson e Harris. Will Johnson é meu sócio e abrimos nosso primeiro negócio juntos quando ainda éramos colegas em Stanford.

Estou fodidamente envergonhada, *como diabos é possível eu não saber disso? Que porra! Por que eu não li nada sobre isso? Sinto-me uma amadora imbecil.*

Acho que ele percebeu meu constrangimento.

– A informação não é exatamente aberta ao público, meu sócio é bastante reservado e evita que suas informações estejam expostas, nós optamos por não divulgar esta parceria – claro isto explica minha ignorância – Preciso contar-lhes que eu também desconhecia esta reunião, fiquei sabendo somente hoje pela manhã. Nesta empresa quem trata deste tipo de assunto é Will, mas ele teve um imprevisto e me ligou á poucas horas me pedindo para estar aqui.

Miguel faz uma expressão de que compreende e dá início a sua fala.

– Bem senhor Harris nós... – o bonitão interrompe Miguel.

– Miguel, por favor, me chame apenas de Victor ou Harris se preferir. Vamos cortar o tratamento de “senhor” entre nós.

– Certo... Harris, creio que você já conhece nossa proposta, gostaríamos de saber se já tem alguma posição sobre o investimento – Miguel fala em tom suave, mas objetivo.

– Miguel, vamos considerar que aqui na J&H este é nosso primeiro contato. Mas sim, já conheço o projeto, minha equipe preparou algumas questões para que sua empresa possa esclarecer. Infelizmente vim desprovido de tais informações e lamentavelmente não podemos decidir nada hoje. Por hora, deixo agendada uma próxima reunião para segunda-feira – os olhos do bonitão estão somente em Miguel, um olhar sincero e de respeito. Mas por que raios ele não me olha como de costume? *Melhor assim Helle.*

Fico em silêncio observando o dialogo entre eles, ao que tudo indica esta reunião está acabada. Victor e Miguel se levantam juntos e se saúdam com aperto de mãos, eu me levanto em seguida, mas antes que eu possa oferecer minha mão para um adeus, ambos caminham em direção à porta. Miguel se despede e quando me preparo para sair atrás dele sinto a mão do deus grego me segurando pelo cotovelo.

– Você está muito bonita hoje Maria Hellen, posso te chamar assim? Preciso lhe falar, se Miguel não se importar – olho para Miguel que está com as mãos para o ar em sinal de rendição e um sorriso discreto nos lábios.

– Te espero lá embaixo Helle – e ele sai me deixando sozinha com *o cara mais lindo do mundo. Foco Helle.*

– Hum... tudo bem, pode me tratar sem o *senhora*, já que o senhor... digo, você, não gosta muito desta palavra – ele dá um sorriso lindo, e eu fico satisfeita com a minha deixa.

– Fiquei preocupado com você desde o nosso último encontro, está tudo bem? Recebeu minhas flores? – seu olhar vai da minha boca para meus olhos.

– Eu estou bem sim, obrigado. Recebi as flores, mas como não havia cartão fiquei na dúvida quanto a quem deveria agradecer – seus olhos se estreitam, como se eu o tivesse provocado. *Acho que no fundo foi o que eu fiz “senhor café da manhã com modelo de capa de revista”!*

– E há muitas pessoas em sua lista de possíveis candidatos ao agradecimento, Maria Hellen? – percebo nele uma pontada de ciúmes, mas devo ter me confundido, porque lá está o *senhor sorriso lindo* novamente, tão provocador.

– Alguns, mas não vem ao caso. Muito obrigado pelas flores, são belíssimas, embora eu não conheça nada sobre flores, gostei muito – não *conhecia*, porém o Google já me esclareceu, mas o deus grego não precisa saber disso.

Ele parece desapontado com minha resposta.

– Jante comigo esta noite, tenho uma proposta para te fazer.

Proposta? Jantar?

– Não sei se jantar é uma boa ideia senhor Harris. Você não pode me fazer esta proposta agora? De que se trata? – seus olhos estão fixos nos meus e sua expressão ficou séria.

– Jante comigo e saberá – *mandão!* – Passarei às vinte horas no seu hotel.

– Tudo bem – falo, estranhamente obediente.

Ele abre um sorriso vitorioso, pega minha mão e dá um beijo recatado.

– Anseio por isso Maria Hellen.

Quando percebo, já estou dentro do elevador, as portas se fechando e o sorriso dele ficando para trás.

Miguel me espera na porta do elevador no hall, conto a ele sobre o convite e ele me aconselha a ir jantar, não pelos negócios, mas porque eu preciso conhecer Harris melhor e esclarecer as milhares de dúvidas sobre o que sinto por ele e que estão na minha cabeça desde que o conheci.

Chegamos ao hotel, Miguel me deixou para encontrar Mônica, mas disse que assim que voltasse me avisaria.

♠A proposta♠

Fico olhando para as paredes do quarto, tentando colocar meus pensamentos em ordem. *Por que eu aceitei sair com ele?* Miguel tem razão, eu preciso mesmo conhecer aquele homem e quem sabe assim eu possa continuar minha vida, sabendo que eram apenas fantasias da minha cabeça.

A expectativa toma conta do meu corpo, me vejo tremula.

Encho a banheira, ligo meu Ipod e coloco os fones de ouvido. A música “When You’re Young” da Banda Three Doors Down começou a tocar. A letra grita em meu ouvido e reflete no meu peito dizendo “tão longe de saber para onde estou indo, e me esforçando para descobrir quem eu sou, todos dizem que eu não sei o que estou fazendo, e digo que eles dificilmente entenderiam” eu preciso me encontrar, eu preciso desesperadamente me encontrar, eu vivi anestesiada por cinco anos ao lado de um cara que se julgava meu dono e por um tempo eu acreditei nisso. Agora eu sou livre, mas meu coração está despedaçado, eu nem consigo pensar em relacionamento, nem sei ao certo o que é amor, e essa sensação que tenho quando chego perto de Victor Harris me deixa transtornada, me dá medo saber que um homem é capaz de fazer isso comigo.

Novamente o dilema sobre o que vestir, não posso me esquecer que acima de tudo ele me chamou para jantar porque tem uma proposta e minha empresa precisa disso. Trouxe na minha bagagem alguns vestidos, gosto de vestidos porque me deixam feminina e cabem em qualquer ocasião. Decido que preciso estar bonita esta noite, mesmo com um turbilhão na cabeça, algo dentro de mim quer impressioná-lo, quer que ele me deseje... *pensamentos confusos...* Coloco um vestido num tom nude com um pouco de brilho, este vestido é lindo e eu nunca usei, tem mangas longas, na frente é fechado, mas tem um decote generoso nas costas, escolho sandálias de salto. Resolvo investir em uma maquiagem marcante, já que meu vestido é num tom discreto, passo batom vermelho, delineador nos olhos e muito rímel. O cabelo preso num coque no alto da cabeça. Gosto do que vejo no espelho.

Para minha total surpresa quando desço ao hall, ao invés de encontrar o motorista, Victor Harris está me esperando, lindo parece um modelo fotográfico de alguma revista de moda. Isso só piora a minha situação. Quando ele me vê seu rosto de ilumina, ele sorri, algo em sua expressão me derrete, ele me olha com surpresa e com... *tesão? Minha nossa!...* Ele abaixa a cabeça e balança como se estivesse negando algo para si mesmo, com um sorriso no canto dos lábios.

– Quando eu penso que não é possível te ver mais linda, você me surpreende novamente. Existe dia ruim para você Maria Hellena? – ele pega minhas mãos e leva aos seus lábios... quentes... macios...

– Posso dizer o mesmo senhor Harris, você também está um pouco impressionável.

Ele ri de maneira sexy com os olhos vidrados em mim.

– Um pouco impressionável? Tomarei como um elogio. Podemos ir?

Ele me aponta á porta, dou um passo á frente e novamente aquela sensação lá no ventre ao sentir o toque de sua mão macia no meio das minhas costas, pele com pele, indescritível, nem sei se já senti isso alguma vez na minha vida, seu toque desperta algo em minhas partes mais íntimas. Ele abre a porta do carro, desta vez eu não sinto medo, apenas... satisfação.

Ele entra no veículo e se senta ao meu lado, eu acho que o ouvi dizendo que minha pele é macia, mas não tenho certeza se ouvi mesmo, as palavras saíram tão baixas, numa voz rouca, que não posso garantir que foi real.

– Eu não sei se já disse isso, mas seus olhos são muito bonitos – ele está rouco, falando sussurrado, como se estivesse perdendo o ar. *Será que eu provoco nele o mesmo efeito que ele causa em mim?*

– Obrigado, seus olhos também são... bem... bonitos – eu estou mais tremula do que nunca.

Ele me observa, mas não daquele jeito que me constrange, é como se estivesse me admirando, ou sei lá, vai ver é nisso que eu quero acreditar. Estamos fazendo o caminho praticamente em silêncio. Chegamos ao restaurante, ele desce do carro, abre a porta, me toca nas costas novamente me conduzindo para dentro e, *sim! A mesma sensação louca.* O lugar é incrível, alguns quadros pelas paredes, iluminação suave, música clássica bem baixa ao fundo, as mesas pequenas, um local discreto, mas deve ser caríssimo. Não sei como me sinto recebendo jantares em lugares caros e não pagando por isso, mas parece que é um efeito colateral por ser mulher por aqui.

Sentamos um de frente para o outro, ele pediu vinho e desta vez me perguntou o que eu quero. Achei carinhoso, não há de boche. Mas há algo estranho, ele está muito silencioso.

– Lindo lugar... – puxo assunto

– Pois é, as obras são maravilhosas e o ambiente é muito agradável – ele está de cabeça baixa encarando sua taça, há mesmo algo de errado com esse homem.

Estreito os olhos e o observo.

– Victor, está tudo bem?

Ele dá um sorriso e me olha.

– É a primeira vez que você me chama assim, somente Victor, sem nada de “senhor Harris” ou “senhor Victor Harris”, soa bem ouvir isso de você – eu enrubesço.

– Você está me chamando de Maria Hellena, então posso te chamar de Victor também, não?

– Claro que sim... Maria Hellena é um nome muito bonito e acho que ainda não posso te chamar de Helle, assim como Miguel, não é mesmo? – eu dou um sorriso,

– Miguel é quase um irmão, é meu melhor amigo, por isso ele me chama de Helle.

– E nós ainda não somos amigos, eu entendo – ele está sério como se estivesse pensando em algo.

– Tem razão Victor, mas, acho que estamos aqui por uma razão, você me disse que tinha uma proposta.

Ele fecha a cara, engole um pouco do vinho e fica em silêncio por um tempo que parece uma eternidade, com a cabeça baixa, percebo um movimento pulsante em seu maxilar, o que indica nervosismo. Será que ele quer me contar que não vai investir e não sabe como dizer isso? Eu respiro e digo calmamente.

– Pelo seu silêncio Victor, eu imagino que não é coisa muito boa, mas não fique constrangido, se está tentando me dizer que sua empresa não pretende investir no meu projeto, fique tranquilo, nós viemos para Nova Iorque sabendo de todas as possibilidades, você foi muito gentil nos recebendo e...

Ele me interrompe bruscamente.

– Não! Não é nada disso. Bem, nós ainda temos a reunião de segunda-feira para decidir alguns detalhes, mas não, não é isso. Eu prefiro que jantemos primeiro, e no decorrer do jantar eu falo, por favor, Maria Hellena.

Eu aceno que sim com a cabeça. *Algo me diz que a coisa não é boa mesmo!*

Jantamos quase em silêncio, apenas um comentário ou outro sobre a refeição, ou a música, isso está começando a me amedrontar, por qual razão um homem tão direto como ele está se enrolando tanto para me dizer o motivo deste jantar? *Eu devo ter medo mesmo?*

O garçom retira os pratos, traz mais vinho e eu sei que é agora ou nunca.

– E então? – eu digo.

Ele fica mudo, disfarça, bebe um pouco de vinho calmamente tentando ganhar tempo.

– Maria Hellena, eu gostaria de saber algumas coisas sobre você, antes de... bem, antes de... fazer a proposta – isso está me congelando por dentro.

– Que tipo de coisas?

– Há quanto tempo você está separada?

– Muito.

– Você tem alguém, quero dizer, está saindo com alguém? – *aonde diabos ele quer chegar?*

– Me desculpe Victor, mas não acho que isso seja relevante para um jantar de negócios. Aonde você quer chegar exatamente? – estou um tanto irritada, *ele está me investigando?*

– Responda a minha pergunta Maria Hellena! – seus olhos estão vidrados em mim e a mandíbula cerrada.

Minha nossa!

Ele fala de um jeito tão autoritário que até me assusta e como que por reflexo me levanto da cadeira, ele se levanta também e segura meu pulso.

– Sente-se, eu não terminei – que mandão!

– Ok, você não terminou e acho que nem começou, está me enrolando desde que cheguei, Victor. Você está me especulando para saber se sou confiável para receber seu dinheiro, é isso? É aí que você pretende chegar? Por favor, seja objetivo! – a irritação é palpável.

Sento novamente, mas estou tão tremula que não consigo nem respirar. Ele se senta também, ajeita os botões do terno, respira fundo e fala calmamente.

– Eu quero chegar a um lugar com você, mas preciso saber exatamente onde estou pisando. Você quer que eu seja objetivo? Pois que seja: Eu quero dormir com você esta noite, simplesmente transar com você, sem nenhuma desculpa, sem nenhum tipo de promessa, sem nenhum tipo de joguinho: eu quero transar com você esta noite.

... O que?

Eu nem sei o que pensar, eu devo estar sonhando, mas não pelo lado positivo, eu devo estar louca, ele acaba de me dizer isso mesmo? Ele quer sexo? Ele quer que eu me venda pra ele em troca do investimento? Ele acha que eu sou... uma puta? Não consigo respirar... *não consigo respirar...* eu estou tendo uma parada cardíaca?

– Jesus! De novo? Você tem sempre que empalidecer como se estivesse morrendo? Que porra!

Olho para o meu lado, vejo Victor me abanando, eu estou congelada na cadeira. Por não sei quanto tempo fico ouvindo sua voz no fundo da minha cabeça exigindo.

– Porra Maria Hellena fale comigo! Fale comigo!

Sem que eu possa evitar, começo a rir... Gargalhar mesmo, não consigo parar. Eu preciso parar de rir, *Deus me ajude a parar de rir!* Estou chocada, que porra é essa? Ele me chamou de prostituta e estou rindo? Sim! De puro nervosismo.

Consigo recuperar a sobriedade, ele sai do meu lado e volta para a sua cadeira, com um olhar irritado, soltando fumaça pelas narinas, como se quisesse me dar uma surra. *Ah! Por favor, deus grego, você me fala uma merda dessas e ainda fica zangado?*

– Me deixa entender, porque acho que perdi uma parte desta noite e eu preciso ter certeza que gozo de plena sanidade mental: Você está me “propondo” sexo em troca de um maldito investimento? Você está querendo uma maldita prostituta esta noite e acha que sou eu? Você quer que eu faça sexo com você sem joguinhos? Está escrito “puta” no meu maldito crachá??? Ah! Espere, eu não tenho um crachá! – agora sim ele está nervoso, mas dane-se, quem começou essa merda toda foi ele.

– Absolutamente não! Cale essa boca e me escuta! Eu não estou e nem nunca falei nada sobre trocar sexo pelo maldito investimento! Você entendeu tudo errado! Eu jamais faria isso e... – eu o interrompo com um gesto de pare.

Tento falar baixo, mas eu já não tenho mais boas maneiras pra isso.

– Ah, eu entendi tudo errado? Não, seu porco de merda! Quem entendeu tudo errado foi você! Eu jamais dormiria com você, nem por todo o dinheiro da face da terra. E só para que conste, eu nunca dormiria com ninguém por dinheiro. Agora se me permite: Vá para o inferno! Eu não pretendo te ver nunca mais na minha vida!

Levanto e saio como um furacão, ouço seus berros atrás de mim me mandando voltar, todos no restaurante estão me olhando. Quando eu passo por um casal que está próximo ao caixa digo o mais educada que eu consigo.

– Desculpe, ele me confundiu com uma prostituta e acho que está um pouco nervoso. Tenham um excelente jantar – o casal fica me olhando enquanto eu saio.

Encontro o motorista na calçada com cara de assustado, acho que ele percebe a movimentação estranha e trata logo de abrir a porta do carro.

– Obrigado pela gentileza, acho que seu patrão precisa mais de você do que eu, quem sabe ele acha o que procura, pelas ruas – ele fica mudo com as sobancelhas erguidas.

Dou mais alguns passos em direção à rua e uma mão forte me puxando pelo braço com agressividade, não é mais aquele toque suave e macio que eu senti há poucas horas.

– Pode parando aí, você não vai à lugar nenhum – ele me vira com tanta força que quase me desequilibro.

Isso só me irrita mais.

– Tire. Suas. Mãos. De. Mim. Agora! – ele afrouxa o aperto, mas continua me segurando.

– Você entendeu tudo errado porra! Que merda de espetáculo você quer dar na rua. Cala a boca e entra no carro, eu vou te levar de volta, você veio comigo e vai embora comigo. Esqueça essa merda toda, eu achei que estava falando com uma mulher adulta e não com a porra de uma donzela de merda! – ele me encara com raiva, os olhos azuis estão negros, as pupilas dilatadas... *apesar de canalha, ele é lindo!*

– Você tem razão – aponto o dedo para o seu peito – O engano foi mútuo: você achou que estava falando com uma prostituta e eu achei que estava falando com um empresário sério. Muito bem, agora que as coisas foram esclarecidas podemos seguir cada um para o seu lado. Solte-me, estou indo embora e se você se atrever a me seguir eu chamo a polícia. Seu pervertido de merda! – ele suspira e mesmo contrariado me solta, seu maxilar pulsa freneticamente.

Viro meu corpo, mas antes de sair eu preciso dizer mais uma coisinha. Inclino a cabeça para ele.

– A propósito, eu jamais dormiria com um cara que toma café da manhã com uma mulher e no mesmo dia propõe sexo à outra. Sim! Eu vi você esta manhã. Não me procure mais. Queime os papéis que minha empresa mandou pra você. Adeus.

Saio andando e ele fica parado, me olhando enquanto eu caminho. Eu posso sentir seu olhar em mim, mas que se dane. Ando uma quadra, pego o primeiro táxi que vejo e vou para o hotel.

A adrenalina corre em minhas veias, todos os sintomas de pânico estão se aproximando do meu corpo, mas não, eu não posso me deixar abater. *Por favor, não se entregue*

agora Maria Hellena, você lutou muito para recuperar o equilíbrio, não deixe um maldito cafajeste acabar com você de novo.

Eu preciso correr, eu preciso sair daqui e respirar ar livre, eu tenho que sair. Abro o guarda-roupa, tiro o vestido coloco uma calça de ioga e camiseta, solto meu cabelo do coque, prendo num rabo de cavalo, e deixo o hotel. Eu preciso de ar! Não sei aonde quero chegar, eu só preciso andar um pouco. Saio caminhando pelas ruas de Nova Iorque sem rumo, as pessoas passam por mim como se eu não existisse, e eu só consigo ouvir lá no fundo do meu cérebro o barulho de buzinas e conversas, nem sei para onde estou indo. Maldito homem, *eu não posso perder meu equilíbrio.*

Como se fosse minha imaginação eis que me deparo com a imagem dele, com a mesma roupa de poucos minutos atrás, entrando em uma espécie de clube com uma morena á tiracolo. Neste momento eu ri de mim mesma, se eu tinha alguma dúvida que ele iria sair pelas ruas procurando uma prostituta, agora eu não tenho mais... e... *minha nossa! Ele foi rápido!*... Sem conseguir evitar eu me vi entrando no clube.

Sei lá por que merda eu estou fazendo isso. Ela não deve ser uma prostituta, um cara como ele basta estalar os dedos e terá quantas mulheres desejar.

Sinto-me como uma alienígena com roupas de ginástica num lugar destes. Conforme vou passando por um corredor estreito vejo algumas pessoas me olhando e cochichando. Quando entro numa espécie de salão maior, procuro com os olhos e... lá está ele, com a mulher empoleirada em seu pescoço falando alguma coisa em seu ouvido e ele de cabeça baixa, bebendo uma bebida semelhante a uísque, deve ser mesmo, pois ele faz cara feia ao engolir... *deus grego mais cafajeste do mundo!*

Como um ímã, antes que eu possa dar meia volta e sair deste local, seus olhos encontraram os meus, ele está me olhando em estado de choque. *Bem, não posso dizer que eu também esteja em choque, eu já esperava por isso bonito.* Viro e saio tão rápido quando eu posso, volto correndo para o hotel.

Nem me lembro de entrar no elevador, abro a porta do quarto, me jogo na cama e... *choro!* Faz quase dois anos que eu não chorava e hoje, pela primeira vez desde que sou livre, eu choro, me afundo na cama e simplesmente desabo. Que porcaria, eu sabia que esse cara não era bom, que eu deveria me afastar, que tinha uma placa de “perigo” estampada na testa. Droga! Eu nunca vou aprender a seguir a porra dos meus instintos? Vou sempre apanhar de mim mesma! Que grande merda!

Choro de soluçar até cair no sono.

Acordo com as batidas na porta, é Miguel e ele grita alguma coisa. Estou meio tonta. Abro a porta, Miguel entra como um furacão:

– Helle! Que porra aconteceu com você? – ele me abraça forte – Por que não atendeu ao telefone? Como você está?

Eu nem sei onde deixei meu telefone, eu nem sei onde deixei minha força, estou desgastada como se um trator tivesse passado por cima do meu corpo.

Sento na cama com Miguel me apoiando pelo braço e conto tudo pra ele sobre a noite anterior. Ele ouve atentamente, ficamos ali, eu em seu colo e ele me abraçando. Pensei muito sobre porque estou me sentindo assim e Miguel ajudou a chegar á uma conclusão. Eu estou assim porque não quero enfrentar nada que diga respeito á sentimentos, eu não quero me envolver com ninguém e esta possibilidade me amedronta.

Eu poderia ter dito simplesmente “não” á proposta de Victor ontem e seguido em frente, ao invés disso, preferi fazer uma cena daquelas, um estardalhaço. Desde que abrimos nossa empresa eu enfrento homens galanteadores e machistas... *claro que nenhum tão objetivo como Victor Harris...* mas eu lidava bem com isso no geral, e com ele foi diferente. Foi diferente porque eu percebi o risco de me envolver e tratei logo de afastar do pior jeito possível. Resumindo meu drama pessoal: acordei com uma ressaca moral pelo meu comportamento.

A vida continua. Nesta tarde teremos uma reunião com o último investidor da nossa lista. Vou me preparar para isto e seguir o plano.

♠Continue com o plano♠

A reunião acabou e voltávamos para o hotel com o balanço do dia. Quando ainda estávamos no Brasil, nós planejamos as datas das reuniões de acordo com as possibilidades de êxito. Criamos esta escala a partir de tudo o que sabíamos sobre as quatro organizações. A maior empresa era de Victor, seria a empresa onde teríamos mais chances de conseguir o investimento, e assim até esta última que visitamos hoje. Era a menor, mas o CEO nos deu as melhores notícias desde que chegamos à cidade. Ele passou uma relação de dados que temos que apresentar á ele em exatos trinta dias, embora não tenha confirmado se investirá, ele também não negou. *Isto é um sinal, bom ou não, é um sinal.*

Estamos de viagem marcada para a próxima terça-feira para o Níger. Tecnicamente teremos uma reunião com Victor na segunda-feira, um dia antes da viagem, porém, depois de tudo o que aconteceu, ou melhor, depois do drama que fiz, ele provavelmente desmarcará a reunião. Falo isso a Miguel, mas acho que ele já sabe.

– Eu não te falei nada hoje cedo Helle, porque fiquei preocupado com o estado em que vi você, eu precisava que me contasse o que aconteceu.

– E?

– Hoje pela manhã eu recebi um telefonema de Harris, ele me perguntou se eu havia falado com você depois de ontem à noite, me disse que, nas palavras dele: “fiz uma merda e acho que ela está com muita raiva, só precisava saber se ela está bem”. Ele não quis me contar o que aconteceu apenas me disse que viajaria hoje e entraria em contato comigo remarcando para outro dia a reunião de segunda-feira. Ele parecia muito preocupado com você, bebê.

Por essa eu não esperava, aparentemente ele está mesmo preocupado, mas isto já não importa nunca mais nos veremos.

– Eu falei a ele que estávamos de viagem marcada para terça-feira, ele me perguntou se voltaríamos eu fiquei de comunicá-lo se isto acontecesse.

Miguel suspira e me abraça. No fundo saber que Victor ligou mexeu comigo, mas não vou mais pensar nele.

Estamos na sexta-feira, este é o nosso último fim de semana em Nova Iorque antes de partirmos para a África. Decidimos aproveitar para passear, sair e se divertir.

No sábado eu finalmente conheci Mônica, ela é linda, delicada, pele clarinha, parece uma boneca, eles juntos formam um casal muito lindo e dá para perceber que se gostavam de verdade. Fomos a um barzinho com música mexicana, dançamos, rimos, foi uma noite muito agradável e a primeira que eu relaxo depois de muito tempo. Despedimo-nos com a impressão de que seremos boas amigas, me identifiquei muito com ela, e se ela fizer Miguel feliz estará me fazendo feliz também. Ela me disse que sabe que Miguel me tem como irmã e ela gostou muito de mim.

Já é domingo vou ao Central Park, corro por algum tempo e depois fico á toa, vendo o movimento das pessoas, os turistas tirando fotos, as crianças brincando, tudo parece cena de um filme. Eu me sinto em paz. Ainda ficarei mais um dia na cidade e prometi que viria novamente ao parque.

Durante a tarde faço uma reunião por videoconferência com os membros da nossa equipe, as coisas lá estão relativamente bem. Quando alinhamos os planos de expansão para a África, nós nomeamos Fernando Gonçalves como diretor da unidade no Brasil, fomos colegas na universidade e temos os mesmo ideais. Ele também gostaria de ir para a África, mas se casou recentemente e sua esposa abomina a ideia de morar no Níger.

Passo o dia evitando pensar em Victor, mas a noite é inevitável. Será que ele arrumou uma viagem só para garantir que não vai mais me ver enquanto eu estiver em Nova Iorque? O que ele está pensando de mim neste momento? *Posso imaginar*, ele deve estar aliviado por não ter que cruzar pela cidade com a louca que fez uma tremenda tempestade num copo d'água, quando bastava dizer *não* elegantemente. Acho que eu também não quero mais ver ele, mas por um motivo bem diferente: *vergonha!* Enrubesco só de lembrar na vergonha que passei e que fiz ele passar diante dos clientes do restaurante onde provavelmente ele frequenta e de seu funcionário. Se vergonha e arrependimento matassem... *esquece*.

Na segunda-feira vou ao parque bem cedo, passo quase a manhã inteira lá. Durante a tarde vou á uma lanchonete com Miguel, à noite ele vai ver Mônica e eu fico no hotel.

Quando dou por mim já é terça-feira, acordo meio melancólica e olho para o quarto de hotel onde passei quase dez dias, esta cidade que eu sonhava conhecer desde criança, o parque que adotei como sendo *meu* Central Park, o movimento da cidade que nunca dorme, a selva de pedras onde as pessoas do mundo inteiro se encontram e tudo acontece, e a cidade onde... Victor Harris vive. *Eu tenho mesmo que pensar nisso?*

Encontro Miguel e vamos para o aeroporto, Mônica vai junto para se despedir dele. Enquanto aguardamos o voo, eles permanecem abraçados, ela está abatida, nitidamente segurando o choro, eles se amam e dói estarem se separando, mesmo que temporariamente. Tento animá-la, dizendo que tudo ficará bem, que muito em breve eles voltarão a se ver, ela sorri, mas quando somos chamados para o embarque ela desaba, seu rostinho delicado derruba uma chuva de lágrimas, a cena é de cortar o coração. Miguel está se segurando.

Entramos no avião e vejo meu amigo totalmente abatido, apoio a cabeça em seu ombro e ficamos em silêncio. Miguel é um ser humano único ele tem condições de viver onde quiser sem mesmo precisar trabalhar, sua família tem dinheiro e, no entanto eles não fazem disso uma desculpa para fechar os olhos para o mundo, pelo contrario são atuantes, participam de diversos projetos sociais. Por crescer nesse meio, Miguel se transformou neste homem incrível.

Dou a ele um comprimido para que durma durante o voo, ele segura minha mão em agradecimento. Esse homem é tudo pra mim, meu grande irmão.

♠ *Boas vindas* ♠

Depois de uma viagem desconfortável, finalmente estamos na capital, na região oeste do país. Nosso objetivo é se instalar em Niamey, fixar uma unidade e posteriormente estender para as cidades mais ao norte, onde há maior concentração de pessoas em situações de extrema miséria. Aparentemente o país é livre de conflitos civis e se declara como uma república democrática, que assegura os direitos humanos e está prestes a assinar um tratado com o Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, em Genebra no mês que vem. As autoridades dizem que há liberdade religiosa, mas aqui o Islã predomina. Estamos no táxi em direção ao hotel onde ficaremos até encontrarmos uma casa, observando a cidade é possível ver que as pessoas são um tanto arredias, de olhares desconfiados, *o desafio será grande. Ok! Viemos aqui para isso.*

Nos meses anteriores estivemos em contato com algumas instituições e ONG's daqui, e após a confirmação da nossa viagem agendamos reuniões com os representantes destas organizações para toda esta semana, estou ansiosa para começar logo.

O hotel que escolhemos é simples e sem nenhum luxo, no meu quarto tem uma cama, um armário e uma televisão, no banheiro apenas o vaso sanitário, pia e chuveiro. Miguel está no quarto ao lado. Decidimos descansar, amanhã será um longo dia.

Acordo um tanto cansada com dor nas costas e nas pernas, provavelmente efeito da viagem. Mal consegui dormir com meus pensamentos agitados na noite anterior, no pouco tempo que peguei no sono, sonhei com *ele*...

Aqui é bem quente, logo cedo já é possível sentir o forte calor, li que o mês de Maio costuma ter tempo quente e seco, as chuvas só começaram a partir de Julho e vão até Setembro, mas a pior época do clima aqui será entre Novembro e Janeiro com tempestades de areia vindo do norte... ok, isso *não será problema*.

Levanto com alguns barulhos de motocicletas e pessoas falando alto na rua. Estamos numa região central, no meio do comércio da cidade, há muita gente nesta área. Pretendemos fixar residência em uma região mais afastada para ficarmos mais pertos dos vilarejos.

Bato na porta de Miguel, ele já está acordado, com a expressão cansada e algumas olheiras, mas como sempre, não se deixa abater.

– Bom dia Loiro! Como você passou a noite? Pelo jeito não dormiu quase nada – ele abre um sorriso abatido – Você está bem Miguel?

– Estou bem, você também pelo jeito não dormiu, está com uma cara horrível! – dou um soco de leve no seu ombro – Ok bebê! Sua cara não está tão horrível assim, mas o seu cabelo...

Ele pisca e eu não posso evitar rir, meu cabelo está mesmo péssimo.

– Vamos tomar café e depois garimpar o local Loiro? Não se esqueça de passar protetor solar. Branquelo do jeito que você é, esse sol é um perigo! – ele estreita os olhos, fingindo aborrecimento. – Essa foi para agradecer o comentário gentil sobre o meu cabelo – recebo um tapinha nas pernas.

Sáímos para encontrar um lugar para o café da manhã e conhecemos a região do centro, os mercados próximos, farmácia e posto de saúde. Almoçamos em uma lanchonete em frente ao hotel.

Já se passa da uma hora da tarde, hoje é o nosso primeiro encontro na cidade. Miguel saiu e retornou com um veículo alugado, é um modelo semelhante á um Jipe 82, *sempre quis ter um carro assim!* Percorremos cerca de 30 km até chegar á casa de Abejide, um homem escuro de aproximadamente quarenta anos, sua tímida esposa parece ter pouco mais de trinta, eles têm um belíssimo sotaque francês. Bom sujeito. Ele já está reunindo

a população do vilarejo e ali será nosso primeiro posto de atuação. Ele fala das dificuldades e dos riscos, conta-nos alguns eventos ruins e que algumas pessoas não estão muito satisfeitas com nossa chegada, mas assim como nós, ele me parece um homem perseverante. Gostei muito dele, é um homem confiável e que realmente ama esse povo. Ficamos em sua casa até umas sete horas da noite.

Saímos da casa de Abejide percebemos alguns homens cercando nosso veículo com expressões não muito amistosas, Miguel acena um cumprimento com a cabeça e entramos no carro.

Enquanto fazemos o caminho de volta, noto que ele parece tenso. Tento puxar assunto lembrando que na manhã seguinte receberemos no hotel a visita de mais dois membros de uma ONG para jovens órfãos, mas ainda assim algo o incomoda e eu já imagino do que se trata. Depois de um longo silêncio, ele resolve falar.

– Helle, a situação aqui é complicada, você viu aqueles homens lá atrás cercando o carro, eles tentavam nos intimidar. Vai ser tudo assim por um bom tempo. Você tem certeza que quer ficar aqui comigo? Você pode voltar para o Brasil e tocar as coisas de longe – seus olhos estão fixos em mim, ele está preocupado.

– Miguel, você acha mesmo que eu penso que as coisas serão fáceis? Eu sei de tudo o que vamos passar, sei das intimidações, da austeridade na região, dos jogos de interesse que existem, sei de tudo. Mas esteja certo que não há outro lugar no mundo que eu gostaria de estar agora que não seja aqui. Vamos estar juntos nisso sempre – ele retira uma das mãos do volante e segura firme a minha.

– Eu sei, mas a última coisa que eu quero na vida é colocar você em perigo – ele beija minha mão e ficamos em silêncio.

No fundo eu tenho um pouco de medo, somos somente nós dois em um lugar totalmente desconhecido, mas eu preciso fazer isso, é meu sonho de vida, eu preciso tentar fazer a diferença aqui, nem que seja pequena.

À noite eu mal dormi, pensando na minha infância difícil, em meus pais e tudo o que aconteceu com eles, me dói tanto lembrar esta história. Meus pais se casaram cedo, minha mãe era filha de professores e meu pai de agricultores. Meus avós maternos não aceitavam o relacionamento dos dois pela situação financeira do meu pai. Os dois fugiram e foram para Curitiba, logo eu nasci. Eles estavam desamparados na cidade, meu pai fazia alguns bicos enquanto minha mãe lavava roupas para fora, a situação era bem complicada. Nunca passei fome, mas tudo era escasso. Meu pai achou um meio

bem pessoal de fugir daquela realidade difícil, ele se entregou á bebida e com o tempo se tornou um alcoólatra, junto com o vício veio também o ciúmes doentio, ele era extremamente possessivo. A cada dia as coisas ficavam piores, eu era pequena, mas me lembro das surras que ele dava nela por desconfiar que estivesse sendo traído, alucinações fruto de sua bebedeira. Quando eu tinha dez anos, meu pai em mais uma das terríveis crises de ciúmes, matou minha mãe e se matou. E lá estava eu, sem pai ou mãe, tendo que viver com uma tia paterna que não gostava de mim. Fiquei morando com ela até conhecer Thiago, sai de uma situação ruim pra entrar num inferno. *Grande troca!*

Eu me viro de um lado para o outro tentando pegar no sono, mas um rosto não me sai da cabeça: Victor Harris. Por que ele agiu comigo daquela forma? Será que ele sai com uma mulher diferente por dia? Um pouco antes de dizer a “proposta”, ele estava tão sereno, parecia honesto e de alguma forma ele estava receoso, talvez ele soubesse que eu não aceitaria e estava arrependido do que estava prestes á dizer. Mas então porque ele disse mesmo assim? Se ele não tivesse falado explicitamente, será que não era desse jeito que as coisas acabariam: eu na cama dele? *Droga! Deus, por favor, me ajude a esquecê-lo.*

Na manhã de quinta-feira recebemos no hotel dois homens representantes de uma Organização de jovens órfãos, cujos pais faleceram em confrontos locais. Faruki é o responsável pela ONG, o objetivo é ensinar aos rapazes uma profissão com a qual eles possam sobreviver quando tiverem idade suficiente para deixar a instituição. O problema é que há poucas oportunidades de emprego no local, as opções se limitam a ser funcionário público em um governo inflado, ser agricultor recebendo misérias pela plantação, ser comerciante em uma concorrência perigosa, trabalhar para o crime organizado no tráfico de armas, ou trabalhar para uma organização de extração de urânio onde os funcionários são frequentemente substituídos como se fossem descartáveis, recebem salários miseráveis e sofrem graves acidentes, alguns irre recuperáveis. *Opções críticas.* .

Faruki nos apresentou á Chioke, um político da extrema esquerda, cheio de ideias e com brilho positivo nos olhos. É nítida a vontade que ele tem de mudar essa realidade, ele também perdeu seus pais cedo e nos contou de todas as suas batalhas no governo pelos direitos da minoria. Um verdadeiro idealista. Conversamos por algumas horas e percebo que temos nele um aliado. Despedimo-nos deles com a promessa de um encontro na próxima semana para acerto dos detalhes.

Miguel e eu vamos á lanchonete de frente para o hotel almoçar, a conversa com os dois homens foi tão prazerosa que só revigorou nossa ânsia de começar a trabalhar.

Eu estou de costas para a rua e percebo que Miguel adotou uma expressão séria ao olhar para algo atrás de mim, quando me viro vejo que há um carro parado, aparentemente de luxo, todo preto inclusive os vidros. O automóvel novo se destaca já que os veículos da região são todos bem antigos. Como se fosse ensaiado, todas as quatro portas se abrem ao mesmo tempo, e quatro sujeitos realmente ameaçadores vêm em nossa direção. Congelo na hora. Enquanto três ficam em pé cercando a nossa mesa, um deles, como se fosse convidado para um lanche com amigos, desabotoa dois botões do terno e se senta á mesa.

– Boa tarde senhores – sotaque bem acentuado e ameaçador – Vejo que estão apreciando a culinária local. É sempre um prazer receber turistas em nossa cidade. Lamentável que não tenhamos muito a oferecer, talvez por isso os visitantes, sabiamente, ficam poucos dias na cidade – ele pega a bebida que está na mesa e bebe tudo de uma vez só, sem nem perguntar se pode, tentando nos intimidar – Ouvi falar sobre vocês e, como sou hospitaleiro com os turistas, vim até aqui exclusivamente para recomendar-lhes que não se esqueçam que não há muito que se fazer por aqui. Algumas pessoas não sabem receber muito bem os estrangeiros e a coisa pode ficar um pouco desagradável.

Sem mais nenhuma palavra ele se levanta, fecha os botões do terno e todos voltam para o carro, acelerando, vão embora. Miguel e eu estamos parados, um olhando para o outro. Eu tremo com o que acabou de acontecer. Miguel fica imóvel, então ele solta uma respiração bem profunda.

– As coisas estão acontecendo bem depressa por aqui... – um sorriso forçado aparece em seus lábios – Acho que ele não foi muito cordial com a gente Helle, tomou todo o meu suco e nem vai ajudar com a conta – ele faz a piada e sorri, mas percebo que está apenas tentando me tranquilizar.

– De alguma forma já viramos notícia e acho que estamos começando a incomodar – falo baixinho, ainda tentando assimilar.

Respiro fundo e tento não demonstrar meu medo fazendo uma gracinha com a situação também

– Foi mais rápido do que eu pensava Miguel, e... bem, é um bom sinal. Por falar nisso, aquele terno era horrível – Nos dois rimos, um pouco pelo susto, um pouco pelo alívio de que eles já foram embora.

No fundo estamos preocupados com a rapidez com que fomos convidados a se retirar do país. A gente já sabia de tudo isso, mas, achávamos que só aconteceria quando os resultados aparecessem.

Na manhã de sexta feira acordo enjoada, algo que eu comi na noite anterior não me caiu muito bem no estômago. O sol está escaldante lá fora, mas eu mal consigo sair da cama. Miguel me comprou alguns remédios e água. Hoje temos um encontro com os moradores do vilarejo onde Abejide vive. Eu quero de ir, mas estou muito fraca e Miguel acha melhor que eu fique no hotel.

Ele é forte como uma rocha e a visita dos sujeitos mal encarados ontem não o desestimulou, pelo contrário, ele parecia vibrante.

Adormeço para ver se melhora esta sensação de que um trator passou sobre o meu corpo.

Acordo com algumas batidas na porta, eu não sei ao certo que horas são ou quanto tempo fiquei dormindo, mas as batidas são insistentes. Acho que Miguel já voltou e está preocupado comigo. Abro a porta e sinto uma fraqueza imediata, minhas pernas congelam, falta ar nos meus pulmões e acho que vou desmaiar. Dois homens, grandes, magros, morenos quase negros e com olhar amedrontador entram no quarto sem que eu consiga impedir. Eu estou de shorts e camiseta. Um deles me olha de cima a baixo, e para os olhos em minhas pernas, na altura das coxas. Ele tem um sorriso diabólico nos lábios. Dá um passo em minha direção e eu recuo. Enquanto o outro trata de fechar a porta do quarto.

– Ora, ora, não me falaram que eu ganharia um presente com esta visita. Se eu soubesse que encontraria uma mulher tão gostosa, eu teria me limpado antes de vir, mas, sabe como é gata vai ter que servir assim mesmo – ele aponta pra si mesmo, sinto meu estômago embrulhar ainda mais forte – Você é mesmo uma delícia gata! Mas fique

tranquila, você vai gostar do que eu vou te dar e depois disso você vai pegar suas malas e sumir do meu país. Você está entendendo sua cadela? – ele pega meu braço e me puxa para seu peito, eu estou fraca, *vou desmaiar!*

– O q... qu.. que você quer comigo? Vá embora ou eu vou gritar! – ele dá um sorriso totalmente sarcástico, dentes tortos e sujos e um cheiro terrível.

– Grite á vontade sua cadela. Ninguém vai te salvar do que eu tenho aqui guardado pra você – ele puxa minha cabeça e cheira meu cabelo. *Arg!*

– Me solta seu porco imundo!

Recebo um tapa tão forte no rosto que cambaleio para trás, mas sua mão ainda me segura. O outro homem apenas observa sorrindo. Acho que não há saída, sinto minhas pernas bambas e uma sensação de desmaio se aproximando.

De repente ouço a porta sendo arrebentada e como se tudo estivesse em câmera lenta, três homens grandes entram no quarto, todos de terno, gravata e óculos escuros. Eles agarram o homem que está me segurando e começaram a espancá-lo com socos e chutes, o outro sujeito que antes estava sorrindo próximo á porta, agora está caído no chão com os olhos apavorados de medo e a cabeça embaixo do pé de um dos engravatados. Eles arrancam os dois homens do quarto. O meu algoz que minutos antes me segurava, agora está jorrando sangue com rosto quase desfigurado.

Graças á Deus! Sem conseguir segurar minhas pernas, caio no chão, tremendo e... em estado de choque.

Sinto duas mãos quentes segurarem os meus ombros e me erguerem do chão. Eu olho para ver o rosto do meu herói e ele me encara preocupado.

– Você está bem senhora Vagnolli? – ele é americano, mas nesse momento eu não consigo pensar em nada, deixo minha cabeça cair em seu peito e abraço-o com força.

– Muito obrigado, muito obrigado, muito obriga... – ele me interrompe.

– Shh... não me agradeça, tudo vai ficar bem – ele me segura em seus braços, me protegendo.

– Helle! O que aconteceu? Você está bem? – Miguel entra correndo no quarto totalmente pálido e me puxa para um abraço forte.

Eu não vi o momento em que meu herói foi embora, ele saiu silenciosamente e eu não tenho forças para ir atrás dele.

Miguel me leva para o seu quarto, me deita e pede que eu descanse. Ele se senta na beira da cama, apoio minha cabeça em seus ombros e fico encolhida, tentando não relacionar o que acabara de acontecer com algumas imagens do meu passado, eu não suportaria lembrar nada nesse momento. Estou me sentindo suja. Fico nos braços dele por não sei quanto tempo, ele apenas acaricia meu cabelo me dizendo palavras tranquilizadoras até que pego no sono.

Acordo com o barulho dos passos de Miguel andando de um lado para o outro no quarto, vejo seu semblante transtornado com uma dor quase palpável. Ele se aproxima, senta ao meu lado e me informa que sairemos desse hotel e ficaremos em um local mais seguro.

Ele já tinha ajustado todos os detalhes e despachado nossas bagagens. Entramos no carro e fomos para o Gaweye Hotel. Entro no quarto e percebo que é totalmente diferente do anterior, é uma suíte luxuosa e cheia de detalhes.

Miguel enche a banheira e sai me deixando sozinha, eu mergulho na água morna e fico por horas, tentando manter a cabeça vazia. Estou tão cansada que caio na cama e durmo como uma pedra, procuro afastar qualquer pensamento negativo ou medo.

É manhã, faz um lindo sábado de sol, levanto decidida a esquecer o que aconteceu e seguir em frente. Coloco tênis, shorts e camiseta e saio para fazer uma corrida ao entorno no hotel. O lugar é lindo, tem uma piscina ampla e algumas árvores, parece outra realidade. Volto para o quarto, e encontro Miguel a minha espera, ele me dá um beijo na testa e se senta em uma poltrona.

– Como você está, bebê? – eu evito olhar para ele, sua expressão é de dor – Helle, eu pensei muito esta noite e...

Sem pestanejar, eu o interrompo.

– Miguel, estou muito bem. Sério. Eu sei o que você está pensando, mas não! Eu não vou voltar para o Brasil e deixar você sozinho aqui. Eu quero estar aqui. Eu não serei feliz se não fizer isso. É um objetivo de vida – falo enfática, tentando convencê-lo.

– Helle, eu não quero que você desista disso tudo. Eu quero que você se afaste por um tempo até que eu tenha tudo sobre controle aqui. Ontem eu nem dormi, pensando no que poderia ter acontecido. Eu não me perdoaria nunca. Você precisa de segurança – ele está em pé ao meu lado agora.

– Por favor, Miguel, não tira isso de mim, eu preciso estar aqui. Ontem foi somente um obstáculo e se eu desistir agora eles vencerão. Eu já sabia de tudo isto e, para ser sincera, esperava algo pior... não tão cedo, mas sim eu já esperava. O que aconteceu só me fez repensar minha defesa. Pensei muito e percebi que eles só conseguiram entrar naquele quarto porque eu baixei a guarda, quando o correto é ficar atenta. Estou preparada pra lutar, por favor!

Ele respira fundo e me abraça... acho que por hora Miguel decidiu não lutar contra isso.

– Tudo bem. Vamos ficar atentos.

Perguntei á Miguel se ele sabia quem eram aquelas pessoas que me salvaram, ele disse que não conseguiu saber exatamente, mas sabe que eles eram americanos e que estavam hospedados naquele hotel também. Vai ver eles vieram para o Níger a negócios e eu tive a sorte de me ouvirem naquele momento... *mas ele me chamou de senhora Vagnolli! Isso não importa. Eles me salvaram e sou eternamente grata!*

Conversamos sobre o que precisamos fazer para os próximos dias. Ficaremos mais alguns dias na África para reunir os documentos exigidos pelo investidor, antes de embarcar para Nova Iorque. Planejamos chegar à cidade com alguns dias de antecedência por precaução.

Durante os dias seguintes fizemos muitos encontros, a cada dia eu conheço mais pessoas, e todos os dados que pedimos são prontamente apresentados pelas instituições. Estamos no caminho certo e aliados às pessoas certas da região. Todos muito engajados. Eu não saio do Hotel desde o ocorrido, as reuniões são feitas no hotel mesmo.

♠ *Dispensando a cordialidade* ♠

É segunda-feira e desembarcamos em Nova Iorque. Eu só estive aqui uma vez, mas já amo a cidade, sinto como se eu fosse parte dela. Miguel está radiante e eu sei o motivo. No que chegamos ao aeroporto, ele ligou para Mônica e os dois combinaram de se encontrar. Estamos indo para o mesmo hotel em que ficamos da última vez.

Subo para o quarto, depois de fazer o registro da entrada. Não me canso de admirar a beleza dos detalhes deste prédio. Estou desfazendo as malas e ouço o telefone do quarto tocar, deve ser da recepção.

– Senhora Maria Hellen Vagnolli?

– Sim...

– Estou ligando da parte do senhor Harris para agendar uma reunião em nosso escritório amanhã às dez da manhã.

Caramba! Como ele sabe que estou na cidade? Só de ouvir seu nome já sinto um friozinho na barriga. Depois de vários dias ainda fico assim?

– Senhora Vagnolli, ainda está aí?

– Estou ouvindo... – respondo baixo sentindo minha força me abandonando.

– Trata-se de um assunto importante – ela diz timidamente.

Assunto importante? Será que ele está remarcando aquela reunião que ele mesmo cancelou? Devo ir? Ou pedir que Miguel vá? *Lembre-se Helle, agora mais do nunca você quer que o projeto no Níger dê certo, sem orgulhos.*

– Hã... bem eu não sei se posso... mas se me permite, vou verificar se meu sócio, o senhor Miguel Andriatto poderá comparecer e...

Ela me interrompe rapidamente.

– Esta reunião é somente com a senhora, ele me pediu que lhe dissesse isso – ela parece constrangida em falar.

Eu quero ver ele, mesmo que eu não consiga admitir, a ideia de ver ele novamente me derrete por dentro.

– Tudo bem, estarei aí – desligo e fico segurando o telefone por mais alguns segundos, tentando registrar que eu verei novamente o *deus grego mais safado do mundo!*

Eu quero mesmo ver Victor, me senti um lixo depois do escândalo que fiz naquele dia, me sinto envergonhada. Mesmo que não seja sobre o financiamento, eu preciso me desculpar pela reação de merda que eu tive em nosso último encontro.

Olho-me no espelho e percebo que preciso de algumas horas de cuidados femininos, meu cabelo está ressecado, acho que o sol em Niamey colaborou com isso, minha sobrancelha precisa de um retoque e minhas pernas... nem se fale.

Vou á um salão e fico por cerca de três horas, depilo as pernas, sobrancelhas, faço as unhas e hidrato meu cabelo. Acho que a última vez que fiz tudo isso eu ainda estava no Brasil. Se bem que não faço muito este tipo de coisa, perder tantas horas no salão é somente em ocasiões especiais, e... isso só me faz pensar que, inconscientemente, vim me arrumar pra... ele... *aff!*

Volto para o hotel, preparo a banheira, pego o Ipod e decido relaxar, estou tensa, ansiosa e isso não é bom. Deito na banheira ao som de “Talking to the Moon” do Bruno Mars, sinto um nó na garganta, a música diz “á noite quando as estrelas iluminam meu

quarto, eu sento sozinho, falando com a lua, tento chegar até você”. Depois que conheci Victor Harris, pensei nele por tantas noites, já até chorei... por ele, por mim, por nós.

Não existe “nós” Maria Hellen.

Durante a noite tenho sonhos com Victor, acho que os sonhos são decorrentes dos meus pensamentos nele antes de dormir. *Droga! Tire este homem da cabeça!* Eu não posso pensar em ninguém, eu preciso ficar só, minha garganta arde de dor quando me lembro de como foi doloroso reconstruir meus pedaços, eu simplesmente não posso.

Acordo às seis e meia da manhã, coloco minha calça de ginástica, camiseta e tênis, eu preciso de uma corrida pra exorcizar qualquer pensamento inapropriado da cabeça...

Ah! Como estava com saudade deste parque, deste cheiro, desta cidade! Corro o suficiente para minha cabeça esvaziar de toda a tensão.

Volto para o hotel, tomo banho. Visto uma saia lápis preta de cintura alta e comprimento na altura dos joelhos, camisa de seda bege clara e um colar, calço sapatos de salto alto preto envernizado. Eu me vesti como uma executiva que irá para uma reunião de negócios. Desta vez deixo meus cabelos caírem soltos, aplico um produto apenas para definir as ondas. Passo maquiagem simples e um pouco mais de rímel. Não quero que Victor pense que me vesti para seduzi-lo e sim que quero resolver algumas questões de negócios com ele. Embora na verdade o que mais quero é vê-lo e pedir desculpas.

Chego ao escritório faltando dez minutos para o horário marcado. A recepcionista me pede para aguardar no sofá. Qualquer hora destas, eu venho aqui á noite e roubo este sofá, ele é tão... tão... macio! Quero ele pra mim! ... *Isso mesmo Helle, além de desequilibrada você também é uma ladra, pensamentos de merda hein.* Dou um sorrisinho do meu comentário mental.

A recepcionista, como sempre linda e educada, me conduz ao elevador e depois por um corredor, pelo jeito não será na mesma sala em que já estive. Chego á uma porta grande, escura e moderna, ela abre a porta e diz que eu posso entrar e me sentar “que o senhor

Harris estará ali em alguns minutos”, a linda jovem sai me deixando sozinha. Que sala maravilhosa, vista deslumbrante, decoração imponente. *Claro, tudo aqui é lindo, Helle!* Não me sento, meu nervosismo não permite que eu relaxe, fico em pé olhando à distância para a grande janela, sinto minhas mãos suarem, meu coração acelerado. Não sei ao certo o que Victor quer, mas seja o que for, encará-lo é uma tarefa difícil.

O cheiro de Victor é único, sua presença é forte, marcante, exala uma energia que me atinge nas partes mais íntimas, isto é surpreendentemente incomodo visto a situação em que me encontro, e antes mesmo de eu olhar para trás já sei que ele está aqui. Viro as costas e olho para a porta, onde ele está parado, encostado no batente com os braços cruzados sobre o peito... *respire, respire, respire... que droga! Respire Maria Hellen!* Ele é inacreditavelmente sexy, terno escuro, camisa branca e gravata azul, o que o deixa ainda mais lindo e destaca seus olhos de oceano. Mas algo parece errado, a barba por fazer, olheiras e o cabelo um pouco maior do que da última vez. Eu paraliso.

– B... bo... bom dia senhor Harris,... digo... Victor Har... digo Victor! – *mas que merda foi essa? Que gagueira ridícula, parece uma criança.*

– Sente-se – ele fala baixo, num tom gelado e como sempre *mandão*, apontando para uma cadeira.

– Ok, como quiser – sento-me em uma cadeira de frente para sua mesa, ele dá a volta e se senta, puxa a cadeira para frente, apoia os dois braços sobre a mesa e me encara. *Caramba!* Mesmo com o rosto cansado ele é absolutamente lindo. Mas há algo de estranho em seus olhos... ele está... *zangado?*

– Bom dia pra você também Maria Hellen, como sempre, está linda – ele não fala do jeito habitual, ele está frio comigo. Tudo isso porque eu recusei dormir com ele? Não. Foi porque eu fiz aquela cena ridícula e o envergonhei. *Vá em frente bonito, me esmaque!*

– Obrigado, digo o mesmo – abaixo a cabeça, tentando encontrar coragem que gostaria que estivesse escondida em meus dedos entrelaçados em meu colo.

– É sempre um prazer recebê-la, mas por hora prefiro pular algumas cordialidades.

Engulo em seco.

Isso mesmo bonito, direto ao assunto, me chute pra fora de uma vez com um belo “Não ao investimento”!

Há um breve silêncio, ele me observa com olhos estreitados, é possível sentir uma tensão e até raiva. Quase palpável.

Ele se ajeita na cadeira, me queimando com os olhos.

– Então Maria Hellena, eu a chamei aqui para saber até quando você pretende continuar com essa sua brincadeirinha de salvar o mundo?

O que?

O que foi que ele falou? Minha brincadeirinha! Arg! Você foi longe demais seu petulante!

Levanto-me rapidamente, com o choque de suas palavras.

– Escuta aqui seu petulante de merda, se foi pra isso que você me chamou aqui vá se ferrar e esqueça que eu existo seu filho de uma... – antes mesmo que eu continue a frase ele rapidamente dá a volta na mesa, segura meu braço e quase berra da maneira mais severa que eu já tinha escutado alguém falar.

– Cale a boca e sente este seu traseiro por que eu ainda não terminei! – uau! Ele está mesmo irritado, e eu estou com... com... *medo?*

Suas palavras são uma ordem e eu instintivamente acato, me sento tão depressa que nós dois nos surpreendemos com a minha repentina submissão. Ele ajeita o nó da gravata como se estivesse se recompondo. Passa as mãos pelo cabelo e solta uma respiração forte, que parecia estar presa. Dá a volta, senta-se em sua cadeira, como se aquela cena anterior não tivesse acontecido. Eu só consigo abaixar minha cabeça, minha confusão mental está no limite.

– Deixe-me refazer a pergunta: Quero saber até quando vai colocar sua vida em risco naquele país fodido? – ele fala calmamente, mas sua voz não nega a irritação.

Como se fosse possível eu recebo mais uma onda de choque em meu corpo, levanto meus olhos e vejo que seu olhar me fuzila.

– Eu não entendi sua colocação Victor, por favor, diga logo porque me chamou aqui.

As palavras saem sussurradas, sem força.

Ele bufa.

– Ah, você entendeu perfeitamente Maria Hellena! Por que você ainda insiste nisso? Diga. Agora!

Eu respiro fundo e mando a resposta mais ensaiada dos últimos tempos.

– Este é um nicho de mercado com alto potencial de luc... – ele me interrompe novamente, desta vez mais irado.

– Eu não quero ouvir essa sua resposta ensaiada de merda! Eu quero que você me diga por que insiste em colocar a sua vida em risco porra! Você quer ser estuprada e assassinada naquele inferno de país é isso? – ele quase grita, com os olhos escuros irradiando irritação, seu maxilar está rígido.

Espera um pouco, do que ele está falando? Como ele sabe disso?

– Como você soube disso Victor? – *como diabos ele sabe?*

Ele abaixa a cabeça e quando me olha novamente, vejo algo como agonia e até dor em seus olhos. Caramba! Tudo faz sentido agora, aqueles caras que me salvaram eram americanos, estavam no mesmo hotel e...

– Victor, não me faça repetir, como foi que você ficou sabendo. Diga! – ele respira fundo – Foi você?

– Eu o que? – ele desvia o olhar.

É nítido que ele está tentando desconversar. Ele está... constrangido?

– Ora essa, não se faça de desentendido! – tento controlar minha indignação – Você mandou aqueles caras atrás de mim? Eles estavam me seguindo?

– Do que você está falando? Eu não mandei seguir ninguém – ele dá um sorriso tentando disfarçar – Eu apenas imaginei os perigos que uma mulher pode correr naquele lugar. Existem coisas que são altamente previsíveis naquele tipo de país, Maria Hellena, mas vejo que pela sua reação algo realmente aconteceu.

Ele me olha com insegurança, deve estar se perguntando se eu compreendi sua resposta. Mas não! Eu não compreendi!

– Ok, você vai ficar fazendo joguinhos e eu não gosto disso, com licença senhor Harris.

Levanto-me ameaçando sair, mas ele rapidamente me detém com uma voz rouca e baixa.

– Espere, por favor – sua expressão é sincera, quase uma súplica – tudo bem, sente-se e eu falo.

Sento-me e ele fica observando seus dedos cruzados sobre a mesa, limpa a garganta, me olha nos olhos de um jeito tão profundo que meu coração quase para.

– Eu realmente mandei um pessoal para garantir sua segurança no Níger, mas por hora, eu só vou dizer que tenho contatos e que de alguma forma eu sabia que você corria perigo. Eu não vou falar mais nada.

Ele fala a verdade. Não vou discutir ou insistir em saber como ele teve a informação. Não tenho mais forças pra isto nesse momento e sei que ele não vai contar nada, sua postura é irredutível.

Suspiro e decido mudar de assunto. Eu não quero mais lutar, cansei de brigas, e eu nem tenho mais energia para suportar toda esta tensão. Estou esgotada.

– Tudo bem. Só me diga a verdade quanto à situação de nossas empresas: o senhor pretende investir o valor que lhe pedimos? – falo calmamente, mal conseguindo olhar para o homem intenso a minha frente.

Victor estreita os olhos, e eu sei que outra tempestade está por acontecer nessa sala, mas eu já não suportaria, eu só quero ir embora... respiro fundo e... eis que como uma pólvora acessa, lá está o homem autoritário que eu conheço.

– Não vou emprestar porra de dinheiro nenhum e você nunca mais vai colocar seus pés naquele maldito país – ele fala cada palavra de maneira lenta, irritada, saindo fumaça pelos olhos, me queimando.

– Muito bem, esta reunião está acabada senhor Harris – levanto e sei que nada que ele diga me fará ficar, estou exaurida – Prometo nunca mais importuná-lo com este assunto.

Enquanto eu caminho até a porta ouço suas palavras nas minhas costas.

– Não me desafie Maria Hellena.

Viro, olho para ele da maneira mais sincera e direta que consigo, e jogo as palavras.

– Não será o senhor que vai me impedir. Adeus Victor – saio e fecho a porta atrás de mim. Meu corpo está trêmulo. Eu não consigo raciocinar direito e lá no fundo dos meus devaneios ouço Victor gritando meu nome.

Trato de sair rapidamente, quando passo pela secretária ela desliga o telefone e corre atrás de mim.

– Espere senhora Vagnolli, o senhor Harris pediu que a senhora retorne á sua sala – eu já estou irritada com tudo.

– Me faz um favor, mande o senhor Harris se ferrar!

Saio do prédio procurando desesperadamente por ar, eu tenho estas idiotices de não conseguir respirar em situações de estresse, mais uma de minhas reações ridículas.

Eu preciso caminhar, mesmo com saltos, resolvo voltar andando para o Hotel, estou incomodada, irritada e não consigo pensar. Chego ao hotel, tiro os sapatos e me deixo cair na cama. Eu fui dormir tarde ontem, acordei cedo hoje e estou exausta. Acabo dormindo, por sei lá quantas horas. Já está escuro lá fora quando meu celular toca.

–Alô – ainda sonolenta

– Bebê, como você está, como foi tudo com o Victor? – Miguel está com uma voz feliz, efeito da Mônica em sua vida.

– Estou bem, obrigado. A reunião não foi muito boa, mas pelo menos agora temos a certeza, Victor Harris não vai investir na empresa.

– Ele disse isso?

– Sim, mas foi melhor. Não ficaremos mais criando falsas esperanças sobre a empresa dele – evito demonstrar á Miguel que estou chateada, mas no fundo ele me conhece.

– Não se preocupe Helle, sexta-feira teremos a reunião com o cara que, tenho certeza, vai emprestar a grana. Vou jantar com a Mônica e acho que dormirei novamente na casa dela, mas se você não estiver bem, irei pra ai.

– Não, eu estou bem, fique tranquilo nos vemos amanhã Loiro.

Desligo o telefone e fico olhando para o teto do quarto, pensando em cada palavra que Victor disse hoje. Eu estava tão irritada com o tom autoritário que ele usou que não

percebi o que agora é óbvio: ele está preocupado comigo! Ele mandou um pessoal pra cuidar de mim, para me proteger. Ele me salvou! Se não fosse por seus homens, eu poderia estar tentando recolher meus pedaços novamente, ainda mais traumatizada do que já sou, e quem sabe até... morta! OMG! Ele salvou minha vida e eu gritei com ele. Eu preciso tomar uma atitude.

♠Começo difícil♠

Mal o dia amanhece e já estou em pé. Faço minha corrida matinal no Central Park, volto para o hotel, tomo café da manhã e decido que eu preciso agradecer Victor. Pergunto na recepção do hotel onde posso encontrar uma floricultura próxima e lá vou eu. Entro numa loja de flores belíssima, com cheiro maravilhoso e um ambiente lindo, a vendedora é uma menina alegre, ao fundo reconheço o entregador que me levou as flores alguns dias atrás.

– Oi, eu vou enviar algumas flores e... preciso de uma ajuda. Quero agradecer alguém e preciso de flores que representem isso.

A vendedora dá um sorriso jovial, me leva até uma estante e me aponta as Camélias vermelhas, segundo ela, estas flores representam reconhecimento e sinceridade. Legal, ideal para o meu sentimento no momento. Penso em escrever um cartão, mas antes que eu me atrapalhe toda com as palavras é melhor não escrever nada. Aliás, ele já me mandou flores sem cartão e eu tive que descobrir o que significavam, dois podem jogar este jogo. *Você terá que pesquisar bonito!*

Alinho tudo com a vendedora, as flores serão entregues em seu escritório às duas horas da tarde. Volto para o hotel e faço algumas ligações para o Brasil.

Almoço com Miguel e Mônica. Durante a refeição tenho tempo de observar o quanto eles fazem bem um para o outro. O rostinho dela está radiante, as bochechas coradas e os olhos brilham quando ela olha para ele. *Ah o amor!* Nunca vivi nada assim, mas imagino que o amor vem para o bem, que faz duas pessoas felizes, é puro e simples. Minha relação anterior só me trazia medo, não havia nada de bom nisso. Mas pelo menos aprendi... o amor não é mesmo pra mim.

Volto para o hotel, já se passa das quatro horas da tarde. Estou prestes a passar pela recepção, mas sou chamada por um funcionário, ele informa que eu recebi uma encomenda e está na antessala do meu quarto. Subo já imaginando do que se trata, mas ao abrir a porta, fico surpresa com o que está em cima da mesinha. Um lindo e enorme buquê de... rosas vermelhas! Mesmo não sabendo ao certo o que representam, eu sei que estas flores demonstram algo intenso.

Corro para ligar meu notebook, abro a pagina do Google e digito “significado de rosas vermelhas”, o choque e a sensação de borboletas no estômago tomam conta de mim, alguns blogs apontam estas flores como um sinal de... paixão, amor ardente.

Volto para as flores e sinto o perfume suave, olho atentamente para uma pontinha de papel, ao puxar percebo que há um envelope e dentro um cartão! *Ele me mandou rosas vermelhas e há um cartão!* Minhas mãos estão trêmulas, ao abrir, noto que a o papel está escrito á mão e a caligrafia masculina e forte, as palavras me derretem.

“Começo difícil, me perdoe. Vamos recomeçar, jante comigo.

Estarei em seu hotel as 20:30.

Com amor

V. K. Harris.”

Quase morro ao ler, estou rindo como uma boba, ele escreveu a palavra “amor”, ele me mandou rosas vermelhas e... minha nossa! Amor! *Relaxa, respira Helle...*

Aperto o cartão junto ao peito e vejo minha imagem refletida no espelho, eu pareço uma adolescente. Nunca tive esse tipo de reação, eu só namorei um único homem na vida, e agora eu vejo que jamais senti este frisson quando eu sabia que iria encontrá-lo, eu acho

que naquela época eu caminhava no piloto automático. *Lembranças... lembranças, voltem para sua caixinha.*

Abro meu guarda-roupa para verificar minhas opções. Tenho que ter em mente que este jantar é para agradecer uma pessoa que salvou minha vida, quero vestir algo descontraído. Escolho um vestido preto com detalhes dourado, fechado no colo, com mangas e com um decote que cruza as costas, não é muito curto, me deixa com a cintura fina e favorece as curvas do corpo. Tomo um banho demorado, arrumo meu cabelo em um coque. Passo maquiagem leve, coloco o vestido e calço sandálias de salto.

Eu pareço uma adolescente que vai para um encontro amoroso... ansiosa e insegura.

Olho para o relógio, faltando cinco minutos para o horário marcado, vou até a porta e saio do quarto... para minha total surpresa Victor está em pé no corredor encostado na parede... como sempre deslumbrante, de tirar o fôlego e... para variar... meu ventre se contorce, uma corrente de choque vai da raiz do meu cabelo até a ponta dos meus pés. *Isso é real? Eu tenho mesmo que sentir tudo isto só de olhar pra ele? Caramba!*

De cabeça baixa, ele levanta os olhos lentamente, me olhando a partir dos meus pés subindo pelo meu corpo, um olhar demorado que me queima, avaliando meu corpo, sinto meu rosto ruborizar com a cena, ele passa os olhos pela minha cintura, busto, até que chegar ao meu rosto, olhos ardentes e profundos como o oceano. *Minha nossa!*

– Eu decidi esperar você aqui, estava muito ansioso lá embaixo – sua voz rouca e sedutora faz minhas partes mais íntimas pulsarem.

– Boa noite, Victor – ele vem em minha direção, pega minha mão e leva aos seus lábios.

– Boa noite Maria Hellena – ele respira pesado, sem tirar os olhos de mim – Você está linda, como sempre. Meu motorista nos aguarda.

Ele me puxa suavemente pela mão, me conduzindo ao elevador, quando as portas se fecham eu quase perco os sentidos com o cheiro desse homem, é como uma bebida embriagante que tira o juízo, um milhão de pensamentos impróprios me passam pela cabeça, todas envolvendo sua boca carnuda... *Aff! Se controle!*

Acho que estou vermelha com estes pensamentos, porque Victor me encara com um sorriso sexy no canto dos lábios.

– Pela sua expressão eu imagino que esteja pensando em algo agradável – sua voz sai quase sussurrada. Arrepio-me inteira. Ele balança a cabeça sorrindo.

Finalmente saímos do elevador, ele toca minhas costas me levando para a porta, o toque de seus dedos em minha pele é mortal... e *touché* lá estava a sensação de choque novamente.

Entro no carro e Victor entra em seguida, mas não solta minha mão. Esse clima é um tanto diferente para nós dois, acho que ele também sente isso.

– Do que você mais gosta em NY, Maria Hellena?

Olho para ele e percebo que está nervoso assim como eu, isso está começando a ir para um lugar não muito familiar, vejo seus olhos brilhando e o azul é tão profundo que me hipnotiza. Algo dentro de mim está diferente. Tenho que afastar tudo isso, Victor é um solo estranho pra mim.

– Estou gostando de tudo, na verdade. É tudo muito... está cidade tem... vida própria.

Não sei de onde tirei essa resposta, mas minhas palavras estão desconexas assim como meus pensamentos.

Chegamos ao restaurante e como sempre, é um local sofisticado e reservado. Ele continua segurando firme a minha mão.

– Espero que goste deste lugar – calor percorre meu corpo.

Victor está inclinado sussurrando no meu ouvido, tão próximo que se eu virasse a cabeça, tocaria em seus lábios.

Olho em seus olhos e o jeito com que ele me olha é fascinante, quase surreal.

– É lindo – digo a única coisa que me foi possível, e nem sei se estou falando do lugar ou... dele.

Sentamos em um lugar reservado e íntimo. O garçom está ao meu lado, Victor pede vinho e me olha com expectativa, acho que ele se lembrou da última vez em que pediu no meu lugar e da minha reação. Peço o mesmo. Na verdade, por tudo que estou sentindo, eu preciso de algo mais forte, meus músculos estão tensos, nem sei onde colocar as mãos e elas estão até suadas, mas se embriagar nunca é o melhor.

Os olhos dele fixos em mim são um convite á honestidade, eu ainda não toquei no assunto, mas eu preciso agradecer pelo que ele fez.

– Victor, eu aceitei este jantar hoje porque preciso te agradecer de todo o meu coração. Ontem eu não assimilei as coisas corretamente, e bem... acabei saindo daquele jeito – fecho meus olhos tentando buscar inspiração – Eu não sei por que você fez isto, mas eu agradeço muito, de todo o coração – ele me observa com atenção.

Suas mãos vêm em direção ás minhas, em cima da mesa e as toca suavemente.

– Eu é que quero me desculpar pelo jeito rude com que te tratei ontem Maria Hellena, eu sei que não posso exigir nada de você, mas eu só quer... – eu interrompo.

– Tudo bem. Eu prefiro nem falar sobre ontem. Eu entendi em certo ponto, e prefiro que as coisas fiquem como estão – puxo minhas mãos para o meu colo, tentando evitar a distração do seu toque quente – você fez o que achou melhor, eu pensei muito e... eu entendo seus motivos para não colocar seu dinheiro nisso. Eu apenas acho que você precisa me contar como ficou sabendo sobre o que aconteceria no Níger.

Percebo imediatamente sua recusa, na postura ereta que ele adota diante dos meus olhos, mas continuo, aproveitando toda a pouca coragem que ainda tenho perto dele.

– Eu tenho que saber, é da minha vida que estamos falando, Victor.

Ele engole seu vinho, como se estivesse tomando ácido. Vejo em seus olhos que ele esconde algo e eu preciso saber o que é.

Ele passa seus dedos sobre a borda da taça e fica em silêncio, vejo em seu rosto que ele não quer me contar, mas eu não pretendo abrir mão de saber a verdade.

– Eu tenho contatos em muitos países, Maria Hellena, é difícil dizer, mas neste meio ganhamos alguns inimigos. Seu negócio na África atrapalha os planos de determinadas pessoas... É por isso que você não pode retornar lá e expor sua vida á um risco desnecessário – ele fala com franqueza, olhos crus, há determinação na expressão, porém as coisas não podem funcionar assim.

Tomo um pouco do vinho e com ele resolvo despejar tudo o que há guardado desde que conheci esse furacão chamado Victor Harris.

– Victor, nós só nos conhecemos porque eu vim do Brasil para os Estados Unidos a fim de encontrar um investidor para um projeto que foi extremamente estudado durante

meses – respiro fundo – Eu percebo que você, de alguma forma desdenha a minha escolha, você diz coisas como: “sua brincadeirinha de salvar o mundo”, “corre riscos desnecessários”. Eu fiz esta escolha, cada passo foi meticulosamente planejado, este é meu objetivo de vida, por favor, não menospreze. Apenas respeite minha decisão.

Falo da maneira mais calma e sincera que eu posso, as coisas já estão se tornando passionais demais.

Ele se aproxima mais, inclinando seu corpo e forçando um contato visual, o que vejo em seu rosto é um homem intenso, preocupado e extremamente dominador.

– Eu respeito e admiro. Mas não posso concordar que uma jovem astuta, com um futuro brilhante resolva lutar sozinha contra uma realidade histórica e contra pessoas inescrupulosas. Você não sabe nada sobre os riscos que corre. O que você acha que aconteceria se meus homens não chegassem a tempo? Eu morro mil mortes somente de pensar na ideia.

Fico muda com suas palavras, ele disse que morreria se algo me acontecesse. *O que devo pensar? Pra onde estamos indo com tudo isso?*

Estamos calados, olho no olho, eu estou tentando entender toda essa conversa e ele... acho que está refletindo sobre suas últimas palavras.

Fecho os meus olhos buscando as palavras certas. Abro e vejo os olhos de oceano fixos em mim. Há tudo em seu olhar, a mesma confusão que está na minha cabeça, também está nele.

– Por que tudo isso Victor? Por que você se preocupa comigo, nós nem nos conhecemos, este é o nosso... o que.. terceiro jantar? Da última vez que jantamos juntos você me falou aquilo, eu reagi daquele jeito de merda. O que está acontecendo?

Meu tom já está se elevando. Este homem mexe de um jeito louco comigo, consigo mudar da pessoa mais calma do planeta para a mais desequilibrada em questão de segundos com ele.

Ele está mudo, seu olhar impassível, tentando assimilar minhas palavras. Victor Harris é malditamente lindo e eu estou malditamente abalada por ele.

– Sobre o nosso último jantar, Maria Hellena, eu fui um merda com você. Eu queria te falar exatamente o que eu falei, mas pelos motivos diferentes. E você reagiu do jeito que... bem... do jeito que você é... eu demorei pra entender isso.

Não consigo respirar ao ouvir essas palavras.

Naquela noite, depois de tudo o que aconteceu no restaurante eu tive a infelicidade de sair na rua e vê-lo entrando em uma balada com uma mulher. Sinto uma dor estranha no peito só de lembrar que ele mal recebeu o meu *não* e foi logo procurando outra... *uma prostituta talvez*.

Meu corpo estremece com a lembrança, ela estava empoleirada no ombro dele, próxima demais de seu pescoço. Algo parecido com raiva toma conta de mim, sinto meu rosto queimar.

– Pela sua reação sei exatamente do que você lembrou. Você vai me perguntar? – seus lábios se contorcem em um meio sorriso, ele está me desafiando.

– Perguntar o que? – *dois podem jogar bonito*.

– Você sabe *o que*. Basta perguntar – ele estreita os olhos e me observa, parece mais à vontade.

Levo a taça aos lábios, tomo um longo gole de vinho. *Já que é para provocar, vamos lá!* Passo a língua pelos meus lábios para limpar o vestígio de vinho, tudo muito lento e premeditado.

Ele engole seu vinho rapidamente e se surpreende com meu atrevimento momentâneo.

– Ah sim, imagino do que você está falando. Da sua preferência por conquistas sexuais express – com um meio sorriso no canto dos seus lábios, sinto que minhas palavras saíram como provocação e o clima vai esquentar.

– Minha “preferência por conquistas sexuais express”? E a sua mania perseguidora? Desta você não quer falar?

O que? Era o que faltava, que convencido!

– Mania perseguidora? Você está insinuando que eu te persegui? – dou risada com toda a graça que eu posso para o momento – Seu ego é uma coisa curiosa senhor Harris.

Ele ri lindamente.

– Ah você não me perseguiu? É seu normal entrar em clubes sofisticados, vestida como se estivesse em uma academia de ginástica? *E* minha nossa! Por *coincidência* eu também estava lá!

Ele encosta as costas na cadeira e fica sorrindo, com deboche, *Arg! Convencido!* Eu não posso deixar barato.

– Pode parecer um absurdo, mas veja como as coisas são engraçadas, Senhor Harris. Naquela noite eu estava tentando me recuperar de uma proposta desastrosa que eu acabará de receber... nada que *você* possa entender – faço um leve gesto com a mão em direção á ele – Em meu normal, eu costumo me exercitar para relaxar, e naquela noite eu precisava mesmo relaxar... e *como precisava...*

Tomo mais um pouco de vinho com uma expressão de inocente, acho que a bebida está deixando minha língua mais afiada.

Ele me encara em silêncio, o sorriso abandonando seu rosto, mas eu continuo, ele precisa ouvir isso.

– Eu saí pelas ruas para correr... mas quando vi você entrando naquele clube, quase não acreditei, eu precisava ter certeza de que estava vendo o homem que, menos de uma hora antes, me convidou para fazer “sexo sem joguinhos, sem nenhum tipo de promessa” já estava fazendo isso com outra mulher. Você é incrível senhor Harris. Incrivelmente rápido!

Eu ri debochada. *Engole essa deus-grego-conquistador-de-merda!*

Ele está petrificado com minhas palavras. *Pediu e eu falei bonitão!* Ele só não esperava tanta franqueza.

Acho que a noite está acabada. Sei que ele não vai mais querer ficar aqui comigo, ele está me estudando e imagino que deve estar pensando em uma desculpa para me despachar. Melhor me adiantar.

– É melhor irmos Victor, já está tarde – minha voz sai baixa, estou um pouco triste por constatar que nosso jantar foi por água abaixo

Em um movimento rápido, ele segura minha mão por cima da mesa, seus olhos estão escuros, seu maxilar está rígido e imagino que há uma tempestade por vir.

– Você mexe comigo Maria Hellena, você mexe comigo desde que eu vi sua foto, antes mesmo de você sair daquele elevador segurando a mão do Miguel. Aquilo quase me matou, mas o choque maior veio quando ele te apresentou como *senhora* Vagnolli. Eu fiquei louco com aquela palavra.

OMG! Parada cardíaca acontecendo em 3...2...1

Ele está mesmo me dizendo estas coisas ou estou tendo alucinações? Eu não posso ouvir isso, eu não posso continuar aqui, eu nem consigo entender todas estas reações que meu corpo está tendo. Ele é apenas um conquistador... *e sabe bem como conquistar.*

Respiro fundo.

– Victor, por favor, não me fale estas coisas, eu não posso ouvir e eu sei o que você está tentando fazer, você está apenas mudando a tática, menos evasiva desta vez, e pode ter certeza, está funcionando, mas eu não posso ser o que você quer.

Ele está segurando minha mão, me impedindo de levantar, seus olhos de oceano estão cravados em mim. Sinto como se não houvesse mais ninguém aqui, como se fossemos somente nós dois. É inacreditável como estas palavras e este momento estão me afetando. Eu sinto a energia que emana dele atravessando meu corpo como uma torrente elétrica. Tento soltar minhas mãos, mas ele não permite.

– Não há táticas ou joguinho de palavras, eu estou sendo sincero, porra! Estes dias em que você esteve fora foram um pesadelo, eu não conseguia relaxar, pensar, comer, dormir, pensando do maldito perigo que você estava correndo. Por que você não entende isso?

A sensação de pânico começa a se aproximar de mim, não consigo respirar, estou hiperventilando.

– Por favor, vamos embora, eu estou cansada e não consigo raciocinar direito.

– Ok. Pelo menos me prometa que podemos nos ver novamente. Saia comigo amanhã, por favor, Maria Hellena, só faça isso.

– Tudo bem. Agora vamos embora, por favor.

Sáímos do restaurante e entramos no carro num silêncio absurdo. Eu evito olhar, mas sinto que ele me olha o tempo todo. Minha cabeça está vazia, não consigo pensar em

nada, a exaustão me faz querer apenas dormir. Sei que não posso pensar muito, vou acabar resgatando meu passado e hoje não tenho mais forças para isto.

Chegamos ao hotel, ele abre a porta do carro, pega minha mão e me ajuda a sair, seu cheiro entra no meu cérebro como uma droga. Sei que ele está próximo ao meu rosto e seu hálito quente em meu ouvido me arrepia inteira, escuto-o sussurrar com uma voz perversamente sexy.

– Me deixe levá-la ao seu quarto com segurança, eu prometo que só vou te deixar em sua porta, não vou pedir mais nada. Por favor.

Aceno que sim, meu coração está acelerado, ele me conduz ao elevador com a mão na parte baixa das minhas costas. *Eu quero este homem, eu preciso entender o que estou fazendo. Ele não pode ser real.*

Chegamos ao corredor, me viro e olho em seus olhos, o desejo é quase palpável. Ele está perto demais, seu cheiro toma conta do meu cérebro, eu posso sentir sua respiração.

– Eu também não consigo assimilar tudo isso Maria Hellen, eu apenas preciso te sentir como preciso de ar neste momento.

Ele fala tão pertinho do meu rosto, seus lábios vermelhos e macios, hálito quente, meu coração está quase explodindo no peito, minhas partes íntimas pulsam, meus seios endureceram como pedra e eu posso sentir meus mamilos, acho que nunca vi meu corpo tendo estas reações.

Antes que eu possa pensar, nossos lábios se encontram. Sua língua me invade em um ritmo lento, maravilhoso, explorando minha boca. Seu sabor é doce. Aos poucos o ritmo aumenta, tornando-se mais intenso, carnal, ele me agarra pela cintura com uma mão e a outra está na minha nuca, me puxando para perto, nossos corpos se encontram, seu peito é rígido, definido, nossas barrigas se tocam e mesmo por cima das roupas nosso encaixe é perfeito, eu sou dele, meu corpo clama por ele. É como se mil fogos de artifício explodissem dentro do meu corpo. É a sensação mais maravilhosa que já senti, esse homem faz mágica.

Solto um gemido implorando por mais e sinto seus lábios se movendo em um sorriso. Vagarosamente ele para o beijo, me deixando, criando um vazio estranho que se abre no meu peito. Ele me solta com cuidado até que eu me restabeleça em pé. Sua boca beija o topo da minha cabeça e desce pelo meu rosto, selando castamente meus lábios, sua testa descansa na minha e sinto a respiração quente na minha pele. Encosto minhas costas na

porta do meu quarto, minhas pernas estão bambas, olho para Victor e parece que ele também está hipnotizado, ele dá um passo atrás e respira fundo.

– Isso foi... incrível. Você está bem Helle? – Com essa voz rouca e sexy... *eu estou bem? Eu estou viva? Estou pelo menos acordada? Eu sou Helle pra ele agora?*

Assinto levemente com a cabeça, seguro na maçaneta da porta e falo com toda a pouca força que ainda possuo.

– A gente se... vê... amanhã Victor – saiu tão baixo que não tenho certeza se ele ouviu. Ele dá mais um passo para trás e eu entro no quarto. Fecho a porta e fico ali, encostada, sem reação, sem conseguir me mover.

Eu não consigo mais lutar contra isso, eu acabo de receber o melhor beijo da minha vida, estou tendo que brigar com sentimentos que me empurram pra correr atrás dele implorando para que ele volte. Este homem acaba de me arruinar para outros beijos. Depois que eu provei a boca de Victor Harris não consigo imaginar outros lábios me tocando se não os dele.

Caio na cama e fico olhando para o teto, tentando processar os últimos acontecimentos. Victor é um furacão em forma de homem, dominador, mandão, sexy, exigente e o pior de tudo, ele é o tipo de homem que não se satisfaz como uma única mulher, eu não posso com isso. Um homem deste me arruinaria muito mais do que Thiago.

Meu ex-marido porco me feriu psicologicamente, mas no fundo eu não sentia nada por ele, eu estava apenas vivendo no piloto automático. Victor me expõe á sensações que eu desconhecia, excitação, luxúria, raiva, meu humor muda em questão de segundos quando estou com ele. Se eu me deixar envolver vou sair de tudo isso completamente destruída. Eu lutei muito pra reconquistar o domínio da minha vida, não posso me anular novamente.

♠Descobrimos sensações ♠

Pego no sono depois de quase uma eternidade, mas no meio da noite acordo transpirando e trêmula, mais um pesadelo horrível toma conta de minha cabeça. *Eu estava trancada no quarto, Thiago me deixou ali a semana inteira, naquele dia eu estava mais fraca, não me alimentava há dias, até isto ele controlava em seu joguinho de tortura psicológica. Quando a porta se abriu, ele entrou lentamente, trancou-a novamente atrás dele e guardou as chaves no bolso. Ele cheirava a álcool e um perfume vagabundo de mulher. Sua camisa estava amassada e com marcas de um batom escuro por todo o colarinho. Ele mal se equilibrava em pé, mas ainda assim era fisicamente muito mais forte do que eu. Ele me puxou pelo braço, me erguendo na direção de seu corpo, o cheiro era ainda mais terrível tão perto, ele ajeitou meu cabelo, segurou meu rosto e me beijou, eu não queria que sua língua entrasse na minha boca, mas ele forçava, exigente e agressivo. Minutos depois ele me jogou na cama profanando alguns palavrões, saiu do quarto e me trancou. Fiquei aliviada, pois naquela noite eu não teria que suportar seu corpo me tomando à força, ele estava muito bêbado para isso.*

Estas lembranças me devastam, nos últimos anos eu mantive minha cabeça longe de recordações desagradáveis e desde que conheci Victor eu venho recordando meus piores momentos. No fundo eu tenho muito medo de que ele ajude a construir mais um capítulo de horror na história desastrada da minha vida.

Vou para o chuveiro e fico até meu corpo se enrugar, *eu preciso tirar toda essa maldita lembrança de Thiago no meu corpo.*

Às sete e meia da manhã, visto shorts, top e tênis e vou ao Central Park, o dia dá indícios que será quente. Chego ao parque, ajusto meu cronômetro e antes mesmo que eu possa começar a corrida, percebo que eu estou sendo observada. Inclino a cabeça para o lado e tenho a visão da perfeição: Victor Harris, vestido com uma regata branca, moletom e tênis, o cabelo um pouco despenteado e um sorriso divino nos lábios. *Mas o que ele faz aqui?*

– Bom dia Maria Hellena – ele fala sorrindo sexy – Que coincidência nos encontrarmos, não? – apesar de sua cara de inocente, tenho a sensação que ele está debochando de mim, acho que não há nenhuma coincidência nisso.

– Não acredito em coincidências Victor. Acho que alguém está pegando manias perseguidoras. E a propósito... bom dia pra você também – meu coração está acelerado.

Ele faz uma expressão de desentendido e vem mais próximo. Meio sem jeito, me dá um beijo no rosto.

– O que faz aqui? – pergunto calmamente.

– Não parece óbvio? – ele aponta pra si mesmo e suas roupas – Vim me exercitar, e parece que você veio fazer o mesmo.

Eu balanço a cabeça, rendida, dou um pequeno sorriso e saio correndo. Tão logo, estamos correndo juntos pelo parque, em silêncio, apenas contemplando a sensação. Corremos algumas voltas e lentamente estamos diminuindo o ritmo até andarmos lado a lado. Olho para ele e quase enfraqueço com a imagem deste rosto tão lindo.

– Eu não dormi muito bem esta noite Helle, aliás, eu não dormi nada. Assim como você, eu também uso exercícios físicos para relaxar – ele fala de um jeito tranquilo, o que faz parecer muito natural nosso exercício matinal.

A essa altura sua regata está encharcada de suor, tornando o conjunto Victor ainda mais perfeito e sexy. Devo estar parecendo uma adolescente boba olhando pra ele, nem consigo pensar em alguma coisa pra dizer.

– Hum...

Hum? Isso é tudo o que você sabe dizer sua banana? Olho para os meus pés tentando buscar um assunto.

Victor dá um passo ficando ainda mais próximo.

– O que acha de tomarmos café da manhã juntos? Podemos ir ao restaurante do hotel onde você está hospedada – seus olhos são profundos, eu não posso recusar. Aceno que sim com a cabeça.

– Tudo bem, mas tenho que tomar banho antes – não estou totalmente convencida que é a melhor ideia tomar café da manhã juntos, quanto mais tempo passo com ele, pior fica minha situação.

– Ótimo, vou tomar banho também e te encontro em meia hora no hall. Eu te levo até o hotel no meu carro.

Victor deve ter percebido meu conflito pessoal, sem dizer mais nada ele me puxa pela mão e me coloca dentro de um Audi SUV, para minha surpresa, ele mesmo veio dirigindo.

Na entrada do hotel, desço do veículo, me despeço com um aceno e subo rapidamente até meu quarto.

Tomo um banho delicioso, coloco um vestido longo florido e sandálias rasteiras. Seco superficialmente meu cabelo e deixo os fios caírem soltos nas minhas costas e nos ombros, contornando os meus seios. Eu pareço jovem e descontraída. Mas no fundo

estou em um turbilhão de nervos, o medo e a excitação juntos fazem uma mistura devastadora.

Desço e encontro Victor me esperando. *Será que ele mora perto?* Ele usa jeans escuro e camisa de linho branca. Em plena quinta-feira e ele está aqui com visual totalmente casual. Ele consegue ficar ainda mais lindo. *Ah homem, você é um perigo pra minha sanidade mental!*

– Linda – ele disse baixo, mas pude ler em seus lábios.

Entramos no restaurante. Tenho a impressão que ele é conhecido neste hotel, tanto no hall, como aqui as pessoas o cumprimentam com acenos de cabeça enquanto nos servimos. Pego uma fatia de bolo e alguns pedaços de frutas, Victor escolhe pão e frios.

Sentamos numa mesa reservada, a impressão é que ela já estava preparada para nós. Estou de frente para ele e finalmente tenho a coragem de falar.

– Nosso encontro no parque não teve nada de casual, não é mesmo Victor?

Ele abaixa a cabeça, fingindo distração com um pedaço de pão. Lentamente ergue os olhos e me encara.

– De alguma forma que não posso explicar, eu sou atraído para você Maria Hellena. Eu não consigo tirar da cabeça aquele beijo. Ainda sinto seu gosto doce na minha boca – seus olhos azuis estão quase transparentes – Agora vamos apenas comer, por favor.

Este é Victor na versão mandão novamente!

É o que faço, tento me alimentar, embora suas palavras estejam soando como sinos dentro da minha cabeça. Ele, assim como eu, não consegue parar de pensar em nosso beijo. *OMG!*

Como as deliciosas frutas, pensando em como estou me sentindo diferente. É impressionante a sensação de paz apenas estando em silêncio ao lado dele. Apesar das borboletas no estômago, não seria nada mal tomar café assim todas as manhãs. *Minha nossa, o que está acontecendo comigo?*

Saio do meu devaneio e encontro os olhos de oceano-em-dia-de-sol me observando. Seu olhar me especula, percebo que seu maxilar está rígido, ele parece tenso.

– Eu tenho que trabalhar agora... quero jantar novamente com você e depois sair para dançar esta noite.

A expressão de receio em seu rosto mostra que ele está com medo da minha resposta, mas, tenho que voltar para a realidade em que homens assim não são bons para a minha sanidade mental.

– Olhe Victor, eu gostei do jantar na noite anterior e tudo mais... você sabe – enrubesço com a lembrança *daquele* beijo – mas eu simplesmente não posso levar isso adiante – gesticulo com a mão apontando para nós dois.

– Ouça Maria Hellena, eu também estou... assustado com o que está acontecendo, com o que estou sentindo no momento. Este sentimento é novo pra mim, eu só sei que preciso estar perto de você – tento recuar, mas a esta altura ele já tem minha mão por cima da mesa – Eu prometo que não vou fazer nada, até que estejamos conversados.

Como naqueles desenhos animados, em que cada lado de sua cabeça diz uma coisa, assim estou eu, cada célula do meu corpo está vibrando com a expectativa do que poderia acontecer se eu levasse isso adiante, mas a razão - aquela maldita vozinha da razão - simplesmente me joga um balde de água gelada lembrando que isso não é permitido pra mim.

Isso não pode estar acontecendo. Estou enganando a mim e a ele, eu não sou o tipo de mulher para Victor Harris, e quanto mais longe eu deixar ir, pior será o resultado.

– Eu não posso Victor, você não me conhece e há muita coisa que você não sabe, eu não pos... – ele aperta os olhos, respira e me interrompe.

– Por favor, nós precisamos conversar. Eu preciso estar perto de você, faça isso por mim e por você também.

Seu olhar é intenso, aliás, Victor é um homem intenso, seu rosto e seu corpo exalam poder, ele consegue expressar exatamente o que sente apenas com os olhos, *exceto quando entra na versão homem-de-negócio*.

Respiro fundo, derrotada.

– Ok, mas preste atenção: amanhã Miguel e eu temos uma reunião, é para isto que estamos na cidade. Vou sair com você esta noite, mas eu não posso demorar. Tenho que estar descansada para amanhã.

– Tudo bem, como você determinar Helle – ele está sorrindo, parece um garotão. Sinto um arrepio na nuca observando-o levar minha mão aos lábios e beijar castamente.

Despeço-me com um beijo no rosto, totalmente desconcertante, e subo para o quarto.

Impressionante como este homem é tentador... *lindamente tentador e vai te causar problemas Maria Hellen.*

Decido não pensar muito. Ligo o computador e me conecto com o pessoal no Brasil. Fernando me passa os últimos acontecimentos e algumas novidades que estão acontecendo no país. Desligo e mando uma mensagem para o celular do Miguel.

“Loiro, esta noite vou sair com Victor. Somente te avisando para que não se preocupe. Está tudo bem? Amor.”

Ouçó o alerta e vejo que ele respondeu. Miguel sempre me atende com rapidez e eu agradeço muito este cuidado que ele tem.

“Comigo tudo ótimo. Se divirta e tente não pensar muito. Amor maior.”

Leio a resposta, Miguel quer que eu me divirta, ele acha que estou fechada para o mundo. Não é uma questão de se fechar para o mundo, mas de focar nas coisas certas e no momento é no trabalho que devo me concentrar.

Coloco o celular na mesinha, deito na confortável cama King Size e fico olhando para o teto, pensando em como Victor consegue ser persuasivo para conseguir o que quer. Tem uma faixa bem grande escrita “perigo” em sua testa, e eu não consegui dizer não pra ele. Que droga.

Ouçó o sinal de alerta de mensagem no celular, acho que Miguel se lembrou de mais algum conselho, eita...

“Isto tudo também é novo pra mim. Vamos descobrir juntos. Passo no seu hotel às 20h00min. Com amor. VK. Harris”.

Memorável. Isto fica cada vez pior, não sei se dou risada e comemoro com essas borboletas no meu estômago... ou se escuto esta vozinha gritando na minha cabeça “se afaste”.

O dia passa rapidamente. Procuro fazer o que Miguel disse e não pensar demais, sobretudo não lembrar nada que possa me deixar pra baixo hoje. *Minha manhã foi maravilhosa, Victor não é o Thiago. Eu não sou aquela mulher frágil. Eu não preciso me jogar nos braços do Victor, eu só vou sair e curtir a noite, coisa que eu já não faço há muito tempo. Certo... Certo?*

Coloco um visual mais voltado para a noite. Carrego um pouco na maquiagem dos olhos, vestido curto, mas não muito e com brilho, deixo meu cabelo solto com as ondas definidas. Ponho brincos pequenos somente para criar um ponto de luz no meu rosto.

Desço para o hall no horário marcado. Victor está com um terno preto, mas sem a gravata, cabelos penteados, aparência fresca. Não canso de me impressionar como ele fica sexy em tudo. *Por que um homem assim quer sair comigo?*

No minuto em que coloco os olhos no *deus-grego-mais-sexy-do-mundo*, ele vem sorrindo. Acho que ele elogiou minha aparência, mas estou tão distraída vendo o sorriso bobo em seus lábios, que não tenho certeza.

– Helle... – ele sorri insuportavelmente sexy e balança a cabeça, dá mais um passo e beija minha testa.

– Victor... – enrubesço, mas a sensação confortável deste seu gesto é incrível.

Ele me oferece o braço e vamos para o veículo. Eu e o seu motorista *armário* já somos conhecidos, dou um “oi” pra ele e recebo um sorriso contido em troca. Victor parece mais relaxado esta noite. Ele me leva ao restaurante francês que eu já conheço.

Peço vinho e uma salada leve, estou muito ansiosa para comer qualquer outra coisa. Percebo que ele me observa de um jeito mais suave.

Assisto o vinho percorrer sua garganta, uma pequena e terrível distração. Mordo meus lábios para me punir da avalanche de pensamentos impróprios que tomam conta da minha cabeça. Este homem não pode ser real. Aff...

Abaixo a cabeça, tentando me concentrar na comida, mas é difícil ficar alheia a este homem, e acho que ele tem consciência disso.

Observo que sua atenção está completamente em mim.

– Eu gostaria que esta noite fosse especial pra gente Helle. Eu sei que eu já disse algumas idiotices em outras ocasiões, você ficou irritada e a gente acabou discutindo. Mas, apenas por esta noite eu quero que você encare tudo de mente aberta. Relaxe e confie em mim – *a questão aqui não é você homem, sou eu!*

Eu preciso esclarecer as coisas, dizer á ele o quanto eu sou uma pessoa fodida e que eu não posso me envolver com ninguém, além do mais, estou prestes a ficar um oceano longe dele, partindo pra África. Ele mexe comigo, isto é fato, mas as coisas não são simples. Fico meio fraca com a ideia, mas preciso falar.

– Eu nem sei ao certo o que estou fazendo Victor. Existem algumas coisas que me tornam uma pessoa... difícil, e eu não estou pronta pra abrir isso agora. Eu não quero que a gente crie falsas expectativas – ele me escuta atentamente, bebendo seu vinho, com os olhos cravados em mim.

– Certo Maria Hellena, vamos deixar que as coisas aconteçam, sem expectativas. Você não é a única aqui a ter restrições, mas esta noite vamos apenas viver. Você mexe comigo de uma maneira diferente. A vibração que sinto quando estamos juntos é algo... incrível – as palavras saem baixas, provocando excitação em mim.

Ele me encara, seus olhos são expressivos demais, tornando tudo mais difícil pra mim. Como dizer a este homem que eu sou um poço de trauma ambulante.

– Eu não vou negar que aquele beijo ontem foi maravilhoso, mas eu não sei se posso simplesmente relaxar e... – interrupção novamente, *ele adora fazer isso!*

– Shh... por favor, apenas tente Helle – *pronto...* ele fala de um jeito tão doce e sensual que eu deixaria me amarrar na mesa, se ele pedisse. *Santo das causas perdidas rogai por mim.*

Não consigo continuar resistindo, ele me deixa sem defesas.

Como minha salada e tento não pensar muito... conselho de Miguel...

Termino o jantar. Como havíamos combinado, vamos á um clube. Estamos em silêncio, apesar de aquela vizinha gritar na minha cabeça. O carro estaciona na porta e

descemos... a mão quente em minhas costas... Estou pasma com o tamanho da fila e a quantidade de mulheres lindas esperando pra entrar... o que está acontecendo lá dentro? Um evento de moda?

Desviamos da longa fila e Victor me conduz para uma entrada vip, passamos com tanta facilidade que demonstra a familiaridade deste lugar pra ele. Isso me faz lembrar quando o vi num clube com uma mulher agarrada em seu pescoço... a lembrança causa... raiva em mim. *É isso mesmo? Estou com ciúmes desse cara? Legal, era mesmo o que eu precisava neste momento. Estou mesmo de parabéns.*

Victor deve ter percebido no que estou pensando, ele aperta minha mão com mais força e fala baixinho no meu ouvido.

– Sou o dono deste lugar, Helle – *dono? Isto é bom ou ruim? Se por um lado ele não vem aqui com uma mulher diferente a cada dia, por outro elas é que vem aqui atrás dele. OMG!*

Ele não solta minha mão, vamos a uma mesa em uma área exclusiva, podemos ver a boate inteira de onde estamos. Sentamos no estofado macio, ele pede ao garçom dois drinks de algum tipo de fruta, geladinho e delicioso. Enquanto eu bebo, Victor me olha, ele está sentando ao meu lado e nossas pernas se tocam. Minhas coxas estão um pouco á mostra, seus olhos vão direto para elas, um olhar perverso e que me tira o ar. *Isso mesmo garota, você escolheu o melhor vestido que podia para tentar dizer que não quer nada com o cara. Um brinde às escolhas de merda da Helle!*

Ele fecha os olhos e dá um pequeno suspiro.

O som está alto e ele vem mais perto do meu pescoço para falar algo em meu ouvido. Sinto sua respiração quente e quase tenho um espasmo, recebo um choque que reflete bem nas minhas partes íntimas, naquele pontinho que pulsa.

– Suas pernas são lindas – sua voz está rouca e sexy... de novo.

Ele sabe o que está fazendo.

Meu corpo entrega minha excitação e ele vê o arrepio nas minhas pernas.

– Está com frio Helle? – *ah que legal, agora ele debocha de mim. Outro brinde á santa da intimidade com deuses gregos.*

Eu preciso devolver a gentileza...

Aproximo meu rosto e falo olhando de frente pra ele, provocadora, sussurrando, tão próximo á sua boca quanto posso, mas sem tocá-lo.

– Não Victor, eu não estou com frio. E ao que parece você sabe exatamente o que está fazendo – o maxilar dele fica rígido, seus olhos se arregalam, ele não esperava este atrevimento. *Jogo de dois, bonito!*

– Acho que você também sabe o que faz comigo – ele está sério, com olhos escuros. Quase um convite.

Afasto meu rosto um pouco, com sentimento estranho de fraqueza.

– Eu não sei nem meu nome quando você me olha assim, Victor. E isso me assusta.

Ele se aproxima, e antes que eu possa me negar este direito, me vejo colocando as mãos em sua nuca, deslizando meus dedos pelo seu cabelo. Desde o primeiro dia em que o vi eu quero pegar neste cabelo.

Ele me arrasta pela cintura para mais próximo, inclina o corpo em minha direção e cola seus lábios nos meus de um jeito ardente, possuindo, provando. A esta altura eu já estou dominada, ele me aperta com força, sinto seus músculos do peito, ele está rígido, o gosto doce ainda está em sua boca, ele tem um cheiro maravilhoso. Aos poucos o beijo vai dando lugar á uma troca de carinho, com mordidinhas, e leves chupões no meu lábio inferior. A cada toque eu estou mais excitada, entregue. Não consigo pensar em mais nada.

Ele beija meu pescoço e sussurra no meu ouvido, do jeito mais sexy que eu já ouvi alguém falar, que chega a doer.

– Você está me deixando maluco, Maria Hellena. Seus lábios são a coisa mais macia que eu já senti e seu gosto é... maravilhoso. Vamos dançar um pouco, se ficarmos aqui eu não respondo por mim – ele dá um sorriso malicioso, lindo.

Como isso é possível, eu nunca fui sensível ao toque do meu ex-marido, e só com o beijo de Victor eu sinto minhas pernas tremerem, minhas partes íntimas latejarem e aquele pontinho lá embaixo está mais aceso do que nunca.

Victor me puxa para a pista de dança, há uma musica eletrônica vibrante, que contagia. Ele coloca as mãos na minha cintura, e lentamente vou me soltando, dançando no ritmo

da batida... isso é tão bom, não me lembro da última vez que saí para dançar, mas sei que deveria fazer isso mais vezes.

Como um predador, seu olhar está fixo em mim e um sorriso de tirar o fôlego... é hipnotizante... mas eu não posso me esquecer nem por um minuto que este deus grego não é permitido pra mim. Viro de costas pra ele, tentando respirar longe dos lindos olhos-de-oceano, no entanto suas mãos ainda permanecem em meu quadril.

Dançando, dou um pequeno passo para trás e... experimento a excitante sensação de sua ereção contra mim, é incendiário demais, é como uma explosão de energia detonada dentro do meu corpo. Vejo uma nuvem negra diante dos meus olhos. Eu preciso de um pouco de distância para não cometer algum ato impulsivo aqui na pista de dança. Viro de frente pra ele, levo a cabeça em direção ao seu ouvido, ele se inclina de leve para me ouvir.

– Victor, eu preciso ir ao banheiro – ele acena com a cabeça e me indica a direção.

Dou alguns passos apressados e antes mesmo de ouvir suas recomendações, estou entrando em um corredor com pouca luz para o banheiro.

Entro e me surpreendo com a fila de mulheres. Eu preciso apenas de água para me refrescar, vou para as pias, abro a torneira e deixo a água fria correr em minha mão, olho para o espelho e vejo meu reflexo, olhos ávidos, bochechas coradas e cabelo um pouco despenteados, o conjunto me deixa tão sexy como eu nunca tinha me visto antes. Coloco minha mão umedecida na nuca, eu estou quase febril. Seco minhas mãos, respirei fundo e decido encarar isso tudo.

Saio do banheiro e entro no corredor. Vejo que há um homem encostado na parede, no primeiro momento eu não posso ver o rosto, pois estou um pouco longe, dou mais alguns passos, aproximando-me percebo que ele está me olhando com um jeito diferente... malicioso... Chego mais próximo e noto que eu conheço esse homem. É Ryan Parkerys, o milionário arrogante que negou o investimento.

– Ora, ora... que surpresa, a senhora Vagnolli neste local. Que cidade pequena – seu tom é debochado, há um sorriso torto nos lábios. Se ele não fosse tão arrogante seria até charmoso.

Por um motivo que nem sei explicar, estar perto dele não é bom. Tento manter a expressão educada, mas não pretendo parar para nenhuma conversinha amigável com ele.

– Como vai senhor Parkerys? Acho que a cidade não é tão pequena assim – dou mais um passo para sair dali, ele vira o corpo fazendo uma espécie de bloqueio, impedindo minha passagem.

– Eu vou muito bem, e vejo que a senhora também. Se me permite, você está muito bonita esta noite – observo-o melhor, ele está usando uma camiseta escura e jeans preto. Seus olhos são estranhamente... escuros. O conjunto o torna um homem um tanto... sombrio.

Talvez seja apenas impressão minha, seu sorriso demonstra que ele está tentando ser agradável... apenas tentando.

Estou prestes a pedir que ele me dê licença liberando a minha passagem. Respiro fundo e vejo Victor se aproximando, como um touro bravo, seus olhos estão negros, ele parece irritado.

– O que você quer aqui Ryan? – Victor fala asperamente entre os dentes.

Mesmo com toda a irritação de Victor, *Ryan-Arrogante-Parkerys* parece indiferente. *Então eles se conhecem?* E pelo jeito não é uma relação muito amistosa, os dois se encaram feito dois cães próximos de se enfrentar.

– Apenas verificando as novidades, você sabe, negócios – Ryan fala ironicamente, deixando Victor a um passo de atacá-lo.

–Vá embora e afaste-se, você sabe do que estou falando – Eu nunca vi essa expressão em Victor... e olha que eu já presenciei algumas mudanças em seu humor, mas nada parecido. Há repulsa e até mesmo ódio em seus olhos. Sinto um calafrio com a imagem.

Ryan libera minha passagem, passo e me posiciono em frente a Victor, sei lá se quero impedir que eles briguem, ou simplesmente protegê-lo.

Ambos se encaram por alguns segundos até que Ryan vira as costas e anda pelo corredor para a pista de dança. Respiro aliviada, e continuo observando sua saída, ele já está a cerca de dois metros de distância de nós, vejo-o parar de repente, ele se vira olhando apenas pra mim, com um pequeno sorriso nos lábios.

– Ah, antes que eu me esqueça, senhora Vagnolli: lamento muito pelo ocorrido na África. Infelizmente eu já havia lhe alertado sobre os perigos daquele lugar. Fico feliz

em saber que mudou de ideia – ele fala como se eu fosse uma criança, com um olhar de piedade.

De alguma forma, isto me irrita profundamente.

– Não sei a que se refere senhor Parkerys, minha ideia continua a mesma, estou na cidade á negócios e na segunda-feira retorno para o Níger. Foi um prazer revê-lo. Tenha uma boa noite.

Ryan me encara como se eu o estivesse desafiado. Ele dá um sorriso gelado que não chega aos olhos, vira as costas e vai embora.

Sem mesmo olhar para Victor, eu já sei que minhas palavras o atingiram. Viro e posso sentir o clima gelado se formando entre nós. Ele olha de um jeito frio, não há mais fúria, há certa decepção em seus olhos agora.

– Acho que está na hora de eu te levar pro hotel. Você tem sua reunião amanhã.

Sem mais conversa, saímos do clube e paramos em frente ao seu carro. O motorista percebe que há algo no ar, me dá apenas um olhar simpático e entra no veículo. Victor entra logo atrás de mim, mas desta vez não me toca, ele está quieto e pensativo.

Sinto que arruinei a noite, mas o *que ele esperava? O que ele está pensando?*

Tento puxar uma conversa, entretanto as suas respostas são monossilábicas.

Chegamos ao hotel, ele abre a porta e fala baixinho, com olhar distante.

– Vou te levar até sua porta – ele evita me olhar nos olhos. É como se uma geleira estivesse entre nós.

– Não é necessário Victor, eu te agradeço. Esta noite foi muit... – sua mão toca minha coluna. Ele já está me conduzindo para o elevador.

– Eu faço questão – ele me corta. Sua voz não é nem de perto aquela que ouvi a algumas horas atrás sussurradas em meu ouvido.

Estamos na porta do quarto, um vazio enorme começa a tomar conta do meu peito. Sinto que é a despedida. Mas eu quero me despedir dele agora?

Quase que por impulso eu digo as palavras.

–Você quer entrar? – ele me olha surpreso.

– É o que eu mais desejo. Se você não me convidasse eu seria obrigado a usar a chave mestra – ele sorri de um jeito charmoso, mas ainda há certa tristeza no olhar.

– Chave mestra? Você por acaso é... você é o dono deste hotel Victor? – ele concorda com a cabeça, os olhos fixos em mim – hã... isso explica algumas coisas – Explica o fato de ele saber minha chegada á cidade, de ser conhecido pelos funcionários. Ele tem dinheiro mesmo. *Caramba*. Isso não me parece promissor.

Victor entra no quarto e caminha até a janela, observando a cidade. Eu fico logo atrás esperando o que vem pela frente. O silêncio gritante se instala entre nós pelo que parece uma eternidade.

Ele se vira para mim, seu rosto não demonstra nada, os olhos que sempre são tão expressivos estão vidrados, eu já vivi isso com ele antes e sei que o tempo vai fechar.

– Você pretendia me contar que sua viagem será daqui á quatro dias? – sua voz denuncia a mágoa, mesmo tentando conter, é evidente.

Estamos a um passo de distância, meu peito palpita com o tom de acusação.

– Claro que sim, apenas não surgiu a oportunidade, além do mai...

– Não surgiu *oportunidade*? Nós jantamos por quase uma hora juntos e você está me dizendo que não teve *oportunidade* pra me contar que em quatro dias eu não vou te ver mais? – ele enfatiza a palavra oportunidade. Apesar de falar friamente, eu vejo a fumaça começando a sair por seus olhos.

– Victor, eu não estou entendendo esta conversa, por que você está falando assim? – *a tática de se fazer de desentendida, aprendi com ele.*

– Ah! Você não está entendendo? Eu te falei tanta coisa nos últimos dias, sobre meus sentimentos, sobre o que eu sinto por você. E você não está entendendo a minha surpresa em saber que para você nada mudou... quero dizer... seus planos não mudaram e eu *não* faço parte deles – dessa vez ele não se contém, praticamente grita comigo.

– Eu te falei sobre isso sim. Eu te disse que o meu projeto no Níger é um objetivo de vida. O que você espera de mim Victor? A gente mal se conhece e você quer que eu abandone tudo pra ficar aqui do seu lado até você se enjoar, então depois, você arranja outra mulher que vai ficar pendurada no seu pescoço em um clube qualquer? Entendi.

Que droga! Por que as coisas tem que sempre terminar assim com Victor?

Para minha surpresa, em um nano segundo, ele está colado á mim, me beijando, sua língua explorando minha boca, me apertando pela cintura e puxando meu cabelo, intensamente. Eu preciso sentir este homem, eu dependo disso. Enrosco meus dedos em seu cabelo, seguro seu braço forte, apalpo seu peito totalmente rígido com o toque. Sinto sua ereção em minha barriga, quase explodindo o zíper da calça. Meus seios estão duros pressionando meus mamilos contra o sutiã, minhas partes íntimas pulsam e o pontinho queima, a umidade toma conta de mim. Victor me empurra contra a parede, me apertando, beijando meu pescoço, deslizando as mãos pelo meu corpo até chegar às minhas pernas. Ele levanta meu vestido, e segura minha bunda com as duas mãos, me levantando do chão. Fico na ponta dos pés, com as mãos cravadas em suas costas, enquanto ele beija meu pescoço. Estou completamente excitada. *Este homem é fantástico.*

– Você quer me deixar louco Maria Hellena. Você quer me deixar louco é isso? – ele me pressiona contra a parede, chupa meus lábios, mordisca, beija meu pescoço, é enlouquecedor. Sua voz está rouca e baixa. Tudo nele é perfeito.

Penso que estou no ápice da excitação, mas como com ele tudo é uma grata surpresa, uma de suas mãos sai da minha bunda e desliza sobre a renda da minha calcinha, o toque é leve, suave, mas persistente. Como é possível meu corpo resistir á isso? Ele me beija mais exigente, sua língua na minha boca e tenho uma das melhores sensações, ele afasta minha calcinha e seu dedo me toca ali, no meu ponto principal. Acho que vou explodir, eu estou prensada contra a parede, praticamente levantada do chão pela bunda, com um *deus grego* acariciando meu local mais íntimo, afetando até meus dedos dos pés.

Ele massageia, pressiona, me provoca com o toque, e... coloca um dedo lentamente dentro de mim começando um movimento contínuo e tortuoso, acho que vou morrer nos braços desse homem. Meus olhos estão fechados, estou entrando em um universo só meu, onde eu nunca estive. O movimento se torna intenso, ritmado, e mais um dedo entra em mim, neste momento sinto a coisa mais inexplicável do mundo: uma onda me rasgando por dentro, descendo pela minha espinha, um choque de alta voltagem me despedaçando, sem nenhuma dúvida: a melhor sensação que já tive em toda a minha vida! *Minha nossa! Isso é um orgasmo? Eu vivi cinco anos com um homem e descubro o que é orgasmo com um cara que mal conheço? Isto é real? Ele existe mesmo? Eu estou viva?*

Minhas emoções estão á mil, eu acabo de descobrir o que é um orgasmo e como isso é maravilhoso. Sinto calafrios pelo meu corpo, eu estou mole nos braços de Victor, e ao fundo dos meus devaneios sexuais, o ouço sussurrando em meu pescoço.

– Porra Helle! Você é fantástica, você é muito gostosa, apertadinha. E fica ainda mais linda quando está gozando pra mim.

Acho que Victor percebe que eu estou com as pernas moles e sem condições de ficar em pé, ele continua me segurando no colo contra a parede, com sua cabeça atolada no meio dos meus cabelos, descansando em meu pescoço. É surreal, ele me deu meu primeiro orgasmo e me segura no colo apenas me deixando sentir sua presença.

Oh não! Não! Não! Não! Não! Não! Por favor, não! Eu não posso me apaixonar por esse homem. Por favor, não!

Com sua respiração em meu pescoço, lentamente vou recobrando meus sentidos e percebo que ele também recupera seu ritmo.

– Eu não posso deixar que nada de mal te aconteça, eu não me perdoaria nunca – ele me coloca com os pés no chão, ainda me segurando e beija minha testa – Você está bem Helle?

O homem me faz literalmente mulher, me dá a sensação mais inexplicavelmente maravilhosa da minha vida e me pergunta se estou bem... *E eu estou?*

Estamos frente a frente, rosto com rosto, percebo que algo em sua expressão mudou, ele me olha assustado. Tem pânico nos olhos. Meu Deus o que foi que eu fiz? Ele está assustado porque sabe que este foi meu primeiro orgasmo? Eu reagi de maneira errada? Ele está assustado comigo?

– Por que você está me olhando assim Victor? – tenho um nó na garganta. Ele está distante de mim. Por quê?

Ele beija o alto da minha cabeça, pressionando de leve, respirando sobre meus cabelos.

Victor se arrependeu?

O pânico agora está em mim, se ele continuar com essa reação eu não vou suportar. As lágrimas estão se aproximando dos meus olhos.

– Helle, eu preciso ir embora agora, e você precisa descansar. Diga-me que você está bem para que eu possa ir – ele está arrependido e preocupado comigo? *Que merda! O que foi que eu fiz?*

Respiro fundo, eu não consigo continuar nem mais um minuto ao lado do cara que me leva do céu ao inferno com apenas um olhar, há um buraco tomando conta do meu peito, eu preciso ficar sozinha. Agora!

– Estou bem Victor, preciso mesmo descansar – ele percebe minha mudança e me aperta pelo braço.

– Helle olhe pra mim. Você está mesmo bem?

– Sim Victor. Por favor, vá embora – eu me distancio dele e caminho para o banheiro, é um jeito de me despedir, mas sua mão me puxa pelo pulso.

– Eu vou embora, mas ainda não terminamos a conversa. Volto assim que puder – Ele me puxa novamente e beija meus lábios.

Viro, entro no banheiro e ouço a porta do quarto se fechar. Ligo o chuveiro, *pronto: agora eu posso me despedaçar em lágrimas que ninguém poderá me ouvir*. Eu não entendo o que foi que eu fiz ou porque ele reagiu desse jeito. Eu vi claramente o arrependimento nele. *Que droga Maria Hellen! Que merda é essa? Onde você está com a cabeça!*

A água cai sobre meu corpo e as lágrimas descem em meu rosto. Fiquei quase dois anos sem chorar e no último mês fiz isso algumas vezes pelo mesmo cara. *Eu estou mesmo de parabéns*. O pior de tudo é que a dor que estou sentindo no momento é única, não consigo compará-la a nada igual. Esta dor é diferente da que senti quando perdi meus pais, dos anos em que morei com minha tia, dos anos em que vivi com o porco do meu ex-marido... e o que me assusta... esta dor é mais forte do que nos piores dias em que estive trancada em um quarto. *Por que você deixou isto acontecer Maria Hellen?*

Eu não consigo parar de chorar, não consigo. Tem uma cratera no meio do meu peito, eu não consigo nem respirar. Sento no chão do banheiro, junto meus joelhos ao peito para ver se ameniza. *Por que eu me deixei envolver por ele? Por que ele fez isto? Foi para provar que ele sempre tem o que quer? Á troco de que? Respira, respira, por favor, respira.*

Fico sentada no banheiro algumas horas, aos poucos meu peito está se acalmando, neste momento recorro ao meu piloto automático mental. Seco-me e vou para a cama.

Vejo o dia amanhecer, sem dormir, já não estou mais chorando, minhas lágrimas se secaram. Não consigo raciocinar direito e a cada vez que fecho os olhos, a imagem de *Victor versão pânico* me vem á cabeça. Eu preciso correr.

São seis e meia da manhã, o dia está clareando, visto moletom, calço tênis e vou ao parque. Corro por muito tempo, o sol já está alto e minhas pernas começam a doer, resolvo voltar para o hotel. Minha cabeça não está vazia, mas com um pouco de esforço eu posso não pensar nele. *Isso aí garota, você se deixou cair nessa, agora aguenta.*

Chego ao hall e vejo que Miguel está me esperando. Mesmo de longe, ele percebe que eu não estou bem, me aproximo e sou abraçada forte, eu preciso disso. Ele me pergunta o que há de errado, tento não soltar aqui mesmo todo o turbilhão que está em mim. Subimos ao quarto e lhe conto quase tudo, poupo apenas os detalhes mais irrelevantes: *aquele detalhe em que tive meu primeiro orgasmo com Victor. Miguel não gostaria de ouvir isso.*

Acho que Miguel não sabe ao certo o que me dizer, então não diz nada, permanece me abraçando. Após alguns minutos de silêncio eu já me sinto melhor com ele ao meu lado.

– Vamos comer alguma coisa, bebê. Com o estômago cheio é possível pensar melhor.

Enquanto nos alimentamos no restaurante do hotel, Miguel me conta suas últimas novidades com Mônica e falamos sobre a reunião que será daqui algumas horas.

Volto para o quarto. Pelo menos hoje, eu preciso focar no que vim fazer na cidade. Tenho uma reunião em poucas horas e vou me preparar pra isso.

♠*Um Deus grego sem consideração*♠

A cidade está quente, agitada, buzinas e pessoas fazem o ritmo da tarde. Miguel e eu vamos encontrar o CEO da única organização que sinalizou positivamente para nossa empresa, há cerca de um mês atrás.

Petter Walker é um homem de cinquenta e poucos anos, casado, em sua mesa há fotos de suas filhas gêmeas e da esposa, todas belíssimas. Entramos na sala e percebo que ele está um tanto sério, conversamos um pouco, apresentamos os documentos solicitados ele faz algumas perguntas, mas sua atitude demonstra que algo o incomoda. Observo seu rosto, ele está preocupado, escuto-o limpar a garganta e temo que o que vem pela frente não seja bom.

—Senhora Vagnolli, senhor Andriatto, eu reconheço todo o esforço que vocês fizeram até agora. Admiro o trabalho que pretendem realizar na África. Mas tenho que dizer á vocês: o mercado dá indícios de recessão e minha empresa, neste momento, terá que recuar. Nós infelizmente não poderemos financiar este projeto. Eu lamento muito ter que fazer isso.

Miguel me olha e sei que o nosso desapontamento é mútuo. Mesmo tendo ciência da possibilidade de não conseguirmos o dinheiro em Nova Iorque, me apeguei à ideia de que esta empresa finalmente investiria. Petter Walker foi gentil e me parece sincero, há

algo errado nesta recusa, se da última vez demonstrou tanto interesse, e eu tenho que saber o motivo. Minha intuição diz que alguma coisa aqui não está certa.

Dou a mão para me despedir, e decido especular.

– Agradeço, mas tenho uma dúvida senhor Walker, existe algum motivo específico para que o senhor tenha mudado de ideia? – ele me olha e posso ver que a resposta virá com honestidade.

– Vocês me parecem boas pessoas e com intenções generosas, senhora Vagnolli. Eu nem deveria dizer isso, mas preciso alertá-los. O negócio de vocês representa ameaça para pessoas muito perigosas e influentes. São pessoas que não medem esforços por suas ambições e são capazes de tudo. Recomendo que tenham cuidado.

Ele fala baixo, parece envergonhado. Fico chocada com suas palavras.

Eu sabia que as coisas seriam difíceis, mas não imagina o quanto. Estamos tendo que lidar com um inimigo que não tem um nome e consegue afugentar a única empresa que possivelmente nos emprestaria os recursos? *Que droga tudo isso!* Quem na face da terra pode ficar feliz com a infelicidade de tanta gente?

Caminhamos até a saída, Miguel está segurando a minha mão, pensativo.

– Helle você ouviu aquele homem, tem alguma coisa grande acontecendo e eu... temo por você, bebê. Eu não me perdoaria se te acontecesse algo.

– Miguel, eu já sei aonde você quer chegar, não vou desistir e deixar você voltar pro Níger sozinho. Isto está fora de cogitação.

Por que ele acha que eu vou desistir agora depois de tudo?

– Eu sei qual é a sua opinião, mas se tem alguém querendo que a gente desista, tenho medo que tentem atingir você Helle, eu preciso te proteger, precisamos refletir sobre isso.

Hoje definitivamente não é meu dia.

Voltamos para o hotel, Miguel continua calado e sei que quando ele fica assim é porque está pensando em algo sério. Eu tenho que tirar da cabeça dele a ideia de me manter afastada da África. Sei que ele se importa comigo, mas eu não posso deixar tudo isso para trás por medo. Tenho que encarar.

– Loiro, a gente já sabia de tudo isso, não está sendo fácil e acho que nunca será, mas não posso ter medo, eu preciso disso e você sabe. Vamos ficar juntos nessa e acharemos uma saída – eu o abraço, e ele abre um pequeno sorriso.

– Você não é nada fácil, *dona encrenca* – *esta foi boa, eu sou uma dona encrenca?* Rimos juntos com este comentário, Miguel entende minha vontade.

Recuso o convite para jantar com Miguel e Mônica e volto para o quarto, eu não estou me sentindo bem, e no fundo, eu preciso ficar sozinha.

Desde que eu tive aquele momento surreal com o *deus-grego-em-pânico*, mal descansei. Estou exausta, precisando de paz. Hoje também não foi nada fácil, se eu tinha esperança de conseguir dinheiro de uma empresa pra financiar nossas atividades, agora não posso mais ter. Ainda temos a opção de procurar empréstimos em bancos, mas será outra luta. Hoje eu só quero que este dia termine.

Fecho os olhos, mas a imagem *dele* está aqui, cravada em minha mente, eu ainda sinto o seu cheiro, a respiração quente. *Meu Deus!* Acho que Victor me arruinou para os homens. *Será que serei capaz de sentir tudo isso por outra pessoa? É o fim pra minha vida afetiva!*

Quanta ironia, eu estou considerando que eu tive uma vida afetiva. Rá-rá.

Não, eu não vou mais chorar.

Deito na cama e fico olhando para o teto, tentando encontrar meu equilíbrio mental. Ele não ligou, nenhuma única mensagem e isto só quer dizer uma coisa: eu não estou enganada, ele está mesmo arrependido. *Adianta agora saber o que eu fiz de errado?*

Ligo meu Ipod, música me faz relaxar e no momento eu preciso muito disso. Está tocando Vanessa da Mata, a música narra o fim de um relacionamento “é só isso, não tem mais jeito, acabou, boa sorte. Não tenho o que dizer, são só palavras e o que eu sinto não mudará”. *Peraí, estou tentando acreditar que acabou o meu “relacionamento” com Victor? Não viaja Helle, nunca ouve nada.*

Não vou chorar, não vou chorar, não vou chorar. Essas palavras são quase um mantra e para este momento resolvem. Caio num sono profundo e sou grata por conseguir desligar meu cérebro.

Ouçor batidas na porta, olho para o relógio e já é manhã de sábado. Vou caminhando meio desnorteada para a porta e dou de cara com um Miguel irritantemente *felizinho*.

– Garota, você ainda está dormindo? – ele fala todo risonho apontando para meus trajés.

– Sim meu Loiro, se não me engano hoje é sábado e não tenho nenhuma reunião falida programada – eu estou toda descabelada e de camiseta de dormir. Não estou com a menor vontade de estar acordada.

– Caramba, que humor ácido bebê. Já sei o que vai fazer você se sentir melhor: vamos fazer compras, Nova Iorque é a capital mundial das compras. Temos que aproveitar pelo menos um pouco desta viagem. Se arrume bebê, vim aqui te buscar, e hoje nós vamos descobrir o que as noites da cidade têm de melhor – *ele está animadinho demais para o meu gosto, ou sou eu que estou mal-humorada?*

Visto jeans e camiseta e vou com Miguel á diversas lojas. Compro alguns vestidos, nada muito caro, mas também não muito barato. *Desligue a cabeça e relaxe pelo menos por hoje Maria Hellen*.

Nesta noite resolvo que já é hora de me divertir um pouco e esquecer os lamentos. Coloco um vestido justo e com decote generoso nas costas, sandálias bem altas, um coque no cabelo e brincos grandes. Superficialmente eu estou muito bem, *apenas superficialmente é claro*.

Miguel, sua namorada e eu chegamos á um clube que, segundo eles, é exclusivo, freqüentado pelos milionários e artistas da cidade. Mônica possui muitos contatos e consegue que entremos sem enfrentar fila. O lugar é incrível, por todo o lado há gente bonita e bem vestida. A música é pulsante e a iluminação produz efeitos incríveis na pista de dança.

Miguel e Mônica vão dançar e eu fico sozinha no bar. Peço ao barman um drink, embora meu lado mais depreciativo queira algo muito mais forte, para me derrubar e fazer esquecer *ele*. O rapaz é muito animado e faz malabarismo com os copos, impressionante como ele é habilidoso. Ele termina meu drink e dá um sorriso todo

orgulhoso de sua façanha, eu devolvo um sorriso de simpatia. Ele fica parado em minha frente cheio de expectativa esperando que eu experimente, e de fato é muito bom, gostinho suave de vodka com o azedinho das frutas.

– Uau rapaz, você sabe mesmo o que faz! – ele abre um sorriso que quase alcança sua orelha e vai atender outro cliente.

Aprecio meu drink, vendo de longe Mônica e Miguel dançarem. Ela é toda delicada e graciosa, mas Miguel não leva muito jeito para dança, se bem que bonito como ele é isso não faz a menor diferença. Ele está realmente feliz, e eu também fico com a cena.

Escuto uma voz quase colada ao meu ouvido e tenho um *senhor susto*.

– Esta cidade é mesmo pequena, como eu disse – viro assustada e encontro Ryan Parkerys me observando, ele parece mais jovem esta noite, e como sempre com um sorriso malicioso nos lábios.

Tento não deixar que ele perceba meu susto. Ajeito minha postura e da forma mais calma que posso, mantenho a simpatia.

– Estou começando a acreditar nesta teoria senhor Parkerys – ele abre ainda mais o sorriso.

– Você está linda esta noite senhora Vagnolli, se não fosse tão séria eu me atreveria a pagar-lhe uma bebida – ele fala baixinho bem próximo ao meu ouvido, com o corpo encostado no balcão, observando a pista de dança em nossa frente.

Ergo meu copo mostrando a ele que eu já estou bebendo, ele balança a cabeça fazendo beicinho com deboche como se estivesse desapontado.

– A senhora é mesmo uma mulher difícil de convencer – ele ri mostrando todos os dentes com este comentário. Mantenho meus olhos em Miguel.

A presença de Ryan por alguma razão, não me faz bem, sua postura arrogante me incomoda, tenho a sensação de que ele está sempre espreitando, como um predador.

Preparo meu plano de fuga, deixo meu copo sobre o balcão, mas Ryan se aproxima ainda mais, apontando com a cabeça em direção á porta.

– Olhe, senhora Vagnolli, minha teoria é mesmo verdadeira: Não é Victor Harris ali?

Seu sussurro me arrepiava.

Viro a cabeça em direção à porta e vejo Victor... lindo como sempre... com uma loira atraente apoiada em seu braço, ambos sorrindo com a maior intimidade.

Um enjoo amargo me domina, como se eu recebesse um soco na barriga, sinto uma dor horrível tomando conta do meu estômago. *Que merda é essa? Eu sou mesmo muito burra. Então ele não demorou nem dois dias e já está todo sorridente com outra mulher! Cretino. Eu mereço essa dor e muito mais.*

Por que isso não me surpreende? No fundo eu já esperava.

Tento me recompor e agir com naturalidade, Ryan me observa, testando minha reação. *Respira, respira, respira Maria Hellen.*

Dou um sorriso, o mais aberto que posso, com o esforço mais profundo da minha alma, apenas para que ele pense que a cena não me afeta.

— Sua teoria é muito intrigante, senhor Parkerys.

As palavras saem com toda a falsa indiferença que eu consigo, mas por dentro eu quero gritar com ele, com Victor e comigo mesma por ser tão *imbecil*.

Miguel me olha e percebendo quem está ao meu lado trata logo de vir, trazendo Mônica. Ele se aproxima e Ryan oferece um aperto de mão todo simpático, Miguel apenas devolve um aceno de cabeça, e se coloca ao meu lado, entre mim e Ryan.

— Tá tudo bem Helle?

Faço que sim com a cabeça, não quero que ninguém perceba que estou prestes a sair correndo, e com muito esforço, não chorando.

Ryan inventa uma desculpa para se afastar dizendo que logo retorna. Aproveito o momento para informar à Miguel que estou indo embora. Não quero dar muitas explicações, falo que estou indo porque me sinto um pouco cansada, mas peço que ele fique para aproveitar a noite com sua namorada. Não quero atrapalhar a penúltima noite deles juntos, antes da viagem.

Caminho rapidamente para a saída, meus miolos querem explodir. *Que reação de merda é essa, não consigo me reconhecer, porque isso me afeta tanto? Eu já imaginava*

isso, não imaginava? Ele não me ligou, claro, conseguiu o que queria. Mas o que eu fiz?

Não consigo evitar e olho novamente a cena do *deus grego com a candidata da vez*. Como imã, nossos olhos se encontram e... ele fica assustado? Rá! Ele não esperava me ver, seu rosto está pálido. Ele abre a boca como se fosse dizer alguma coisa... tão lindo... e tão cretino... como fui tão tola? Eu não posso ficar nem mais um minuto aqui. Finjo que não o vi e ando mais depressa para a porta.

Consigo um táxi em frente à boate, entro e peço que me leve ao hotel. *Respira, respira, respira. Porra, que dor é essa?*

Chego ao quarto e sem que eu consiga evitar, as lágrimas caem no meu rosto. Ver Victor com uma mulher, menos de dois dias depois de ele me proporcionar um momento tão perfeito, bem aqui neste quarto, nesta parede, me magoa de um jeito que eu não esperava.

Por que ele fez isto? Eu fui algum tipo de conquista pra ele? O que eu faço para esquecer tudo isso?

Agora eu percebo que nunca fui tocada tão intimamente por um homem, nem quando me deitei pela primeira vez com meu único namorado, com quem me casei, eu havia sido tocada desta maneira. Estes sentimentos todos, a raiva, a tristeza, o ciúme, a necessidade, Victor despertou em mim tudo isso em pouquíssimo tempo. Sobrevivi a um casamento terrível, fui aprisionada em um quarto e passei por momentos abomináveis, mas nada é como este vazio que estou sentindo.

Sinto-me como um lixo, mas devo isto somente às minhas decisões, Victor deixou bem claro desde o início: gostaria de sexo “sem nenhum tipo de promessa”, ele mesmo disse estas palavras, e por que raios eu não consigo aceitar que para ele foi somente isto? Por que eu me sinto como se fosse enganada? Ele foi honesto com suas intenções, não me iludiu, pelo contrário.

Esqueça tudo isto Maria Hellen... apenas esqueça.

Deito na cama, esperando que o dia amanheça, estou enjoada, preciso fazer uma corrida, espairar meus pensamentos. Pego no sono e sonho com Victor, isso não me ajuda muito.

Passam das seis e meia da manhã, coloco shorts, top e meu velho tênis, e saio em direção ao parque, caminho pelas ruas tentando deixar a cabeça vazia. Não quero pensar nele.

O dia está amanhecendo, o sol dá indícios que vai fazer calor hoje.

Entro no parque e começo a me alongar.... sinto *aquela* cheiro: o cheiro do *deus-grego-sem-consideração-Harris*. Eu não preciso olhar pra saber que ele está se aproximando, o perfume e a torrente de calor chegam antes mesmo dele. Inclino a cabeça e confirmo que ele está chegando perto. Seus olhos transparentes, a expressão cansada e leves manchas escuras embaixo dos olhos denunciam a falta de sono, *é claro Helle, a noite foi tão boa pra ele com aquela mulher que não deve ter dormido*.

Trato de sair caminhando, tentando evitar o confronto com esse homem. Viro as costas para ele e dou alguns passos para a trilha.

– Maria Hellena, espere.

Finjo que não escutei, ando mais alguns passos e ouço novamente Victor, desta vez a voz parece zangada.

– Maria Hellena pare, eu quero falar com você, porra! – não consigo me afastar, Victor está me segurando pelo braço.

Olho para seu rosto e não posso deixar de admirar sua beleza, se bem que neste momento ele está mais para o lobo mau da historinha, seus olhos grandes claros, maxilar rígido e uma expressão de que pretende me arrastar se eu resistir.

Ele me abala profundamente, mas estou determinada a acabar com isso.

– Nós não temos nada para falar Victor, por favor, me solte, me deixe ir – faço esforço para soltar meu braço.

Tão rápido que nem posso reagir, Victor me puxa para os seus braços, agarra minha nuca e me beija, sua boca pressiona a minha, sua língua força a entrada para minha boca de forma exigente, meus lábios até doem, nossos dentes se chocam com a intensidade. Traindo minhas defesas, meu corpo denuncia o quanto eu quero esse homem, seguro os

seus cabelos, cedendo ao beijo, nossas línguas se sentem, sua respiração na minha pele, o calor de sua mão em minha cintura. Não consigo resistir, sinto meu coração quase saltando do peito, minhas pernas estão moles, não consigo raciocinar.

Helle isto não é bom, ele não é bom pra você, resista!

Afasto-me dele, empurrando seu peito com as mãos, ele ainda tenta evitar, mas eu uso toda minha força.

– Não, Victor! Não! Eu não posso, me deixa em paz! – minha voz sai tão elevada que é quase um grito.

– Você não sabe de muita coisa Helle, me deixa te explic....

Faço um sinal de pare com a mão.

– Eu não quero ouvir, eu não quero te ver, por favor, me deixa em paz – o nó toma conta da minha garganta e os olhos queimam... malditas lágrimas traidoras!

– Não chore Helle, é tudo para o seu bem, tem coisas que você não sabe e eu não posso dizer, apenas confie em mim.

Ele dá um passo à frente e eu instintivamente dou um passo atrás.

– Victor, amanhã eu estou indo embora, não nos veremos nunca mais e é assim que tudo tem que ser. Por favor, vá embora, eu não sei o que pretende aqui, mas eu não quero você. Vá embora!

Ele recua e me observa, há tristeza em seus olhos, o que só piora minha situação: *ele me deixa louca num quarto, vai embora em pânico, não dá sinal de vida, sai com outra mulher e ainda quer ficar triste? Porra! Que homem é esse?*

– Tudo bem Maria Hellena, eu vou respeitar sua vontade, *por enquanto*. Mas escuta bem o que vou te falar: você não vai se livrar de mim tão fácil. Você está em minha pele e as coisas não acabam aqui. É tudo pro seu bem – Sou puxada para o seu peito, ele dá um beijo nos meus lábios e vai caminhando para a saída.

Maldito conquistador de merda! Como pode alguém tão irritantemente sexy me desestabilizar em segundos? O que ele pretende? Isto só piora tudo. Eu não posso deixar um homem fazer isso comigo, eu preciso lutar contra tudo isto. Vou apagar ele da cabeça!

Corro até minhas pernas doerem ao som de Love The Way You Lie, no meu Ipod, a música fala de um relacionamento intenso cheio de despedidas e perdão. *Não posso focar na letra, preciso me focar na batida da música e correr até cansar... correr até malditamente cansar.*

Volto para o hotel, vou para o quarto, verifico meu celular e há uma mensagem de texto... *dele.*

“Não vou desistir assim tão fácil. Aceite isso. VKH”.

Ele não vai desistir tão fácil? Do que? De me atormentar com suas palavras sedutoras e suas atitudes de garanhão de merda! Ah, que homem egocêntrico.

Tomo café da manhã, e passo o dia todo evitando pensar em Victor. Para variar, sem sucesso.

Miguel me ligou convidando para um almoço, mas recusei, não quero correr o risco de encontrar Victor pela cidade. Eu preciso focar na empresa, vamos ter que recorrer a alguns bancos e quem saber fazer empréstimos, neste caso teremos que deixar o patrimônio da empresa no Brasil como garantia, mas não sei se isso será suficiente.

Plano B aí vamos nós.

♠ *Sopro de ar fresco* ♠

Desembarcamos na África, é uma noite quente e tudo na cidade tem o mesmo clima familiar que eu me lembrava. As ruas movimentadas, veículos e motos pelo trânsito barulhento, o comércio cheio de gente. Vamos para o Gaweye Hotel por enquanto. Precisamos alugar rapidamente uma casa, apesar do conforto, este hotel tem o preço bastante elevado e não viemos aqui para ficar no luxo.

Amanhã vamos conhecer uma casa bem próxima á Abejide, ele está nos ajudando muito, enquanto estivemos fora ele organizou todos os agricultores locais em um cadastro, são homens assim que fazem as coisas valerem à pena. O fato de tantas pessoas estarem depositando sua confiança em nós me impede de desistir. Seja quem for que está tentando nos tirar do caminho, terá muito trabalho.

Eu não entendo se realmente há alguém interessado em nos tirar daqui, talvez tudo não passe de medo das pessoas de aceitarem o novo, isso não quer dizer que tenha alguém por trás aterrorizando, com planos mirabolantes. Parece muita ficção policial para o meu gosto.

Estou com bons pressentimentos, Miguel disse que Mônica conhece uma empresa que administra um fundo de investimentos apoiadora dos projetos da ONU. Vou encaminhar um e-mail para o Brasil pedindo que levantem as informações sobre esta empresa. Como dizem por lá, a esperança é a última que morre.

Entro no quarto, tiro meus sapatos e relaxo na confortável cama, a viagem foi bastante cansativa, mas vale à pena, estar aqui traz bons sentimentos. Niamey é vibrante, o céu é estrelado e límpido, apesar do horário, é impressionante o calor desta cidade. Certa vez eu li que dias quentes deixam as pessoas mais felizes, talvez sim, em dias de calor, tenho mais vontade de sair de casa, de caminhar. Sem contar que estou mais morena, bronzeada, isso é ótimo.

Parando pra pensar, olhe quanta coisa têm acontecido ultimamente, quantas pessoas e lugares eu conheci. Este, sem dúvida, é um momento de boas mudanças na minha vida... pelo menos é o que eu espero...

Rá! Não finja que está tudo perfeito garota.

Mas, pensando bem... é bom mentalizar coisas boas.

Foco Helle.

Preciso ver as últimas notícias, acessar meus e-mails, tenho andado um tanto ausente de informações ultimamente.

Vou até a mala e pego meu notebook, abro, acesso meu e-mail, e sinto meu peito acelerar quando vejo o nome *dele*... quase caio pra trás, entre as mensagens recebidas há uma de Victor.

De: Victor K. Harris [malito: VKHarris@KHarriscompany.com]

Enviada em: segunda-feira, 30 de maio de 2011 13:58

Para: Maria Hellenavagnolli [malito: mariahellenavagnolli@gmail.com]

Assunto: Não acabamos

Querida Helle

(Sim, escrevi 'Querida Helle' por que acho que já sou íntimo pra isso).

Existem muitas coisas que você desconhece. Por hora, há algo que precisa saber: quero você mais do que já quis qualquer outra pessoa na minha vida.

E você Maria Hellen, também me quer?

Não acabamos por aqui.

Ainda sinto seu gosto.

Victor K. Harris

CEO

KHarris Investment Company & Financial Holdings

Ele só pode estar brincando comigo. Deve estar achando tudo isto muito engraçado. Victor Harris é um homem sádico, é a única explicação. *Tudo bem... tudo bem... você não vai mais vê-lo e tudo vai ficar muito bem.*

Mas que droga! O que ele ganha com tudo isso? Será que sou tão divertida assim?

Desligo a máquina *mensageira da desestabilidade* e deito na cama, abraçada ao meu corpo. Tento dormir, amanhã faremos muita coisa e tenho que estar bem disposta. De qualquer forma, estou muito feliz em estar aqui, agora sinto que as coisas vão dar certo. Pensar no *deus-grego-sem-consideração* é somente um efeito colateral da decisão errada que tomei. Vou virar esta página e cair de cabeça no trabalho

.

O dia amanhece quente como sempre. Vou ao restaurante do hotel tomar café e encontro Miguel. Ele alugou novamente aquele veículo e estamos prontos para ir ao vilarejo de Abejide ver a nossa futura casa. Não penso em nada muito grande, talvez com dois quartos, sala e cozinha será perfeito.

Chegamos ao vilarejo e somos recebidos pela família de Abejide, sua esposa, uma mulher tímida, me dá um abraço e ele me saúda com um sorriso enorme, totalmente acolhedor. Entramos em sua casa e ele nos conta às últimas novidades, há um grupo de homens rondando sua casa e tentando intimidar os moradores da região. Abejide diz que comprou uma arma e aconselha que façamos o mesmo. Percebo que Miguel considera a ideia, mas eu não sei se isto é uma coisa boa.

Caminhamos duas quadras para conhecer a casa disponível. É uma casa de madeira, grande, com o piso de madeira bem cuidado e janelas amplas de frente para a rua, a sala é o primeiro e maior cômodo, cabe tranquilamente dois sofás, nossa mesa de trabalho e até uma mesa de jantar. Os dois quartos são voltados para os fundos, mais ou menos do mesmo tamanho e entre eles há um banheiro, básico, com chuveiro, sanitário e pia. A cozinha é uma graça, pequena, com armários, e um balcão que a separa da sala. No geral a casa é muito aconchegante. Não há cerca ou muro, a porta da sala é de frente para a rua, me sinto muito bem aqui. Miguel vai acertar os detalhes com o proprietário e iremos morar em poucos dias.

Despedimos de Abejide e sua família. Voltamos para o hotel, daqui a pouco teremos um encontro com Chioke, o político de esquerda. Miguel manteve contato com ele enquanto estávamos em Nova Iorque, todos os arranjos legais estão sendo feitos com a ajuda dele, isso é uma grande coisa, precisamos mesmo de pessoas assim.

Entro no quarto, ligo o computador para verificar minhas mensagens e fazer contato com o Brasil. Para o meu alívio, não há nenhuma mensagem do *deus-grego-sem-consideração*.

Alivio mesmo Maria Hellena?

Desço para o almoço com Miguel e Chioke, me aproximo da mesa e percebo que há mais um homem com eles. Os três ficam em pé, dou a mão para Chioke saudando-o, ele trata de apresentar o seu amigo.

– Senhora Maria Hellena, este é Felipe Santiago, é um grande amigo e vai nos ajudar muito.

Caramba! Que homem lindo, pele bronzeada, alto, forte, cabelos castanhos, maxilar quadrado, *minha nossa!* Acho que estou até meio ruborizada com a visão.

– Olá Felipe, é um prazer conhecer um amigo de Chioke.

Ele sorri exibindo dentes brancos e perfeitos. Sorriso muito bonito.

Todos se sentam e fico ao lado de Chioke. Ele fala da relação enorme de documentos que precisamos para oficializar a empresa. O governo está pegando um pouco pesado com a gente, e na opinião de Chioke, o partido político que governa o Niamey não é muito favorável ao nosso projeto.

Observo Felipe, ele exala masculinidade e tem um cheiro muito agradável, parece ser jovem. Percebo que ele também me olha de um jeito tímido, mas com um sorriso nos lábios. Chioke olha de mim para Felipe, com olhar curioso.

– Meu amigo aqui – diz Chioke, apoiando a mão no ombro de Felipe – é um grande parceiro e já encontrou um bom lugar para fixar a empresa.

– Fico muito agradecido por isso Felipe – diz Miguel com sinceridade. Acho que ele já gostou de Felipe de cara, assim como eu, ele deve ter sentido a energia boa vindo de Felipe.

– Vocês podem contar comigo - Felipe fala de um jeito honesto, de bom sujeito.

Não deixo de perceber que enquanto conversamos, Felipe me observa, olho para ele de vez em quando, só para confirmar, mas ele rapidamente desvia o olhar. Deve ser impressão minha. Ultimamente tenho *achado* coisas demais.

Termino de almoçar e já estou pronta para o trabalho. Combinamos que Miguel e Chioke vão à prefeitura protocolar alguns documentos enquanto Felipe e eu veremos o imóvel.

Subo rapidamente ao quarto, escovo os dentes e pego minha bolsa.

Desço do elevador e vejo Felipe me esperando no hall, ele está distraído olhando para as molduras na parede, tenho tempo para observá-lo melhor. Ele é um cara grande e muito forte fisicamente, está usando uma calça sarja e camiseta branca que desenha seus músculos, provavelmente tem menos de trinta anos, o conjunto completo é bem charmoso. *Mas não devo pensar isso, sou uma esquerda para homens e pronto.*

Entro em seu carro a caminho do vilarejo. Olho para fora, conforme nos distanciamos do centro, o verdadeiro Níger se apresenta, a paisagem é seca, não há nada em quilômetros de distância, como um deserto.

No nordeste do Brasil, algumas cidades ficam até três anos sem receber uma gota de chuva, este foi o nosso maior desafio, trazer água suficiente para criar vegetação e alimentar os animais. Isso só me leva a pensar que sem um investimento substancial, teremos uma grande barreira.

Estou perdida em meus pensamentos e ouço Felipe limpar a garganta, quebrando o silêncio.

– Você me parece bastante jovem, se me permite observar, senhora Maria Hellena, por que escolheu vir para cá?

Viro para ele e percebo sua hesitação, embora seu rosto ofereça um sorriso amigo. De algum jeito, este estranho me transmite paz.

– Por favor, pode me chamar de Maria Hellena – respiro fundo tentando processar uma resposta honesta – Estar aqui é muito importante pra mim, Felipe, quero isso há muito tempo, preciso disso – ele me olha com atenção, olhos castanhos lindíssimos e cílios grandes... de tirar o fôlego.

– Sei bem como é isso.

– Você nasceu aqui no Níger? – ele não me parece africano.

– Não, meus pais eram médicos membros da cruz vermelha e vieram para cá quando eu tinha quatorze anos, somos do sul da Espanha – ele fala sorrindo, mas há certa melancolia no olhar.

– E seus pais ainda estão aqui?

– Não Maria Hellena, eles faleceram dois anos depois, vítimas de um ataque de guerrilheiros. De certa forma eles já esperavam por isso, naquela época as coisas eram bem difíceis... Isto já tem doze anos.

Deve ter sido bem difícil.

– E você decidiu ficar aqui mesmo depois do que aconteceu? – acho que estou me intrometendo demais – Desculpa, eu não quero ser intrometida.

– Não, tudo bem, eu não tenho problemas em falar sobre isso. Eu sou filho único e tenho muito orgulho de meus pais. Se eles tomaram a decisão de vir pra cá ajudar este povo, eu deveria ficar e continuar este trabalho. Isto significa muito pra mim.

– Entendo bem como é isso Felipe.

Voltamos a ficar em silêncio.

Chegamos ao local. Felipe desce do carro e cuidadosamente abre a porta pra mim. É um imóvel com quatro salas e a poucos quilômetros de distância de onde vamos morar. É perfeito.

– Acho que aqui é ideal Felipe, localização e tamanho ideais. Por mim, podemos assinar o contrato de locação.

Felipe parece satisfeito, ele pessoalmente procurou este imóvel para a empresa.

Voltamos para o carro, observo seu rosto entusiasmado com a escolha, vejo um cara muito bonito, por dentro e por fora e um grande aliado. Quero saber mais sobre ele e resolvo puxar assunto. Alguma coisa nele me faz confiar.

– E então, o que exatamente você faz Felipe?

Ele demonstra tranquilidade com a pergunta.

–Chioke, Faruki e eu temos a ONG e auxiliamos as pessoas do jeito que podemos, com remédios, alimentos e mantemos a escola.

Ele vira seu rosto e me olha, arqueia levemente a sobrancelha e abre um sorriso sincero.

– Mas se quer me perguntar como eu me mantenho financeiramente, Maria Hellena, meu pai era filho único também, meu avô paterno possuía algumas propriedades na Espanha, ele faleceu logo depois de meus pais, então herdei alguns milhares de dólares, mas resolvi não tocar neste dinheiro. Tenho uma aplicação financeira e retiro somente o necessário para as despesas mais básicas.

Não é arrogância, é franqueza.

Ele é um cara intrigante.

Voltamos para o hotel, me despeço de Felipe e mando uma mensagem parra Miguel.

“Loiro, quando voltar venha ao meu quarto.”

Eu preciso falar com Miguel sobre uma ideia que me ocorreu, Felipe é uma cara legal e sinto que posso confiar nele, quero saber a opinião de meu amigo sobre o chamarmos pra trabalhar com a gente.

Falo para Miguel, e ele concorda que Felipe será um grande aliado. Miguel me disse o que Chioke lhe contou sobre Felipe, ele de fato tem muita grana, mas abdicou de tudo para viver aqui, e a população gosta muito dele.

É quase oito horas, tomo café da manhã com Miguel, ele está especialmente feliz hoje e imagino que Mônica tenha grande parte disso.

–Bebê, já falei com Felipe e ele aceitou trabalhar com a gente.

Que maravilha!

– Que bom Loiro, eu sinto que ele vai nos ajudar muito. Mas não é por isso que você está todo felizinho, é?

Ele dá uma piscadela, levando uma xícara de café á boca.

– As coisas estão indo bem com a Mônica, achei que vindo pra cá, eu cavaría ainda mais a distância entre nós, mas pela primeira vez, eu realmente sinto que nós vamos ficar juntos, sabe.

Puxo-o pra junto e dou um abraço.

– Ainda bem, não aguentava mais ver você chorando pelos cantos.

Ele estreita os olhos e me aperta, fazendo cócegas. Amo demais este homem, é meu grande irmão.

Dou uma corrida ao entorno do hotel, estou muito bem esta manhã, passei uma noite tranquila, depois de vários dias, consegui dormir sem pensar tanto *nele*. Talvez isso passe rapidamente e daqui a algum tempo nem vou lembrar que conheci Victor Harris. *Espero*.

Hoje vamos nos mudar para a nossa casa, estou empolgada com a ideia, todos estes dias no hotel não foi nada barato. Tomo banho, coloco um vestido fresco e vou com Miguel a algumas lojas para comprar utensílios e móveis que estão faltando para a casa. É adorável como a cidade é rica em artesanato.

Chegamos á casa e somos surpreendidos pela quantidade de gente com presentes para o nosso novo lar. Recebemos colchas, vasos, enfeites, tudo muito colorido e feito pelas mulheres daqui. Meu coração está inflado de alegria. Estamos conquistando o carinho destas pessoas, e o trabalho ainda nem começou.

Felipe veio para nos ajudar, coloco algumas coisas que compramos no lugar, lavo os utensílios da cozinha e preparo um jantar pra nós três. Observo Miguel e Felipe interagindo como se já se conhecessem há muito tempo, a visão é impressionante, dois homens lindos, jovens, e que tem se importam com o próximo, querem ajudar este povo sofrido. Como sou sortuda em ter Miguel na minha vida, e agora Felipe.

É uma noite tranquila, este é o local onde eu planejei estar. Nos últimos tempos passamos por muita coisa até chegar aqui. O investimento ainda é nosso problema principal, mas vamos encontrar alguém que vai emprestar este dinheiro. Eu preciso me concentrar aqui, e tudo vai dar certo.

Acordo com o sol entrando pela janela e com os barulhos de crianças brincando na rua. É interessante como a gente consegue fazer de qualquer lugar no mundo, um lar. Parece que sempre vivi nesta casa, até o cheiro me é familiar.

Hoje vamos para o local onde será a empresa. Coloco uma roupa leve e saio com Miguel. No caminho, observo que ele está um tanto queimado de sol, isso só faz dele ainda mais lindo.

Estacionamos em frente ao nosso novo endereço e encontramos Felipe, Chioke, Faruki e até Abejide, todos prontos para ajudar com a arrumação. A mobília foi comprada de segunda mão, mas está tudo perfeito, com tanta gente ajudando, nosso cantinho está pronto. Deixamos uma sala para Miguel, uma para Felipe e uma pra mim, a outra sala ajeitamos para reuniões.

Já é noite e vamos todos para a casa de Abejide. Há muita comida e uma fogueira para comemorar nossa primeira conquista: o novo escritório. Alguns moradores se juntam a nós. Estamos no quintal, rodeados por música e crianças dançando um ritmo alegre, é uma festa, definitivamente.

Afasto-me um pouco e sento perto da fogueira observando as labaredas.

Sinto um pequeno aperto no peito com o medo decepcionar essas pessoas. Eu não posso decepcionar essa gente, não posso.

Precisamos encontrar um investidor.

– O que está te afligindo Maria Hellena? - eu não percebo sua aproximação até Felipe se unir a mim, sentando-se ao meu lado.

A luz do fogo dá a ele um charme ainda maior, ele é mesmo muito bonito, para não dizer extremamente sexy... *OMG para onde meus pensamentos pensam que vão.*

Desvio o olhar para a fogueira, os olhos de Felipe são intensos e de alguma forma, ruborizo com meus pensamentos sobre sua beleza.

Pego um graveto no chão e arranho a terra.

– Ainda temos que conseguir o investidor Felipe, nós temos certa quantidade em caixa, mas sem um investimento maior, as coisas não vão caminhar bem – eu sinto confiança em contar isso á ele.

– Eu posso ajudar, eu quero muito ajudar, conheço vocês há pouco tempo, mas sei o que vocês pretendem fazer.

Ele está sério neste momento e eu simplesmente não sei o que falar.

– Felipe, isto é adorável, mas não é assim que as coisas funcionam. Além do mais, ainda temos uma esperança, estamos apenas aguardando as informações do Brasil. Possivelmente, teremos contato com um investidor – olho para seu rosto – Agradeço de

coração pelo seu interesse, você já está ajudando muito e sei que com você, nós teremos sucesso aqui.

Nesse momento, olhando para seus olhos intensos, percebo o quanto Felipe é generoso e que podemos contar com ele.

Passo o restante da noite falando sobre coisas banais, rindo, ouvindo lendas de moradores antigos. É uma noite extremamente agradável.

Volto para casa, preciso descansar, amanhã vamos organizar as estruturas de trabalho e quero que tudo aconteça bem.

Deito na minha cama e fico olhando para a brecha de luz da lua que invade o quarto. A vida aqui é simples, Felipe é um cara bom, as pessoas do vilarejo são acolhedoras e confiam na gente. Precisamos fazer dar certo.

Corro em uma estrada escura, me falta o ar, estou desesperada, olho para trás e Thiago atrás de mim, me perseguindo, seus olhos são frios, ele fede a álcool e está me alcançando. Suas palavras são grosseiras, estou com muito medo. Não posso deixar ele me pegar. Escuto uma voz familiar me chamar, é Victor, ele veio me salvar, que alívio, ele está aqui para me salvar! Suas mãos me puxam para si, seu abraço é muito forte e quente, estou salva! Seguro seu rosto com minhas mãos para agradecer, mas ele subitamente me solta e se afasta. Ele me abandona, estou sozinha, completamente sozinha.

Acordo suada, transpirando e tremendo... sonhei com Victor e com Thiago... no mesmo sonho! Inacreditável! *Que droga, não bastasse meus pesadelos com um, agora sonho com os dois.*

Levanto da cama com uma tremenda necessidade de correr, mas não posso, ainda não conheço a região completamente.

Estou enjoada. Preciso trabalhar. O trabalho sempre me resgatou e hoje mais do que nunca preciso dele.

Vou para a empresa e mergulho de cabeça nas minhas obrigações, recebendo documentos e atendendo aos agricultores. Miguel e Felipe estão nas salas ao lado, fazendo o mesmo.

Nosso projeto se alicerça em reunir e investir. Converso com alguns moradores que cultivam algodão em pequena escala, e vendem para a mesma fábrica local com o preço totalmente baixo, mal sustenta os custos. Com dinheiro podemos investir na estrutura do cultivo com tecnologia e insumos, e na concentração dos produtores espera aumentar o poder de barganha.

É sábado de manhã, Miguel e eu estamos indo com Felipe para conhecer a ONG que ele ajuda, são crianças desnutridas que recebem cuidados da equipe de Médicos Sem Fronteira, uma instituição universal de ajuda humanitária, Felipe atua no setor de compra de medicamentos para a organização, ele conta que muitas vezes os remédios chegam ao país contrabandeados, com preços absurdos, mas é a única opção. O governo não faz sua parte na distribuição de medicamentos. Algumas crianças além de desnutridas portam o vírus HIV. Suspeito que Felipe banca financeiramente estes medicamentos.

Volto pra casa. Quanto mais próximo eu fico de Felipe, mais carinho eu sinto por ele. Ele é um cara generoso, sem egoísmos ou conflitos, tem dinheiro, mas não ostenta com ternos caros, não me trata como um pedaço de carne respeita a mim e as minhas escolhas. *E lá está a lembrança de Victor. Arg!*

Demoro a dormir, mas passo uma noite tranquila, sem *sonhos...* sou realmente grata por isso.

O domingo está lindo, almoço com Felipe, e me sinto leve, ele é divertido, me faz rir. O dia se passa como um sopro. A semana se passa muito bem. Já cadastramos quase todos os moradores de três vilarejos próximos. O Brasil está negociando uma reunião entre nós e a empresa indicada por Mônica, e a legalização da empresa no Níger está pronta. Estou cada dia mais próxima de Felipe e o considero como um grande amigo.

♠ *Visita inesperada* ♠

Hoje é quinta feira e estou sozinha no escritório, Miguel foi para o centro e Felipe chegará um pouco mais tarde.

Digito algumas informações no computador. Estou completamente concentrada na tela, mas, de repente sou puxada de meus pensamentos por um cheiro maravilhoso no ar. O cheiro *dele*. Levanto a cabeça, acho que estou tendo uma alucinação.

E estou ficando louca mesmo! Só pode! Isto é uma miragem, coisa da minha cabeça!

Victor está parado na porta da minha sala, com os braços cruzados sobre o peito, encostado no batente, me observando, com um sorrisinho nos lábios.

Como ele me encontrou? *Como ele entrou aqui? Como foi que eu não o ouvi se aproximando?* Estou paralisada, meus olhos nos seus.

Minha Nossa! Esse cara não tem dia ruim? É possível ele ficar ainda mais bonito do que antes? Que raio que esse cara faz pra ficar assim?

Ele abre um sorriso, tão sexy que sinto meu rosto queimar.

– Victor? O que você faz aqui? – estou em choque.

– Vim saber se a internet desse país funciona – ele fala de um jeito sério, mas com o sorriso de canto de lábios... *e que lábios lindos!*

Mas que porra é essa que ele está falando?

– Hã?... do que *exatamente* você está falando Victor?

– Eu te mandei um e-mail com uma pergunta. Aguardei a resposta por dias, como ela não chegou vim me certificar que está tudo certo com os computadores daqui.

Ele está debochando de mim? Eu só posso estar doida, esse cara vem até aqui pra me provocar?

– É sério isso Victor? Você veio mesmo de tão longe para debochar de mim? Você não tem mais o que fazer no seu mundo de negócios? Está entediado e resolveu se divertir um pouco? – estou realmente irritada.

– Quantas perguntas Helle. – ele faz uma falsa expressão de ofendido – Eu também estava com saudades de você. Mas não, eu não vim aqui me divertir, tenho negócios na cidade e passei para ver se está tudo bem por aqui.

– Então, acho que já viu – falo asperamente. Ele me desestabiliza.

– Vejo que você está mesmo levando essa história a sério. Com todo o perigo que corre, está insistindo nisso, quando poderia apenas administrar de longe – ele fala mais para si mesmo do que para mim.

– Porra! Que saco Victor! Eu já te falei um milhão de vezes, isto é uma escolha minha, respeite! – eu não consigo manter o equilíbrio, acabo falando alto demais.

Este homem consegue me levar de oito a oitenta em segundos.

– Eu respeito, mas o que você não entende é que me preocupo com você neste lugar. Penso nisso todos os dias – ele fala calmo, baixo. Essa voz consegue me deixar louca.

Apesar da tensão que está tomando conta de cada músculo, não consigo ficar alheia à sensação de ver ele depois de tanto tempo. Eu sinto a onda de eletricidade percorrendo meu corpo, o cheiro dele é inebriante e estar aqui, tão perto, me faz lembrar o quanto ele mexe comigo, o quanto eu estou gostando de revê-lo. Mas eu não posso com isso. É muito pra minha cabeça.

– Ok Victor, você já me viu, estou bem e acho melhor você ir embora. Agora.

Ele dá um passo á frente. Fico tão tonta com a presença dele que nem percebo que já estou em pé. Recuo alguns passos e sinto a parede atrás de mim. Ele chega mais perto, com a cabeça levemente inclinada, seu corpo quase tocando o meu, ele está lindo, calça jeans escura e camisa branca dobrada nas mangas, seu cheiro e sua respiração quente são uma mistura tentadora demais pra mim. Estou mole. Sua cabeça está a uns dez centímetros da minha. Ele diminui a distância entre nós, lentamente, e me beija no rosto, um beijo suave, quente, macio... *eu não posso permitir! Preciso ficar longe desse homem! Deus me ajude a não fraquejar!*

Dou um passo para traz e fico prensada contra a parede, tentando manter o máximo de distância que consigo de seu rosto, o que nesse momento não é quase nada. Ele me observa, com um meio sorriso nos lábios e olhos triunfantes, vendo o estado em que fiquei. *Victor gosta de me desequilibrar!*

– Quero te ver, jante comigo hoje – suas palavras roucas só fazem aumentar o ritmo que meu coração está neste momento.

Fecho os olhos bem apertado por alguns segundos. Preciso evitar a distração e resistir.

Isso garota, seja forte, resista, resista!

Cravo minhas unhas na palma de minha mão na tentativa de tirar meus pensamentos do *senhor-rosto-perfeito* em minha frente e focalizar na dor. Respiro fundo e limpo a garganta, para que minha voz não demonstre minha fraqueza.

– Eu não posso Victor. Tenho compromisso esta noite – falo do jeito mais indiferente que posso, para que ele não perceba que estou mentindo.

–Tudo bem – ele diz meio desconfiando, estreitando os olhos – vamos jantar amanhã então.

Seu tom de voz não quer deixar brecha para argumentação.

Como é que pode? Ele acha mesmo que pode chegar aqui e simplesmente ordenar suas vontades. Que ego!

– Eu também não posso Victor, estou cheia de trabalho e eu não pos... – ele não me deixa terminar a frase. Com um movimento dominante, ele diminuiu o minúsculo espaço que havia entre nós, ameaçador, dominador e terrivelmente sexy. Fico muda

Sua testa está por um centímetro da minha, ele me acuou na parede como um grande urso pega sua pequena presa, seu corpo todo exalando masculinidade, fico paralisada, pela segunda vez hoje! Esse homem é um trator.

– Você vai jantar comigo nem que eu tenha que te buscar a levar pendurada nos meus ombros.

– O que está acontecendo aqui Maria Hellen? – é a voz de Felipe.

Victor se afasta apenas um passo e vira a cabeça na direção em que Felipe está. Deste ângulo posso ver Felipe parado na porta, seus olhos estão negros. Ele encara Victor com um rosto impassível. Nunca vi esta expressão nele, Felipe é sempre muito sereno, mas a postura rígida de seu corpo indica que ele está tenso. *Rá! Somos dois!*

Sinto uma imediata necessidade de explicar a Felipe o que ele acabou de ver. Desvio rapidamente de Victor e vou até Felipe, sem pensar muito, toco seu braço acalmando-o... e ganhando espaço longe do *deus-grego-dominador* para me acalmar.

– Está tudo bem Felipe – *tá tudo bem, esse homem aqui é um safado, dominador, lindo, sexy e me deixa inacreditavelmente boba, mas está tuuudo bem.*

Victor olha a minha mão tocando o braço de Felipe e estreita os olhos, é palpável o clima não muito amistoso que tomou conta da sala. A cena toda é ridícula, estou entre dois homens grandes e fortes que se olham como se fossem se atacar a qualquer momento.

Para tentar amenizar o clima, trato de apresentá-los.

– Este é o senhor Harris, ele é um empresário de Nova Iorque e está na cidade á negócios.

Viro para Victor, ele tem a expressão gelada.

– Este é Felipe Santiago, um amigo que está nos ajudando muito – ambos se olham, parecendo dois cães.

Victor se aproxima imponente, estendendo a mão para Felipe, com um sorriso amigável em seus lábios... *muito suspeito essa mudança de atitude.*

– É um prazer senhor Santiago. Sou Victor, amigo da *Helle* – ele fez questão de me chamar de Helle. *Ah! O ego masculino!*

– O Senhor Harris já está se saída – digo olhando para Felipe.

Victor chega bem perto de mim, abre um sorriso vitorioso nos lábios, quase provocativo, pega minha mão e leva aos lábios, dá um beijo suave me olhando nos olhos.

– Até amanhã Helle, mandarei mensagem – ele dá uma piscadinha – Estou ansioso por isso.

Victor faz um aceno de cabeça para Felipe se despedindo e sai da sala. Olho para o chão tentando disfarçar, mas Felipe me observa.

– Está tudo bem Maria Hellen?

– Sim Felipe, obrigado – volto para minha cadeira e Felipe continua me olhando.

– Então ele é seu amigo... – Felipe fala baixo, não é uma pergunta, é mais uma afirmação.

Sei que ele está sem jeito de perguntar, mas quer saber o que estava acontecendo.

– Ele é um empresário de Nova Iorque, há um tempo nós solicitamos o investimento da empresa dele, Felipe, e ele me pediu pra jantar com ele amanhã.

Percebo que a expressão de Felipe mudou, ele está sério, parece até que está com... *ciúmes? Não, não mesmo!*

– Eu sei que não é da minha conta, mas você tem alguma coisa com ele? – Felipe desvia o olhar, ele não consegue me encarar.

– Não – falo baixo.

E isso não deixa de ser verdade.

Sei que no fundo, Felipe não comprou esta história, mas eu não posso abrir minha intimidade pra ele, nem eu sei o que sinto. Ele me observa encostado na porta com os braços cruzados sobre o peito e o dedo indicador sobre os lábios, me avaliando sutilmente enquanto mexo em alguns papéis em minha mesa com as mãos atrapalhadas, e simplesmente sai da sala me deixando sozinha.

Eu volto para meus afazeres, mas concentrar-me é quase impossível, Victor acabou de arruinar meu dia, não consigo parar de pensar nele. *O que ele veio fazer aqui? Será que*

ele veio me ver? Não... não viaja Maria Hellen, ele jamais faria isso, ou já se esqueceu da última vez que viu ele na boate?

O dia se arrasta como uma eternidade. Estou esgotada e gostaria de ir pra casa, me enfiar em baixo de um chuveiro quente e tentar acalmar meus nervos, que estão especialmente agitados por descobrir que o *deus-grego-safado-dominador* está tão perto.

Olho para o relógio e já passa das seis da tarde, fecho meu computador e saio da sala. Felipe também está saindo, mas o clima está meio estranho entre nós. Depois do *incidente* com Victor, nós conversamos bem pouco durante o dia. Caminhamos até a porta, meio desajeitados, levo minha mão à maçaneta e ele faz o mesmo, então sua mão quente e forte envolve a minha, olho em seus olhos e vejo um brilho diferente. *OMG! Felipe nunca me olhou assim. O que está acontecendo?* Sou rapidamente tirada do meu estado de distração em função dos acontecimentos do dia e nem sei como reagir, até parece uma cena daqueles filmes. Um calor estranho toma conta do ambiente e chega até meu rosto, me fazendo ruborizar. Tiro minha mão e deixo que ele abra a porta para o começo de noite de Niamey.

– Eu te levo em casa Maria Hellen – acho que ele ficou tão sem jeito quanto eu.

Prefiro não recusar, eu quero manter a atmosfera mais normal possível entre nós, ele é um amigo querido e eu não estou em meu dia mais favorável com Victor invadindo o meu ambiente.

Caminhamos até seu carro, ele está com as mãos no bolso, e distraidamente chuta uma pequena pedra do chão. Entro em seu carro e fazemos o caminho até a minha casa em silêncio. Na porta ele se despede e eu sinto que ele está distante, ele não me olha. *O que está acontecendo?*

Entro em casa, graças aos céus, eu preciso mesmo ficar sozinha. Imediatamente! Vou para o quarto, caio na cama e fico olhando para o teto. Preciso assimilar tudo o que aconteceu. Primeiro a chegada de Victor. Por que ele veio? Que história é essa dele sentir saudade? Qual a intenção dele? Eu preciso raciocinar isto não está certo. Será mesmo que ele veio á cidade a negócios e resolveu passar somente para brincar comigo? Acho que ele não seria tão canalha assim. Mas então por que ele veio? Preciso tirar isso

tudo a limpo e encerrar de vez este assunto com Victor. Tenho que colocar um basta nisso. A presença dele não pode me afetar tanto, é errado, não é saudável.

E o comportamento de Felipe? Ele ficou com ciúmes de mim? Não. *Com certeza não.* Ele é um cara bom demais pra ficar se atendo á este tipo de coisa. Felipe é maduro e sensato. Mas por que ele está estranho comigo? O que foi aquela reação quando tocamos as mãos? Será que alguma coisa entre nós mudou? Será que ele ainda quer ser meu amigo? Tenho que cuidar com as coisas que faço, ele é uma das últimas pessoas no mundo que eu gostaria de magoar.

Ouçó uma batida na porta e Miguel entra no quarto. *Caramba! Ele sabe mesmo quando preciso dele por perto.*

– Tá tudo bem bebê? – ele se senta na cama, ao meu lado.

Conto tudo o que aconteceu hoje pra ele. Todas as dúvidas que estão quase explodindo minha cabeça. Ele me escuta atentamente, acho que falei tanto que ele até deitou ao meu lado.

– Helle, não tem como negar, Victor sente algo por você, ele não viria aqui à toa. Ele é o tipo de homem que não perde tempo. Ele já provou que se preocupa com você. Agora, você precisa saber o que *você* sente.

– Mas Miguel, foi ele que não me ligou e saiu com aquela mulher pouco tempo depois de ficar comigo. Eu não consigo entender este tipo de atitude. Isto não é coisa de quem se preocupa comigo. Ele me desestabiliza muito. Isto não pode ser bom pra mim.

– Eu entendo seus medos e acho que ele não agiu muito bem com você, mas tente ouvir os motivos dele.

– O problema não é ele, ou o que ele fez... sou eu e meus milhões de traumas que você bem sabe. Eu pensei muito durante todo esse tempo, e acho que o fato de ele ter saído outra pessoa me mostrou que ele pode me arruinar muito mais do que qualquer coisa que já tenha acontecido comigo antes.

– Ou não. Você não tem como saber. Você é corajosa demais para ter medo bebê.

– E Felipe? Por que ele reagiu assim? Você acha que eu devo conversar com ele?

– Helle, você é uma mulher incrível, não é muito difícil se encantar por você e pode ser que isto esteja acontecendo com Felipe. Ele é um cara bom, eu acho que você tem que ter cuidado.

– Eu não quero magoá-lo. Nunca.

Conversamos por mais um tempo, ele me contou que fala com a Mônica todos os dias, ela está ajudando nossa empresa a fazer contato com um novo investidor, tenho fé que com este, as coisas darão certo. E por falar nela, o telefone de Miguel toca e ele sai do quarto.

Abro meu e-mail e há uma mensagem de Victor.

De: Victor K. Harris [mailto:VKHarris@KHarriscompany.com]

Enviada em: quinta-feira, 09 de junho de 2011 18:42

Para: Maria HellenaVagnolli [mailto:mariahellena.vagnolli@gmail.com]

Assunto: Não vejo a hora de te encontrar

Minha Helle

(Sim, MINHA, não se esqueça disto, você é minha).

Estou ansioso pelo nosso jantar. Passo na sua casa amanhã as 19:30. Temos muito que conversar.

Com amor.

Victor K. Harris

CEO

KHarris Investment Company & Financial Holdings

Até em uma mensagem de e-mail ele consegue me deixar sem fôlego. “Minha Helle” por que ele faz essas coisas? Ele sabe o quanto me afeta, estou muito ansiosa para vê-lo também. Preciso colocar algumas coisas a limpo com este homem. Quando eu olho pra ele só consigo pensar o quanto o quero, Victor é um cara muito requisitado, tem milhares de mulheres disponíveis pra ele e está aqui, em outro continente, me pedindo pra jantar com ele. Tenho que dar um voto de confiança.

Durmo pensando muito em Victor e Felipe. Ambos com uma beleza enlouquecedoramente sexy, mas tão diferentes. Felipe tem um coração bom, abriu mão da própria vida para ficar aqui neste país abandonado pelo mundo, ele é generoso, envolvente. Acho que seria um bom companheiro. Victor é oposto, é agressivo com as coisas que ele deseja, sem cerimônias, escolhe mulheres como se escolhesse roupas de grife, mas algo em seus olhos faz com que eu acredite que ele é um homem bom só não quer que as pessoas saibam, ou vai ver, eu é que quero que ele seja assim.

♠ *Só posso estar sonhando* ♠

Acordo cedo e preparo um café forte, Miguel ainda não saiu do quarto. Ouço duas batidas na porta, abro e me deparo com Felipe.

– Bom dia Felipe... está tudo bem?

– Tá sim Maria Hellena, só pensei em passar aqui tomar café da manhã com vocês. Tudo bem?

Ele está especialmente bem hoje, parece mais “normal” do que ontem. Além de muito bonito e cheiroso, como sempre.

– Claro que sim Felipe, você já é da casa, entre.

Ele se senta na banquetta do balcão da cozinha, eu sirvo café em duas xícaras e dou uma á ele.

– Fiz um café agora mesmo. Cafeína me ajuda acordar – sento em sua frente.

Felipe pega a xícara e me olha de um jeito meio diferente. Não é mais um olhar de amigo, parece mais um olhar tipo “de homem para mulher”. *Será que estou vendo coisas?*

– Hoje pelo jeito fará um dia quente – tomo um gole do meu café, disfarçando e tentando puxar algum assunto.

– Pois é... Hoje você tem aquele jantar com o cara americano não é? Tomara que dê tudo certo com o investimento – ixi. Ele está tentando tocar no assunto “*Victor*”? Isso não é muito bom.

– Aham, tomara... – bebo mais um pouco do café – e você Felipe, depois que veio morar no Níger já voltou para a Espanha? – mudo rapidamente de assunto.

– Não, não voltei ainda. Nem sei se tenho o que fazer lá. Minha família praticamente está morta, tenho alguns tios por parte da minha mãe, mas não sei ao certo onde moram.

Ele aceitou a mudança de assunto, para o meu alívio. Não quero ter que falar sobre Victor com ele pelo menos por enquanto.

– Mas você pensa em voltar algum dia?

– Acho que não. Minha vida é aqui agora, nem sei mais viver em outro lugar que não este.

Ele é mesmo incrível, qualquer cara na idade dele e com a grana que ele tem estaria afoito aproveitando a vida com mulheres e gastos de luxo.

– Isto é muito legal da sua parte Felipe.

Ele me olha bem nos olhos, vejo sua respiração mais profunda, seu olhar é penetrante.

– Eu quero estabelecer raízes, Maria Hellena, tenho 28 anos, penso em ter esposa e filhos, e não pretendo sair daqui – *minha nossa, por que ele me olha assim?* Acho que estou vermelha.

Felipe deve ter percebido minha pequena reação ao seu comentário. Ele dá um sorriso, muito sexy por sinal.

– Vamos trabalhar moça? Temos muito que fazer hoje.

Graciosamente ele se levanta e caminha até a pia, para lavar sua xícara vazia.

Escrevo um bilhete para Miguel informando que já estou indo com Felipe. Pego minha bolsa e entro no carro. Percebo que no pequeno trajeto, mesmo dirigindo, ele me olha de vez em quando. Tenho que manter o controle, não posso dar esperanças á este homem... embora ele seja muito lindo, sexy, com um cheiro fresco maravilhoso e totalmente másculo. *Caramba! Quantos detalhes garota! Não é promissor...*

Trabalho o dia todo buscando concentração, mas minha cabeça está processando incessantemente os últimos acontecimentos. De vez em quando pego alguns olhares de Felipe. Será que ele está marcando o território em função da chegada de Victor? *Não, acho que não. Ele não é esse tipo de cara.*

Às seis horas da tarde pego minha bolsa e falo para Felipe que eu estou indo. Ele se oferece para me levar em casa, mas falo que não é necessário, Miguel também está indo.

– Tenha um bom jantar Maria Hellen.

– Obrigado Felipe, até amanhã.

– Quer que eu passe amanhã cedo em sua casa para virmos juntos?

– Não se preocupe, acho que Miguel vem cedo também, mas obrigado por tudo, você é um grande amigo.

Ele sorri, mas eu sinto que não está feliz com minha saída de hoje. Gostaria que as coisas entre nós voltassem ao que era, há dois dias, antes da chegada de Victor.

Entro no carro e Miguel liga o motor.

– Felipe gosta de você Helle – viro para ele – Hoje eu o observei e, sinceramente, o jeito com que ele olha pra você não deixa dúvidas. Ele está totalmente na sua, bebê.

– Nem sei o que pensar Miguel. Eu gosto muito dele, não quero que as coisas fiquem estranhas entre nós.

Não posso deixar as coisas saírem da linha com Felipe, ele é um cara extraordinário e bom amigo.

Entro em casa e vou direto para o banho. Aproveito para colocar em dia a depilação. Visto um vestido bonito e fresco, passo maquiagem e opto por deixar os cabelos soltos. Já tem algum tempo desde que me arrumei tanto pra sair. Aqui em Niamey não há muito que se fazer á noite.

Às sete e meia da noite uma batida na porta anuncia a chegada de Victor, meu coração acelera, me mantenho no quarto, mas estou tremendo. *Que droga! Reação de adolescente agora não Maria Hellen!*

Miguel abre a porta, escuto os dois se cumprimentarem e Miguel indicar o sofá. Tomo coragem e saio do quarto. Victor fica em pé, me olhando, seus olhos brilham, ele está perfeito, lindo e sexy. Olho para Miguel que está com um sorrisinho nos lábios.

– Garota, você está linda – Miguel se antecipa.

– Tem toda razão Miguel – olho para Victor e ele está com os olhos cravados em mim, como duas lâminas afiadas.

Acho que estou vermelha com o que vejo em seus olhos.

– Cuide bem dela Victor – o tom usado por Miguel não é muito amistoso. *Não acredito! Ele aproveitou o momento para bancar o irmão mais velho! Droga!*

– Pode deixar Miguel, ela é muito importante pra mim – Victor usa um tom sério, parece tão sincero...

Olho para meu amigo e acho que ele tem a mesma impressão que eu. Decido acabar com a sessão de recomendações de Miguel.

– Ok. Podemos ir Victor, não posso demorar – Victor sorri e sacode a cabeça como se estivesse achando graça nas minhas palavras. Pensando bem, eu já usei esta desculpa com ele antes e ele deve ter lembrado.

Saímos de casa, o carro de Victor está parado na rua, há um homem encostado no veículo.

Mas espera aí... eu conheço esse homem: é o meu herói daquela tarde do pânico, é ele mesmo!

– Oh! É você! – corro em sua direção e dou um abraço bem forte.

Sou extremamente grata pelo que ele fez naquela tarde no hotel. Eu quis muito revê-lo e poder agradecer por ter me salvado daqueles monstros.

Solto o abraço e afasto um passo.

– Muito obrigado! Eu tentei te agradecer naquele dia, mas não te encontrei. Você me salvou!

Ele fica sem jeito, até tímido, mas está sorrindo.

–Não por isso, senhora Vagnolli, estava apenas cumprindo minha função – apesar da modesta, o sorriso em seu rosto é de satisfação.

Sinto a mão quente de Victor nas minhas costas.

– Muito bem Maria Hellena, já agradeceu o suficiente. Este é James, um dos seguranças da minha equipe.

Pelo tom, acho que Victor não gostou do abraço que dei em James. Estendo a mão para um aperto, James aperta minha mão.

– Muito obrigado James, vou te dever uma pelo resto da minha vida!

Victor está com a expressão fechada, James percebe e rapidamente abre a porta do veículo. Entro e em seguida Victor também.

Ele parece zangado e durante todo o caminho fica em silêncio, me observando, tento não pirar, mantenho minha vista ocupada olhando pela janela. Estar no mesmo veículo e assim tão pertinho me deixa sem defesa.

Chegamos ao Gaweye Hotel, descemos do carro e Victor faz um sinal para James, que se afasta. Ele me dá o braço para que eu me apoie e sussurra no meu ouvido.

– O que foi aquele showzinho de intimidade com meu funcionário?

O que? Showzinho?

– Foi um agradecimento Victor, James salvou minha vida – falo um pouco irritada.

– Graças á mim e sob as minhas ordens Maria Hellena, ele te salvou porque *eu* mandei que fizesse – ele não está brincando.

Seu tom é tão possessivo que sinto vontade de chutar sua bunda agora mesmo. Mas Victor tem razão, foi ele que colocou James no meu caminho, nem sei como ele soube, mas salvou minha vida.

– Eu sei disso Victor, e sou eternamente grata a você.

Dou a ele um sorriso, que desfaz sua carranca. Esse homem é um vulcão, consegue me deixar irritada e feliz por estar viva, em milésimos de segundos. É muito preocupante que ele tenha todo esse poder sobre mim.

Ele segura minhas mãos e leva aos lábios, beijando lentamente. Oh *Santo dos homens-terrivelmente-sedutores*, protegi-me. Meu corpo se arrepiou inteirinho.

Entramos no restaurante do hotel e vamos para uma mesa no canto, a iluminação é baixa. Sento de frente pra ele. Peço uma taça de vinho, já faz bastante tempo que não bebo nada com álcool, mas hoje eu preciso ficar relaxada, meus músculos estão muito tensos e não quero que ele perceba o quão sua presença me perturba. Levo a taça com o primeiro gole á boca e quase engasgo com o jeito como Victor me observa. Tento me manter tranquila, mas é impossível. *Fique calma garota, ele só está tentando te desestabilizar, ele sabe o que faz. Esse homem é o deus-grego-sem-consideração, lembra?*

– Quem é aquele cara que estava com você ontem? – nossa! Ele é objetivo.

– É um grande amigo Victor. O nome dele, como eu já disse, é Felipe Santiago e ele está me ajudando muito – olho para meus dedos alisando a borda da taça, uma pequena distração para evitar encará-lo.

– “*Grande amigo*”? Parece-me que ele quer ser mais que grande amigo – seu tom é gelado e irônico, detesto ironia.

Levanto os olhos para encará-lo, preciso ter certeza que eu ouvi isso mesmo. Ele está *incomodado* por Felipe? Quem ele pensa que é para dizer estas coisas? O que ele sabe de Felipe? Se existe alguém aqui que me trata como um pedaço de carne, este alguém não é o Felipe.

Sinto uma necessidade imediata de responder grosseiramente.

– Não seja estúpido Victor, nem todos os homens que se aproximam de mim querem me levar para a cama “sem promessas ou joguinhos” – toma essa, bonitão. *Suas* palavras. Rá!

Bebo mais um pouco do vinho.

Ele se move para frente para ficar mais perto

– Eu gostaria que você esquecesse de uma vez por todas o que te falei naquela noite. A lembrança já me dói o suficiente, Maria Hellen – ele está sério.

– Claro, é bem fácil esquecer e não foi o que aconteceu de fato – minhas palavras são ácidas.

Eu não consigo simplesmente esquecer. Isso deve ser muito comum pra ele e imaginá-lo fazendo “sexo sem promessas ou joguinhos” com outras mulheres me arde como o inferno.

Victor estreita os olhos, como um sinal de alerta para que eu pare. *Esse cara não existe, ele é tão dominador!*

Ele toma um grande gole de sua bebida escura, mas seu olhar nunca deixa o meu.

– Por que você me apresentou daquele jeito para o tal Felipe?

– Eu te apresentei como você é Victor: um investidor de Nova Iorque.

– Você sabe que não sou só isso. E por que ele se comportou como se fosse seu defensor? – ele arqueia uma sobrancelha.

– Ele só queria me defender de alguém que ameaçou me levar *carregada* pra jantar

Bebo mais vinho, está me dando um pouquinho mais de coragem.

– *Grande amigo* não te olha daquele jeito. Esse cara quer você

O homem não tem menor senso do perigo, continua me testando, como se pudesse cobrar qualquer coisa de mim.

– Eu já disse que ele é um amigo, e também um cara incrível. Acho que esse interrogatório todo é muito descabido Victor.

Ele se mantém impassível. É tudo muito ridículo, eu não tenho que dar nenhuma explicação pra ele. Ele segue me olhando, e eu sustento seu olhar, sem desviar.

Noto uma sutil mudança em sua expressão, ele vira o restante de sua bebida em um único gole.

– Por que você não respondeu meu e-mail?

O que? Ah não! Homem tenha muito cuidado com o que me cobra!

– É sério que você quer mesmo falar sobre isso? Não. Acho que você não quer Victor. Cuidado.

Minhas palavras saem secas, irritadas com as lembranças.

– É claro que eu quero porra! Estou aqui e quero que você me diga por que não respondeu a merda do e-mail. – *ele está bravo?*

Bem, acho que a coisa vai começar a esquentar, e não é no bom sentido.

– Espera um minuto, me deixa tentar entender – começo a enumerar minhas razões com os dedos – Você me pega na parede de um quarto de hotel, seu hotel, e depois foge totalmente arrependido. Não me liga novamente. Encontro você dois dias depois em uma boate com uma mulher, e você quer que eu te diga por que não respondi a porra do e-mail? Você tem algum problema Victor?

Minha voz sai mais alta do que eu gostaria.

– Você está entendendo tudo errado. Que porra Helle! Será que você não consegue abrir essa sua mente por um momento e tentar ver as coisas que estão ao seu redor? – ele está irradiando irritação.

– Não há o que entender Victor, eu te garanto que não sou nenhuma “donzela”, foi assim que me chamou outro dia, não foi? – faço um sinalzinho de mão para ele – Eu sei exatamente como as coisas funcionam com homens como você.

Ele bufa de raiva.

– E como as coisas funcionam com homens como eu, Maria Hellena? – sua voz sai baixa e fria... intimidante.

– Desde que te conheci, já te vi com pelo menos três mulheres diferentes. Isto me faz pensar que você é não é do tipo de uma mulher só.

Inclino meu corpo para trás mantendo a distância segura e continuo.

– Mas quer saber? Isso não é da minha conta, nós não temos nada um com outro. E nem é o que eu quero.

A última frase sai meio tremida.

Victor cruza os braços sobre o peito e recua alguns centímetros. Apesar da falsa calma em sua expressão, seus olhos de oceano estão quase negros. Eu sei que a tempestade está se armando bem aqui nesta mesa.

– Você fala que “não é isso que você quer”, que sua situação é “complicada”, qual é o problema Maria Hellena? – ele parece ofendido – Vamos, a oportunidade é agora, por que não me diz? Tem alguma coisa a ver com Miguel? Vocês estão morando juntos, já vi vocês de mãos dadas por mais de uma vez. Ele é o problema?

Apesar da tensão quase elétrica acontecendo entre nós, reconheço o ciúme em seu jeito de falar. Prefiro não elevar ainda mais a temperatura e recuo no meu tom.

– Não que eu tenha que te explicar isso Victor, mas Miguel é como um irmão pra mim, já te disse antes. Quando falo que não é isso o que eu quero, estou falando de relacionamento, Victor. Eu não quero me envolver com ninguém agora – minha voz sai quase resignada.

– Ok. Miguel é como um irmão, e Felipe também?

Ele fala como se duvidasse, isso me causa uma vontade enorme de gritar com ele. Que droga! Ele não ouviu nada do que eu disse? Respiro e falo o mais calma possível.

– Eu não te entendo, aonde você quer chegar?

–Você disse que acha Felipe incrível. Que diabos você pretende com ele?

– Por enquanto nada.

O que foi eu fiz!

Arrependo-me imediatamente das minhas palavras.

– O que? Que porra é essa? Você não vai ter nada *nunca* com aquele filho da puta. Você. É. Minha! – seu tom é totalmente ameaçador.

Entro em estado de choque. Meu coração quer saltar do meu peito. Estou mole como uma gelatina, ele fala de um jeito tão primitivo e dominador que quase perco o ar. *Eu sou dele?*

Controle sua respiração Helle, respire, respire, respire.

Acho que ele também se surpreendeu com o rumo que nossa conversa tomou. Ouço sua respiração profunda, mas não consigo encará-lo. O garçom se aproxima trazendo outra dose da bebida para ele e uma taça de vinho pra mim, desta vez o copo está quase cheio. O funcionário deve ter percebido que a coisa aqui está tensa e achou melhor nos embriagar. *Traga também um punhal, por favor, só para caso a coisa fique pior.*

Um silêncio mortal fica entre nós, observo o garçom se retirar, e finalmente tomo coragem para encontrar o *olhar-de-oceano-em-dia-de-sol* fixado em mim.

– Desculpe Victor. Eu falei sem pensar.

– Seja sincera comigo Helle. Por que você está nesse país. Eu sei que não tem nada a ver com lucros ou negócios. Eu me preocupo com você todos os dias, já to ficando maluco com tudo isso e preciso entender suas razões.

Seu olhar está mais suave, quase triste. Respiro fundo. Eu posso ser franca com ele, não tenho mais porque omitir meus motivos, ele já falou que não vai emprestar o dinheiro.

– Ok Victor – aí vamos nós – tenho meus motivos pessoais. Eu passei uma infância um pouco difícil e sinto que tenho obrigação de ajudar.

– O que aconteceu na sua infância? – tenho sua total atenção, ele está sério, me incentivando a continuar. Percebo uma pulsação em seu maxilar.

– Meus pais saíram fugidos de uma cidade pequena no Paraná, estado que fica no Sul do Brasil. A família não aceitava o relacionamento deles. Eles foram para Curitiba, capital do estado. Os dois eram muito jovens e sem nenhum dinheiro. Para sobreviver, meu pai fazia pequenos serviços e minha mãe lavava roupas para fora.

Tomo um pouco do vinho, Victor me aguarda paciente, esperando pela história.

– Com o tempo, meu pai arranhou um jeito bem particular de fugir dos problemas: ele se tornou alcoólatra. Os reflexos foram devastadores na nossa família, ele parou de trabalhar, minha mãe teve que fazer faxinas pra sustentar a casa e a renda ficou bem curta.

Respiro mais fundo. As lembranças ainda doem.

–Ele tinha muito ciúme dela e cada dia ficava mais possessivo. Uma noite, eu acordei com os gritos de socorro da minha mãe, mas não pude fazer nada... meu pai matou minha mãe e se matou em seguida.

Um nó se formou na minha garganta, sinto as lágrimas se aproximando.

Victor segura a minha por cima da mesa.

– Eu estava com doze anos e fui levada para a única tia que eu tinha, ela também era muito pobre e não queria minha presença em sua casa. Passei momentos amargos com a família dela, eles não gostavam da ideia de ter que dividir o pouco que tinham com uma estranha. A comida era escassa e, portanto, prioridade para os filhos dela, eu era a segunda opção.

– Helle... – ele aperta minha mão.

–Um dia assisti na escola uma matéria sobre o Níger, com tudo o que você já sabe deste país. A cena me marcou muito, eu ficava pensando que se vivendo com pouco, como no meu caso, já era ruim, imagina vivendo sem nada. Quando entrei na universidade tinha o objetivo de fazer algo por esse povo. E aqui estou eu, tentando.

Victor me olha de um jeito diferente... acho que com admiração. Ele segura firme minha mão, seus olhos brilhantes estão vidrados em mim.

Não sei por que resolvi contar tudo isso pra ele, aliás, nem sei por que ele está aqui. Acho melhor eu ir embora, não to me sentindo muito bem.

– Preciso ir Victor – falo baixo.

– Espere Helle, eu atravessei o oceano para ver você. Desde que te conheci não consigo dormir, você é a última imagem que me vem à cabeça antes de eu ir pra cama e a primeira quando acordo. Penso em você todos os dias e quase todas as horas.

O que?

– Victor... – nem sei o que dizer.

– Eu quero protegê-la, estou pirando pensando no perigo que você corre aqui, agora eu entendo os seus motivos, mas isto está acabando comigo – vejo honestidade em seus olhos.

Viro o restante do vinho em um gole só. *Victor Harris me disse mesmo tudo isso?* Eu penso nele todos os dias e ele também pensa em mim? Mas onde vamos chegar com tudo isso? Eu ainda não contei pra ele por que sou arruinada para relacionamentos e ele

tem esse jeito de homem conquistador que troca de mulher como troca de roupa. Eu não posso com ele e com tudo isso. É melhor eu parar enquanto é tempo.

– Helle, olhe pra mim. Eu sei que você está pensando que não sou confiável. Eu tenho uma explicação sobre porque saí do hotel daquele jeito e também porque você me viu com aquela mulher na boate. Eu fiz por você, mas não posso te falar, não agora, apenas confie em mim – eu posso ver que ele está sendo sincero.

– Victor, mesmo desconhecendo seus motivos, eu confio em você. Mas não podemos continuar com isso, não chegaremos a lugar algum – minha voz sai falhada.

Ele acaricia minha mão por cima da mesa e sinto calafrios no corpo.

– Helle, nós não temos que decidir isso agora. Sem expectativas, você mesmo disse naquele dia. Fique comigo – ele fala baixinho, calmo, a voz rouca e cheia de promessas.

Seus olhos estão brilhando, o perfume de sua pele parece mais forte, sinto meu ventre se contorcer, meu coração está acelerado, minha bochecha está começando a corar, o seu toque em minha mão me afeta bem lá embaixo. *Santo das Mulheres-Quase-Sem-Controle, me proteja!* Este homem sabe o efeito que causa em mim.

– Eu não quero ir adiante com uma coisa que sei que vai acabar mal Victor.

Fechos os olhos por alguns segundos. Preciso limpar minha mente.

Victor dá a volta e se senta ao meu lado, seu corpo encostando-se ao meu. Lentamente ele inclina a cabeça se aproximando do meu pescoço e sussurra em meu ouvido.

– Nós não sabemos como vai acabar Helle. Quero você como nunca quis ninguém. Você também me quer.

Deus-grego-terrivelmente-tentador!

Estas palavras me desequilibram, estou úmida e totalmente excitada de um jeito que só Victor consegue me deixar. Suas palavras refletem em cada célula do meu corpo, eu não consigo pensar com ele assim tão próximo.

– Suba comigo pra o meu quarto Helle. Vamos conversar lá em cima, eu prometo que não vou passar nenhuma linha que você não queira – sua voz sussurrada me deixa toda arrepiada.

– Eu não quero Victor, eu não posso fazer iss...

Quase engasgo quando ele suavemente beija meu pescoço... e com isso desliga meu botão de raciocínio.

Ele se levanta e pega minha mão, me puxando para os elevadores.

Sei o que estamos prestes a fazer, mas não consigo negar isso para mim mesma, ele domina meus sentidos, é como uma fumaça negra que não me deixa mais querer outra coisa, se não ser tocada por ele.

Há dois homens no elevador que nos olham discretamente. *Ah, se eles soubessem que estou queimando por este monumento ao meu lado.*

Victor me puxa para perto, encosto a cabeça em seu peito e sinto seus músculos rígidos, seus batimentos também estão acelerados. Ele beija o alto de minha cabeça, respirando em meus cabelos.

Sáímos do elevador e entramos na suíte presidencial. O quarto é grande, diferente do que eu já me hospedei alguns dias atrás, mas não consigo olhar em volta ou me concentrar em qualquer outra coisa que não seja neste *deus grego*.

Ele tranca a porta e uma onda de luxúria invade meu corpo acompanhando sua aproximação lenta, sedutora, como um caçador cercando sua presa.

– Você quer beber alguma coisa, Helle? – a voz é baixa e rouca, ele está tão afetado quanto eu.

Minha nossa! Pelo menos não sou a única.

– A.. ach... acho que não Victor – *eita! Ficar gaga não resolve muito Maria Hellen.*

Ele para em minha frente, seu corpo não me toca, mas está tão próximo que eu posso sentir sua respiração quente, seu cheiro é maravilhoso, basta eu levantar minha mão e apenas tocá-lo. Meu coração quer sair do peito.

Levanto meus olhos e encaro diretamente os seus, o *azul-oceano-em-dia-de-sol* está negro, pupilas dilatadas, vidrado. *Esse homem é extremamente, sedutoramente desesperadamente sexy como o inferno e vai arruinar minha vida.*

– Você está sentindo isso Helle. Esta eletricidade quando estamos próximos? – voz baixa – Eu nunca senti isso com ninguém.

Ele não me toca, é uma tortura. Eu preciso sentir seu toque, como preciso de ar nos meus pulmões. *Eu só posso estar ficando maluca.*

Estou mole, úmida, minhas partes íntimas pulsam forte e o cheiro dele é como uma droga em minhas veias. *Não aguento mais!* Levanto a mão e toco seu peito rígido, bem definido e quente como o próprio fogo.

Victor respira pesado e me puxa para seus braços. Uma de suas mãos abre espaço nos meus cabelos e segura firme. Seus lábios me tomam com força, a língua desliza para dentro da minha boca exigente e explorador.

– Eu preciso de você – ele grunhe rouco, quase selvagem, seus lábios enterrados nos meus.

O beijo é ardente, possuidor, explora cada parte da minha boca com mordidinhas suaves e lambidinhas... é enlouquecedor. O sabor de uísque e hortelã é maravilhoso. *Eu mataria por esse beijo! Com certeza mataria!*

– Você é minha Helle. Minha! – ele me aperta pela cintura, estou sem defesas, sim, sou dele.

Com um movimento forte, sou levantada do chão e colocada sobre a superfície de uma mesa. Victor se posiciona em pé, entre as minhas pernas, beijando meu pescoço e me causando calafrios. A necessidade entre nós é palpável, ele me aperta, puxando para mais próximo, sugando meus lábios, sua mão desliza pela minha cintura, pernas, até chegar à minha virilha. *OMG! Como meu corpo deseja ser tocado por este homem, nunca fiquei neste estado, preciso de mais, de muito mais.*

A proximidade de sua mão em minha parte íntima faz meu corpo se arrepiar. Lentamente ele desliza sobre a renda da minha calcinha, me testando, torturando. Com um toque suave, seu dedo afasta o tecido e toca meu pontinho, uma quentura sobe pelo meu corpo enquanto ele começa a massagear em movimentos circulares. A sensação de seu toque leve e os beijos e lambidas em meu pescoço criam uma combinação louca.

Esse homem é muito bom no que faz.

Victor conhece meu corpo, ele sabe o que está provocando. Astutamente seu dedo me invade, entra suave e profundamente, sem deixar de acarinhar meu pontinho. *Arg! Eu não vou suportar!* Meu corpo está pegando fogo.

– Ah Helle! Você está prontinha pra mim! – sua voz quente fala no meu ouvido.

Mais um dedo entra. *Eu vou explodir!*

Empurro mais meu corpo para sua mão, rebolando sobre seus dedos.

Um fogo enlouquecedor e um choque de alta voltagem percorrem minha espinha. *Oh! Aquela sensação chegando novamente! Minha nossa! Isso é muito bom!*

Victor percebe o que se passa dentro de mim e empurra seu dedo mais profundo, acelerando a massagem no pontinho. Vejo seu sorriso de diversão, mas não consigo pensar em nada. Fecho meus olhos e entro em uma bolha só minha. Algo começa a rasgar dentro de mim, descendo minha coluna, a sensação é deliciosa, indescritível.

Cravo minhas mãos nos braços dele e gemo alto.

– Victor!

Uau! Como isso é ma-ra-vi-lho-so!

– Você é linda quando goza Helle, absolutamente linda e sexy – ele segura meu rosto com as duas mãos.

Victor me beija de um jeito mais doce, leve.

– Você é perfeita.

Perfeito é você, *deus-grego-de-dedos-mágicos*.

Tremo dos pés a cabeça, mas meu corpo ainda não está satisfeito. Sinto o sangue pulsar lá embaixo, uma sensação latejante que pede mais.

Seguro sua nuca puxando-o para um beijo e enrosco minhas pernas em sua cintura. Deslizo minha língua para seus lábios, provocando-o deliberadamente, como uma maneira de agradecer pelo que ele acabou de me dar.

– Foi muito bom – falo entre os dentes, mordiscando seus lábios carnudos.

–Só estamos começando, minha menina – a voz embargada deste homem produz reflexos esmagadores em mim.

Ele se move, me levando junto, com minhas pernas envolvidas em sua cintura. Aproveito o momento para me deliciar com sua boca. Sem pressa, sou deitada na cama. Estou absolutamente entregue.

A expectativa começa a dominar cada célula do meu corpo. Ele desliza a calcinha fina pelas minhas pernas, lento e sexy, seus olhos são perversos e cheios de promessa, o sorriso torto nos lábios quase me desmancha.

Será que ele vai fazer o que eu penso que vai? Oh! Minha nossa eu não vou aguentar!

– Não Victor, eu não aguento.

– Shh... Apenas sinta Helle.

Ele beija meus dedos dos pés, subindo pelas pernas, a caminho do meu sexo. *Caramba! Que sensação é essa!* A língua quente envolve meu pontinho. *Ah! Isso é incrível!* Ele lambe suavemente num ritmo vagaroso, determinado. Agarro os lençóis macios com toda a minha força. Estou sensível ao toque. Fecho os olhos, entrando em uma atmosfera já conhecida.

A sensação de que ele acaba de apertar um botão sensível em mim me faz explodir em sua boca, sou rasgada e gozo violentamente, gritando por seu nome.

Não vou me acostumar nunca com isso!

Estou flutuando, gemendo por Victor, e ele continua me chupando, sugando tudo de mim. Minha visão está embaçada, tenho espasmos pelo meu corpo todo.

Sua boca macia sobe para meu pescoço e se encaixa na minha orelha. Recebo uma mordidinha provocadora.

– Sinta seu gosto Helle, você é uma delícia.

Ele me beija, e eu provo meu gosto através dos seus lábios. Maravilhoso.

Como este homem consegue fazer isso? Dois orgasmos em tão pouco tempo? Ele é algum tipo de deus do sexo?

Enrosco em seu emaranhado de cabelos e me aprofundo no beijo. Eu tenho que sentir seu corpo, sentir Victor dentro de mim.

Com uma mão, desabotoo sua camisa e consigo finalmente tocá-lo.

Senhor, que peito rígido!

Do mesmo jeito que este homem me enlouquece, eu também quero que ele fique maluco, quero provar seu gosto, e tenho que fazer isso imediatamente. Salivo com a ideia.

Ele está deitado em cima de mim, apoiado pelo cotovelo, me protegendo de seu peso. Deslizo minha língua dentro da sua boca, freneticamente. *Eu quero Victor. Agora!*

Minha mão abre passagem pelo seu tórax, descendo, sentindo, apalpando cada pedacinho desse homem maravilhoso e todo meu. Victor respira pesado percebendo minha intenção, mas não interrompe o beijo. Sua pele é perfeita, o abdômen é definido e quente, muito quente, faço o caminho até chegar ao cócs de sua calça.

– O que você faz comigo Maria Hellena – sua respiração é cortada, a fala sussurrada.

Afasto-o para que ele fique em pé. Seus olhos estão negros, vidrados em mim. Sinto o cheiro do seu desejo. Sento na beirada da cama, selo um beijo casto em sua barriga e vagarosamente abro o zíper de sua calça. Suas duas mãos estão enlaçadas nos meus cabelos. *Rá bonitão! É a minha vez! Apalpo a surpreendente ereção por cima do tecido e faço a trilha de pequenos beijos até o cócs da cueca.*

– Helle... – é uma pequena súplica.

Abaixo sua cueca até o ponto de tocá-lo, puxo para fora e... *caramba! Santa protetora das mulheres-surpreendidas-com-um-homem-tão-bem-dotado, protegei-me!*

Estou boquiaberta com o que vejo: ele é grosso e enorme, as veias pulsam e a cabeça é toda rosada, tem um cheiro maravilhoso de banho fresco. *Então quer dizer que até aqui ele é perfeito? Tem como ficar melhor do que isso?*

Sinto um desejo ardente de prová-lo. Puxo com as mãos seu membro todo para fora da cueca e coloco na boca. É quente, grosso, macio, cheiroso, dá vontade até de morder... mas sei que não será bom... chupo com toda a energia que posso, é maravilhoso. Ouço os gemidos baixinhos de Victor e isso só me deixa com mais vontade.

Intensifico a pressão dos meus lábios em sua extensão.

– Eu não vou aguentar Helle, por favor – ele está rouco de excitação.

Victor me puxa pra cima, levanto e fico em pé, de frente para ele. Beijamo-nos com ardor. Estou com mais tesão a cada segundo, e ele também, percebo por sua respiração.

Ele me vira de costas e desliza os dedos para abrir o zíper do meu vestido descendo até a base da coluna. Ao desabotoar meu sutiã, minhas peças caem aos meus pés. Viro de frente pra ele novamente, completamente nua. Seus olhos brilham famintos, ele dá um passo atrás.

– Você é incrível Maria Hellena, é perfeita! – um sorriso lindo no rosto mostra suas covinhas na bochecha.

Sou envolvida em um abraço apertado, ele beija minha orelha, maxilar, pescoço, os beijos vão descendo vagarosamente e nem percebo que meu corpo está cedendo, deitando na cama. Victor está nos meus pés, os beijos se espalham por cada centímetro do meu corpo, passando pela virilha e chegando aos meus seios, ele chupa, brinca com os mamilos, mordisca, é tudo divino. Estou perdidamente excitada. Ele tira o restante das calças, deixando um preservativo ao lado da cama.

Sua ereção empurra minha barriga e abro minhas pernas para recebê-lo, eu preciso sentir ele dentro de mim.

– Eu preciso de você Victor – falo gemido.

Ele coloca o preservativo em sua extensão grande e grossa. Enrolo minhas pernas em sua cintura e sou penetrada, lento demais para minha necessidade. Empurro também meu quadril em direção á ele, exigindo mais e mais.

– Mais fundo Victor, por favor, mais.

Ele agarra minha bunda e se aprofunda em mim, com força e velocidade.

Estamos em um ritmo perfeito, ele lambe meu pescoço todo enroscado em meus cabelos. O ritmo aumenta e eu gemo alto com ele sussurrando coisas desconexas em meu ouvido.

Estou entregue a uma paixão arrebatadora, nesse momento somos somente nós dois no mundo, como uma bolha. O *deus-grego-perfeito* toca em algum ponto dentro de mim

que faz a explosão tomar conta de tudo novamente. Eu gozo e desta vez é muito mais intenso, prolongado, eletrizante por todo o meu corpo. Eu não sei se isso é normal, parece que nunca vai acabar, vou pirar. Eu grito e tremo, é uma tortura libertadora.

– Você. È. Minha. Helle – Eele grunhe dominador.

Com uma estocada mais profunda, percebo que Victor também alcançou o clímax, seu órgão pulsa dentro de mim.

O que foi isso tudo? Este homem existe mesmo? Estou nas nuvens, nunca pensei que sexo pudesse ser tão bom, nunca tive nada nem perto disso. Que homem é esse, Maria Hellen?

Victor se deita em cima de mim, nossos corpos estão unidos pelo suor, nossas respirações aceleradas aos poucos normalizam o ritmo. Ele está com os cabelos despenteados absolutamente lindo.

– Foi perfeito Helle. Você está bem? – *rá! Não sei nem se estou acordada bonito.*

– Humm – estou sem forças para dizer qualquer coisa.

– O que quer dizer com “Humm”? – ele beija o canto da minha boca, provocativo – Vou entender que é um sim, senhora Vagnolli.

Decidimos tomar banho juntos, ele me puxa pelas mãos e leva ao banheiro. Observo-o encher a banheira, ele realmente faz jus á um deus grego, seu corpo é totalmente definido, até sua bunda é perfeita. *Eu só posso estar sonhando!*

Fazemos amor na banheira e depois na cama novamente. Eu estou enfeitiçada por Victor Harris. Como posso não querer mais disso? Como posso ficar longe desse cara, se preciso dele como o ar nos pulmões? Não quero pensar muito agora. Nunca senti isto por ninguém, quero apenas aproveitar esse momento.

Eu estou exausta, adormeço em seus braços sendo beijada, recebendo carinhos com seus dedos fazendo pequenos movimentos em minhas costas.

♠ *Ações impensadas* ♠

Acordo com um calor diferente em meu corpo. Abro os olhos e vejo Victor ao meu lado, enroscado em mim. *Oh! Não foi um sonho!* Ele parece um anjo dormindo. Mas não! Eu não posso, não posso ficar aqui... *não posso!* Isso não vai acabar bem, as coisas começam assim e vai chegar um momento que eu não vou dar conta disso. Ele vai embora e ficar com outra mulher tão rápido que não vai mais nem se lembrar de mim... e eu não posso ficar com alguém, eu demorei muito pra recuperar a sanidade.

Minha cabeça está em pânico, não consigo raciocinar direito, a vontade de sair correndo está me dominando.

Preciso ir embora. Agora!

Levanto cuidadosamente para não acordá-lo. Com as mãos tremulas, visto minhas roupas e seguro os sapatos. Olho pela última vez para o *deus-grego-mais-lindo-do-mundo* e saio o mais rápido que eu posso do quarto. No corredor, calço os sapatos, e aperto o botão do elevador. *O que foi que eu fiz? Por que estou com a sensação de que eu acabei de foder com tudo? Que droga!*

Entro no elevador e vejo meu reflexo no espelho. Estou pálida assustada, *totalmente perdida!* Tenho vontade de gritar com a imagem do reflexo, a imagem da menina covarde e medrosa diante de mim.

Chego ao hall e caminho até a saída rezando para não cair no chão, mal sinto minhas pernas. Vou até a porta e abro com urgência para respirar ar puro, eu preciso muito de ar, a brisa fresca do dia ainda escuro penetra em meu rosto como milhares de agulhas. Em frente ao hotel há um táxi parado, olho para dentro de veículo e vejo que o motorista está dormindo, dou uma batidinha no vidro despertando-o, ele abre a porta e eu entro.

Eu não posso deixar Victor tomar conta da minha mente, eu já deixei alguém fazer isso antes e arruinei minha vida. *Mas Victor parece diferente do Thiago, ele é sincero, direto, então por que eu sinto este medo desesperador?*

Chego em casa, abro a porta e vou direto para o chuveiro, agora as lágrimas já tomam conta e eu não preciso evitar. Fico sentada no chão, deixando a água cair nas minhas costas.

Por que eu tenho tanto medo de Victor?

Essa é fácil: Porque ele mexe comigo de uma maneira única! Sou mesmo uma cadela medrosa! Porra, ele falou que veio até aqui somente pra me ver, e é assim que eu reajo: fugindo? Que reação de merda!

Você está simplesmente fodida, Maria Hellena Vagnolli.

Depois de sei lá quanto tempo, saio do banheiro enrolada na toalha, com cabelos encharcados e muitas lágrimas nos olhos. Por reflexo, olho em direção ao corredor e quase tenho uma parada cardíaca com o susto: Victor está encostado na parede, com um

misto de raiva e dor nos olhos. Cabelo despenteado, camiseta branca e calça de moletom cinza, de chinelo. *Quando na vida eu pensei que veria ele vestido dessa forma?*

– Por que você fugiu Maria Hellena? – a voz é fria e ele se aproxima devagar. Sinto o medo me dominar.

– Eu não sei Victor – falo tão baixo que nem sei se ele conseguiu ouvir, mas é a verdade.

Ele chega mais perto, eu viro as costas por impulso e abro a porta do quarto, entro quase fugindo, e ele entra atrás, fechando a porta.

Ele me encurrala na parede, abaixo a cabeça pedindo que os céus me deem forças para encará-lo, ele está me cercando, seu corpo não me toca, mas tem uma mão de cada lado da minha cabeça, encostada na parede atrás de mim.

– Me fala Maria Hellena, por que você fugiu? Por que saiu desse jeito?

Levanto meu rosto para olhá-lo, seus olhos são intensos... ele está magoado.

Sinto minha garganta queimar, como se eu engolisse ácido puro.

– Eu não posso Victor, simplesmente não posso. Eu vejo você e sei que vou ficar muito mal quando tudo isto acabar. Eu não posso mais perder o controle da minha vida, eu demorei muito pra conquistar e...

Ele me interrompe abruptamente

– Você acha que tudo isso é fácil pra mim? Que estou feliz em me sentir desesperadamente atraído por uma pessoa com objetivos de vida tão *distintos* e que escolheu o pior país do mundo pra viver. Você acha que também não tenho medo? – ele fala baixo, com tom sombrio.

Ele está definitivamente magoado, eu não queria que nada disso acontecesse, eu sabia que me entregando estava fazendo uma grande burrada.

–Isto foi longe demais Victor.

Ele bufa forte, o vento fresco de suas narinas sopra meu rosto, seus olhos estão escuros de fúria, os lindos olhos azuis estão quase negros.

– Longe demais? È isso que você pensa? Que tipo de pessoa é você? Fala que me quer e depois diz que foi longe demais? Que porra Helle! Por que você está sendo tão estúpida?

Seu tom é agressivo, o maxilar rígido e os olhos frios denunciavam sua mágoa... eu não suporto ver isso... Victor Harris magoado!

Uma fenda no meio do meu peito começa a se abrir, sem evitar, as lágrimas retornam aos meus olhos.

Percebendo meu estado, ele me agarra pelos braços e cola seus lábios em minha testa, nem sei o que pensar, o alívio e segurança se misturam com tristeza por toda esta situação. Acho que esse sentimento é recíproco, pois no instante seguinte ele me solta, dá um passo atrás.

– Tudo bem Helle, eu vou dar o tempo que você precisa para assimilar tudo isso. Só não demora. Minha energia para correr atrás de você, desde que nos conhecemos, está acabando – ele falado jeito mais frio que eu já vi, isso me toca como uma porrada direto na alma.

Ele está terrivelmente magoado comigo, eu sou mesmo um lixo de pessoa.

Victor vira as costas e, sem que eu possa dizer mais nada, vai embora.

Eu ferrei com tudo! Que droga! Eu acabei de estragar tudo por causa deste meu maldito medo de merda!

Caio no chão do quarto, despedaçada, definitivamente destruída por minhas próprias atitudes.

Poucos minutos depois Miguel bate na porta, eu falo pra ele entrar, quando ele me vê no chão fica imóvel.

– Meu Deus Helle! O que aconteceu? O que ele fez pra você?

– Não foi ele Miguel, fui eu. Eu estraguei tudo. Eu fugi dele e estraguei tudo! – eu não consigo conter as lágrimas.

Conto tudo a Miguel, ele ouve com atenção e me aconselha a descansar e pensar no que aconteceu. E é isso que eu faço. Penso, penso muito. Eu tenho muitos medos com

relação á Victor, mas acho que o maior deles é me apaixonar ao ponto de largar tudo por ele e no fim não dar certo.

Victor é um cara intenso, com poder e dinheiro, além de lindo, esta combinação normalmente é perigosa. Ele pode estar me vendo apenas como uma conquista, e no final, quando eu estiver com todas as minhas defesas derrubadas, ele pode se cansar e me deixar... ou na melhor hipótese... eu abro mão de tudo, por ele, de pensar, agir, tomar decisões e ele me joga em um quarto como seu fosse sua propriedade. Não, nenhuma destas opções é boa.

Mas o que eu tive com ele esta noite foi a melhor coisa da minha vida, eu nunca havia me entregado tão completamente á alguém antes, e foi fantástico. Ele me tomou como sua, não como uma posse, mas porque meu corpo reage a ele como para ninguém mais, e eu amei nossa noite.

É isso. Eu devo explicações á ele e vou dar.

Levanto da cama com uma energia diferente, eu não vou mais fugir. Arrumo-me, pego o veículo de Miguel e dirijo para o hotel, com o coração acelerado. No caminho penso em tudo o que eu devo falar: meus medos, meus sentimentos, tudo.

Entro na recepção e peço que avisem a Victor Harris que eu estou aqui. O recepcionista me informa que Victor deixou o hotel há poucas horas...

O que? Como assim, ele foi embora?

Como se um buraco se abrisse aos meus pés, minhas pernas se enfraquecem, tenho uma sensação de desmaio, me falta ar e um vazio familiar começa a tomar conta do meu peito.

– Senhora, você está bem? Posso ajudar? – nem percebi a aproximação, até sentir o recepcionista me segurando pelo braço.

Digo a ele que estou bem, viro e saio do hotel.

Então Victor foi embora? Ele desistiu de mim e foi embora? Eu estraguei tudo e ele não quis me dar nem a chance de explicar, simplesmente fugiu? A culpa é toda minha, ele veio á minha casa e eu o deixei ir. Eu sou mesmo uma idiota!

Volto para casa anestesiada. Não consigo pensar em nada, estou enjoada e fraca. Entro no meu quarto e desabo num mar de escuridão. Como eu pude deixar as coisas chegarem a esse ponto? *Parabéns Maria Hellena, você é realmente uma estúpida!*

Assisto o entardecer e anoitecer, estática, deitada na cama em posição fetal. Tudo o que eu temia está a um passo de acontecer, eu vou cair num abismo de sentimentos destrutivos e não posso evitar.

À noite eu não durmo, apenas deixo toda a angústia do meu peito escorrer pelos meus olhos em lágrimas. Fazia muito tempo que eu não me sentia tão cansada e desorientada. Meus pensamentos estão todos confusos, se por um lado eu me considero errada por fugir e por magoar Victor, por outro eu sinto que ele também foi um fraco partindo assim.

Amanheço acordada. Eu preciso correr, me exercitar, sinto falta de um local aqui na região para isso, conheço pouco ainda para me aventurar pelo bairro, no momento nem é seguro.

Deve ser por volta das setes horas da manhã, Miguel bate na porta do quarto e entra com uma xícara de café. Vendo meu estado, ele se deita ao meu lado. Eu não gostaria que ele me visse assim, mas sua presença me conforta. Foi ele que me ajudou a segurar a barra, da última vez em que quase desmoronei.

Conversamos por um bom tempo. Meu amigo conhece meus fantasmas, e quer me ver bem, mas eu não consigo me libertar, eu sei que estou cavando meu próprio buraco do sofrimento e me afundando nele, mas não consigo evitar.

Miguel beija minha testa e levanta da cama.

– Descanse um pouco bebê. Tudo estará melhor amanhã – ele caminha para a porta – A propósito, estive com Felipe ontem e ele fez muitas perguntas sobre Victor.

Miguel é muito espertinho, me falando isso assim, é quase um “Victor não quer você, mas Felipe...”, sei que suas intenções são as melhores, mas não devo pensar em Felipe como nada além de um grande cara, um amigo.

É segunda-feira, não posso ficar em casa na fossa, preciso reagir e o melhor jeito é trabalhando.

Tomo um banho gelado, visto uma roupa confortável - para não dizer roupa de quem quer parecer invisível - e vou para a empresa, quando entro, Felipe já está em sua mesa, ele me olha com atenção, me observa de cima a baixo.

– O que há de errado com você Maria Hellen?

– Nada, estou bem, obrigado Felipe. E você como está? – o velho truque de desviar a atenção.

Ele estreita os olhos, desconfiado.

– Estou bem também. Fui a sua casa ontem, e Miguel disse que você estava deitada, aconteceu alguma coisa?

Cacete, interrogatório agora não, por favor.

– Não Felipe, eu só acordei meio indisposta, mas hoje estou melhor e pronta para o trabalho.

Dou um sorriso meio amarelo, Felipe é esperto e sabe que eu não quero falar muito.

– Ok. Se precisar de qualquer coisa me fale, estou aqui Maria Hellen.

Eu entendi o que ele quer dizer, eu sei que Felipe está atraído por mim, se eu pensasse com meu cérebro, saberia como reagir, mas no momento sou uma ameba.

Trabalho o dia todo tentando afastar qualquer lembrança da cabeça. Felipe está particularmente feliz e, volta e meia, puxa um assunto, para quebrar o silêncio do dia.

À noite quando volto pra casa eu simplesmente não freio nenhum pensamento. Victor vem á toda em minha cabeça, seu cheiro, seu toque e seu olhar magoado doem de um jeito no meu peito que mal consigo respirar.

Abro meu e-mail pessoal, não há nada de Victor, nenhuma mensagem, nada. No meu telefone também não há nada. Ele realmente decidiu não me procurar mais e colocar um fim. *Tudo bem Helle, alguém tinha que ter bom senso, afinal.* Aquele maldito porco com quem fui casada me destruiu para relacionamentos. E eu não posso fazer nada a respeito, Victor é um caso perdido pra mim.

Os cinco dias que se passam são especialmente delicados, eu procuro focar no trabalho, mas á noite é inevitável, *elevem* forte na minha cabeça.

Felipe me convidou para uma festa local no domingo, ele está todo feliz e eu prefiro não estragar a noite dele com a minha infelicidade. Percebo que Felipe me olha de um jeito diferente e no fundo ele só quer me animar, mas eu ainda não estou bem.

Já é segunda-feira e finalmente recebemos uma boa notícia. Com a ajuda de Mônica, nosso escritório no Brasil conseguiu agendar uma reunião com o investidor em Nova Iorque para a próxima segunda-feira. *OMG! Isso é daqui sete dias!*

Tento conversar com eles a possibilidade de apenas Miguel ir, quero evitar voltar para aquela cidade e reencontrar Victor, mas o investidor faz questão da nossa presença juntos e eles já fizeram todos os arranjos para embarcarmos no sábado. Não devo colocar meus problemas pessoais à frente do trabalho que estamos realizando aqui.

Todos estão muito empolgados, Mônica é amiga do cara e o investimento é *quase* garantido, mas desta vez vamos com as expectativas apropriadas, se der certo é perfeito, se não der, já temos nosso plano “B” traçado. As coisas na nossa empresa no Brasil estão indo muito bem, e se não conseguirmos investidor faremos um empréstimo colocando ela como garantia.

Com a notícia da viagem percebo que Felipe não está muito animado, mas ele é generoso demais para falar qualquer coisa contra.

Durante a semana as coisas estão melhores, já cadastramos quase todos os agricultores da região, uma pouca minoria se recusa a agregar a produção ao sistema, desconfio que eles estejam com receio, mas vamos provar para eles, com o tempo, que todos vão ganhar com este sistema. Temos trinta dias para fazer o pagamento e conseguir a liberação do maquinário e insumos, são milhões de dólares envolvidos.

A sexta feira está quente, linda. Trabalho o dia todo buscando concentração, mas lá no fundo do meu estômago, sinto a ansiedade da viagem se aproximando. Miguel vai á casa de Abejide para levar alguns documentos, Felipe me oferece carona até em casa e eu aceito. Percebo que hoje ele está particularmente lindo, camiseta cinza, cheiro fresco agradável, ele é muito atraente e eu sei que se eu não fosse um desastre para coisas do coração, ficaria facilmente envolvida por ele.

Convido-o para entrar, tivemos uma semana difícil, eu estava bastante retraída e trabalhamos muito, merecemos comemorar as conquistas dos últimos dias. Eu preciso relaxar e conversar um pouco.

Pego duas taças e sirvo vinho, pra gente comemorar as boas notícias. Conversando com Felipe eu vejo o brilho nos olhos quando ele fala do quanto está feliz com tudo o que estamos fazendo aqui. Ele é incrível, pensa na felicidade dos outros, é generoso e um homem leal.

Bebo uma taça inteira, e ele também. *Não há nada de mal beber mais uma... estou precisando mesmo relaxar, muito.*

Encho mais uma taça para mim e outra pra ele. Felipe me transmite paz, gosto de estar em sua companhia.

Depois de algum tempo, entramos no assunto sobre as razões que nos trouxeram aqui. Ele me conta um pouco de sua vida desde que os pais faleceram, eu sei como é este sentimento de perda, ficar órfão tão jovem é algo que temos em comum. Decido compartilhar meu passado e como meus pais faleceram. Ele ouve atentamente, seus olhos fixos em mim.

Estamos sentados no sofá, eu com o joelho em cima do assento e ele com a mão apoiada no encosto, virado pra mim.

– E é isso, Felipe, fazer as coisas aqui darem certo tem um significado muito importante pra mim.

– Sinto muito Maria Hellena, perder os pais tão jovens é uma barra muito pesada. Eu sei como são estas coisas. Estou muito feliz por fazer parte de tudo isso.

Levo mais um pouco do vinho a boca, contemplando o silêncio confortável que segue.

Quer saber? A vida é assim, nem tudo é como a gente quer, mas temos que ser fortes. Hoje é a noite de eu não pensar em mais nada, além dos meus planos aqui, chega de fossa, chega de choradeira, chega de pensar em Victor. Felipe também perdeu os pais e sabe-se lá por quantas barras já não passou e está aqui, firme, forte, decidido, lindo... e sexy demais para meu atual momento.

Preciso de mais vinho para libertar meus pensamentos. Inclino o corpo para pegar a garrafa que está no chão, Felipe também faz o mesmo movimento e nossas mãos se tocam, consigo sentir sua energia. Encaro seu rosto de frente e vejo seus olhos queimando com um brilho diferente. Um calor estranho sobe pelo meu corpo até meu rosto. Estamos muito próximos... minha respiração se acelera... sinto vontade de tocá-lo... e sem pensar muito, me aproximo mais, e nossas bocas se unem.

É um beijo suave, seu gosto é doce, respiração quente, sua pele tem um cheiro divino, ele me puxa para mais próximo sem interromper o beijo, toco seu peito firme e definido por cima da camisa, ele segura meu cabelo, um toque macio, mas forte.

Não sei ao certo o que estou fazendo, mas é muito bom. O beijo se intensifica, nossas línguas se descobrem em movimentos lascivos, o calor me faz querer mais, deslizo minha mão para sua barriga, ergo a camiseta e toco em sua pele, passando meus dedos sobre seus músculos. *Uau! Que corpão.*

Ele me pega pela cintura e me encaixa em seu colo, sem parar de me beijar. Eu me sento sobre sua ereção que se destaca na calça jeans, nosso beijo se torna mais e mais intenso. Quero ver mais de Felipe, puxo sua camisa para cima da cabeça e deixo-o com o peito nu, beijo seu pescoço, seu peito, ele tem uma cor bronzeada, bonita, e é totalmente definido por músculos. Ele desabotoa três botões da minha camisa e beija meu colo, sua mão faz o caminho para dentro do sutiã e massageia meu mamilo. Seu toque mexe intensamente comigo. A esta altura eu já estou completamente úmida.

Olho diretamente em seus olhos, e vejo um homem... apaixonado.

Nesse momento sou atingida por um soco de realidade. O sentimento de culpa vem à tona como por um balde de água fria

O que eu estou fazendo? Que merda é essa? Ele é um amigo, eu não posso perder isso que temos! Merda! Merda! Merda!

Afasto dele, me sentando novamente no sofá.

– Nós não podemos Felipe, eu não posso! Você é muito especial pra mim e eu não posso perder isso – faço um sinal com a mão entre nós – Sua amizade é muito importante pra mim, eu não posso perder – ele me olha com um rosto confuso, assustado, olhos ávidos, cheios de excitação.

– Maria Hellena, eu estou completamente na sua, nunca me senti assim. Eu te admiro e te desejo praticamente desde que te conheci. Você já tem muito mais do que minha amizade.

Ele se inclina pra mim. Não consigo nem encará-lo.

– Eu sou complicada, Felipe. Não posso e não devo fazer isso. Você é incrível, mas eu sou uma arruinada e...

Ele se aproxima e segura meu rosto com as duas mãos, fazendo com que eu olhe pra ele.

– Tudo bem Helle, estamos antecipando as coisas, eu vou deixar você pensar em tudo, você terá esta viagem e poderá refletir sobre o que aconteceu – ele fala carinhoso – mas me escuta bem: eu não quero que pense que falei estas coisas da boca para fora ou sobre o efeito de duas taças de vinho. Eu gosto mesmo de você – ainda segurando meu rosto, ele me beija novamente, sem língua, apenas seus lábios nos meus.

Ele veste a camisa e caminha saindo da sala, já próximo á porta, ele se vira e com um sorriso lindo de dentes perfeitos que quase me tira o ar, fala de um jeito calmo e sexy.

– Só não esqueça Helle, eu vou estar aqui te esperando.

E assim, novamente... eu acabo de me meter em mais confusão. *Parabéns Maria-Hellena-Imbecil-Vagnolli, você é mesmo uma estúpida e estragou tudo com Felipe... Francamente!*

Estou até zozna. Meu corpo reagiu muito rápido ao toque de Felipe e isso me assusta. *Será que sou uma cadela que depois de tanto tempo sem ficar com ninguém resolveu tirar todo o atraso?!*

Será que a minha atitude tem algo a ver com Victor? Tipo “vingancinha”?

Peraí... Por que eu não pensei em Victor enquanto beijava Felipe?

Como ele me fez não pensar em nada? É possível sentir atração por duas pessoas? O que está acontecendo comigo? *Arg! Estou completa e totalmente fodida!*

Preciso interromper, por hora, meus pensamentos confusos e arrumar as malas. Vou para o quarto, ligo meu Ipod e tento não pensar muito.

Miguel chega e entra no quarto.

– Tá tudo bem bebê? – ele se senta na cama e fica assistindo eu me mover pelo quarto.

– Aham – estou envergonhada e nem sei se quero contar.

– Você esquece que eu te conheço muito bem, garota? – ele dá um tapinha nas minhas pernas.

– Fiz um grande merda, Loiro – olho pra ele, sem jeito.

– Mais uma? – ele gargalha, provocador – Vamos, o que foi que você fez que está te deixando toda envergonhada para me contar?

Mostro a língua pra ele, como uma adolescente.

– Eu... beijei... o Felipe.

Sento na cama e deixo meu corpo cair para trás. Ele estreita os olhos, meio incrédulo, até compassivo.

– Muito bem bebê, agora você não tem *um* problema: tem dois.

Ele ri da constatação... e eu... simplesmente fecho os olhos tentando não pensar.

– Eu sei.

–Ele gosta de você, Helle. De verdade.

E agora, o que devo fazer? Felipe gosta de mim, e eu, o que *eu* sinto?

Miguel deita as costas na cama também, percebo que ele está ansioso por esta viagem, e é claro, para rever Mônica, os dois se falam todos os dias.

– Então amanhã vamos voltar pra Nova Iorque... – suspiro

Ele coloca a mão nos olhos e suspira também.

– Eu tomei uma decisão Helle, vou pedir a Mônica em casamento.

O que? Uau! Isso sim é amor sem complicações. Que excelente! Meu coração recebeu uma carga extra de felicidade com a notícia.

Fico em pé na cama, me jogo em cima dele, dando pulos de alegria.

– Que maravilha, Loiro! Que notícia boa!

Abraço-o com força, meu grande irmão mais velho vai casar!

Ficamos iguais dois bobos comemorando a novidade dançando sem música e pulando, parecemos crianças.

♠O passado ♠

Chegamos à Nova Iorque. A energia aqui é totalmente única, mesmo do aeroporto já dá pra sentir a atmosfera da cidade.

Avisto de longe o rostinho delicado de Mônica, seu sorriso estampado demonstra que ela está totalmente feliz com a chegada de Miguel, os dois se abraçam e trocam beijos apaixonados. *Ah o amor!*

Entramos no táxi e vamos para o hotel.

Caramba!

Com tudo o que aconteceu nos últimos dias, eu me esqueci completamente de pedir para que nossa equipe reservasse outro lugar para nos hospedar. Agora que sei que esse hotel é propriedade do *deus-grego-que-não-dá-segunda-chance*, não me sinto muito bem estando aqui, mas é tarde pra isto, já está reservado.

Além do mais, correr o risco de encontrá-lo não é problema, Victor com certeza quer distância de mim.

Deixo minhas malas no quarto e saio com eles, vamos comer em uma lanchonete popular, agradeço silenciosamente por eles aceitarem minha escolha, eu quero evitar encontros indesejáveis em restaurantes caros.

Como um hambúrguer observando o entrosamento entre Miguel e Mônica. As coisas com eles parecem leves, descomplicadas. Por que comigo é tudo tão dramático? Será que algum dia vou ser normal? Eu quero ser uma pessoa forte, segura, mas é como se eu desse um passo para frente e dois pra trás a cada vez.

Olho para as batatas na bandeja, até segundos antes, eu estava com uma fome tão grande que comeria facilmente um boi pelas pernas, agora tenho um nó no estômago.

– E então Helle? O que você acha?

Hã?

Olho para Mônica de voz doce e apaixonada, seus olhos brilhantes em expectativa esperando uma resposta, mas eu não ouvi uma palavra do que ela disse.

– Desculpe? – pergunto meio envergonhada de não estar prestando atenção.

– Miguel, comendo tudo isso, sem culpa. – ela apoia a cabeça no ombro dele – Cada batatinha dessas está indo direto pro meu traseiro, e nele não faz nem efeito. A natureza é mesmo injusta com nós, mulheres, você não acha?

– Sem dúvida. Esse Loiro come até pedra se colocar sal e nada acontece. Isso é totalmente injusto – jogo uma batatinha nele, que se esquiva com divertimento.

Os dois riem cúmplices. Como é bom ver Miguel tão bem, tranquilo e feliz. Mônica faz bem pra ele, e eu já gosto dela como se a conhecesse há muito tempo.

Retorno para o hotel, entro no quarto e desabo na cama olhando para o teto. Tento pegar no sono, mas as lembranças de Victor estão presentes em mim, na minha pele e neste quarto. Eu não posso mais pensar nisso, acabou. Esta página foi virada... não por mim... por ele. *Pensamentos... pensamentos... me deixem em paz, só por hoje.*

Sono, por favor, me resgate, eu não quero pensar, só preciso dormir.

Acordo cedinho e saio dar uma corrida no Central Park, eu estava com muita saudade disso, preciso dessa sensação de liberdade, ar fresco da manhã, cheiro das plantas. Isso me restaura.

Corro alguns quilômetros e sinto a angustia deixando o meu corpo, junto com o suor. Perfeito.

Volto renovada e decido ficar aqui o dia todo, não quero sair. Peço o almoço e jantar no quarto. Tudo para evitar um encontro com *ele*. A noite se entende longa e pra variar, sem sono. Troco de canal um milhão de vezes na tentativa de ocupar a cabeça. Vejo o dia amanhecer, mas quer saber? Hoje temos uma reunião importante, tenho que deixar minhas neuras e focar no que vim fazer aqui. Levanto às seis horas e saio correr.

É meio engraçado como alguns hábitos das pessoas não mudam. Desde a primeira vez que vim neste parque, eu sempre vejo o mesmo homem se exercitando. Ele parece solitário, já tem por volta dos quarenta anos, é bonito, mas não uma beleza extravagante, é mais para enigmática... no entanto o que chama a atenção e o que me fez notar sua presença é a cicatriz profunda no rosto, que vai dos lábios até a nuca, perceptível porque seu cabelo é cortado estilo militar. Dá a impressão que há uma história interessante ali.

Um homem misterioso e hoje, pela primeira vez, sorri pra mim com simpatia! É algo agradável.

Isso é um bom sinal, um estranho misterioso sorrindo pra mim. Volto inspirada para me arrumar e encarar uma reunião.

Estamos prontos para encontrar nosso futuro investidor, Sr. Petter Wesson. Aguardamos na sala de espera até que uma senhora muito agradável nos autoriza a entrar. O homem já tem uns sessenta anos, mas possui o sorriso jovial. Sinto uma energia muito boa nele, o que me faz relaxar um pouco.

Ele nos relata suas ações junto á ONU e sua incrível história de vida, ele próprio também já passou fome e construiu seu patrimônio trabalhando arduamente. Admiro muito pessoas com humildade e acima de tudo que sabem reconhecer e retribuir as coisas que receberam na vida. Sinto um imenso apreço por conhecer um cara tão bom.

Miguel diz a ele tudo sobre o nosso projeto e o quanto a população está envolvida, os olhos do Sr. Petter brilham com a história.

- Muito bem Sr. Andriatto, Sra. Vagnolli. Já sou um velho, mas se tem uma coisa que a vida e os negócios me ensinaram é confiar em meu faro, e nesse momento ele me diz que esse negócio que vocês têm em mãos é grande. E eu quero estar junto nisso – ele fala decidido.

Sinto meu coração palpitar de emoção. Eu realmente não esperava que isso desse certo, é como se estivéssemos recarregando nossas baterias. No fim da reunião, conseguimos a promessa de um contrato de cinco milhões de dólares, que assinaremos na próxima quinta-feira, em três dias. Este valor é razoável para os insumos iniciais, mas claro, todo o maquinário e insumos para mais tempo ainda depende de um valor maior. No entanto, é um grande começo, ainda podemos negociar com os bancos.

Voltamos para o hotel, bem satisfeitos. Miguel me deixou e foi para casa da Mônica. Envio alguns e-mails para o Brasil pedindo que nossos advogados se comuniquem com os advogados do Sr. Petter para elaboração do contrato. Fernando me responde rapidamente, a notícia agradou a todos por lá, ele me conta que já está preparando os balanços da empresa para caso tenhamos que recorrer aos bancos.

Peço o jantar no quarto mesmo. Fico mais um tempo acordada... para variar pensando em Victor... e Felipe.

Tento pegar no sono ouvindo um pouco de música - apenas para relaxar - nada que me faça lembrar ninguém, só quero uma música para me deixar tranquila. Procuro em minha lista do Ipod e escolho a Bebel Gilberto, “So Nice” uma versão em inglês da “Garota de Ipanema” de Tom Jobim. Adormeço feliz pelos acontecimentos do dia.

Acordo disposta, tomo um banho e coloco roupa de ginástica. Pelas sete e meia da manhã caminho para a entrada do Central Park.

Oh Não!

Tenho uma sensação de nó na boca do estômago, minhas pernas estão bambas e simplesmente travam... Victor... *OMG!*...Ele está lindo... de moletom e tênis... mas ele não está se exercitando, está parado mexendo no celular. Ver ele de longe, com um visual descontraído, cabelos levemente bagunçados e parecendo a idade que tem mexe com todas as partes do meu corpo... ele parece um menino.

Mas eu não posso deixar que ele me veja, eu não suportaria falar com ele, nem sei ao certo o que dizer e... bem... ele também não quer falar comigo, não me mandou nenhuma única mensagem depois que foi embora, e no fundo a culpa é minha.

Viro rapidamente tentando voltar por onde entrei sem ser percebida, mas Victor me vê e grita meu nome, finjo que não ouvi e ando mais rápido, dou mais alguns poucos passos e sou puxada pelo braço, por sua mão firme.

– Pare de fingir que não me viu, eu estou te esperando e quero falar com você! – ele fala ríspido, sem emoção.

– Nós não temos nada pra falar Victor, por favor, me deixe ir – pareço uma menininha medrosa.

– A gente vai conversar, queira você ou não – ele me segura pelo braço, com força, não está propriamente me machucando, mas não consigo me soltar. Sou quase arrastada para fora do parque.

– Victor, por favor, me solte, onde estamos indo? – minha voz sai embargada, com um misto de surpresa e medo.

– Tomar café. Vou te soltar desde que você não banque a espertinha comigo – não há nada afetuoso em seu andar determinado. Percebo que ele está se esforçando para manter a postura impassível, seu maxilar pulsa em um ritmo nervoso.

Olho seu perfil glacial e tenho vontade de chorar, estou fraca.

– Tudo bem, me solte, eu vou com você – estou rendida.

Ele solta meu braço, mas pega minha mão, seu toque é macio e quente, saímos do parque, caminhamos alguns metros e entramos em um café. Ele apontou a uma mesa.

– Sente-se ali, vou pedir o café – seu tom de voz me congelou por dentro, totalmente frio... e como sempre mandão.

Sento em uma mesa, mal contendo a tremedeira que toma conta de mim, enquanto observo-o fazer o pedido. Ele vem com dois cafés, empurra um em minha direção, senta-se, sem me olhar, abre a tampa do café e com indiferença leva o copo à boca.

Por que ele está fazendo isso? Vai ficar me tratando assim por quanto tempo?

Levanto meu rosto para enfrentá-lo.

Ele respira profundamente e finalmente me encara.

– Vamos lá Hellena, eu te dei espaço e tempo suficientes para você pensar na gente. E então?

Como assim ele me deu *espaço e tempo*? Fugir e não me ligar significa isso? *Jeito estranho*.

Abro meu café, lentamente levo o copo à boca e tomo um pouco, bem devagar, tentando ganhar tempo para responder. Olho pra ele, seus olhos estreitados, zangado esperando uma resposta.

– Eu procurei você naquele dia, no hotel, mas você já tinha saindo – falo meio sem jeito.

Ele me observa mais atentamente, acho que gostou do que ouviu, mas seus olhos ainda tentam transmitir indiferença. Tomo mais um pouco do café.

– E? – ele arqueia uma sobrancelha.

– E você fugiu, foi embora antes mesmo que eu pudesse me desculpar – abaixo minha cabeça.

Sinto um gosto amargo com a lembrança.

– Eu não fugi Helle, talvez um dia você saiba a verdade e consiga entender, mas não hoje... – ele fala meio irritado – E você ia pedir desculpas pelo que exatamente?

Ah! Ele quer o maldito reconhecimento!

– Pelo jeito com que saí naquela manhã, Victor – digo baixo, envergonhada de minha atitude naquela manhã.

– Eu quero saber por que você fez aquilo, Helle? Depois de tudo que vivemos naquela noite, por que você agiu assim?

– Ok – respiro fundo – eu agi mal, fiquei com medo e reagi daquele jeito.

– Medo do que? – agora ele está visivelmente irritado.

Não quero começar uma conversa que eu sei que não vou poder chegar ao fim. Sinto que sou como uma represa, segura por uma barreira de pedras. No menor sinal de rachadura, pode desaguar uma correnteza insuportavelmente dolorida.

– Não Victor, eu não posso continuar aqui, tenho coisas pra fazer – esta é a saída mais imbecil do mundo, eu sei.

–Você não vai sair daqui sem conversarmos – é quase uma ameaça – Eu exijo que você me fale porque não pode ficar comigo. Eu sei que você me quer, mas por que está lutando contra isso? – ele está muito irritado.

– É complicado Victor... eu não posso evitar – falo resignada.

– Eu sou o cara mais fodido destes últimos dias, só fico pensando em você, o tempo todo, eu estou sofrendo e tenho o direito de saber o que te impede – ele me encara, com sinceridade e mortificação no olhar.

– Eu não quero te magoar Victor, eu vi como você ficou naquela manhã, eu sou uma fodida de merda para relacionamentos – um nó se forma na garganta, meus olhos ardem.

Ele segura minha mão, seus olhos fixos nos meus, me incentivando que continue.

– Eu sei que te devo isso, mas eu simplesmente não posso.

– Você vai me contar *agora* o que está acontecendo Maria Hellena, estou cansado disso tudo! Você só consegue fugir o tempo todo, está brincando comigo quando a única coisa que eu quero é ficar com você e te proteger.

Sua voz irradia impaciência e descrença. Como explicar o quão fodida eu sou?

– Eu não gosto de falar sobre isso... tenho um passado que me fere muito e que me arruinou para relacionamentos futuros.

– Então me conte, acho que eu mereço saber – mesmo irritado, as palavras saem calmamente em tom de domínio.

Respiro o mais fundo que eu posso, eu sei que minhas próximas palavras vão me levar para lembranças negras que deixo escondidas em uma caixinha dentro da cabeça.

– Como você já sabe Victor, eu estou em processo de divórcio litigioso no Brasil. Meu ex-marido se recusa a assinar os papéis da separação e estamos brigando judicialmente por isso.

Lá vai, deus grego, se prepara!

– Eu o conheci quando tinha dezoito anos, na época eu ainda vivia com a minha tia, mas as coisas estavam cada dia mais difíceis – *e bota difícil nisso garotão* – Thiago apareceu na minha vida como um sopro de ar fresco, pelo menos foi isso que acreditei.

Victor me olha paciente, mas sei de sua ânsia em entender este meu lado desequilibrado.

– Terminei o colegial com dezessete anos, mas não poderia entrar na universidade pois não tinha dinheiro. Procurei um trabalho e consegui uma bolsa parcial de estudos em uma das melhores universidades do Brasil. Então com dezoito anos eu ingressei na graduação. Eu não tinha condições financeiras para sair da casa da minha tia, porque meu salário ia quase todo para os estudos, mas também não tinha condições mentais de permanecer lá.

Tomo um pouco do meu café. Lembro das cobranças que minha tia fazia a respeito de eu ter que encontrar outro lugar para morar porque seu filho traria a esposa para viver lá.

– Ela dizia que eu já tinha idade para alugar uma casa e viver sozinha, que ao invés de eu pagar os estudos deveria pagar uma casa. Neste momento turbulento conheci Thiago, ele era o cara mais gentil que eu já tinha visto na vida. No nosso primeiro encontro ele fez todo aquele ritual cavalheiro de abrir portas, falar coisas bonitas.

Victor dá um suspiro gelado e me interrompe.

– Por isso você ficou pálida, no restaurante aquele dia... – ele não está me perguntando, está apenas processando a informação.

– Isto ainda me perturba... – dou um sorriso amarelo – lembro dele falando que a partir daquele dia ele faria tudo por mim e era melhor eu ir me acostumando. Eu podia ver nos olhos dele um brilho perverso, alguma coisa dentro de mim dizia que ele era perigoso, e eu não quis dar ouvidos aos meus instintos.

Entro no meu buraco negro de lembranças.

– Nos encontros seguintes ele foi cada vez mais gentil, mas faltava alguma coisa, no fundo eu sempre soube que não o amava... o que eu sentia por ele não chegava nem perto disso – faço um sinal com a mão entre nós dois – Eu não sentia nenhuma atração, nenhum arrepio, nenhuma corrente elétrica ou borboletas no estômago como sinto com você.

Victor fica feliz ao ouvir minha confissão e sorri de um jeito lindo.

– Eu também nunca senti isso por ninguém Helle. Mas continue – ele está concentrado em mim.

– As coisas aconteceram muito rápido, acho que em função da pressão que eu estava tendo com minha tia, com três meses de namoro eu aceitei o pedido de casamento. Fizemos tudo as pressas, ele é um cara ansioso, as pessoas até acharam que eu estava grávida... foi isso que minha tia também pensou.

Respiro fundo e continuo.

– Algumas coisas nas atitudes de Thiago me assustavam, ele me fez sair do emprego porque alegava que eu passava pouco tempo com ele, e como ele possuía dinheiro passou a pagar minha universidade. Aparentemente aquilo parecia ser um cuidado normal.

Tomo mais um pouco de café, recordar como eu fui idiota e não percebi os sinais ainda me dói.

– Até que eu me vi dependente dele pra tudo, todas as decisões eram tomadas por ele, havia o controle das roupas que eu poderia vestir, com quem eu poderia conversar, ele me isolou do mundo e isso só piorou com o tempo.

E eu fui uma imbecil de permitir.

–A única coisa que eu não aceitei foi deixar a universidade, ele insistia muito, mas eu conseguia convencê-lo. Sua família tinha muito poder, o que o tornou um menino mimado demais e acostumado a ter tudo muito fácil. Ele aceitou que eu continuasse a estudar desde que ele fosse me levar e buscar todos os dias. Era algo ridículo, ele estava recém formado em engenharia e deixava suas obrigações profissionais de lado pra fazer a tarefa de meu motorista particular.

Victor tem os olhos cravados em mim.

– Nas poucas vezes que eu pude fazer trabalhos em grupo com o pessoal da universidade ele tinha que ir junto, as pessoas não entendiam aquilo e se afastavam de mim. No segundo ano de graduação, eu conheci Miguel, estávamos na mesma turma de macroeconomia. A maioria das pessoas já sabia que eu tinha um marido ciumento e me evitavam, mas não Miguel, ele foi se aproximando aos poucos e me ajudando.

O anjo Miguel, meu amigo querido que me deu tudo o que sou.

– No começo eu tentava manter ele longe, eu tinha verdadeiro pânico de que Thiago o conhece e tentasse fazer alguma merda. Com o passar do tempo estávamos mais próximos e eu ganhei um amigo de verdade, entretanto em casa, meu pesadelo só começava.

Meu olho enche de lágrimas com a lembrança.

– As coisas que já estavam difíceis se tornaram insustentáveis. Percebi que estava vivendo uma história igual a da minha mãe em um relacionamento possessivo. Ele agia de um jeito dominador, impunha barreiras para tudo o que fosse relativo aos meus estudos.

Respiro um pouco, não quero desabar em lágrimas na frente do homem que eu nem sei ao certo o que significa pra mim.

– Quando eu tomei coragem para por um fim naquilo e disse a Thiago que queria o divórcio, ele me bateu, me jogou em um quarto da casa e trancou. O resultado foi um braço quebrado e duas semanas como prisioneira. A cada minuto presa naquele lugar me desesperava mais... todos os dias ele entrava e de alguma forma me torturava, senão fisicamente me tomando á força, psicologicamente, exigindo que eu mudasse de ideia.

Victor me olha com agonia, suas mãos serradas em cima da mesa. Ele não me parece muito bem.

– Você quer que eu continue Victor?

Ele acena que sim com a cabeça.

– Foram os piores momentos da minha vida. Como parte da tortura, ele controlava minha alimentação, fiquei muitos dias sem comer. Já fazia quatorze dias que eu estava presa e sem esperanças, uma manhã ele chegou embriagado, fedendo a perfume barato de mulher e queria me ter a força, quando eu neguei, ele torceu meu braço até quebrar, por mais que ele estivesse bêbado, eu estava muito fraca sem me alimentar e ele era fisicamente muito mais forte.

– Covarde de merda! – Victor esbraveja

– Mas aquele dia foi minha salvação. Como se fosse enviado por Deus, eu ouvi a porta se arrebentar e Miguel estava lá para me resgatar. Os dois brigaram e Miguel deu uma surra nele, me tirou daquela casa somente com a roupa do corpo e me levou para um hospital. Fiquei uma semana internada, estava desidratada e com braço quebrado, depois fui pra casa de Miguel onde fiquei até que as coisas começaram a dar certo.

Victor me olha sério, acho que ele está sentindo pena de mim, mas eu não quero isso. Eu não preciso de compaixão, eu sou forte... pelo menos eu tento ser forte...

Olho para baixo evitando encará-lo e perceber que ele não quer uma pessoa fodida como eu. Ele suspira, quebrando o silêncio.

– Então e por isso que você considera Miguel como um irmão – ele apenas conclui.

– Sim, minha ausência nas aulas e a fama do meu marido fizeram com que ele desconfiasse que houvesse algo errado. Ele é um cara incrível. Mesmo depois que eu tive alta, Thiago tentou por várias vezes me levar de volta pra casa, mas Miguel não permitia que ele chegasse perto. Foi um período difícil e me mostrou o quanto eu posso contar com Miguel.

Novamente o silêncio toma conta do ambiente. Victor aperta minha mão por cima da mesa, sua expressão está mais suave do que momentos antes, quando me arrastou para este café. Ele está avaliando tudo o que eu disse.

– Helle, agora eu entendo todo o medo que você tem. Mas presta atenção: este cara é um doente mental filho da puta, um covarde de merda que se aproveitou da sua fragilidade. Isto não tem nada a ver com a gente, com o que sentimos um pelo outro. Eu jamais faria isso com você. Não tenha medo – seus olhos de oceano estão transparentes e eu sinto que ele é sincero – Eu sou um lixo longe de você, senti muito sua falta todos estes dias. Atravessei o oceano pra te ver e você fugiu de mim.

Minha nossa!

Fico quase sem palavras com a intensidade com que ele fala.

– Eu sei, Victor, eu sei que as coisas não são iguais... eu também fiquei um lixo quando você deixou Niamey... mas eu demorei muito pra recuperar o equilíbrio na minha vida, e posso perder tudo novamente se isso entre nós der errado.

Uma dor preenche meu peito só de pensar nesta possibilidade. Mas eu preciso falar tudo o que sinto, e tem que ser agora.

– Eu fiquei muito mal quando você foi embora naquela noite no seu hotel... e também quando você saiu do Níger, a dor foi tanta que até me assustou Victor. Se isso der errado, nem sei se suportaria... sou uma fodida.

– Por que temos que pensar que as coisas darão errado? Pra mim também é tudo novo Helle. Eu não pretendia me relacionar, *nunca mais*, até te conhecer, porque com você é diferente. Eu só tenho uma certeza, estes últimos dias tem sido um inferno pra mim.

Por que ele tem que ser tão lindo e ter este olhar tão sincero? Isto não me ajuda em nada. Ele também não pretendia se relacionar *nunca mais*? Por quê? Eu tenho mesmo que sentir tudo isso quando estamos juntos? *Ah coração, deixe o cérebro trabalhar em paz!*

Fico olhando para o meu café, que a esta altura está gelado. Victor me observa, acho que ele está esperando que eu diga alguma coisa. Mas o que dizer, que ele já não saiba?

Minha atenção é atraída para a vibração insistente do meu celular, puxo-o do bolso e vejo o nome de Felipe no visor. Depois do nosso beijo em não falei mais com ele, estou envergonhada.

Olho para Victor e faço um sinal com o dedo para que ele aguarde um minuto. Ele estreita os olhos, pelo jeito não gostou muito.

– Alô.

– Oi Helle... – a voz de Felipe é baixa, com um misto de timidez e preocupação.

– Oi Felipe... tá tudo bem?

– Infelizmente não Helle. Eu tentei falar com Miguel, mas o celular está desligado.

Há algo de errado pelo tom que ele usa.

– O que ouve Felipe?

Victor tem os olhos em mim, como um águia.

– Um incêndio Helle – ouço sua respiração pesada do outro lado da linha – Esta noite a empresa foi tomada pelo fogo. Alguns vizinhos tentaram apagar as chamas, mas sem sucesso.

Fico muda, a bile sobe à garganta causando um terrível enjoo. Victor arqueia as sobrancelhas assustado.

– O que foi Maria Hellena? O que aconteceu? – ele esbraveja impaciente ao meu lado.

Felipe deve ter ouvido a voz de Victor.

– Helle, você está com alguém... agora? – seu tom mudou, parece enciumado.

– Sim Felipe... estou com um... amig... investid... amigo – *gaguejar em momentos inapropriados não tem preço!*

– Tudo bem, por favor, peça que Miguel me ligue, estou indo á delegacia – sua voz ficou diferente.

– Delegacia?

– Sim, suspeito que não seja um acidente... – silêncio e suspiro – Eu te ligo mais tarde.

Ele parece frio, e isso corta meu coração.

– Felipe... você está... bem?

– Sim Helle, te ligo mais tarde.

Ele desliga. Tento respirar fundo e manter-me calma.

Olho para o deus grego a minha frente com os olhos estreitados, inquieto observando minha reação.

– O que aconteceu Helle? – ele fala preocupado.

– Um incêndio na minha empresa... Felipe suspeita que não seja... um acidente – falo tão baixo que não sei se ele escuta. Estou me sentindo zozza com a notícia.

– Quando foi isso? – seus olhos estão escurecendo, ele parece muito irritado, mas como sempre, mantém a postura de homem equilibrado que eu já conheço.

– Ontem à noite – mordo o lábio evitando demonstrar meu nervosismo – Eu tenho que ir agora Victor. Preciso falar com Miguel.

– Você não está bem Helle, não pode ficar sozinha. Vamos para minha casa e peço para Miguel ir pra lá também. Vou fazer algumas ligações e tentar descobrir o que aconteceu.

Seu jeito de falar não permite recusas, ele não está me convidando, está exigindo... mas nesse momento eu não consigo raciocinar, acho que ele tem razão.

– Tudo bem... eu só preciso ir para o hotel tomar banho e me trocar... apesar de ter não ter corrido hoje porque *alguém* não deixou.

Tenho vontade de rir com o olhar de aviso que ele fez agora. Apesar da irritação, ele já está em pé me puxando pela mão.

– Ok, vamos ao hotel, você pega suas roupas e toma banho na minha casa.

Adianta contrariar?

Vamos para o carro que ele mesmo dirige. Chegamos ao hotel, Victor deixa o carro na porta e faz sinal para o porteiro, avisando que já vamos sair. Subo o elevador com ele segurando forte minha mão. *Não pense muito Helle, você tem problemas maiores pela frente.*

Entro no quarto e ele entra atrás. Enquanto eu separo uma roupa, percebo que ele olha para a parede, semelhante aquela onde ele me tomou algum tempo atrás - proporcionando meu primeiro orgasmo, mas ele não sabe disso. Ele tem o rosto sério, noto que a lembrança também mexe com ele.

Sáímos do quarto e no caminho tento ligar pra Miguel, o celular está desligado. Mando mensagem.

“Loiro, por favor me ligue”.

♠ *Não pense, apenas sinta* ♠

Victor dirige a caminho de sua casa. Como eu já suspeitava, é mesmo bem perto do hotel. Entramos pela garagem, vejo alguns veículos luxuosos estacionados. Ele abre a

porta e me conduz pela mão ao elevador, ao vê-lo digitar a senha no teclado, percebo que estamos indo para a cobertura.

Quando a porta do elevador se abre eu quase caio de costas: um apartamento lindo, com vista para toda a cidade, vidros do chão ao teto por todos os lados, o chão é tão brilhante que reflete as luzes do teto. Os móveis todos com design moderno em tons escuros, a cozinha bem grande, tudo organizado, parece apartamento de revista. O conjunto completo é como Victor, grande, lindo, exuberante. A identidade dele está aqui.

Ele me puxa para o centro da sala.

– Sua casa é linda, Victor – falo subitamente tímida.

– Venha vou te mostrar onde é o meu quarto. Você vai usar o banheiro lá – ele fala com a voz rouca.

Subimos a escada para um corredor amplo e iluminado, no final é o quarto dele. Um quarto masculino, com o cheiro dele, cama gigante, lençóis branquinhos, a parede atrás da cama é escura, o conjunto torna o quarto extremamente sexy. *É obvio que muitas mulheres já estiveram aqui.* Sinto uma onda de calor invadir meu corpo. *Ciúmes? Agora não, por favor.*

– Nunca trouxe nenhuma mulher para esse quarto Helle – ele lê pensamentos?

– Você não tem que me dizer isso Victor, eu não estava pensando nisso e... – ele me interrompe.

– Tudo bem Helle, sei que você não estava pensando nisso – ele balança a cabeça com um sorrisinho nos lábios. *Que deus grego convencido* – Fique á vontade. Vou fazer uns sanduíches pra gente, enquanto você toma banho.

O banheiro é outro espetáculo de grandeza e elegância. Ligo o chuveiro e trato de tomar um banho rápido, uso o sabonete dele, *que cheiro maravilhoso. Imagino-o aqui no seu local íntimo, deslizando esse sabonete por todo o seu corpo enxuto e definido... aff que calor!*

Saio do banho me envolvendo em uma toalha macia e branquinha. Depois de me secar, coloco um vestido longo estampado e soltinho no corpo. Faz muito calor lá fora e este vestido é bem fresquinho. Dou uma ajeitada no rosto e no cabelo.

Desço as escadas e ouço Victor ao telefone, falando com alguém de sua empresa pedindo que desmarque sua agenda de hoje. *Ele vai fazer isso por mim? Será que isso é bom?* Dou mais alguns passos e ele me vê, desliga e caminha sorrindo em minha direção.

– Sempre linda Helle – sem nenhuma resistência ele me puxa para os seus braços, me envolve em um abraço forte, cheirando meu cabelo.

Como isso é bom, eu me sinto segura em sua presença, mal nos conhecemos e ele já tomou conta da minha cabeça de um jeito único, e é bom saber que ele também sente isso. Ele me disse que não traz mulheres aqui e acho que isso quer dizer alguma coisa. Cada pedaço dele me atrai, não quero mais resistir a isso, eu mereço essa experiência e quero tê-la.

– Eu fiz um sanduíche pra você – ele me solta dando alguns passos para trás – Liguei para algumas pessoas e elas estão apurando o que aconteceu na sua empresa – ele me observa, com ar tranquilo.

– Obrigado Victor.

Encaro seus olhos profundos e sinceros. Ele não correu quando ouviu minha história, pelo contrario, me trouxe á sua casa, isto significa muito pra mim.

Desvio um pouco dele para evitar falar alguma bobagem ou me jogar em seus braços. Procuro em minha bolsa, apoiada no sofá, por meu telefone. Victor limpa a garganta, observando o movimento trêmulo dos meus dedos. Seguro o telefone em uma mão e pela outra sou levada pra cozinha, sento numa banquetta na maravilhosa ilha. A cozinha é convidativa, parece que estou em um programa chique de TV sobre culinária.

Meu telefone vibra. Victor para do outro lado da bancada em minha frente, tenso. O nome de Miguel aparece no visor.

– Oi Miguel – Victor respira com certo alívio disfarçado.

– Helle, você está bem? Onde você está? Felipe já me contou sobre o incêndio.

– Eu estou bem Miguel, estou com Victor agora e... estou bem. Felipe já te contou como foi tudo na polícia?

– Sim, eles vão investigar, há indícios de que o incêndio seja criminoso Helle, estou preocupado com você e...

– Eu sei Miguel, mas estou bem, estou aqui e ninguém se feriu. Eu te ligo mais tarde – Miguel está preocupado, sei que se estas coisas continuarem acontecendo ele vai acabar me mandando de volta para o Brasil.

– Ok bebê, falamos depois. Cuide-se, te amo.

– Também te amo. Até depois.

Desligo e continuo olhando pra tela, Victor está me observando.

– Miguel também não concorda com sua presença lá, não é? – ele fala com desgosto.

– Ele se preocupa, mas sabe que é importante pra mim – tento encerrar o assunto, eu não quero mais uma pessoa me dizendo dos perigos que corro.

Acho que Victor aceitou não tocar neste assunto, pelo menos por hora.

Como o sanduíche feito por ele, o gosto é divino, muito bom. Ele mantém os olhos atentos em mim. Resolvo especular sobre sua revelação de momentos antes.

– Então... você não... bem... não... traz mulheres nesta casa? – falo timidamente, meio gaguejada.

Abaixo meus olhos, arrependida da minha pergunta *quase nada* invasiva.

– Não Helle – ele está sério – Não trago nenhuma mulher aqui. Eu já te disse que tudo com você é diferente.

Meu rosto cora.

– Hum... – resmungo de cabeça baixa. Mordo forte meu lábio para controlar a pequena tremedeira.

Quando noto, Victor deu a volta no balcão e está parado ao meu lado. Ele vira minha banqueta em sua direção e aproxima seu rosto.

– E o que este “hum” significa Maria Hellen? – sua voz sai baixa, sexy, com uma promessa velada.

Caramba! Ele mal me tocou e eu sinto tudo isso de novo, a palpitação, o tremor, a quentura nas partes baixas, a pulsação do pontinho e meu rosto queimando.

– Você tem alguma noção do efeito que causa em mim Victor? – desabafo ofegante com a proximidade.

Sua respiração quente varre a pele do meu rosto.

Sem hesitar, Victor me pega pela cintura, levantando meu corpo e sentando-me sobre o balcão. Sou embriagada pelos *olhos-de-oceano-escurecidos* e o perfume delicioso.

– Não deve ser nenhuma pequena parte da reação que *you* provoca em mim, Maria Hellena – voz incrivelmente rouca.

Sua boca tão perto da minha e o cheiro entrando no meu cérebro provocam uma necessidade latente. Aproximo minha boca da sua e sussurro, quase se encostando a ele.

– Você não tem mesmo ideia, não é? – *isso garota, provoque!* Eu amo a mulher sedutora que ele desperta em mim.

Sou puxada ferozmente, ele se posiciona em pé entre as minhas pernas e numa explosão, nossas bocas se conectam, línguas exigentes exploram todos os espaços. Minhas mãos agarram o seu cabelo sedoso, e as mãos dele me apertam pela cintura, puxando em direção á seu corpo, o beijo é tão intenso que posso sentir sua ereção contra mim, por cima do moletom.

Estou entregue, absolutamente e profundamente entregue.

Victor me deita no balcão e começa beijar minhas coxas, beijinhos leves que fazem minha pele arrepiar. Sinto seu sorriso atrevido enquanto inicia a pequena tortura.

– Está com frio, Maria Hellena? – *ele me excita e ainda debocha?* – Desde a hora que eu vi você com este vestido só pensava em erguê-lo e te tocar bem aqui – Ele dá um beijo leve por cima da minha calcinha e roça o nariz no tecido fino.

Que maldita sensação maravilhosa! Ele afasta a calcinha para o lado com o dedo e planta um beijinho bem no meu pontinho. Gemo alto. Ele está me torturando, meu sexo recebe toda a sua atenção, beijos, chupões, lambidas, tudo terrivelmente bom. Ele massageia meu ponto com a língua, o toque leve, macio. Estou totalmente sensível.

– Quero que você se lembre desta sensação quando pensar em fugir de mim novamente doce Helle – as palavras são como música, a voz rouca, sexy.

Arg! Vou morrer aqui com esse homem. Meu corpo queima, me fazendo contorcer embaixo de seu toque. É uma tortura. Tenho certeza, ele quer que eu pague por ter fugido do hotel, ele definitivamente está me punindo com sexo!

– Victor... – clamo desconexa.

Ele afasta ainda mais minha calcinha e sua língua entra deliciosa em mim. É o meu fim: um orgasmo violento me despedaça, grito de prazer, meu corpo está convulsionando.

– Victor!

Mesmo me desmanchando sob seu toque, ele permanece me acariciando.

– Você é muito doce mulher! – ele fala provocador como o inferno.

Ouçoo seu sorriso de satisfação, enquanto me chupa com mais avidez. Um dedo entra criando um ritmo provocante dentro e fora, e a boca continua em meu ponto pulsante. Gemo chorosa, mal me recuperei do orgasmo, ainda estou tremula.

Ele é impiedoso com seus movimentos. Em segundos, a onda quente me dilacera novamente. Pela segunda vez eu me desmancho diante de Victor, soluçando seu nome. É maravilhoso, inexplicável, não escuto nada além das batidas aceleradas do meu coração. Tremo descontrolada, da cabeça aos pés. Não tenho forças para mais nada, estou impotente, extasiada.

Victor me levanta em seus braços e leva para o quarto, subindo as escadas. Minha cabeça está anuviada demais para pensar, mas estou vibrando com a necessidade de senti-lo dentro de mim. Ele me deita carinhosamente em sua cama.

– Descanse um pouco meu anjo.

O que? Ele quer que eu fique descansando aqui? Eu preciso sentir ele em mim, eu preciso muito.

Seguro ele pelo braço. Estou muito excitada e vejo que ele também, sua enorme ereção no moletom revela isso.

– Eu quero você em mim Victor, eu preciso disso, por favor, fique comigo.

Seus olhos escurecem, aproveito e me enrosco em seu pescoço puxando-o para um beijo. Não há joguinhos, estamos em uma bolha só nossa, a excitação nos une, precisamos um do outro.

Rolo-me em cima dele, deixando ele deitado, embaixo de mim. Cada parte do meu corpo pede por ele. Abaixo sua calça e puxo a ereção: lindo. Envolver a extensão com as mãos e beijo a pontinha, o gosto é maravilhoso, chupo o mais fundo que eu posso, mas é grosso e grande, lambo as veias, começando um movimento frenético. Victor geme meu nome.

– Pare Helle, eu não vou segurar – sua ordem rouca me excita.

As palavras me fazem chupar com mais vontade, vejo o arrepio provocado em seu corpo. Ele está prestes a gozar e isso me excita muito. Chupo mais forte até sentir a pulsação e o líquido quente invadindo minha boca, o gosto dele é muito bom, sugo tudo, enquanto Victor relaxava em minhas mãos.

–Helle, você é incrível – ele me puxa e beija minha boca com fervor, suas mãos apertam meu corpo.

Meu coração palpita de alegria sabendo que sou capaz de deixar esse homem, tão intenso, praticamente rendido. É incrível como vê-lo assim tão excitado só me excita mais.

Tiro meu vestido sob os olhos divertidamente perversos do *deus-grego-perfeito*. Eu preciso dele.

– Eu preciso de você. Agora – minha voz sai falhada.

– Helle, eu não tenho preservativos aqui no quarto – ele fala entre os dentes, enquanto beija meu pescoço.

Eu tomo anticoncepcional e fiz exames depois que me separei, mas e Victor, ele se previne? Eu preciso perguntar.

– Victor, eu fiz exames e tomo pílulas, mas e você...? – os olhos dele brilham.

– Não transo sem camisinha Helle, nunca, e faço exames periódicos. Sou limpo – ele sorri como um menino.

Victor me penetra, pele com pele, quente e duro, maravilhoso. Nossos corpos se encaixam perfeitamente. Estou tão sensível que, com o aumento do ritmo, me desmancho, gozando. Ele também atinge o clímax. Somos dois corpos unidos, com respirações ofegantes, mas juntos.

Descanso minha cabeça em seu peito escutando as batidas aceleradas de seu coração. Quero evitar pensar muito, mas estar aqui, ligada a esse homem, me dá um medo absurdo. Quão dependente disso eu estou, quanto tempo vai durar... *Helle, Helle, veja só que no que você está se metendo garota...*

Como se ele pudesse ler meus pensamentos, sinto o seu dedo fazendo círculos sobre as pequenas rugas de dúvida que se formam acima da minha sobrancelha.

– Esse é o seu lugar Maria Hellen – sua voz não deixa margem para discussões, e eu quero muito acreditar que isso não é um sonho.

Respiro fundo e fecho meus olhos por alguns instantes, sentindo o momento.

Aos poucos estamos nos restabelecendo. Victor me convida para um banho - o melhor da minha vida - ele me lava inteirinha com delicadeza e fazemos amor novamente. Eu não me canso dele. Hoje percebi que a nossa ligação está mais forte. Ele sabe tudo sobre meu passado e ainda assim, cheia de traumas, ele me quer.

Coloco meu vestido e vejo Victor vestindo uma camiseta cinza com a estampa de Stanford e calça jeans, lindo, de pés no chão.

Voltamos para a cozinha. Ele pede nosso almoço por telefone, me sento no balcão e o observo enquanto ele escolhe. Ocorre-me que esta manhã no parque, ele disse que estava me esperando, mas se queria conversar, por que não me procurou no hotel?

– O que foi Helle? – ele se senta à minha frente, apoia o cotovelo no balcão segurando o queixo. Cena lindíssima. *Foco*.

– Você estava mesmo me esperando no parque, hoje cedo? – ele abre um pequeno sorriso no canto da boca.

– Sim. Ontem você foi correr muito cedo e ficou o dia inteiro no quarto. Eu tinha duas opções: ou invadia aquele quarto ou esperava você no parque hoje. Então fiquei lá por quase uma hora e meia até você aparecer. Eu disse que a gente ia conversar de qualquer jeito, se você não aparecesse, eu iria até o hotel.

– Como você sabe o que eu fiz ontem? – fico um pouco irritada, imaginando seus métodos.

– Eu sei que vai ficar chateada Helle, mas eu estava ansioso pra falar com você. Fiquei o dia todo na sala de segurança, esperando você sair – percebo um pequeno constrangimento em sua confissão – Quando eu cheguei você tinha acabado de voltar da rua, estava no quarto, e como se soubesse, pediu as refeições lá mesmo. Você é uma mulher difícil senhora Vagnolli.

– Não sei o que devo pensar dessas atitudes perseguidoras – falo séria.

– Então não pense Maria Hellen, apenas sinta. Estou completamente apaixonado por você, isso é o que importa.

Minha nossa! *Completamente apaixonado...* será que vou me acostumar com isso algum dia? Quando será que ele vai perceber seu equívoco e me dar um chute na bunda? E eu vou sobreviver quando isso acontecer?

Mordo meus lábios para não fazer estas perguntas pra ele. Preciso conservar a pouca estima que ainda tenho.

O silêncio entre nós é quebrado pela vibração do meu celular. Sinto os olhos de irritação de Victor vendo o nome de Felipe na tela. Ele bufa, não fazendo questão nenhuma de esconder seu descontentamento.

– Tenho que atender, com licença – pego o celular de cima do balcão e vou até a janela da sala, sei que os olhos dele queimam minhas costas.

– Alô...

– Oi Helle... só queria saber se você está bem – ele fala baixo, noto que está diferente, parece triste.

– Estou bem Felipe... e você como está?

– Bem também... você está no hotel? – a ansiedade é presente em sua voz.

Eu não devo contar onde estou, não quero que ele sofra por mim.

– Não... estou na... estou fora do hotel agora – respiro fundo e ouço a respiração dele também.

Dou uma olhada de relance para confirmar que Victor me observa impaciente.

– E alguma notícia sobre o incêndio? – tento concentrar a conversa no campo profissional.

– O delegado disse que vai investigar, mas, sabe como são as coisas...

Um silêncio desconfortável toma conta da ligação. Eu sinto que ele está incomodado e imagina com quem estou.

Abaixo a cabeça, encarando meus pés, buscando por alguma coisa para dizer a Felipe.

– Eu... eu ligo pra você mais tarde pra saber das notícias... até mais Felipe – tenho a sensação de dor no peito por imaginar que estou magoando ele.

– Até mais Helle.

Viro para ver Victor me fuzilando com os olhos.

– E então, o que ele queria? – sua voz aparentemente calma tenta dissimular a irritação que vejo em seus olhos.

– A polícia está investigando – falo tranquilamente, mas não consigo encará-lo, olho para o chão enquanto caminho até a cozinha.

Sento novamente no balcão e procuro mudar o assunto.

– O que você pediu para a refeição? – bato meus dedos na superfície gelada da bancada, numa espécie de batuque “não me faça perguntas”.

– Pedi massa em uma cantina italiana aqui próxima – sua voz é tranquila, mas ele me estuda, não sei ao certo o que está passando por sua cabeça, seus olhos não dão nenhum sinal agora.

É muito incômodo vê-lo medindo minhas reações. Tenho que me distanciar um pouco.

– Hã... eu preciso usar o banheiro, onde fica? – com os olhos estreitados e fixos em mim, ele me aponta calmamente a uma porta do outro lado da sala.

Entro no banheiro e me olho no espelho, eu estou corada, cabelo meio bagunçado. Jeito de quem fez o melhor sexo, com um deus grego.

Eu sei que Victor está desconfiado de mim, beijei Felipe e me sinto estranha por isso, mas o que ele quer, nós não tínhamos nada, ele fugiu e eu pensei que nunca mais o veria. E a reação de Felipe ao telefone? Eu acho que ele está magoado, gosto muito dele e não gostaria de vê-lo assim. Estraguei tudo. Que droga!

Lavo meu rosto com a água gelada, respiro fundo. *Vamos lá garota, você está encenada.*

Abro a porta e... encontro Victor encostado na parede ao lado do banheiro, ele está muito sério.

– O que aconteceu entre você e aquele cara? – voz fria e calma

Desvio de seu corpo em direção à cozinha, me fazendo de desentendida, de costas é melhor... eu não posso encarar seus olhos.

– Que cara?

Sem que eu dê mais um passo ele me puxa de volta, encostando-me contra a parede, seu corpo me pressionando.

– Você sabe quem. Felipe. O que aconteceu entre vocês dois?

– Nada – não olho diretamente para seus olhos, meu coração está acelerando.

– Fale Maria Hellena – suas mãos possessivas me seguram pelos braços.

– Eu já disse que nada – minha voz sai tremida, sou uma covarde.

– Eu vi o jeito que você falou com ele. Fale-me, agora! – a voz fria, tom mais alto, quase uma ordem.

– Ele me... eu ... nós nos beijamos – sussurro com a voz embargada.

– Maldito filho da puta! – Victor dá um soco forte na parede, fico completamente imóvel, assustada, meu corpo inteiro gelou. Seus olhos estão escuros, com raiva.

– Victor...

Ele segura meu rosto com as duas mãos, me obrigando a olhar pra ele, meu corpo prensado contra a parede está mole.

– O que você sente por ele Maria Hellena? – seus olhos estão em agonia contida.

– Eu não sei... eu não sei Victor. Ele é um amigo querido e eu me sinto mal por fazê-lo sofrer, eu não quero magoá-lo.

– Você o ama?

– Não... eu não o amo Victor.

Vejo o alívio surgindo em seus olhos. Subitamente ele levanta minhas duas mãos segurando-as acima da minha cabeça, possessivo, ele me beija profundamente, seu corpo me pressionando, exigente.

Eu cedo ao seu domínio, meu corpo inteiro está pulsando, reativo ao seu poder. Estou sem ar, ele sabe o que faz e está me deixando maluca. Ele lambe e morde meus lábios.

– Você. É. Minha – sua voz é selvagem e rouca, falando entre dentes.

O beijo se torna mais intenso e minhas partes íntimas reagem, Victor conhece meu corpo e sabe como me sinto. Em segundos ele está de joelhos aos meus pés, sua mão tateando minha entrada, abrindo espaço para sua boca. A sensação de seus lábios quentes em mim, me chupando, lambendo meu pontinho, colocando a língua dentro de mim, é enlouquecedora.

A adrenalina de vê-lo tão irritado e a sensação de seu toque formam uma carga explosiva em meu corpo. Um orgasmo violento me atinge, destruindo minha mente, fico fora de mim, sem forças quase caio, mas Victor me segura em pé, pressionando na parede. Eu gemo confusões, estou flutuando, e sem piedade sinto sua extensão entrando em mim, com golpes fortes e cada vez mais fundos, eu não posso aguentar.

– Ah! Victor!

Eu grito segura em seus braços, e sou tomada por outro orgasmo, que me estremece inteirinha, me rasgando em pedaços, é de pirar. Victor também encontra sua libertação. Sua carne pulsa fervorosamente dentro de mim.

Ficamos os dois em pé, seus braços me envolvendo forte, respirando encostado no meu pescoço.

– Eu não posso mais ficar sem você Maria Hellena. Eu não consigo – ouço o medo em seu jeito de falar, e isso me abala. Eu entendo seu sentimento, sinto a mesma coisa.

Aos poucos vamos afastando nossos corpos, Victor me leva carinhosamente para o banheiro e me limpa. Eu estou completamente tomada por um sentimento diferente de tudo o que já senti, não é somente tesão ou atração física é algo diferente.

Estou apaixonada por ele? Santa protetora das mulheres-que-estão-a-beira-do-abismo, me proteja! Esse homem vai ser minha ruína.

Voltamos para a cozinha e percebo que o clima está diferente. Comemos quase em silêncio, acho que ambos estão digerindo tudo o que aconteceu hoje.

Sinto que preciso ficar sozinha. Eu preciso de um tempo pra pensar em tudo o que foi dito e entender estas mudanças. Como esse homem passou a fazer parte de minha vida tão rapidamente? Eu não quero me distanciar dele, mas é necessário. Já se passa das três da tarde, estamos juntos desde bem cedo.

Victor apenas me observa.

– Tenho que ir agora, eu preciso fazer umas ligações e... é melhor eu ir – falo baixo, me convencendo disso também.

Ele dá a volta na ilha e me puxa para seus braços.

– Por favor, Maria Hellena, fique aqui comigo... durma aqui esta noite – ele fala com apelo, os olhos cheios de algo que se assemelha a temor. Não parece em nada com o homem selvagem que me dominou há poucos minutos. *Uau ele é muito bom em mudar de humor!*

– Eu não posso Victor, eu preciso mesmo resolver algumas coisas.

– Eu tenho tudo o que você precisa aqui, você pode usar meu notebook, meu telefone. Fique no meu quarto, eu também tenho que fazer algumas ligações aqui do escritório. Eu não vou te incomodar, por favor – ele me abraça, sua respiração quente na minha testa.

Eu não posso negar isso a ele, eu não quero me afastar, no fundo tenho medo que tudo isso não passe de um sonho, mas não é saudável, ficar tão perto não me deixa pensar com a razão.

– Ficamos muito tempo longe, eu não quero ficar nem mais um minuto sem você Helle, por favor.

Levanto meu rosto para encará-lo. Seus olhos de oceano estão quase transparentes.

– Tudo bem Victor – respiro fundo.

Subo para o quarto enquanto ele entra em seu escritório. Pego meu celular e ligo para Miguel.

– Oi bebê! Como você está? – ele atende no primeiro toque.

– Bem, Loiro, só queria saber se você tem mais alguma notícia sobre o incêndio...

– Felipe me falou que a polícia encontrou evidência de combustível em volta do imóvel, parece que mesmo criminoso.

Engulo em seco, então foi mesmo um incêndio proposital...

– Hum... e agora Miguel?

– Já falei com o Felipe, ele acionou a operadora de seguro e Fernando também está ajudando com tudo – sua voz está estranha, conheço Miguel a tempo suficiente para saber que ele está escondendo alguma coisa.

– O que você está me escondendo Miguel? Eu te conheço. O que está acontecendo?

– Nada demais Helle. Vamos almoçar juntos amanhã?

Eu sei que há alguma coisa acontecendo, mas ele não vai me falar agora.

– Tudo bem... e Mônica está bem?

– Sim, sim... não é nada mesmo bebê. A gente se vê amanhã. Te amo.

– Eu também te amo Miguel. Até amanhã.

Miguel está preocupado, eu estou preocupada também e hoje, particularmente, um pouco cansada.

Estes últimos meses têm sido tensos, agitados e cada dia é uma batalha. Quem teria coragem de incendiar uma empresa que pretende ajudar? È tão difícil assimilar que

existem pessoas que se beneficiam com o sofrimento daquele povo. Desde que saí do Brasil quanta gente boa eu conheci, como Abejide, Chioke e Faruki homens trabalhadores que lutam por um país melhor. E Felipe: um cara incrível, bonito e jovem que poderia morar em qualquer lugar do mundo e escolheu ficar lá vivendo por eles.

Eu não posso me deixar abater por algum canalha inescrupuloso que está tentando nos afastar. Acho que precisamos traçar um plano de defesa, mas será que se armar vai resolver o problema? Se ao menos eu soubesse quem está por trás de tudo isso.

Como será tudo com Victor quando eu voltar pra África? Será que ele está considerando uma relação á distância? Eu não vou deixar meu sonho para trás, mas e se ele não quiser mais nada quando eu estiver longe? Eu suportaria saber que ele está no mesmo *planeta* que eu e não estamos juntos? *Dúvidas... dúvidas...*

Acordo e não reconheço logo de cara onde eu estou. Demoro a processar que esse é o quarto de Victor Harris e, eu adormeci em sua cama. Levanto e vou ao banheiro. Estou meio despenteada, bochechas vermelhas. Jogo um pouco de água no rosto, eu preciso escovar os dentes e a única escova disponível é de Victor... vai essa mesmo para o momento. Dou uma ajeitada no cabelo. Que horas são? Olho o horário no meu celular, já passa das oito horas da noite. Caramba, eu dormi mesmo! Desço para encontrá-lo.

Aproximo-me da sala e posso contemplar a imagem desse homem perfeito, de pé em frente à janela vendo a cidade de cima, dominador e poderoso. Ele é um deus grego mesmo e eu sou uma grande sortuda de merda. Tão lindo e jovem.

Mas sua expressão me diz que há algo de errado, ele está preocupado.

– Oi... – eu não sei se deveria incomodá-lo, ele parece concentrado.

– Oi meu anjo... venha aqui... – ele me estende a mão e eu vou em sua direção – Como você está?

– Bem... eu acabei dormindo – sou puxada e envolvida em um abraço. Como isso é bom, por um momento posso esquecer-me do mundo nestes braços.

– Eu vi, não quis te acordar, você é linda dormindo – ele beija minha cabeça e permanece me abraçando, estamos envolvidos, observando a linda Nova Iorque, de cima.

Nos braços de Victor a vida parece mais fácil. Nunca vivi algo assim e essa vozinha dentro de mim faz questão de lembrar o tempo todo, me dizendo para não me acostumar. Eu tenho medo que isto acabe sendo de estragar tudo, dele me deixar, tenho medo de perder Victor. Eu nunca senti isso por alguém, e hoje mais do que nunca isso me assusta.

Sou tomada pela dor e a sensação de vazio no peito. Imperceptivelmente uma lágrima desce pelo meu rosto. Eu não quero que Victor me veja assim. Nunca fui tão feliz antes e sinto que isso está prestes a acabar. Respiro fundo. *Relaxe Maria Hellena, você precisa esquecer os medos e viver isso.*

Ficamos abraçados por um longo tempo.

Percebo que Victor não está bem, o que o aflige? Devo perguntar?

– Está tudo bem Victor? – eu me viro para olhar em seu rosto.

– Alguns problemas, mas vou resolver – ele está preocupado, seus olhos intensos me encaram.

– Eu posso ajudar?

Ele respira fundo, e continua me olhando, por um momento acho que vai me contar o que está acontecendo. Mas não. Ele apenas balança a cabeça.

– Não Helle... é um problema antigo e eu vou resolver. Você está com fome? – ele não quer falar e vou respeitar.

Eu acho que estou com fome, mas meu estômago está meio embrulhado com o incêndio e a intensidade das coisas com Victor. Faço que não com a cabeça.

– Você precisa comer, gastou muita energia hoje garota. Quer sair para jantar?

– Eu não quero sair hoje Victor, quero ficar com você – ele ri e me puxa para um beijo, quente e calmo, provocativo, nossas línguas se envolvem em um ritmo lento. Eu sinto seu sorriso nos meus lábios.

– O que foi? – falo com os lábios encostados nos dele.

– Escovou os dentes com a minha escova? – ele fala sorrindo, mas minhas bochechas ficam coradas.

– Aham... me desculpe – falo timidamente.

Ele me aperta pela cintura.

– Nunca vou me desfazer daquela escova. Vou guardar ela pra sempre!

Que homem quente! Dou uma mordidinha em seus lábios. Como é bom ficar com alguém assim, sem stress, sem brigas ou cobranças, sem ameaças. Por que eu perdi tanto tempo da minha vida com um cara que não me fazia bem? *Passado...*

Nós conversamos bastante, eu conto a ele que na quinta feira assinaremos um contrato, mas evito falar que minha viagem está programada para sexta-feira. Da última vez ele reagiu mal quando soube e esta noite eu só quero aproveitar sua presença... sem brigas. Amanhã eu conto.

Essa é uma das noites mais agradáveis que já tive. Victor pediu comida japonesa, nós comemos, rimos e até dançamos no meio da sala. Isso é... felicidade? A vida é tão rara, não posso mais fugir de coisas assim.

Fazemos amor, e eu adormeço em seus braços, agradecendo á Deus por tudo.

Acordo com a cabeça sobre o peito de Victor e seu braço me envolvendo. Saio com cuidado para não acordá-lo. Visto sua camisa, escovo os dentes com sua escova e lavo o rosto. Desço para preparar um café da manhã pra gente. A cozinha é tão moderna que sinto como se estivesse em um programa de culinária.

Coloco o pó de café na cafeteira e começo a procurar uma frigideira. Abaixo atrás do balcão e de repente ouço um furacão descendo as escadas gritando meu nome.

Quando me levanto, vejo a imagem de Victor, sem camisa, somente de calça de moletom, descalço, com o cabelo bagunçado e um olhar apavorado. Ele está belíssimo, mas acho que não é hora pra isso.

– O que foi Victor? Estou aqui... procurando uma frigideira – ele relaxa visivelmente.

– Achei por um momento que você... tivesse ido embora.

Será que foi assim que ele acordou aquele dia, em Niamey, quando eu fugi? Eu não suportaria ver aquele olhar de novo.

– Tá tudo bem senhor *deus grego*... eu estou aqui – dou um sorriso e abraço sua cintura. Percebo que até sua respiração mudou, relaxou com o meu toque. *Caramba, eu provoco este efeito em um cara tão poderoso e lindo?*

Victor me abraça e solta uma risada que mostra as covinhas lindas em sua bochecha. Tem como alguém ser mais bonito? O cara tem um corpo forte e definido, os olhos que parecem o mar límpido em dia de sol, maxilar e nariz perfeito, boca carnuda e ainda tem covinhas quando ri.

– Do que você me chamou? – ele segura meu rosto e eu posso ver a alegria em seus olhos.

Eu nem me toquei que falei em voz alta o apelido mental que dei a ele. Que vergonha.

– Eu te chamei de... *deus grego*... é o que você parece, principalmente agora – aponto para seu lindo peito nu e pés descalços – É um apelido que te dei mentalmente desde o dia em que te vi na porta do elevador – ele ri alto. E eu coro.

– Ora, Ora senhora Vagnolli... então naquele dia você me desejou? – ele tem um sorriso de garoto e um olhar desafiador.

Meu rosto queima. Mas no fundo foi exatamente isso.

– Acho que sim... mas nem eu sabia. Até você me pegar daquele jeito no hotel.

Ele me abraça mais forte.

– E eu te desejei desde que recebi o e-mail de sua empresa, pesquisei sobre você e vi sua imagem no Google recebendo o prêmio. A partir daquele dia, eu não via a hora de te conhecer pessoalmente.

Ele fala sério.

Encosto o rosto no seu peito, isto tudo parece um sonho. O que Victor Harris viu em mim? Uma mulher cheia de barreiras e que vai viver em outro continente. Preciso contar á ele sobre a viagem.

–Vou preparar nosso café da manhã agora. Marquei de almoçar com Miguel para acertarmos os detalhes da reunião de amanhã. – percebo que ele não gostou muito da ideia.

Victor é um cara expressivo, destemido, sua presença por si só já impõe respeito, eu mesma cheguei a temê-lo nos nossos poucos encontros, ele fala exatamente o que pensa, sem rodeios. Mas hoje eu vejo nele um lado diferente, ele está preocupado e me parece algo sério.

– Está tudo bem Victor? Você me parece preocupado – ele me dá um beijinho nos lábios e me solta.

– Não se preocupe comigo Helle. Vou fazer algumas ligações enquanto você prepara o café.

Ele se afasta e antes de sair de vista vira-se novamente em minha direção.

– Tenho uma reunião às onze e deixarei minhas chaves contigo, assim, depois do seu almoço com Miguel, você retorna pra cá – não foi nenhum pedido ou pergunta, ele apenas ordenou. *Mandão assumindo o controle novamente.*

Deixo a mesa pronta, enquanto aguardo o retorno dele, meu celular vibra no balcão. É Felipe.

– Oi Felipe... como está tudo aí... digo... como você está?

A culpa na minha voz é perceptível, no fundo Felipe também não está confortável com o que fizemos ou falamos. Ouço sua respiração do outro lado.

– Está tudo bem aqui Helle... liguei pra te contar que estive com o delegado e ele decidiu não continuar a investigação.

– Por quê?

– Ele disse que foi apenas um acidente, no entanto, não sei... acho que ele está com medo de continuar... ou...

– Ou alguém fez ele mudar de ideia... isso é possível Felipe?

– Eu não tenho certeza, mas provavelmente existe alguém importante por trás de tudo.

– Você já falou com Miguel sobre isso?

– Não, o celular dele está desligado e... preferi ligar pra você – percebo que ele está abatido.

Acho que ele quer esclarecer as coisas entre nós, mas o que vou fazer com essa situação?

– Tudo bem, eu vou almoçar com ele... de qualquer forma... na sexta-feira estamos embarcando de volta.

– Fico feliz com a notícia Helle – sua voz é calma, mas eu sinto a expectativa.

– Obrigado por tudo Felipe. Adeus – minhas palavras saem baixas, eu não consigo lidar com isso, eu não posso magoá-lo.

Quando desligo vejo Victor parado na sala, com os prazos cruzados sobre o peito, me observando, seu olhar irradia desgosto, e eu sei que uma tempestade se aproxima.

– Esse cara de novo?

O que?

– Victor, este cara tem nome, Felipe, ele é um amigo, trabalha com a gente e está nos ajudando muito.

Sua atitude é irritante.

– E mesmo com alguém ateando fogo em sua empresa, você vai voltar pra África sexta-feira. Você me contaria que dia? Na quinta á noite? Ou me ligaria na sexta, de dentro do avião? – ele bufa de raiva.

– Victor eu ia te falar. Por favor, não use este tom irônico comigo. Você sabe dos meus planos, eu não posso recuar só porque alguém não me quer lá – tento falar calmamente.

– Eu só quero entender até onde você quer chegar: te atacaram, incendiaram sua empresa e você espera que façam o que mais? Te matem? É isso? – seus olhos brilham de impaciência enquanto ele caminha para mim.

– Por que você está agindo assim Victor? Eu já te falei a importância disso pra mim, mas aparentemente você ignora. Eu não quero brigar, por favor. Apenas respeite minha decisão.

Ele está mais perto, quase colado a mim. Suas mãos seguram meu rosto me forçando a encará-lo nos olhos.

– Eu *nunca* quero brigar com você Maria Hellen. Eu morro só de pensar em alguém te fazendo algum mau. Não estou dizendo para você desistir. Eu só não quero que volte pra lá – É quase um apelo, seus olhos estão escuros, o descontentamento é notável.

– Entendo o que você me pede Victor, mas eu não posso – Ele me solta, parecendo magoado.

– Me diga apenas uma coisa Helle: Eu significo alguma coisa pra você?

– Você já sabe minha resposta Victor, eu te contei coisas da minha vida que *nunca* falo á ninguém, nunca mesmo. Eu me entreguei á você completamente. Estou aqui em sua casa, lutando contra meus sentimentos mais depreciativos e minhas inseguranças. Mas, por motivos que você já conhece, eu não posso anular meus sonhos para agradar alguém – desvio de seu olhar – Se você gosta de mim, você vai me entender.

– Se eu gosto de você? Você ainda tem alguma dúvida? O que eu preciso fazer para que entenda que não consigo mais ficar longe de você, que meus pensamentos são seus, que eu não durmo direito com a sua imagem na cabeça. Que porra Helle! Pelo menos hoje pare de bancar a mulher traumatizada com aquele seu ex-marido de merda e aceite que eu sou diferente e gosto de você de verdade.

O que ele disse? “bancar a mulher traumatizada”?

– É isso que você pensa de mim Victor? Que eu *banco a traumatizada*? Eu te conto o passado de merda que tive com um porco que me proibiu de viver, que me aprisionou, torturou, violentou e me negou alimento e você acha que eu *banco a traumatizada*?

As coisas estão começando a ferver. Eu não posso acreditar que ele me disse isso, depois de tudo o que falamos. Ele está irado e eu mais ainda. Somos dois furacões prestes a se chocar. Eu continuo, não consigo mais conter minhas palavras.

– Tudo bem, não precisa responder. Vou te contar mais uma coisinha. Você sabe por que eu me castigo por tudo o que me aconteceu? Por que não dei ouvidos aos meus instintos. Ele foi gentil, abria e fechava portas... mas o mais impressionante mesmo eram as frases dele: “você é minha”, “vou te arrastar pelos ombros”, “não me desafie”. Você consegue sentir alguma familiaridade Victor?

Ele me olha horrorizado, já sabe onde quero chegar, mas está aguardando as palavras. E eu continuo.

– Ah! Sim! Eu consigo: *você* já me disse todas estas coisas. Eu devo ter medo disso Victor? Ou são apenas meus traumas falando?

Ele bufa de raiva, eu sei que o estrago está feito, antes que eu possa me afastar, ele me segura pelos braços, com força, olhos quase negros me fulminando.

– Você acredita mesmo nisso? O que os seus instintos te dizem Maria Hellena? O fato de eu me preocupar com a sua segurança naquele maldito lugar representa perigo pra você? É isso? – ele me aperta com muita força – Responda!

– Não é a sua preocupação Victor, é a sua falta de respeito com a minha decisão – falo resignada – Eu sabia que não deveria ter chegado tão longe. Eu não quero te magoar e também não vou abrir mão do meu sonho – meus olhos ardem e um nó terrível prende minha garganta.

– O que raios você está dizendo Maria Hellena? Você está arrependida do que fizemos? Não me venha com esse papinho de “não quer me magoar”, você não sabe o que é isso. Você só não quer magoar a si mesmo – a merda está feita, ele já está magoado.

– Você não sabe do que está falando Victor. Aliás, se você acha que é um “papinho” é porque deve ser bem usual pra você. Quantas mulheres de suas conquistas rápidas e sexos sem compromisso já devem ter ouvido isso de você, não é?

É como dizem, as palavras são como o pó ao vento, uma vez ditas, não podem ser recuperadas. Ele me encara como se pudesse me queimar, totalmente magoado. No fundo eu só disse isso para atingi-lo, ele vai me odiar, e neste momento, é o melhor pra nós dois.

– Me solte Victor, você está me machucando – falo fraca.

Ele diminui a força, mas continua me segurando, com os olhos fixos em mim. Vejo sua luta interior até que ele suspira fundo e me solta.

– Tudo bem, eu já entendi o que está fazendo. E não vou insistir – voz baixa, seus olhos já não estão mais em mim.

Ele está magoado e acho que isto é definitivo entre nós. Vejo-o caminhar de volta para o escritório, o homem forte e poderoso parece estar destruído. Fico aqui, no meio da sala, sem saber o que fazer. *Eu preciso ir, não posso mais continuar aqui.*

Sem pensar muito, corro para o quarto, coloco meu vestido rapidamente, pego minha bolsa e desço as escadas em direção á porta. Esperava que Victor ainda estivesse no escritório, mas ele está em pé na sala. Eu sinto sua tristeza e decepção, mas tenho que seguir em frente. Passo por trás do sofá, evitando um encontro frente a frente. A cena está acabando comigo. *Eu sou uma merda de pessoa mesmo.*

Já próximo á porta, viro-me para vê-lo pela última vez.

– Me desculpe Victor. Adeus – falo sussurrado, com a pouca força que ainda tenho. Ele permanece na mesma posição, com dor evidente em seu rosto.

–Helle – a voz é rouca.

Não há mais nada a fazer. E dessa forma abandono seu apartamento.

Na rua pego um táxi e indico o hotel.

Eu sou mesmo desprezível e a dor que está invadindo meu corpo vai me fazer pagar por isso. Não há nada no mundo que se compare a esse buraco se formando dentro de mim. Victor se preocupa comigo, ele não é como aquele porco com quem fui casada, e eu tive a infeliz ideia de compará-los. *Sou uma imbecil de merda.*

Tomo um banho evitando chorar, vou almoçar com Miguel e quero estar bem, afinal, ele não precisa de mais um problema. Estou no piloto automático.

Chego ao restaurante combinado, Miguel me aguarda, ele parece preocupado e quando me vê fica assustado.

– Helle! Que houve? – ele me abraça.

– Loiro, eu estou bem – nós dois respiramos fundo.

Ele me fala sobre as providências que foram tomadas a respeito do seguro da empresa que, inteligentemente ele havia feito, acho que Miguel já imaginava esta possibilidade. Conto a ele que o delegado não quer continuar a investigação. Não vou deixar isso barato. Assim que eu chegar a Niamey, vou procurá-lo e saber o porquê de ele não seguir em frente investigando.

Observo mais atentamente e percebo que Miguel esconde alguma coisa.

– Loiro, ontem eu notei que havia algo com você, mas não quis te pressionar. O que houve? O que você não está me contando? Estamos juntos sempre e em tudo, por favor, me fale o que tem de errado.

Ele respira fundo, é algo mais sério do que eu pensava.

– Foi alguma coisa com o investidor que Mônica nos indicou?

– Não bebê, nada disso... – ele abaixa os olhos – Recebi uma ligação ontem, de um número desconhecido. A pessoa não quis se identificar.

– E?

– E falou que não era pra gente voltar pro Níger. Que algo muito ruim aconteceria se voltássemos... e...

– E o que Miguel?

– E eu me arrependeria de fazer isso pelo resto da vida, porque a sua... *morte* seria minha responsabilidade – Miguel ergue os olhos para me encarar, eu percebo que ele está em pânico.

Como se eu tivesse recebido um tapa na cara, fico imóvel, sem respirar. Quem pode fazer um negócio destes?

Tento disfarçar meu medo o mais rápido que posso, eu não quero que Miguel perceba que esta história me atingiu, estou por um fio de ser mandada de volta para o Brasil. Respiro com toda a capacidade do meu pulmão.

– Ok. Nós dois sabemos que é apenas uma fase. Não vamos deixar isto nos abalar – falo falsamente calma.

– Helle! Você não percebe? É perigoso demais pra você! Seja quem for que está fazendo isso, conhece nossa amizade, sabe tudo sobre nós e até onde você está hospedada aqui em Nova Iorque. A pessoa foi muito clara, se voltarmos eles vão te pegar, pelo amor de Deus, Maria Hellena, deixa que eu faço isso, eu sei me cuidar, mas não suportaria se algo te acontecesse – ele está quase zangado.

Eu não suporto mais tudo isso, não suporto mesmo! Tenho que lutar até mesmo contra Miguel agora? Que droga de pessoa eu sou?

Sem evitar, as lágrimas já escorrem pelo meu rosto.

– Miguel, pelo amor de Deus, digo eu! Você não pode estar levando isto em consideração – um nó na garganta quase me impede de falar – Eu não posso parar agora, eu sou uma pessoa de merda que precisa disso pra viver – Os soluços e lágrimas tomam conta de mim.

– Jesus Helle! Não chore! Por favor, não chore! – ele puxa a cadeira, vem em minha direção e me abraça.

Eu não consigo conter o choro, algumas pessoas do restaurante até nos observam.

– Apenas não tire isso de mim Miguel! – não consigo mesmo parar de chorar, as comportas se abriram e eu simplesmente não consigo.

Miguel segura minha mão, aos poucos vou me recompondo, até ele finalmente falar.

– Ouça bebê, vou falar com Felipe, e vamos contratar alguém para fazer a sua segurança. Eu sei o que esta empresa representa em sua vida, mas vamos fazer do jeito certo. Se você quer continuar tudo bem, eu não tenho nenhuma intenção de abandonar aquele povo, mas temo por você.

–Miguel, eu vou comprar uma arma, já decidi. Não preciso de seguranças, vou ficar atenta e evitar ficar sozinha, nós podemos combinar assim?

Ele bufa, mas já está com um meio sorriso no rosto.

– Eu já sabia que chegaríamos a esta conclusão. Você é terrível bebê.

Enxugo minhas lágrimas e rio do comentário dele. Está sendo tão difícil, as coisas melhoram e logo em seguida acontece alguma coisa, acho que é para testar minha força, mas nunca vou desistir.

Miguel me observa com os olhos estreitados.

– Agora me fale por que chegou aqui com o rosto triste? Achei que veria você com um sorriso de orelha á orelha depois de dormir na casa de Victor.

Suspiro.

– Nem me fale disso, Loiro. Sou uma grande imbecil e faço tudo errado. Victor está tão preocupado quanto você, e eu tratei de afastá-lo para sempre.

Conto tudo o que aconteceu, das palavras que eu escolhi para magoá-lo e do jeito com que acabamos. Enquanto eu falo, assimilo os fatos e percebo que fui uma completa estúpida. Acho que a teoria de Victor sobre eu apenas não querer magoar a mim mesma faz todo sentido.

Após ouvir tudo, Miguel dá sua opinião.

– Helle, você só não terminou comigo hoje porque não somos namorados. Você está na defensiva e não percebe que os sentimentos dele por você são sinceros, não se trata de posse, mas de preocupação, é óbvio.

Miguel me aconselha a procurar Victor e conversar. Eu gosto muito dele e me sinto arrasada fazendo-o sofrer. Termino o almoço, apesar de não conseguir tocar na comida, me despeço de Miguel, pego um táxi e peço que me deixe no endereço da empresa de Victor.

No caminho tento criar mentalmente um pedido de desculpas, quero dizer que meu sentimento por ele é tão grande que chega a doer no peito, que estes dois últimos dias foram de longe os melhores da minha vida, que meu primeiro orgasmo foi com ele, dizer que ele é lindo acordado e dormindo e que eu amo o seu cheiro, seus olhos, seu maxilar, seu peito, sua barriga, seu sorriso... tudo nele!

Subo correndo as escadas que levam ao hall do prédio. A recepcionista está linda, como sempre, mas eu provavelmente estou um desastre. Seria melhor dar uma ajeitada no cabelo antes de implorar perdão de um *deus grego*. O pensamento me faz rir da minha própria desgraça.

Pergunto á recepcionista onde há um banheiro, ela me aponta para o corredor á direita informando que é a última porta. Quando viro para o corredor avisto a mulher loira, que participou da primeira reunião que tivemos com Victor, entrando no hall, dou um aceno de cabeça á ela e vou ao banheiro.

Entro num espaço elegante, com várias cubas, o chão brilhante e espelhos grandes e por todos os lados, se eu tinha alguma dúvida sobre a beleza predominante em cada centímetro deste lugar, agora não tenho mais. Apoio minha bolsa na bancada e começo a ajeitar meu cabelo, que hoje está particularmente terrível. Tento fazer um coque, enquanto procuro alguns grampos em minha bolsa ouço o barulho da porta se abrindo. Olho pelo espelho e vejo a loira com peitos saltados em um decote enorme entrando e fechando a porta. *Será que ela só usa roupas mostrando metade dos seios?*

Ela me dá um sorrisinho simpático, que não chega aos olhos, igual ao que ela me deu na reunião daquele dia. Elegantemente, a loira puxa da bolsa um batom vermelho e abre a tampa.

– Nós mulheres sempre precisamos de um retoque não é mesmo? – outro sorrisinho daqueles.

– Pois é... – continuo procurando os grampos, sem dar muita atenção.

Ela começa a passar o batom lentamente fazendo beicinho. Limpando o excesso dos cantos com o dedo, volta a falar.

– Melhor caprichar pare que dure até á noite, Victor não gosta de ficar esperando quando vamos jantar, se bem que ele é tão apressadinho que é capaz desde batom não resistir até o final do expediente – ela dá um sorriso triunfante.

Meu coração gela. *Será que eu ouvi isso mesmo?*

Tento disfarçar, mas o choque me pegou de jeito, olho-a pelo espelho e percebo que ela está analisando minha reação. Dou um sorriso gentil, mas a minha vontade é de puxá-la pelos cabelos e bater sua cabeça nesta pia até seus miolos saírem e se espalharem por este maldito banheiro perfeito. *Cadela.*

Minha mão fica tremula, e acabo deixando cair meus grampos, ela faz um cara de inocente, mas continua.

– Ele adora tirar meu batom – a loira falsa suspira – Homens e seus fetiches!

Arg! Que sorriso mais falso do mundo!

Ela sai do banheiro e eu fico aqui, muda, tonta, sem ar, uma verdadeira estúpida em pé diante de um reflexo pálido e sem vida.

Junto meus cacos e saio correndo do lugar.

Volto para o hotel e choro até não haver nenhuma única lágrima. *Maldito cafajeste!* Não esperou nem algumas horas e já se apressou em arranjar outra. Será que ela é só mais uma? Pelo que ela falou, eles fazem isso sempre. Será que eles são namorados? *Merda! Merda! Merda!* Ele conseguiu me enganar com aquele jeito de *sujeito sincero*, mas não passa de um cretino. Por que você se espanta *Maria Estúpida Hellena*? Ele já fez isto antes. Mas definitivamente esta foi a última vez! Nunca mais quero ver Victor Harris na minha vida.

Ligo para a operadora de passagens aéreas e depois de horas ao telefone, consigo antecipar minha passagem para às onze horas da manhã de amanhã. Nossa reunião acontecerá às oito e meia, os contratos estão prontos e revisados, basta assinar.

Telefone para Miguel, conto o que aconteceu no banheiro e sobre minha decisão de voltar antes. Mesmo não concordando, ele aceita que eu volte sozinha para o Níger, mas me enche de recomendações.

Nem durmo direito, logo cedo tomo um banho, arrumo-me, pego minhas malas e vou para a reunião. Assino o contrato e de lá vou direto para o aeroporto. Não quero pensar em nada. Minha cabeça não está em seu melhor momento, uma dor chatinha começa a me fazer companhia, deve ser porque não comi nada desde ontem, e nem consigo.

Tomo um comprimido para adormecer durante o voo e não pensar em ninguém. Durmo como um elefante dopado. Tenho alguns sonhos meio desnecessários, mas não quero focar nisso. Sinto um grande alívio quando a comissária me acorda, informando que chegamos e o avião já pousou, estou exausta.

♠ *Os efeitos da lua* ♠

Entro no local de desembarque e mesmo de longe, vejo Felipe, ele é tão lindo que se destaca no meio de toda essa multidão, as mulheres em sua volta trocam sorrisinhos entre si e olhares nele, que pelo jeito nem percebe. Assim que me vê, ele abre um sorriso discreto, me aproximo e dou um pequeno abraço, sentindo seu cheiro fresco e limpo. Pegamos minha bagagem e vamos para o estacionamento, em um silêncio tranquilo, não sei se é o calor da cidade ou a presença dele, mas começo a transpirar.

A sós no carro, fica um pouco difícil fingir que nada aconteceu. Estamos os dois desconfortáveis com a situação. Percebo que ele me observa e me viro para olhar seu rosto.

– Você está bem Helle? – ele estreita os olhos, preocupado, mas há um calor vivo em seu olhar.

– Só um pouco cansada da viagem... e você? – desvio rapidamente de seu olhar porque não consigo enfrentar o que vejo neles, um pedido por respostas que não sei se posso dar.

– Tudo bem... to feliz que você está de volta.

As palavras tocam em uma parte estranha do meu peito, ele é lindo, mas me sinto culpada por tudo. Não quero perder a amizade dele. Ele é um cara incrível e sei que devo me afastar um pouco para não bagunçar ainda mais minha cabeça e a dele também. Tenho que esquecer e me recuperar da confusão mental na qual me meti e tirar aquele homem do meu coração.

No caminho para casa não falamos mais nada, há apenas o silêncio entre nós. Fico olhando para a janela e a cada vez que a imagem de Victor vem á minha mente eu trato de expulsá-la.

Finalmente chegamos em casa, Felipe pega minha mala e entramos. Eu adoro este lugar, aqui me faz ver que a vida simples é boa, que não preciso de uma cobertura em Nova Iorque para me sentir feliz... *lembranças... lembranças... lembranças.*

Ele coloca minha mala no chão e eu noto que ele quer me dizer alguma coisa, mas parece constrangido, pelo seu jeito deve ser importante.

– O que foi Felipe? – pergunto, e mordo meus lábios temendo a resposta.

– Miguel me ligou agora a pouco pra saber se você já havia aterrissado, ele me contou sobre a ligação que recebeu e... – ixi, para ele estar desconfortável, tenho até medo de pensar.

– E?

– Ele me pediu... para... posar aqui com você, para que não fique sozinha, enquanto ele estiver fora – fico muda e ele me observa com ansiedade.

Miguel não me falou, mas com certeza já passou uma lista enorme de recomendações para Felipe. Eu não sei se é uma boa ideia. No entanto, há outra opção?

– E você va-vai posar? – pergunto sem jeito, e pra variar gaguejo.

– Sim, você não pode ficar sozinha – ele é enfático.

– Ok... – minha voz sai cansada. No fundo não há o que questionar, tanto ele como Miguel possivelmente já decidiram.

Respiro fundo, encolho meus ombros e caminho para o quarto, antes de sair de vista, olho para Felipe.

– Eu vou tomar banho e...

– Eu vou fazer um chá pra você – ele se apressa em dizer.

A situação poderia ficar mais desconcertante? Nós dois estamos desajeitados e até constrangidos. Eu não quero me sentir assim com ele, quero que as coisas voltem a ser como antes. No entanto é possível depois daquele amasso? *Ações e consequências!*

Tomo banho, coloco shorts e a minha velha camiseta com o emblema da universidade que cursei no Brasil, ela é bem confortável. Volto para a cozinha e encontro Felipe com duas xícaras de chá no balcão. Sento de frente á ele. A pouca luz favorece a cor de sua

pele, um tom moreno claro bronzado, acho que na verdade ele é branco, mas com o sol daqui não há pele que resista. Ele sorri e me entrega a xícara.

– Miguel me contou que você recusou seguranças, mas quer ter uma arma – ele toma o chá me observando.

– Na verdade eu não quero nenhuma coisa nem outra, não sou muito a favor de violência e... – ele me interrompe, olhos fixos em mim.

– Mesmo para sua própria defesa?

– Acho que sim... não sei... não pensei nisso deste jeito, eu acho que não conseguiria atirar em ninguém.

– Ele me disse que você concordou em não ficar sozinha, pelo menos por enquanto.

– Você sabe como ele é protetor, mas eu entendo e vou tomar bastante cuidado a partir de hoje – tento me distrair com o chá.

– Sei que você não gosta muito de falar sobre isso, Miguel já me contou... mas eu queria entender por que você não considerou a opção de se afastar daqui pelo menos por enquanto?

Ele parece curioso, ou preocupado. Ah! Mais um cara preocupado comigo eu não aguento! Mas sei que Felipe é sincero e ele próprio já fez esta escolha um dia.

– Isso é tudo que tenho na vida Felipe, eu preciso estar aqui, não seria feliz fazendo outra coisa – ele abre um sorriso lindo de canto de boca

– Sei bem como é.

– Você também sofreu essa pressão?

Ele respira fundo.

– Pessoas assim mataram meus pais Helle, sofríamos ameaças constantes, mas eles estavam decididos a não desistir. E eu comprei esta luta.

– Mas e sua segurança como fica? – eu não tinha pensando nisso, alguém pode tentar fazer mal á ele. Esta ideia me embrulha o estômago.

– Isto aqui não é nenhum parque de diversões, de alguma forma somos pressionados, e aprendi a lidar com a situação. Este é um objetivo de vida pra mim também.

Ficamos os dois tomando nossos chás, refletindo sobre isso. Felipe é um cara decidido e sabe o que quer. Tão diferente de... Victor... *Atenção: Não é mais permitido pensar neste nome, Helle!*

Estamos falando apenas como amigos, sem clima, sem desconforto. Fico mais um tempo ouvindo dele sobre as novidades com os moradores, com a família de Abejide e sobre algumas movimentações políticas que estão acontecendo, até que a exaustão toma conta do meu corpo.

–Vou me deitar agora, meu corpo dói um bocado. Você pode dormir no quarto de Miguel se quiser, fique á vontade Felipe.

– Eu durmo no sofá mesmo... boa noite Helle – de repente os olhos dele mudam, ele está falando mais baixo, acho que a lembrança do que aconteceu nesse mesmo sofá, dias antes, vem á tona. Eu também coro.

– Boa noite Felipe.

Deito na cama, meu corpo está exausto, no entanto minha cabeça não desliga. Não consigo pegar no sono, viro-me de tudo quanto é jeito na cama e nada. Afasto qualquer pensamento sobre Victor e seu dom com as mulheres. Planejo o que vou fazer amanhã. Decido que a primeira coisa a fazer é procurar o delegado, quero saber exatamente o que está acontecendo, por que ele não quer investigar? Quero visitar os moradores do vilarejo de Abejide, e também fazer contato no Brasil para saber sobre a negociação dos insumos que vamos adquirir, Miguel vai acertar com o fornecedor pessoalmente, só temos que fechar um esquema alfandegário para que o material chegue corretamente, sem saques ou desvio de carga. Os agricultores vão ficar felizes sabendo que já estamos fazendo as aquisições.

Minha boca está seca, preciso tomar água, não consigo dormir. Saio do quarto e vou pelo corredor, tento andar em silêncio para não acordar Felipe. Quando chego na sala a visão é inevitável: Felipe está deitado de calça jeans, a luz da lua atravessa a janela refletindo diretamente em seu peito nu, absolutamente sexy, os braços cruzados sobre o peito musculoso, o conjunto me atinge direto no ventre. *Não olhe pra ele assim, vá pegar sua água e dormir Maria Hellen!* Já!

Tento obedecer minha mente e simplesmente virar as costas, mas antes que eu dê mais um passo, os olhos dele se abrem e ele me encara, da maneira mais sexy que posso suportar, fico totalmente estremeada.

– Vim... vim peg... pegar... água – minha boca fica ainda mais seca e pra ajudar, tenho esse um momento de gagueira imbecil.

Ando rapidamente para a cozinha, Felipe se levanta e vem muito próximo a mim.

– Eu também preciso de água, não consigo dormir – ele fala com voz baixa, suave, bem pertinho do meu ouvido, eu estou de costas, mas sinto sua respiração.

Nem chego a abrir a geladeira, me viro e olho diretamente em seus olhos que sustentam um brilho terrivelmente sexy, seu maxilar rígido. Uma verdadeira perdição. Ele dá mais um passo e nossos corpos ficam por um fio de distância.

– Aquele sofá trás lembranças que estão me deixando louco – seu hálito quente na minha testa atinge minhas partes mais íntimas. Não consigo pensar.

Ele inclina a cabeça, respirando sobre meus cabelos soltos, bem perto do meu pescoço, cada movimento me amolece mais. Encosto as mãos no seu peito, a pele quase pegando fogo de tão quente, o cheiro fresco, o músculo rígido.

– Não paro de pensar em você, nem por um minuto, Helle – sua boca está encostada no meu rosto deslizando em direção aos lábios no cantinho da minha boca, se aproximando lentamente.

– Felipe... eu não... – ele me beija e eu não resisto.

Sou puxada para perto, gosto bom, cheiro bom, nossas línguas criam um ritmo delicioso e lento. Seu corpo me pressiona contra a geladeira e o beijo fica mais forte.

Uma nuvem de excitação nubla minha cabeça. Felipe me conduz até a sala com as mãos na minha bunda, me pressionando contra sua ereção, deita-me no sofá com seu corpo em cima do meu e intensifica o beijo. As mãos deslizam meu corpo, subindo por baixo da minha roupa, até chegar aos meus seios que ele puxa pra fora do sutiã. Minha camiseta está enrolada pra cima, ele chupa meus seios e lambe meus mamilos, uma de suas mãos desce pela minha barriga entrando dentro meu short e da calcinha, tocando diretamente lá, acariciando meu pontinho, sua boca sai do meu seio e desce pelo meu corpo. Ele arranca minhas roupas de baixo e começa a me acariciar intimamente com sua língua.

Estou entregue a cada toque, minha cabeça vazia, eu imploro, mas não sei exatamente pelo que, ele coloca seus dedos dentro de mim.

– Eu quero você Helle.

Os movimentos dos seus dedos ganham um ritmo quente, enquanto ele brinca novamente meus mamilos. Estou sentindo a onda de calor chegando.

– Ah! Deus! Felipe! – eu gozo com seu toque, meu corpo treme estremece em espasmos.

Felipe fica em pé, tira a calça e me puxa do sofá para o seu colo, enlaço minhas pernas em sua cintura e ele me penetra, controlando os movimentos, me segurando pela cintura e deslizando para e dentro e para fora, me sinto leve.

Enrosco-me em seu pescoço e sinto seu cheiro envolvente, a pele parece deliciosa, não resisto e lambo seu maxilar provando seu gosto, enquanto ele me penetra mais fundo com movimentos acelerados. Outro orgasmo está prestes a tomar conta de mim, eu grito por seu nome. As estocadas vêm mais fortes, o membro grosso em mim, me abrindo cada vez mais. Quase enlouqueço, planto meus dentes em seu ombro e me rendo ao prazer, desmanchando por dentro.

Felipe também está prestes a encontrar sua libertação.

– Helle, vou gozar em você, *dentro* de você – isto não é um pedido e eu também quero muito. Sinto seu músculo pulsar e o líquido quente me invadir, eu gemo mais alto em seu colo.

Ele dá um passo atrás e senta no sofá, mas não me solta, permanece dentro de mim, eu fico em seu colo, como naquele dia, mas desta vez seu membro me penetra.

Ele segura meu rosto, tira alguns fios de cabelo colados na minha pele e me beija profundamente, me provando, sentindo minha boca. Ainda estou fora da atmosfera. Para me torturar, Felipe tira minha camiseta e segura meu seio, sua boca quente envolve meu mamilo, é muito bom. Eu abraço sua cabeça e ele suga com muita vontade, estou com muito tesão. Aliso suas costas, sentindo sua pele rígida, cada parte dele é tão gostosa.

Seu membro ganha vida dentro de mim e ele recomeça o movimento lento me direcionando para cima e para baixo, quando eu sento a sensação é maravilhosa, nesta posição ele me atinge mais profundo, o ritmo é perfeito. Apoio minhas mãos no encosto do sofá, uma de cada lado dele, ele solta minha cintura permitindo que eu mesma crie o movimento, subindo e descendo, faço com toda a vontade.

– Helle! – sua voz grave me faz querer mais rápido, rebolo em seu membro.

Ele crava os dedos em minha cintura, coloco minhas mãos em cima das dele e entramos em um movimento intenso. É fantástico.

– Felipe!

Com um golpe de misericórdia, ele dá uma estocada mais forte e profunda, me fazendo gozar rápido e intenso. Estou perdida, é muito bom, extremamente prazeroso. Atingimos o clímax juntos, sincronizados.

Encosto minha cabeça em seu pescoço e ficamos sentados, ele dentro de mim despejando seu líquido e eu toda tremula sobre ele. Eu posso sentir seu coração acelerado, ele me aperta com as mãos em minhas costas.

Esperamos nossa respiração se normalizar. Aproveito este instante para respirar seu cheiro de suor e banho, sinto as pequenas partículas de água em seu peito. *Caramba! Ele é extremamente sexy.*

Passa alguns minutos, até que ele me puxa para olhá-lo, retirando os cabelos do meu rosto e me encarando nos olhos.

– Eu desejei muito isso Helle – seu olhar é quente, ele me olha com admiração.

Eu não quero pensar muito. Beijo-o com toda a força que eu ainda tenho. Dou pequenas mordiscadas e vejo o sorriso em seus lábios.

– Vamos tomar banho? – eu pergunto. Ele acena que sim com a cabeça com um pequeno sorriso sexy.

Musculoso e forte, ele não me deixa sair do seu colo, se levanta e me leva encaixada nele, até o banheiro.

Felipe liga o chuveiro e com cuidado me coloca no chão, puxa meu rosto e me envolve em um beijo lento... *romântico. Não pense, apenas sinta!* Ele me encosta na parede, ergue uma de minhas pernas e me penetra. *Caramba ele é potente!* Gemo de prazer, eu nem sei se aguento mais sexo sem convulsionar, estou totalmente sensível... e choramingo quando vejo ele se ajoelhar aos meus pés e colocar a boca em meu pontinho. Ele está me deixando louca, sinto como se estivesse flutuando, este homem lindo e grande vai acabar comigo.

Estou quase gozando, mas ele afasta sua boca e fica em pé em minha frente, sinto uma fome dele que me faz implorar.

–Por favor, Felipe... – sussurro, rouca.

–Eu preciso estar em você Helle – ele fala sexy como o inferno.

Enrosco meus braços em seu pescoço, sua mão levanta e mantém minha perna erguida, abrindo espaço para estocadas de seu membro grande. Estou entregue, um orgasmo delicioso explode meu corpo.

Estamos unidos, abraçados, embaixo do chuveiro apenas deixando a água cair. Estou segura aqui, com ele. Escuto as batidas de seu peito e percebo que meu coração está batendo no mesmo ritmo.

Depois de um tempo, começamos a nos mexer, ele me trata como se eu fosse uma princesa, lava meus cabelos, meus seios, minha bunda e até minhas partes íntimas, deslizando a mão suavemente. Eu retribuo o carinho, passo o sabonete por todo o seu corpo extremamente definido, barriga cheia de músculos, a bunda redondinha e durinha, os braços fortes.

Ele malha!

Mordo meus lábios com a visão completa, antes eu não pude ver com clareza, mas agora com a luz acesa do banheiro é notável a perfeição de seu corpo.

– O que foi Helle? – ele fala com um sorriso brincalhão, lindo.

–Hã... você malha – deslizo as mãos sobre o seu peito.

– Não se tem muito que fazer nesta cidade, Maria Hellen, é um jeito de aliviar a tensão. Mas você também malha pelo jeito – ele arqueia a sobrancelha, avaliando meu corpo.

Um arrepio me sobe a coluna.

– Quase nada – *estou repentinamente tímida?*

– Além de linda, sexy, gostosa... é modesta. Você é mesmo encantadora Helle.

Ambos rimos, parecemos crianças embaixo do chuveiro. Eu jogo água em seu rosto, ele me abraça e beija minha testa.

Secamos nossos corpos e vamos para minha cama, os dois nus. Ergo o lençol e entro, ele faz o mesmo. A noite está quente, como de costume. Felipe me puxa para seus braços, fico deitada em seu peito deslizando os contornos de seus músculos com meus dedos. Aos poucos adormecemos.

♠Tempo para entender ♠

Acordo com o céu ainda escuro, Felipe me abraça pela cintura, minhas costas tocam seu peito. O que? *O que foi que eu fiz? Eu dormi com Felipe! Ai aiai o que eu fui fazer!*

Que droga Helle, por que você fez isto?

Afasto-me dos seus braços, visto uma camiseta e em silêncio saio do quarto. Eu não deveria ter feito isso, eu não devo começar uma coisa que não posso terminar. Acabei me entregando a um desejo sexual e não usei a cabeça. Fiz uma grande merda: ele é meu amigo, eu preciso dele como meu amigo e não dele magoado comigo *porra!*

Entro no banheiro, meu rosto está vermelho, cabelo todo bagunçado e um olhar de culpa que me queima. Ele é um homem incrível e o sexo foi perfeito, mas ele tem sentimentos por mim e eu... eu não sei o que sinto. Eu gosto dele, mas não sei de que jeito. Eu estraguei tudo! Droga!

Vou para a cozinha e preparo uma xícara de café extremamente forte para me acordar. Eu preciso raciocinar sobre o que fiz. Como me deixei entrar nisso? Foi somente a excitação de ver ele no meu sofá, lindo como estava, ou algo que no fundo eu já queria faz tempo... ou pior... foi reflexo da minha decepção com Victor? Eu deveria saber as respostas pra isso.

O amargor da bebida é quase reconfortante, me desperta para todas as lembranças da noite anterior... foi uma noite incrível, mas dois homens, em tão pouco faz ver que sou uma grande cadela.

Estou de parabéns, agi por impulso e agora não tenho ideia do que vou fazer.

Perdida em meus pensamentos nem notei Felipe entrando na sala, lindo, cabelo despenteado, sem camisa e terminando de abotoar a calça jeans. Ele tem um sorriso doce nos lábios, parece um garoto.

– Bom dia Helle! – ele se aproxima e faz menção de me beijar nos lábios, por impulso, eu viro o rosto recebendo um beijo suave na bochecha.

Percebo que ele não esperava esta minha reação. Vejo a surpresa em seus olhos. Levanto, mais que depressa e vou em direção oposta do balcão.

– Vou fazer um café pra você – viro de costas e pego uma caneca no armário. Eu não consigo olhá-lo de frente, não posso encará-lo e deixar que ele perceba minha confusão mental.

– Tá tudo bem? – sua voz é calma.

– Aham – aceno que sim com a cabeça, mas minha mão tremula me trai e deixo a caneca cair na pia, fazendo um baita barulho.

Felipe apenas observa, acho que ele começou a perceber meu constrangimento. Entrego a ele a caneca de café, mas evito olhar em seus olhos.

– Vou à delegacia agora e v... vo... você... pode ficar a vontade – falo sem jeito, nervosa, minha voz sai muito baixa.

Dou a volta pelo balcão, sentido ao quarto, Felipe deixa a xícara e vem atrás.

Entro no quarto e abro o guarda-roupa, de costas pra ele. Ele senta na cama e fica assistindo meu embarço.

– Vou à delegacia com você, não é bom ir sozinha – ele fala bem calmo, mas sua voz não deixa espaço para ser contrariado.

– Não... não é mesmo necessário Felipe, tá tudo bem.

– Helle, está tudo bem mesmo? Essa sua reação tem haver com o que fizemos? – ele fala sério.

– Não... nada a ver – falo baixo.

– Então por que não me olha nos olhos?

Eu não posso fazer isso com ele, preciso encará-lo.

Viro-me e olho para seu rosto, vejo que há preocupação em seus olhos.

– Eu não sei Felipe... eu não tenho certeza sobre isso... sobre nós e tudo o que... aconteceu.

Decepção-o com minhas palavras.

– Ok – ele diz rouco, seus olhos me penetrando – Pois saiba que eu nunca estive mais certo quanto a querer alguém, eu fiz porque desejei, porque eu quero você Maria Hellena. Eu achei que você também me quisesse, pelo menos foi isso que senti quando você estava nos meus braços. Eu não vou te forçar a nada, mas saiba: eu gosto de você.

Há profundidade em seu olhar, ele me encara com honestidade, não existe nenhuma barreira de sentimentos ou de palavras, ele está sendo franco.

– Eu também gosto de você Felipe, e eu não quero estragar nossa amizade – as palavras ardem minha garganta.

–Este é mesmo o problema? Você não quer estragar nossa amizade ou existe alguma coisa a mais e não quer me falar? – ele não está com raiva, acho que está mais para decepcionado, mas seu tom de voz mantém suavidade e respeito.

– Eu não sei o que pensar sobre tudo, Felipe, eu... eu preciso de um tempo para entender o que sinto.

Ele respira fundo, abaixa a cabeça tentando processar minhas palavras, a visão me corta o coração... um cara lindo, forte e incrível está magoado por uma garota egoísta, que não merece alguém tão bom.

Ele se levanta e me olha.

–Ok, Maria Hellena, eu vou dar o tempo que você precisa. Mas eu te peço apenas uma coisa: seja franca comigo, para o que quer que tenha decidido, apenas seja honesta e considere que tenho sentimentos por você.

Suas palavras abrem um buraco no meu peito.

– Obrigado – falo baixo, sem forças. *É tudo o que você consegue dizer sua idiota? O cara abre seu coração e você, estupidamente, só diz isso?*

Com uma dor sufocante me invadindo, assisto-o vestir a camiseta e sair.

Felipe não é um homem com quem alguém deva brincar, ele é reservado e intenso, um ser humano incrível, faz as coisas com o coração. Sei que minha indecisão é difícil pra ele. Eu mereço ser infeliz, com certeza eu mereço. Não sei aproveitar quando a vida coloca alguém tão especial em meu caminho, sou uma estúpida pessoa de merda. Definitivamente.

Fico em pé no quarto, com uma vontade desgraçada de chorar para ver se alivia esta queimação horrenda que domina meu peito. Ultimamente é só o que tenho feito, contrariando todos os meus esforços de me tornar uma mulher mais forte.

Depois de minha separação, Miguel me ajudou a mudar meus pensamentos depreciativos. Enquanto estava com Thiago, eu achava que não merecia ninguém melhor, que eu era uma aniquilada, sem valor, tinha os piores sentimentos sobre mim, e constantemente me pegava sozinha encolhida chorando. Aos poucos fui me reencontrando, com a ajuda de meu melhor amigo e de minha terapeuta, fiquei quase dois anos sem chorar ou me enxergar negativamente. Mas nestes últimos meses sinto que as coisas estão ficando ruins, só tenho feito bobagens, me sinto como uma pessoa de merda e as lágrimas me acompanham mais do que eu gostaria. Isso não é um bom sinal, eu conheço o caminho negro que as coisas podem tomar, minha sanidade mental é bastante sensível. *Afaste isso da cabeça Maria Hellen!*

Do jeito que posso, me arrumo e vou à delegacia. A conversa com Felipe me deixou triste, verdadeiramente triste, mas não posso me sentar e ficar curtindo meus lamentos, tenho que seguir em frente e focar no trabalho.

Chego à delegacia e sou recebida por um policial não muito prestativo, acho que os problemas aqui são tantos que ele, certamente, pode escolher a quem dar atenção, e neste caso não é a mim. Aguardo alguns minutos e sou recebida pelo carrancudo delegado, um senhor na faixa dos cinquenta anos, acima do peso, moreno escuro e de estatura baixa. Apresento-me e conto o motivo da minha visita. Quando ele me identifica, muda totalmente sua expressão, parece mais benevolente, acho até que ele me olha com piedade, mas por quê?

– Então senhor delegado, gostaria de saber quais medidas pretende tomar a respeito? Nós sabemos que foram encontrados vestígios de combustível no local e ao que tudo indica, foi criminoso.

– Senhora Maria Hellena, mandei que uma equipe averiguasse a situação e ficou constatado que se trata de incêndio provocado por um curto-circuito. Aquele imóvel já é bem antigo, e nunca passou por reforma, estas coisas acontecem – ele não me olha nos olhos.

O que?

– Com todo o respeito delegado, nós temos motivos para acreditar que não foi um simples acaso, eu gostaria que o senhor considerasse esta opção e começasse a investigar. Este incêndio coincidiu com uma ligação que meu sócio recebeu nos Estados Unidos com ameaças á nossa integridade física – mesmo tentando me controlar, acabo elevando meu tom.

– Eu não posso fazer isto senhora, esta delegacia está transbordando de casos de furtos, homicídios, estupros, nós não temos efetivo suficiente para investigar um incidente sem vítimas, nossas prioridades estão em elucidar casos concretos de violência. Lamento.

O pequeno homem quer encerrar logo o assunto, sua testa está escorrendo suor denunciando o nervosismo. Aí tem coisa... não posso aceitar isso assim.

– Existem pessoas que nos querem fora daqui, delegado. Se não houver ao menos investigação deixaremos criminosos impunes e ficamos sujeitos a outro ataque, talvez pior.

Ele me olha atentamente, processando minhas palavras. Suas mãos seguram o cinto da calça, em um movimento desconfortável. Observo-o retirar um lenço branco escurecido do bolso e limpar seu rosto.

– Lamento senhora, estou á trinta anos neste cargo, já vi muitos casos assim... e se quer um conselho: afasta-se por enquanto. Este local é hostil é não há nada que uma pequena delegacia de polícia, como esta, possa fazer contra eventos maiores – ele sorri amarelo, quase que pedindo desculpas.

Ele está me aconselhando?

Observo-o e acho que esse delegado não é má pessoa. Minha suspeita de que ele foi subornado não é válida, ele está mais para alguém que tem receio. *Mas de que?*

– Agradeço o conselho delegado. Não vamos sair de Niamey, nossa empresa está fixada na cidade e vamos encontrar outro imóvel – tento não parecer petulante, mas acho que o assunto está encerrado.

Levanto e caminho até a porta.

– Senhora...

– Sim delegado – viro-me pra ele

– Tenho escutado muito sobre as coisas que sua empresa está fazendo. Vocês têm meu respeito. Vou ficar de olho para que não ocorram maiores incidentes.

Dou um pequeno aceno de adeus. Resumindo a visita, ele não vai investigar, mas vai *ficar de olho...* as coisas realmente são curiosas por aqui. Sei que não adianta insistir, temos que ficar atentos.

Saio da delegacia e decido ir pessoalmente para ver como ficou o local depois do incêndio. Dirijo o bom jipe alguns quilômetros no meio da poeira alta. Já quase na esquina, reconheço Chioke em frente ao local. Estaciono e desço do carro. Caminho até ele e dou um leve abraço, já tem algum tempo que não o vejo.

– Que bom te encontrar aqui Maria Hellena, como foi de viagem? – ele me oferece um sorriso amigo.

– Bom te ver também... a viagem foi boa, mas nada como voltar para casa, não é? – sorrio.

Olho para o imóvel e está completamente destruído, não sobrou nada, além de cinzas. Um calafrio percorre meu corpo.

– Você acha que foi um acidente, Chioke?

– Tenho certeza que não, Maria Hellena. Estas coisas nunca são somente acidente – ele fala pensativo.

– Mas quem poderia fazer uma coisa destas?

– Existem algumas pessoas muito poderosas, que nem vivem aqui no Níger, eles exploram tudo o que temos, mas vivem no conforto de países de primeiro mundo, dando ordens de longe.

Sentamos apoiados em alguns poucos pedaços de madeiras em meio aos escombros. O sol forte destaca o cheiro de queimado me fazendo enjoar com a cena. É muito triste ver tudo o que montamos com tanto carinho reduzido a nada.

– Eles agem sempre do mesmo jeito, cercando, afugentando. Não é interessante para poderosos que o povo melhore suas condições. A miséria representa lucros, mão-de-obra barata, pouca concorrência e pouca resistência. Eles exploram e escravizam. As pessoas se tornam dependentes de poucos fornecedores de remédios, alimentos e tudo que é essencial. Há um desequilíbrio forçado na lei da oferta e demanda, os preços sobem e essa gente precisa trabalhar quase de graça para se alimentar. Um ciclo altamente lucrativo.

– E cruel – falo tristemente. Sinto desprezo por pensar que tudo se trata apenas de dinheiro.

– Aconteceu algo muito semelhante com os pais de Felipe, não sei se ele te contou, mas eles eram médicos, vieram para cá ajudar em um terrível surto de malária.

– Felipe contou, ele era quase uma criança na época em que os pais vieram pra cá – falo baixo.

– Eles eram respeitados mundialmente e ficaram aqui por cerca de dois anos, e posso dizer Maria Hellena, os dois eram pessoas muito boas. Com a influência e os contatos que possuíam, conseguiram uma grande doação de medicamentos. Tudo parecia bem, se isto não batesse de frente com os interesses dos distribuidores locais.

Ouvindo o nome de Felipe, me vem a lembrança dele indo embora hoje cedo, estou péssima, um mal estar terrível ecoa no meu estômago, e sinto o enjoo mais forte.

– Felipe me disse que eles sofriam ameaças – falo tentando segurar minhas emoções.

–Até que um dia armaram um atentado contra o acampamento onde eles estavam... os dois morreram, Felipe não estava lá no momento, graças á Deus.

A ideia de alguém fazendo mal pra ele mexe comigo, e eu estou fazendo exatamente isso. *Sou desprezível.*

– Sabe Maria Hellena, Felipe é um cara de honra, como dizemos por aqui. Ele tem uma fortuna o aguardando, poderia viver bem para o resto da vida em qualquer lugar e, no entanto, ele está aqui, lutando com a gente.

Eu olho para Chioke e vejo que ele me observa, será que ele sabe o que aconteceu entre nós?

–Estive com ele ainda há pouco e ele estava de um jeito que eu só vi uma vez antes. Isso me preocupou muito. Você sabe o que aconteceu?

Olho para o chão, envergonhada. Acho que Chioke desconfia que eu tenha responsabilidade sobre isso. Ele continua.

– Ele estava desolado, silencioso, parecia triste. A última vez que o vi assim foi há doze anos, quando seus pais faleceram. Ele não me contou o que está acontecendo, Felipe é bem reservado com sua vida pessoal, mas eu posso imaginar.

Ele vira de frente pra mim, tenho que olhá-lo para ter certeza que ele sabe o que aconteceu.

– Sei que não é da minha conta Maria Hellena, mas ele é um sujeito raro, não é como estes homens daqui que se envolvem com todos os rabos de saia disponíveis, se é que você me entende... e vejo que ele tem sentimentos por você. Não magoe o menino. Ele não merece isso.

Respiro fundo, o que dizer? Nem eu sei o que está acontecendo, não consigo interpretar os sentimentos que tenho por ele.

♠*Desencontros necessários*♠

Despeço-me de Chioke e volto pra casa. As palavras dele estão na minha mente. Eu jamais quero magoar Felipe, eu não consigo definir o que sinto por ele, acho que não é só amizade, mas também não sei se posso comparar com o que senti- ou sinto- por Victor.

E nem devo tentar comparar, Felipe é completamente diferente, é melhor. Chioke disse que ele não fica com qualquer mulher que aparece... já Victor... eu nem deveria estar pensando nele.

Meu telefone toca, é Miguel. Acho que ele ainda não embarcou.

– Helle – a voz dele está estranha.

– Oi Loiro... tá tudo bem?

– Não muito, esta manhã Mônica foi atropelada quando caminhava para o trabalho, eu estou no hospital, mas ainda não tive notícias dela.

– Jesus, Miguel!

– Pois é... ela está sendo operada agora, pelo que eu consegui saber foi algo sério, eu não posso deixar ela aqui sozinha Helle...

– Eu sei Loiro, não se preocupe, aqui está tudo certo, Felipe está comigo e estamos todos bem. Fique com ela e quando tiver notícias me ligue.

– Ok bebê... se cuida.

– Você também Loiro, te amo.

– Também de amo...

Miguel desliga e meu coração fica apertado. Nova Iorque é linda, mas o trânsito é uma loucura e Mônica é tão delicada que me dá medo de pensar nela sendo atropelada. *Deus, por favor, interceda por ela e por Miguel!*

Eu sou tão egoísta pensando somente em mim mesma que não consegui dizer as palavras de apoio que eu gostaria para Miguel, se eu pudesse, arrancava todo o sofrimento dele e transferia pra mim.

Hoje definitivamente não está sendo um bom dia.

Abro o computador para conversar com o pessoal no Brasil. A documentação para o banco esta toda pronta. Assim que Mônica estiver bem, podemos procurar o banco internacional e solicitar o financiamento das máquinas.

Termino o que preciso fazer e desligo o computador. Já são quase três horas da tarde e não tive nenhum sinal de Felipe. Devo ligar para ele contando que Miguel não embarca hoje? Ele vai achar que estou fazendo isso porque quero que ele durma aqui de novo. Mas eu quero? Melhor não.

Espero a noite chegar e ligo novamente para Miguel. Mônica já saiu da cirurgia, mas ainda não acordou. Miguel está arrasado e eu não suporto vê-lo assim.

Entro no chuveiro consciente do quanto é difícil estar nesse espaço sem lembrar do que aconteceu ontem à noite. Foi tudo tão intenso, meu rosto queima com a memória, e... caramba... o cara é incansável tem um corpo que parece uma obra-prima. *Aff!* No entanto, isso só me faz sentir pior, sou uma egoísta que ultimamente se acostumou com sexo bom e não consegue usar a cabeça. A água gelada cai na minha cabeça em cascata, me obrigando a pensar no quanto agi errado com ele... Felipe é um ser humano único, de um caráter admirável, Chioke disse que ele é um cara de honra e eu não tenho nenhuma dúvida disso. Ele é um amigo, e eu burramente meti os pés pelas mãos, cedendo ao desejo para minha mera satisfação. Por que eu tinha que estragar tudo? Eu não pensei nele, pensei somente em mim mesma, eu não mereço ser feliz.

Visto apenas uma camiseta. Felipe ainda não sabe sobre Miguel e tenho certeza que ele não virá, depois do que aconteceu. Deito no sofá e fico olhando a lua pela janela, cada detalhe da sala me remete aos momentos de ontem à noite. Coloco meus fones de

ouvido, ligo o Ipod e escolho a musica Need You Now da banda Lady Antebellum. Fecho meus olhos ao som da letra que diz “estou completamente só e preciso de você agora, disse que eu não ligaria, mas perdi o controle e preciso de você agora, e não sei como sobreviver, só preciso de você agora.” Será que é isso que eu quero agora? A escolha desta musica quer dizer que eu preciso de Felipe agora? Ou de Victor? Ah isso está acabando comigo, eu não consigo respirar com este tipo de pensamento, estou me sentindo uma cadela, até pouco tempo atrás eu só havia me deitado com um único homem na vida, um porco por sinal, e agora estou aqui nesta confusão, me sentindo uma derrotada.

Sinto a presença dele e abro os olhos.

Felipe está em pé de frente ao sofá, me observando com uma expressão indecifrável, não parece zangado ou com raiva, está mais para magoado não querendo demonstrar. Seus braços cruzados no peito, uma camiseta clara que se ajusta aos músculos, e calça jeans. Sei que não é hora pra pensar nisso, mas a visão é sexy demais. Enrubesco e dou graças que ele não pode ver com clareza sob a luz fraca da sala, iluminada apenas pela lua.

Sento rapidamente. Ele desvia o olhar e limpa a garganta.

– Miguel me ligou e pediu que eu pousasse aqui novamente – ele fala do jeito mais formal que eu posso suportar.

– Ele contou sobre Mônica? – minha voz é tremula, baixa, como se eu fosse uma criança que está arrependida de alguma travessura.

Ele acena que sim com a cabeça, mas não me olha diretamente. Será que ficar aqui é uma obrigação pra ele?

– Você não precisa fazer isso se não quiser Felipe, eu estou bem aqui sozi...

– Miguel me pediu que cuidasse de você, Maria Hellena, e é isso que vou fazer – ele me interrompe de uma maneira tão seca que sinto minha garganta queimar.

Eu não suporto vê-lo me tratando desta maneira fria, depois de tudo.

– Ouça Felipe, eu quero te pedir desculpas pelo q...

– Eu não quero que se desculpe... vamos evitar arrependimentos por hoje. Vim posar aqui e vou fazer isso até Miguel voltar – ele me corta sem nem me olhar.

Sua expressão não nega que ele está sofrendo, ele me evita, e ainda assim eu sinto o respeito em sua voz. O conjunto completo somente me... destrói.

– Tudo bem.

Vou para o quarto, enfio a cabeça no travesseiro e simplesmente faço o que melhor sei fazer nos últimos tempos... choro. Eu o magoei quando ele apenas me pediu honestidade. Eu não consigo ser honesta nem comigo mesma sobre meus sentimentos. Por que eu não posso fazer as coisas da maneira mais fácil? Felipe é bom, lindo, verdadeiro e gosta de mim. Por que eu tenho que resistir a isso? O que eu sinto por ele? Ele está a poucos metros de mim, e sei que também está em pedaços, seria tão simples ficar com ele e esquecer este sentimento amargo que está se formando no meu peito.

Mas por que eu não consigo fazer isso?

A maldita imagem de Victor não quer sair da minha mente. Por que ainda penso nele? Ele parecia ser sincero dizendo que gostava de mim e fazendo aquela cena todo de que estava preocupado comigo. Victor não é quem diz ser e mesmo assim eu não consigo esquecê-lo. *Que droga!*

Eu preciso me distanciar de tudo isso.

Assim que Miguel voltar, eu vou para o Brasil, não para fugir, mas para ter tempo e espaço suficiente pra colocar minha cabeça em ordem. É isso. Está decidido. A distância vai me fazer bem. Por hora, vou respeitar a vontade de Felipe e não vou mais bancar a menina arrependida. Foi uma noite maravilhosa e ele já faz parte da minha vida. *Apenas aceite.*

Demoro a pegar no sono, os pensamentos fervem minha cabeça e meu travesseiro está encharcado de lágrimas, consequências de minhas escolhas.

Acordo e vou ao banheiro, escovo os dentes, lavo o rosto, ajeito o cabelo. Eu chorei tanto que pequenas bolsinhas se formaram embaixo dos meus olhos. Coloco calça jeans e camiseta verde clara, justa no corpo, combinando com meus olhos. Entrona sala e o sofá está vazio. *A cena me atinge com uma pequena pontada no peito.* Na cozinha, pregado na geladeira, há um bilhete com a letra de Felipe.

“Fui com Chioke ver um imóvel para a empresa.

F”

Suspiro profundamente. As palavras não poderiam ser mais frias. *Tudo bem. São os efeitos de sua atitude Helle.*

Não vou me abater, vou respeitar a vontade dele. Felipe sabe o que faz e está totalmente certo.

Resolvo aproveitar o lindo domingo de sol. Coloco um tênis, pego o carro e vou ao centro da cidade, na região do comércio, sempre tão movimentada. Preciso me abastecer de algumas coisas de mulher. Entro em uma farmácia, pego alguns produtos e fico espantada com os preços, coisas íntimas são bastante caras aqui.

Saio da farmácia e... acho que estou tendo uma alucinação, estreito os olhos para proteger do sol porque não devo estar vendo direito. Tenho a impressão de ver Ryan Parkerys entrando no prédio em frente... mas não, não pode ser. Ele deixou bem claro que não há nada neste país que interesse á sua empresa e pensando bem, metidinho á besta do jeito que ele é, jamais colocaria os pés aqui. *Que bobeira Helle, é feito do sol.*

Entro em um mercado e compro algumas guloseimas para crianças, quero visitar Abejide e seus filhos e vou levar alguns doces.

Volto para o carro e dirijo até o vilarejo. O pó alto da estrada já é uma visão comum e o cheiro daqui é particularmente bom. Estaciono em frente a casa dele, logo que desço, vejo as crianças brincando no quintal. Elas são adoráveis, o mais novinho é quase um bebê no meio dos irmãos, as duas meninas são uma graça, a maior delas tem os cílios grandes e os olhos bem escuros, há também um menino de mais ou menos uns oito anos, bastante habilidoso, se exhibe para os menores. Todos brincam descalços com uma

bola improvisada de pano. Lembro na minha infância, como filha única, eu sentia falta de ter um irmão para brincar, e meus brinquedos também eram todos de segunda mão, mas eu era feliz.

Deixo a sacola em cima de uma pilha de madeira e vou junto deles, o menino talentoso é extremamente amoroso, quando me vê abre um sorriso lindo.

– Oi Tia Helle! Veio jogar bola com a gente? – ele se aproxima de mim, trazendo consigo a bola nos pés. É um pequeno desafio.

Eu não posso recusar. Meu coração começa a palpitar com o entusiasmo que vejo nele, isto me inspira e por um momento volto a ser criança.

– Tudo bem, tudo bem – levanto as mãos para cima – mas saiba que sou quase uma profissional, vou deixar você envergonhado – dou um sorrisinho com falso ar de convencida.

Quando eles percebem o que vou fazer, me cercam por todos os lados, com pequenas palminhas e pulinhos de alegria. Tiro meu tênis, ficando descalço também, dobro a calça até a altura dos joelhos e entro no jogo de futebol mais divertido que já vi.

É muito engraçado, a bola corre de um lado para o outro e todos vão seguindo, fazendo tudo virar um monte de perninhas chutando ao mesmo tempo sem nem ver ela direito. As garotas dão gritinhos de vibração ao verem o irmão mais velho dominar a bola e driblar a todas nós, fazendo firulas, se exibindo, ele é o pequeno astro por aqui. Paro para conseguir fôlego e, de um jeito meio desajeitado, consigo roubar a bola dele, mostrando que também conheço um pouco do esporte, toco a bola para a menina de longos cílios, que festeja quando consegue chutar e marcar um gol. Estou suando e ri tanto que minha barriga até dói.

Enquanto elas se abraçam comemorando, todas risonhas, eu paro para respirar. Estou completamente sem ar e com a canela dolorida, levei tantos chutes que já imagino o tamanho das manchas roxas que estarão aqui amanhã, mas não consigo parar de rir.

Inclino o corpo para descansar sobre os meus joelhos, acho que eu não estou na minha melhor forma física e pelo jeito derrubei meu pulmão em algum lugar. Minha garganta

está queimando de sede. Eu preciso de água, urgente. Procuro com os olhos uma torneira onde eu possa... caramba! Felipe está encostado na parede observando a gente.

Limpo o suor da minha testa e olho mais atentamente para seu rosto, tentando sondar seu humor. Ele está sorrindo, com brilho nos olhos e de um jeito lindo. OMG! O homem poderia facilmente parar um tornado com esse sorriso. Já tem algum tempo que não o vejo assim e isso só me faz querer rir também.

Ele desencosta da parede e vem caminhando para onde estamos, devo ter um sorriso bobo nos meus lábios. *Se contenha Maria Hellen*a. Escuto um pequeno gritinho atrás de mim, olho para as crianças, que também o viram e estão correndo para ele, gritando seu nome e saltitando de alegria. A menina de cílios lindos é a mais animadinha.

– Venha jogar futebol com a gente Tio Felipe! – ela fala toda encantada pela presença dele... e não é a única.

Ele se abaixa, ficando na altura das crianças e, em questão de segundos, está cercado por elas. O menino habilidoso abre espaço entre as irmãs e os dois se cumprimentam batendo as mãos com gestos ensaiados, um verdadeiro toque de homens.

– O que você achou da nova jogadora? Ela joga bem? – Felipe pergunta, apontando pra mim.

Acho que meu rosto está vermelho, mistura do calor e da ridícula timidez que a presença dele me causa. Eu permaneço sorrindo e observando a interação entre eles, Felipe é tão atencioso com as crianças e elas perceptivelmente gostam dele. A cena toda me emociona e só consigo pensar que a teoria de que nas coisas mais simples da vida é que se encontra a felicidade é totalmente verdadeira.

Afasto-me deles e vou à pilha de madeira pegar a sacola com os doces. Noto que Felipe está me observando. Volto e entrego nas mãos do menino mais velho, como se fosse um troféu ele rapidamente organiza um círculo e começa a dividir as guloseimas, a alegria é contagiante.

Entro na rodinha e me abaixo.

–Pessoal, eu preciso ir pra casa agora, mas vou voltar outro dia pra gente jogar futebol de novo.

Quase em coro eles protestam, no entanto estão tão alegres com todos esses doces e com a partida divertida que tivemos que aceitam e se despedem calorosamente com pequenos abraços. É um carinho é reconfortante.

Coloco meus pés encardidos dentro dos tênis, me preparando para ir.

Felipe levanta e se aproxima, me deixando congelada esperando seu movimento, meu coração dá uma leve acelerada. *Que legal Maria Hellen, até dias antes, estar perto era normal, agora você parece uma adolescente estúpida!* Seu olhar é diferente do que ele me deu na última vez, seus olhos estão suaves. O conjunto quase me derrete.

– Vou dormirem sua casa... mas não precisa me esperar acordada. – ele fala baixo, com os olhos nos meus, tão perto que sinto o calor de sua respiração. Seu olhar muda para os meus lábios e ele suspira – Tchau Helle.

– Até mais Felipe – falo ligeiramente ofegante, eu não percebi que tinha segurado a respiração.

Viro as costas e volto para o carro, meu coração não trabalha no ritmo certo diante dele depois de tudo que fizemos.

Chego em casa e resolvo fazer uma boa faxina para aliviar um pouco a tensão dos últimos dias. Limpo tudo, por horas, por fim tomo um banho gelado, estou completamente exausta. Vou para o quarto, já se passa das dez da noite aqui e preciso ligar para Miguel. Falo rapidamente para saber das notícias, ele está um pouco abatido e permanece no hospital, embora Mônica tenha apresentado melhoras, ela precisa ficar internada por alguns dias, mas graças a Deus não corre mais perigo. Desligo o telefone e deito na cama, mais tranquila por saber que ela está bem.

Meu corpo está esgotado, sinto minhas pálpebras pesarem de cansaço, hoje queimei muitas calorias com o divertido jogo de futebol, aquelas crianças me fizeram muito bem, e ver Felipe sorrindo pra mim, mesmo que por pouco tempo, me dá esperanças de que logo tudo voltará ao normal. Pego no sono, mas acordo cerca de duas horas depois,

eu preciso ter certeza que ele veio mesmo dormir aqui. Em meio a pouca luz, caminho em silêncio até a sala e vejo-o deitado no sofá. Viro rapidamente e volto para o quarto. Só o fato de saber que ele está aqui já me deixa tranquila, sua presença me acalma.

Durmo um sono pesado e quando acordo o dia já está claro. Assim como no dia anterior, Felipe já não está mais em casa. Faço um café bem forte, pego a xícara e vou para a sala, sento no sofá com as pernas encolhidas embaixo de mim, meus olhos não focam em nada específico e minha cabeça está vagando, apreciando o amargor... *que droga, ele saiu de novo sem nem falar comigo... eu sei o que fiz, mas ele sair assim me deixa como uma merda de pessoa... não pense muito Maria Hellen.*

Espero dar o horário e ligo para o Brasil, está tudo certo por lá, tivemos um impasse com o preço de um fornecedor, mas Fernando conseguiu resolver. Alguns minutos depois Miguel me liga contando que Mônica já está acordada, mas ainda está fraca, ele não sabe ao certo quando volta pra cá. Digo á ele que não se preocupe, estamos providenciando outro local e na sexta-feira teremos uma reunião com os agricultores para comunicar a data da chegada dos insumos.

Recebo um telefonema de Chioke dizendo que está vindo pra cá. Preparo um suco gelado para recebê-lo, ele veio me informar que, com a ajuda de Felipe, já acertaram tudo no novo imóvel, e para a minha sorte, já possui até algumas mobílias, não precisamos de muito mesmo, apenas mesas e um armário, usaremos os nossos computadores portáteis. Vamos juntos para eu conhecer o local, que é bem perto do anterior e eu gosto, de frente para rua, três salas pequenas. Ideal.

Assino o contrato e fica faltando apenas a assinatura de Miguel, explico a situação sobre sua ausência e o proprietário concorda que usemos o espaço a partir de amanhã, com o trato de quando meu sócio retornar ele assinará. Pagamos três meses adiantados por esta pequena concessão. Amanhã cedo já posso começar a trabalhar aqui.

Volto para casa, abro o computador para ler meus e-mails... e... para minha desgraça há uma mensagem de Thiago. Ele quase sempre faz isso, no entanto, eu não li nenhum de seus e-mails, desde a separação. Quando ainda estava no hospital ele me mandava mensagens dizendo que Miguel não permitia que ele me visse, que ele nos mataria e blábláblá, aquelas ameaças de sempre. Desde então programei meu gerenciador de e-

mails para devolver as mensagens informando que o endereço está bloqueado para ele, mesmo assim, uma cópia da mensagem vem pra mim, eu apenas tenho o trabalho de excluí-la sem ler, e é exatamente o que faço agora, excludo sem nem querer saber o conteúdo. Só o nome dele me faz mal, mesmo a quilômetros de distância, ler esse nome me dá náuseas.

Já se passa das nove da noite, um vento fresco de chuva se aproxima, pela primeira vez desde que cheguei a Niamey. Não me sinto muito bem, preciso me deitar um pouco e sei que nem adianta esperar Felipe acordada, ele não chegará tão cedo. Vou pra cama e logo adormeço.

A porta de abre e uma fresta de luz entra, anunciando sua chegada. Não consigo me mexer, estou com tanta fome que nem posso ficar em pé, minhas pernas estão trêmulas. Seus passos se aproximando fazem o chão ranger, ele cheira a álcool, sua camisa está toda amarrotada e inundada por um perfume feminino barato, demonstrando que passou parte da noite com alguma mulher, olho para seu rosto escurecido pela pouca luz, sua barba está por fazer, encontro seu olhar perverso e um terrível calafrio percorre minha espinha.

– Como está minha esposinha querida. Será que ela já tirou da cabeça a ideia absurda de me deixar? Ou ela precisa ficar mais um tempo aqui pra refletir sobre isso? – sua voz bêbada e debochada.

Ele me puxa para fora da cama fazendo-me ficar em pé e me beija, forçando a entrada de sua língua em minha boca. Seu gosto é amargo e o cheiro assim tão perto é ainda pior. Sua camisa tem manchas de batom, acho que ele fez isto de propósito para que eu veja que ele está com outra mulher. Por que ele não pode simplesmente se apaixonar por alguém e me deixar livre, Deus?

– Você nunca vai me deixar Helle, nunca!

Ele me joga na cama, arranca minha calça com violência e sobe em cima de mim, cravando as unhas em minha bunda, deixando mais marcas. Recebo uma mordida na barriga com tanta força que grito de dor. Ele não está nem ligando para meus gritos, eu tento afastá-lo e quanto mais eu luto mais ele dá risada, eu não quero isso... eu não quero... por favor não, por favor, Thiago... não!

Acordo transpirando gelado, meu coração quase explodindo no peito e um enjoo queima tudo por dentro. Que pesadelo horrível. *Minha nossa!* Será que eu algum dia vou esquecer tudo isso?

Arrasto-me ao banheiro, ligo o chuveiro, me encolho no chão e deixo a água cair nas minhas costas com as lágrimas escorrendo pelo rosto. Estou me sentindo suja, pelo porco do Thiago, por deixar Victor entrar em minha vida e pelo que fiz á Felipe.

Nestes últimos dias estou mais sensível e tenho muito medo de perder toda a força que conquistei com muito trabalho. Eu não posso me deixar enfraquecer, mas está sendo muito difícil manter o controle.

♠Presença à distância ♠

Fico por muito tempo embaixo do chuveiro tentando encontrar equilíbrio para sair. Seco meu corpo e visto uma camiseta grande. Vou á cozinha, preciso de água gelada, meu estômago está revirando e um nó sufoca minha garganta.

Pego o copo de água e sento no sofá. Felipe ainda não chegou. Será que ele vem? Já é tarde, está caindo uma tempestade lá fora e ele não virá, tenho certeza. Eu preciso dele aqui comigo, eu não quero ficar sozinha, não hoje. Meus pensamentos estão revirados. O cheiro nojento de Thiago ainda está na minha lembrança. Eu não suporto este sentimento! Não consigo evitar a repulsa, as lágrimas preenchem meus olhos novamente, encosto a cabeça no sofá e deixo-as rolares á vontade. *Seja forte Maria Hellen, seja forte!* Faço uma oração silenciosa, esperando esta agonia passar.

Ouç o barulho da porta, abro os olhos para ver Felipe entrando, completamente encharcado, a camiseta branca está transparente colada em todas as curvas do seu peito deixando os músculos em evidência. Ele para em pé e me olha como se estivesse tentando ter certeza do que está vendo, seus dedos vão para os cabelos molhados num movimento preocupado e sua expressão logo muda.

– Meu Deus, o que aconteceu Helle? – ele me puxa pra junto, me abraçando. *Oh minha nossa, eu preciso mesmo disso.*

Encosto minha cabeça em seu peito. Ele ergue meu rosto segurando meu queixo, seu contato acende uma chama em meu estômago. Respiro fundo. Seus olhos estão em mim, como se ele pudesse me enxergar por dentro.

– O que está acontecendo Helle? – ele sussurra quente.

Coloco meus dedos em seus lábios, calando-o. Eu não quero conversar, eu não quero por pra fora toda a merda que está dentro de mim.

Aproximo minha boca da sua, estendo minha mão e toco em seu tórax, seu coração acelera sob o meu toque. Encosto suavemente meus lábios nos seus e imploro por um beijo, com necessidade, que ele retribui com toda a intensidade viril que eu já conheço. Seu beijo é tão urgente como o meu. Nossas línguas dançam desesperadas. Estou indo

para explodir com toda essa merda na minha cabeça, eu preciso dele. Levanto meus braços para enroscar em torno de seu pescoço, mas sou parada no meio do caminho. Ele afasta nossas bocas, me segura pelos ombros, obrigando-me a abrir os olhos e encará-lo.

– O que você está fazendo Helle? Por que você está assim? – sua voz é rouca. Ele me observa muito seriamente, com os olhos quentes e escurecidos.

– Não fala mais nada Felipe, por favor... – eu não quero conversar, quero apenas me entregar á esta sensação que está crescendo dentro de mim, no meu peito, no meu ventre.

– Porra Helle! Por que você está fazendo isso comigo? – ele me beija com tanta vontade que eu perco o ar e novamente afasta-me segurando meu rosto – Você vai me deixar louco – sua voz grave é um apelo.

Não quero que isto pare. Puxo sua camiseta para cima, beijando cada pedacinho de seu tórax. Ouço um ruído selvagem saindo de seu peito, me excitando ainda mais. Ele me ergue do chão, lanço minhas pernas em sua cintura e o beijo fica mais forte. Ele senta no sofá comigo em seu colo, montada em sua ereção sobre a calça jeans, estou só de calcinha e camiseta.

Ele coloca as mãos por baixo da minha roupa, segura meus seios, sua boca explorando meu pescoço, fazendo-me mais sensível. Arranco minha camiseta e fico com os seios livres para ele.

– Me leve para o quarto Felipe – a voz sai chorosa de tesão.

– Você tem certeza que quer isso Helle? – seus olhos em mim, esperando por um sinal de desistência em meu rosto, mas sim, é o que eu mais quero agora.

– Por favor, me leve.

Ele me leva desse jeito, enrolada em sua cintura, deita-me na cama e tira minha calcinha, beijando toda a extensão das minhas pernas, eu sei onde sua boca vai chegar e anseio por isso. Ele toca meu sexo com a língua e me chupa deliciosamente, deixando meu pontinho quase queimando de desejo. Ele sabe o que faz e eu preciso dele.

Eu gemo, implorando por sei lá o que, ele é impiedoso. Estou prestes a gozar e ele percebe, habilidosamente ele me vira de bruços na cama, fico com a barriga para baixo, segurando nos travesseiros, de quatro para ele, rendida para o que ele quiser fazer. Minha excitação é tanta que não aguentaria nem mais um sopro. Ele tira o pênis enorme para fora da calça e entra em mim, numa única estocada... eu gozo imediatamente... gritando o seu nome e me desmanchando de prazer. Meu corpo treme, estou levitando, é maravilhoso, e ele espera imóvel enquanto o orgasmo me rasga, com o pênis enfiado em mim profundamente.

Nos segundos que recobro a consciência do meu corpo ele recomeça, num ritmo forte, poderoso, me tocando em partes tão profundas que eu gemo mais alto a cada estocada. Um orgasmo se prepara para descer me rasgando. Rapidamente ele me pega no colo, enrosco as pernas em sua cintura e ele aumenta o ritmo, me jogando pra cima e pra baixo num balanço intenso, outra vez sinto a sensação maravilhosa me despedaçando.

– Felipe! – aperto com toda a força seus ombros.

E ele também goza silenciosamente, um jato quente e maravilhoso. Eu beijo sua boca suavemente, mordendo, chupando seus lábios. Ficamos por alguns minutos curtindo o momento, seus braços fortes me envolvem, estou em seu colo, protegida, com ele me segurando apertado... estou em paz.

–Obrigado – falo embargada.

–Helle – ele suspira.

Tomamos banho fazendo amor, voltamos para a cama e nos entregamos novamente. Acho que toda a tensão, que tanto eu como ele sentíamos, foi descarregada em sexo essa noite. Durmo abraçada nele, respirando seu cheiro.

Acordo com uma sensação leve, não é culpa, eu estou apenas... feliz. Olho para seu rosto dormindo tão tranquilo. Eu posso viver com isso, Felipe é bom, me deseja, me respeita e eu gosto da ideia de ter isso na minha vida.

Sinto a necessidade de agradá-lo, eu preciso me redimir pela minha atitude da última vez que acordamos juntos. Deslizo sorrateiramente meu corpo para baixo, coloco

suavemente minhas mãos em seu membro e noto-o crescer com o meu toque. Dou um beijo suave e começo uma provocação perversa, provando o gosto de sua carne e ajustando os movimentos da minha mão. Ele se contorce embaixo de mim. Olho para cima e vejo um sorriso lindo em seus lábios.

– Bom dia senhor Felipe – falo provocadora.

Rindo, ele me puxa pra cima, rola seu corpo sobre o meu e, surpreendendo-me, desce à minhas partes íntimas, chupando, dando leves beliscões, brincando com meu pontinho até eu quase enlouquecer.

– Felipe – gemo baixo. Os nós dos meus dedos estão brancos de segurar os lençóis com tanta força.

Ouçó seu sorriso de satisfação sobre minha pele quando seus dedos entram em mim, me fazendo em pedaços com seu toque. Minha cabeça está fora do meu corpo, entro no modo bolha, gemendo, querendo mais, preciso dele e ele não para, continua sugando tudo de mim, mais forte, a língua dançando em minhas paredes.

Ouçó-o rir, divertido. Abro os olhos para encará-lo.

– Bom dia garota! Você tem um sabor muito bom pela manhã – ele fala de um jeito encantador, jovem e lindo, mas em seus olhos vejo o fogo do homem intenso que ele é.

– Isso não é justo! – eu me finjo de brava.

– Não é justo o que? – ele me observa com um sorriso bobo, sexy.

– Você sabe o que. *Eu* queria fazer isso em você. Fazer você gozar e provar o *seu* gosto, garotão – falo rindo, com um falso beicinho de garota que não gosta de ser contrariada, no entanto, ainda estou sob o efeito extasiante que ele acabou de me proporcionar, totalmente agradecida pela explosão matinal.

Ele ri.

– Você é muito mais gostosa Helle – o jeito como ele fala queima o inferno dentro de mim.

Estreito meus olhos, em sinal de desafio e deslizo para baixo, fazendo-o doido e com tanta vontade nos meus lábios que sua virilha até se arrepia. Lindo.

– Cuidado Helle... – ele está rouco... Isto é um bom sinal.

Eu o quero inteiro, quero que ele se liberte, que fique fora de si, assim como ele faz comigo. Chupo-o com mais força, sentindo o gosto de sua excitação, lambendo cada pedacinho de sua grande potência, até que sua garganta emite um ruído rouco e ele se entrega para mim, lindo e quente.

Com Felipe as coisas são diferentes, ele me respeita, gosta de mim, e eu sinto a necessidade de fazê-lo feliz, como ele me faz estando aqui em minha cama, tendo dormido comigo esta noite, quando eu precisei dele perto. Ele é doce e quente, e me faz querer mais disso.

Convido-o para um banho e ele me leva agarrada em seu corpo até o banheiro. Meu ventre já se contorce com a expectativa. Ele me posiciona de frente para o espelho, com as mãos segurando firme a borda da pia. Estou de costas para ele e vejo seu rosto perfeito refletido diante de mim. Como *pode alguém acordar tão lindo assim?* Minhas bochechas coram com a imagem e meu corpo o quer imediatamente. Empino meu quadril e ele entra em mim, quente e grosso, cada centímetro da minha abertura se envolve nele, essa posição é maravilhosa. Eu me rasgo sob seus golpes. É incrível.

Tomamos banho juntos, um banho lento e maravilhoso. Tudo isso é novo pra mim, Felipe está feliz, seus olhos brilham, e eu também me sinto muito bem. Não vou ligar o botão das dúvidas, vou apenas deixar acontecer, não quero estragar esse momento. *Basta não ficar pensando muito Maria Hellen, é simples. Deixa as coisas rolarem e pronto.*

Enquanto me visto, Felipe vai para a cozinha preparando nosso café da manhã. Pego meu celular e tento ligar para Miguel, mas o telefone dele está desligado e a chamada vai direto para a caixa de mensagens. Não falar com ele me deixa um pouco ansiosa, preciso saber como eles estão, minha vontade é de ir pra Nova Iorque e ficar junto, ele sempre cuidou de mim em momentos ruins e eu preciso protegê-lo também, mas não sei se voltar naquela cidade é uma boa ideia nesse momento.

Entro na cozinha, deixo o aparelho no balcão, sento na banquetta e fico observando toda boba a habilidade masculina e confiante de Felipe cozinhando. *Até na cozinha o homem é bom, santa das mulheres-encantadas-com-homens-que-sabem-cozinhar, protegi-me.*

Percebendo minha presença ele caminha para mim sorrindo, segurando um pano de prato, se apoia no balcão e inclina o corpo para me dar um beijo. Sinto seu hálito quente e respiro o cheiro fresco do seu corpo. Minhas mãos vão para seu cabelo úmido e sedoso, seus lábios têm uma textura macia, o sabor é maravilhoso. Sua língua dança lenta em minha boca.

Estou quase saindo da atmosfera com a sensação do toque suave de seus lábios nos meus, mas sou puxada para a realidade ao escutar a campainha do meu celular. Deve ser Miguel retornando minha ligação, ele é sempre muito cuidadoso com isso, nunca ficamos muito tempo sem nos falar, é como uma regra que temos de manter sempre nossa comunicação, isto é assim desde que... desde que eu não atendi as ligações dele porque estava presa em um quarto.

Afasto alguns centímetros do rosto de Felipe e olho para a tela do aparelho... *Oh não!* Recebo uma descarga de adrenalina intensa quando vejo o nome do *deus-grego-sem-consideração-Victor-Harris* piscando insistentemente.

O que este homem pensa que está fazendo me ligando?

Com as mãos um pouco tremulas, aperto o botão lateral, desviando a chamada para a caixa de mensagem. Devo estar pálida, ou pior, vermelha. Que droga!

Percebendo meu constrangimento Felipe muda a postura se afastando de mim com um passo para trás, seus olhos estão estreitados me avaliando, aparentemente calmo demais para o meu gosto. Não consigo encará-lo, então desvio meu olhar e como se nada estivesse acontecendo, encosto o celular no balcão. Dou uma mordida nos meus lábios para causar-me dor e distração... *Aja normalmente Maria Hellena, você não precisa que Felipe note seu comportamento desconcertante ao receber uma ligação do homem-mais-sem-consideração-que-existe.*

Respiro fundo, pronta para seguir de onde paramos, mas para meu azar, Victor é persistente e o telefone toca de novo. A esta altura os olhos de Felipe deixam claro seu incômodo.

– Atenda, pode ser importante – ele diz calmo, mas é como se estivesse testando minha reação.

– Ok – minha voz sai baixa, quase engasgada.

Levanto e caminho alguns passos para a sala.

– Alô... – meu coração dispara no peito. Tudo quanto é tipo de sentimento me bate neste momento.

Ouçó a respiração pesada de Victor do outro lado, acho que ele está decidindo se fala comigo.

– Oi Helle... por que você não me atendeu? – por alguma razão, sua voz baixa me corta o peito, é como se ele estivesse magoado.

– O que você quer Victor? – tento manter o tom mais equilibrado que eu posso, eu sei que Felipe me observa e não quero que ele perceba como Victor me afeta.

– Você sabe o que eu quero... – ele respira forte – eu quero tanta coisa e tudo se resume a você Maria Hellena.

Sua voz parece rouca, triste... mas eu sei que isto é apenas um truque.

– Eu estou um pouco ocupada agora e tenho que desligar Victor... – tenho que falar baixo, não quero chamar a atenção de Felipe, mas não sei se consigo esconder a indignação de saber que Victor está tentando me cantar, depois de tudo.

Olho rapidamente para Felipe parado, como uma rocha em pé na cozinha, seus olhos em mim. Desvio meus olhos, ficando de costas para ele.

– Ouça Helle... eu poderia te falar tudo o que sinto agora, mas não é o momento. Liguei porque estou preocupado, você prec...

– Ok Victor... eu tenho mesmo que ir. – nem o deixo terminar a frase.

– Espere, é sério, porra! Minha equipe está monitorando uma situação estranha, eu quero que você fique atenta, James está em Niamey e...

– Pare Victor, por favor, pare – falo agudamente.

Sei que Felipe está ouvindo, mas eu não aguento mais cochichar, Victor precisa de um freio nesta história de tentar me seduzir e acabar comigo depois.

– Que droga Helle! – a voz se transformou em gritos – Escute o que eu tenho que te falar pelo menos uma vez, acho que eles vão tentar fazer algo contra você. Meus homens estão observando tudo, tenha cuidado e...

Para piorar a situação, sinto as mãos de Felipe me segurarem pela cintura.

– *Querida*, o café está pronto! – Felipe fala alto e em bom som para quem quiser ouvir, ou seja, para Victor ouvir.

Eu me viro e olho para ele assustada, *mas que diabos ele está fazendo?*

– Quem disse isso? – Victor grita do outro lado – fale porra! Quem está aí com você? É o seu *grande amigo* Maria Hellena? – ele enfatiza a expressão *grande amigo*, sua voz é tão forte que eu estremeço.

– Eu tenho mesmo que desligar Victor. Adeus.

– Não se atreva Mari... – desligo na cara dele.

Desligo também meu celular. Eu tenho que lidar com um problema se formando aqui nesse momento e Victor não precisa mais fazer parte disso, além do estrago que já fez.

Felipe está parado diante de mim, olhos fixos nos meus pedindo por respostas.

– O que ele queria? – as palavras são frias, mas a vibração é palpável.

– Nada demais. Por que você fez isto Felipe? – ele tem direito de me questionar, mas a atitude ao telefone não combina com ele.

– Isto o que? – seu tom de voz não oscila.

E lá vamos nós... começou o que eu temia.

– Chamar-me de querida próximo ao telefone. Você não me chama de querida, *nunca*, e por que justamente quando eu estava no telefone?

– Ah! É isso mesmo que você quer saber? – a máscara fria caiu e eu tenho diante de mim um Felipe quente, irritado, intenso.

– Felipe, responda a minha pergunta – a irritação é mútua. Ele não deveria ter se prestado àquela cena de macho-alfa.

– Eu fiz porque vi que você estava tendo dificuldade em desligar. Achei que você precisava de uma ajuda, mas estou enganado? – ele está duro como uma pedra a poucos centímetros de mim, seus olhos quase soltam lâminas de aço, e seu tom é de descrença, deboche, sei lá.

Que saco! Ele nunca usou este tom irônico que eu tanto detesto.

– Por favor, não use esse tom comigo... – tento manter a calma. – Eu não desliguei porque ele estava me falando algo sério. Mas o que me incomoda, Felipe, é isso – aponto para o espaço entre nós dois – Estávamos bem e agora estamos quase detonando uma bomba.

Ele respira fundo e se afasta alguns passos, encostando-se à parede. Observo-o olhar por alguns instantes para o chão e em seguida seus olhos me encaram, sei que está se esforçando para não perder o controle.

– Você sabe dos meus sentimentos por você, isso sou eu e estou completamente apaixonado. Mas eu sinto, Helle, que algo te perturba e eu quero que você me diga o que é. Esse cara te liga e você muda completamente diante dos meus olhos, é visível que existe alguma coisa. Eu tenho o direito de saber. Apenas seja honesta com a gente.

Ele está sério, vejo o músculo do seu maxilar pulsando. Eu não quero mais pensar nas coisas, fiz isto durante muito tempo, eu só quero curtir este momento que estamos

vivendo, Victor me deixa confusa sobre meus sentimentos por ele e por Felipe. Eu não posso magoar o cara que está sendo tão bom comigo, e me fazendo feliz.

– Eu não sei o que te dizer... esta noite foi maravilhosa pra mim e estou feliz com o que está acontecendo entre nós Felipe... – não consigo encará-lo, abaixo a cabeça e me encosto-me ao apoio do sofá.

– Helle, esta noite foi mais que maravilhosa pra mim, mas eu tenho que saber o que está acontecendo. Naquela noite você se entregou completamente e na manhã seguinte ficou toda estranha, me tratando com uma frieza que chegou a doer. Hoje você estava bem e bastou este cara ligar e você ficou toda tensa, desconcertada. O que há entre vocês? Você gosta dele, é isso?

Eu não posso mentir pra ele, mas eu também não tenho nenhuma resposta certa para esta pergunta, nem eu sei o que sinto. Respiro fundo, encarando meus pés, meus olhos já se esforçam para conter as lágrimas.

– Não precisa responder Helle, o seu silêncio já fala por si. Não quero que você se sinta pressionada, apenas resolva tudo isto para que a gente possa seguir em frente. – sua voz é triste.

– Eu gosto de você Felipe – falo com apelo, tentando minimizar minha covardia.

Levanto a cabeça e o que vejo em seus olhos me destrói por dentro. Ele está apoiado na parede, com a cabeça baixa, maxilar rígido e uma expressão de desapontamento. Eu quero tocá-lo. Não suporto ver ele assim. Dou um passo, mas paraliso ao receber um sinal com a mão para que eu pare.

– Pare Maria Hellena – suas palavras são geladas.

Eu congelo no lugar e a sensação de buraco no peito vem como um tiro de bazuca direto na alma

– Por favor, Felipe – falo embargada com a queimação na minha garganta.

– Eu não posso continuar, sabendo que você tem dúvidas. Resolva isso, eu não suporto mais ver você deslizando pelos meus dedos – ele se afasta, saindo pela porta.

Fico em pé, congelada no meio da sala, com meu coração se quebrando em pedaços, a sensação de choro se aproximando e uma tempestade negra tomando conta da minha mente.

Eu não aguento mais! Não aguento mais a confusão, os conflitos. Não. Aguento. Mais!

Caio de joelhos no chão como uma estátua que desmorona. Sou uma merda fria e sem coração, sou uma cadela. Eu feri Felipe! Sou uma cadela estúpida e não mereço ser feliz, nunca!

Minha cabeça entra num buraco vazio, não consigo respirar, meus olhos ardem, mas as lágrimas não descem. Eu não quero mais viver, to cansada de fazer tanta merda. Sou um lixo e não mereço ser feliz.

Deito no chão, em posição fetal, agarro meus joelhos e finalmente choro, sem parar ou pensar. Apenas choro.

♠ *Sentimentos ambíguos* ♠

Depois de muito tempo deitada no chão, vou me levantando aos poucos. Lá fora já é noite, fiquei desde a manhã até agora na mesma posição, e uma náusea terrível me domina. Há um buraco dentro de mim que não quer ir embora. Eu não consigo mais viver assim. Desde que me conheço por gente estou sempre com esta sensação de tristeza. Qual o sentido disso? Quando eu era criança ficava arrasada, presenciando meu pai agredir minha mãe em seus momentos de alcoolismo e ciúmes, até que ele a matou. Fui para a casa de uma tia que me odiava, me privava de viver uma infância comum, eu era sua empregada e ela deixava claro que não tinha nenhum afeto por mim, até seus filhos me desprezavam, quando não estavam tentando fazer algum tipo de maldade comigo. Para escapar disso, me casei com um doente obsessivo que me tinha como sua posse, me mantendo com torturas físicas e psicológicas por quase cinco anos. Eu não nasci para ser feliz e não mereço um cara como o Felipe. Ele é bom demais pra mim.

Do jeito que consigo, deito no sofá e fico esperando Felipe chegar, por horas, mas ele não vem, ele nunca mais vai voltar, eu acabei com tudo o que podia acontecer entre nós. *Malditas atitudes de merda Maria Hellen!* Pego no sono como uma pedra, sem sonhos, apago no sofá que me traz lembranças dele.

Amanhece e percebo que eu estou deitada na minha cama. Mas como isso é possível? *Felipe me trouxe pra cá enquanto eu dormia! Ele voltou!* Vou correndo pra sala, no entanto ele já não está mais, sei que ele dormiu aqui porque sua blusa está na poltrona, mas ele foi embora sem nem falar comigo e como é difícil conviver com isso.

Eu preciso trabalhar e deixar de lado meus problemas pessoais. Ontem eu deveria ter ido ao novo endereço e arrumado tudo, mas fiquei como uma imprestável em casa.

Não consigo comer nada, tomo banho, coloco calça jeans e uma camiseta. Tenho que ajeitar algumas coisas por lá e preciso estar com uma roupa confortável. Pego o Jipe e dirijo até o novo endereço. Eu não tinha reparado antes, mas aqui é um lugar confortável, as salas são pequenas e aconchegantes, tem um pequeno banheiro nos fundos e o piso é todo de azulejos. Espero os funcionários da operadora instalarem a internet e telefone, deixo tudo em ordem e volto pra casa.

Estou me aproximando da entrada de casa e vejo a esposa de Abejide me esperando. Ghayda é jovem, deve ter trinta e poucos anos, mas é uma mulher sofrida, pelo tempo, pelo sol e pela vida difícil. Ela é reservada, fala pouco, mas percebo que é uma boa pessoa.

Estaciono e caminho até ela, fico um pouco preocupada de vê-la aqui.

– Boa tarde Dona Maria Hellena – ele tem um sorriso tímido nos lábios.

– Olá Ghayda, me chame de Maria Hellena ou Helle se preferir – eu lhe dou um sorriso e um abraço – Está tudo bem?

Meio sem jeito ela corresponde ao meu abraço, acho que ela não esperava esse gesto de afeto.

– Está sim, obrigado. Vim convidar a senhora para almoçar lá em casa amanhã, as crianças ficarão muito felizes e vou fazer um peixe recheado que a senhora vai adorar.

Seus olhos brilham enquanto ela fala.

– Não me chame de *senhora*, Ghayda, me chame de *você*. Estou honrada com seu convite, vou sim, adoro peixe! Quer entrar um pouco, tomar um suco gelado?

Ela sorri recatadamente.

– Não, obrigado! Tenho que ir ao centro agora, te vejo amanhã então – trocamos outro abraço e ela se vai.

Ghayda e sua família são pessoas de bem e fico feliz em perceber que eles também gostam de mim, não tenho muita referência de família, mas estar com eles é muito bom.

Entro em casa e ligo meu celular que estava desligando desde ontem de manhã. Recebo a notificação das chamadas perdidas, pelo menos quinze chamadas de Victor e três de Miguel. Ligo para ele, no primeiro toque ele atende.

– Oi bebê! O que está acontecendo aí? – a voz dele está preocupada e eu não quero que ele perceba alguma coisa errada comigo.

– Oi Loiro, tudo bem?

– Comigo sim Helle, Mônica está um pouco melhor, liguei para a irmã dela pedindo que venha para Nova Iorque ficar com ela e esta semana eu embarco pra Niamey. Mas agora quero saber o que há de errado com você – ele fala incisivo.

– Não há nada de errado Miguel – tento falar com convicção para tranquilizá-lo.

– Não minta pra mim Maria Hellena, recebi diversas ligações de Victor desnortado porque não consegue falar com você, ligo pro seu celular está desligado desde ontem e quando ligo para Felipe perguntando de você, ele não sabe me dizer “exatamente” porque vocês não estão se vendo. Que porra está acontecendo aí Helle?

– Felipe tem dormido as noites aqui, mas nós não nos vemos muito durante o dia, correria, sabe como é... – olho para os meus pés descalços buscando por forças para não derramar mais problemas em cima de meu melhor amigo.

– Não, não sei como é. Por que ele está todo estranho, desvirtuando o assunto quando falo de você? – ele está desconfiado.

Não consigo esconder nada, ele me conhece muito bem.

– Acho que fiz merda, Miguel. Ele não quer mais me ver... – a voz some.

Ouçô Miguel respirando fundo do outro lado.

– Pelo jeito você não está nada bem. Você andou chorando?

– Mais do que eu gostaria – minha voz sai fraca, não tenho forças para falar de tudo isso.

– Meu Deus Helle... – escuto outra respiração profunda, acho que ele está pensando no que dizer – No domingo estarei aí e tudo vai ficar bem bebê.

– Não se preocupe Miguel, eu estou bem, fique o tempo necessário com a Mônica, ela precisa de você. Tudo aqui está bem, em dois dias haverá uma reunião com os agricultores, os contratos estão todos assinados, Fernando já está resolvendo sobre a

compra dos insumos e nós já temos um novo endereço. Tá tudo sobre controle – falo tudo tão rápido que pareço uma metralhadora de palavras.

Escuto-o limpar a garganta, se bem conheço, ele está querendo falar de algo sério.

– Victor me ligou, e está todo revoltado querendo saber quem está em nossa casa, mas isso é o de menos... ele me falou umas coisas e estou preocupado.

– O que ele falou, Loiro?

– Sobre sua segurança, mas... – ele oscila, o que há de errado? – em no máximo quatro dias estarei ai Helle.

– Tem alguma coisa que eu precise saber Miguel? – ele fica mudo por longos segundos, não tenho certeza se ele ainda está no telefone – Miguel?

– Apenas fique atenta. Já fiz algumas ligações para Chioke e Felipe e eles vão ficar de olho. Quando eu chegar aí conversaremos.

Adianta insistir? Eu quero mesmo saber? Melhor não.

– Tudo bem... Miguel, eu estive pensando em... quando tudo estiver mais calmo... passar uns dias no Brasil, apenas pra colocar a cabeça em ordem... – falo até meio sem jeito, não quero que Miguel pense que estou fraquejando em meus objetivos.

– Ótimo bebê! Fico feliz com esta decisão, acho que será muito bom mesmo, vou ligar pro Fernando pedindo pra ele ajeitar tudo.

Nossa como ele ficou animadinho...

– Obrigado por me apoiar, Loiro.

– Eu te apoio sempre, meu bebê, quero ver você bem. Agora tenho que voltar para o quarto onde está Mônica, nos falamos mais tarde. Eu te amo.

– Também te amo demais, Loiro. Até mais tarde.

– Helle...

– O que?

– Preste atenção, eu quero que você se cuide, não saia sozinha e fique atenta.

– Ok.

Desligo e fico observando o telefone tentando entender o motivo da preocupação de Miguel. Se bem conheço, para ele não querer me contar deve ser algo sério, ou não, devo apenas estar ficando paranoica. Fato é que falar com ele me tranquiliza e eu sinto muito sua falta.

Eu não me alimento desde ontem, mas ainda não consigo comer nada, preparo apenas um chá. Sento no degrau da porta, levando a xícara comigo, e fico apreciando o pôr do sol, o céu aqui é incrível, neste horário os tons de amarelo e vermelho se misturam formando uma faixa cor de laranja, divina.

Faz muito tempo que eu não paro para observar o céu, ele é tão exuberante que eu deveria fazer isso todos os dias, o movimento das estrelas me faz lembrar que estou viva e que a vida não para. To fazendo tanta merda ultimamente só pensando em mim, enquanto o mundo aqui fora é enorme, lindo, independe dos meus conflitos, e me dá uma nova chance a cada dia, preciso rever as decisões que tomo, e encarar minhas ações com mais força.

Seguro a xícara aguardando o líquido quente ficar morno, e observo um carro passando vagarosamente na rua, tenho a impressão de ver James, o segurança de Victor, ao volante, mas talvez seja apenas impressão... e se for mesmo ele, prefiro nem saber. James é um cara bom e me salvou, sou muito grata, mas não quero me aproximar de nada que me lembre do *deus-grego-sem-consideração*.

Volto para dentro e encosto a porta.

Pego o computador e sento no sofá para ver meus e-mails. Ontem me desliguei completamente do mundo, no entanto não posso me dar a este tipo de luxo, tenho meus compromissos. Ligo e verifico minha caixa de entrada. Logo de cara há um e-mail de Victor... *por falar no safado...* com data de ontem, penso em excluir sem ler, mas Miguel me deixou intrigada e acho melhor verificar.

De: Victor K. Harris [malito: VKHarris@KHarriscompany.com]

Enviada em: terça-feira, 05 de julho de 2011 10:16

Para: Maria Hellen Vagnolli [malito: mariahellen.vagnolli@gmail.com]

Assunto: O que este cara está fazendo na sua casa te chamando de querida?

MINHA Helle

Você me disse que não queria magoá-lo, então não o faça: é a mim que você quer, não o engane.

Por hora, meu pessoal vigiará sua casa, tenho razões para isto. Não brinque com sua segurança.

Sua falta de consideração me magoa.

Victor K. Harris

CEO

KHarris Investment Company & Financial Holdings

O que concluir? Minha falta de consideração o magoa? Será que ele é sádico e faz isto para me fazer sofrer? Ele não respeita minhas escolhas, fica com aquela mulher pegajosa, aliás, ela e muitas outras, e se sente magoado?

Esse cara desperta em mim os sentimentos mais ambíguos, tenho raiva por pensar em suas atitudes, e ao mesmo tempo, quando me lembro da imagem dele em sua casa enquanto eu ia embora, acho que morreria para não fazê-lo sofrer... mas ele não merece minha consideração, ele não tem nenhuma por mim. E quando penso nisso me sinto uma estúpida por fazer Felipe sofrer. Eu perdi o controle dos meus sentimentos, quanto mais eu tento fugir pior eu fico. Já não sigo meus instintos porque neste momento eles não me dizem nada. *Por favor, eu preciso esquecer Victor! Por favor!*

Adormeço encarando o fato de que não adianta ficar esperando por Felipe, ele não quer me ver e tenho que respeitar... dói demais pensar que ele está me evitando e que eu o magoei, mas nós precisamos desta distância para entender tudo que está acontecendo... eu deixei as coisas muito difíceis entre nós e preciso arcar com as consequências.

Acordo com os raios do sol entrando no quarto, hoje estou sem a menor vontade de levantar da cama, quero me enterrar no travesseiro e ficar aqui o dia todo para esquecer a bagunça que me meti, já pressinto uma maré de escuridão se aproximando e me levando junto com ela, é quase inevitável, mas eu preciso lutar. Caminho lentamente até a sala, pra constatar que o sofá está vazio... olho para o local que sua blusa estava até ontem a noite e não fico surpresa, ele a levou... *encare pelo lado bom, garota, pelo menos ele veio...* espero que isso acabe logo, não vê-lo dói muito mais do que se ele gritasse comigo, seu silêncio atinge meu peito como um soco, a cada dia... *ele está em seu direito, aceite Maria Hellena.*

Nos últimos anos me entreguei profundamente ao trabalho fazendo dele minha tábua de salvação e ele ainda é meu melhor remédio, especialmente nesse momento preciso me fortalecer nele, mas permanecer aqui não é a melhor solução, tenho que recuar um pouco e voltar para o Brasil por um tempo. Eu tenho mesmo que me distanciar de tudo isso.

Sento no sofá para verificar meus e-mails, nenhum em especial, ligo para o Brasil e para Miguel, fecho meu computador e entro no chuveiro para um banho frio. Hoje tenho o almoço na casa de Abejide, e faz um dia especialmente quente em Niamey, opto pelo vestido florido soltinho no corpo.

Dirijo até a casa de Abejide e estaciono em frente, quando as crianças me veem fazem a maior festa, é lindo de ver esses bracinhos pequeninos me abraçando. Ghayda está me esperando na porta.

Entro em sua pequena casa, confortável e arrumada, lembra muito minha casa na infância. O cheiro do almoço está maravilhoso e eu não me alimento bem há alguns dias, essa combinação faz abrir em meu estômago um apetite de leão. Sento no sofá e entramos em uma conversa leve, ela me conta sobre a escola que alguns de seus filhos frequentam, contudo somente os filhos homens, as meninas ficam em casa. É

complicado falar sobre a importância da mulher também ter acesso à educação, Ghayda está apenas seguindo os costumes com os quais foi criada, a mulher ainda tem pouca representatividade por aqui.

Cerca de vinte minutos depois, percebo que ela olha para a porta com um sorriso de cumplicidade nos lábios, viro-me para ver Abejide entrando, é perceptível o amor que eles sentem um pelo outro. Ele fala com alguém atrás dele e meu coração dispara no peito quando vejo Felipe, parado, um pouco abatido... ele também está surpreso com a minha presença.

– Trouxe nosso amigo Felipe para o almoço – o marido gentilmente fala para sua esposa.

Abejide me cumprimenta, trocamos alguns comentários sobre a alegria das crianças com a minha presença, mas Felipe nem me olha, ele se dirige a Ghayda com simpatia dizendo que o cheiro da comida está ótimo, ela fica toda lisonjeada e o chama para ir a cozinha ver o peixe que está sendo preparado, e ele a segue. O fato de ele fingir que não estou aqui é uma bofetada em minha cara, mas eu mereço, então é melhor respirar fundo e me preparar para um almoço... interessante.

Fico com Abejide na sala, falamos da reunião de amanhã, da chegada dos insumos e das previsões de compra dos maquinários. Os olhos dele brilham, é muito bom ver que as coisas estão caminhando bem. *Alguma coisa tem que dar certo, Helle.* Conto a ele que Miguel estará voltando no domingo, ele gosta da notícia, mesmo nos conhecendo há tão pouco tempo, ele diz que já nos considera como amigos e está com saudade de Miguel.

Ghayda nos chama à mesa e o constrangimento entre eu e Felipe fica maior, sentamos de frente um para o outro, e por mais que a situação seja embaraçosa não posso evitar uma risada mental sobre os caminhos curiosos do destino: ele me evitou por dias e agora está sentado em minha frente sem ter como fugir. *Ah homem! Desta vez você não tem escapatória.*

Deixo escapar um sorrisinho e acho que ele percebeu, vejo-o estreitando os olhos pra mim, e posso até estar enganada, mas acho que ele também sorri de canto de lábios sutilmente, é tão rápido que nem tenho certeza se é real.

No decorrer da refeição, ele permanece de cabeça baixa, erguendo apenas para falar com Abejide e Ghayda, me ignorando taxativamente. O que me ajuda a manter a calma e não chorar pela frieza com que ele *não* me olha é a presença das crianças á mesa. Elas riem enquanto se atrapalham com os talheres, o menorzinho com olhinhos encantadores de jabuticaba recebe a comida na boca e se lambuza todo. A menina de longos cílios está muito feliz com a presença de Felipe e ele lhe dá toda atenção, *garota de sorte!* A cena toda da família á mesa é uma das coisas mais bonitas que já vi. A relação de amor aqui é tão forte que supera qualquer dificuldade que a vida possa oferecer.

Abejide me pergunta sobre o Brasil, agora todos me olham com atenção, exceto Felipe que encara o seu prato, sou bombardeada de perguntas, perguntam sobre o carnaval, sobre as praias, o Níger não é um país litorâneo e eles nunca foram á praia, eles querem saber tudo: como é o mar, se a água é quente ou fria, como é a areia, se é verdade que não é possível enxergar o fim do oceano, até mesmo Abejide está encantado com a descrição que eu dou.

Eles me questionam sobre o clima e eu explico que na cidade onde nasci é bastante frio, mas na maioria dos estados há muito calor quase no ano todo. O menino habilidoso também tem perguntas sobre o futebol brasileiro, sobre o Pelé e até sobre o Ronaldo, eu não consigo evitar o sorriso ao ver como ele está interessado nas coisas que eu conto, ele sabe muito sobre esses dois jogadores, Ghayda fala que o menino tem uma camiseta da seleção brasileira com o nome do Ronaldo e o número nove estampados.

O menino está muito empolgado e chama minha atenção.

– E quando você vai voltar lá tia Helle?

Tomo um pouco de suco, avaliando se devo ser honesta com a resposta e talvez conseguir a atenção de Felipe. Todos estão me olhando em expectativa, menos ele.

– Assim que Miguel retornar dos Estados Unidos. Devo embarcar na segunda-feira – dou um sorriso como se não fosse nada de mais.

Os olhos de Felipe se levantam imediatamente, sei que minha resposta o atinge em cheio, no entanto, movida pelo sentimento egoísta de dar o troco na mesma moeda, não o olho, mantenho meu olhar em Abejide e continuo.

– Tenho que resolver alguns problemas lá e provavelmente ficarei por um tempo – mexo com o garfo a comida, mas meu apetite se foi.

A reação dele é me fulminar com os olhos, eu sinto, mesmo sem vê-lo, e da maneira mais proposital possível viro a cabeça em sua direção encarando-o com os olhos estreitados. *Porra! Eu sei que não agi bem estes dias, mas me ignorar como ele tem feito me machuca muito.*

– Algum tempo quanto? – Felipe parece irritado, mas finalmente direciona-me as primeiras palavras, em dois dias.

Ele é tão seco que Abejide e Ghayda percebem e nos observam com mais atenção. Tento disfarçar o clima tenso, tomo mais um pouco do suco, dou um sorrisinho para Ghayda, volto meus olhos para Felipe e respondo.

– Não sei, talvez um ou dois meses – falo meio inocente.

Impulsivamente ele se levanta, visivelmente irritado.

– Tenho que ir agora, obrigado pela refeição Ghayda. Vejo você mais tarde Abejide.

Sem nem me olhar ele sai da sala a passos largos... é óbvio que ele está fugindo. Falei que vou ficar longe por um tempo apenas para feri-lo, não fui uma boa garota agindo assim, mas sua irritação é muito melhor que o desprezo dos últimos dias, e pelo menos assim talvez ele venha falar comigo em casa. Ter ele me ignorando por todos estes dias tem sido uma grande droga.

Disfarço e digo que eu também preciso ir, tenho trabalho á fazer e não é apenas uma desculpa, preciso me organizar para a reunião de amanhã.

As crianças amorosamente me pedem que fique mais um pouco, eu amo isso, elas são muito carinhosas comigo. Despeço-me de todos e saio da casa.

♠Encontros ♠

Tenho que preparar o material para a reunião que teremos com a comunidade amanhã, será um grande evento e a primeira vez que me reunirei com todos ao mesmo tempo, estou um pouco ansiosa.

Chego ao nosso novo local, abro a porta e deixo aberta para que entre um pouco de ar fresco, o calor desta tarde está mais forte que o normal. Vejo em cima da mesa alguns materiais de papelaria que Felipe gentilmente comprou sem eu sequer saber, ele é muito dedicado com esse negócio, está sempre alerta, correndo atrás de tudo e eu o admiro por isso. Queria poder ser uma pessoa diferente, por ele, mas está difícil, só tenho pisado na bola.

Começo a guardar os produtos, mas um cheiro diferente, forte e doce demais, chama minha atenção, olho de relance para a porta e percebo que estou sendo observada. Ergo os olhos para encarar a última pessoa na face da terra que eu esperava ver aqui. Dono de um sorriso estranhamente superficial que não chega aos olhos e um ar de superioridade, Ryan Parkerys está parado na minha porta, com as mãos nos bolsos, me olhando. Tomo um susto tão grande que por um pouquinho não caio esborrachada de bunda no chão. *Minha nossa! O que este homem está fazendo aqui?*

Limpo a garganta e falo da maneira menos impressionada que eu posso.

– Senhor Ryan Parkerys, o que faz aqui? – minha voz soa engraçada, desafinada com a surpresa.

Ele dá um passo para dentro da sala, com um meio sorriso torto e olhos desafiadores de caçador olhando para a caça, sinto um calafrio na espinha, nada agradável.

– Que prazer revê-la senhora Vagnolli. Estou feliz em encontrá-la, porém pela sua expressão, não sei se posso dizer que é recíproco – ele ri alto e o som ecoa no ambiente.

– Estou apenas surpresa com sua presença nesta cidade senhor Parkerys – me esforço para não parecer uma boba e manter minha postura profissional – Se me lembro bem, o senhor me disse que não havia nada neste país que o interessava.

– Boa memória – ele observa a sala. – Vim para a cidade á negócios, mesmo contra a minha vontade. Este lugar é quente e seco demais pra mim.

Sou obrigada a rir mentalmente da cena. Apesar do elegante terno e dos sapatos caros, o suor em sua testa faz com ele se parece muito com as pessoas daqui, dá a ele certa humanidade, que seu rosto de ferro tenta omitir.

– Hum... só por curiosidade: como foi que o senhor me encontrou aqui? Este endereço é novo, senhor Parkerys, viemos pra cá esta semana.

Ele ri debochado exalando arrogância, é irritante.

– Nós homens temos nossos métodos Maria Hellena – seu olhar fica malicioso - Sabe de uma coisa, olhando você aqui com este vestido, pele bronzeada, não me parece nada mal.

Ele se aproxima e eu instintivamente me afasto mais um pouco.

– Agora entendo o que o meu irmãozinho bastardo está tentando esconder. Não é à toa a obsessão dele em me manter afastado... – ele fala de um jeito sedutor, passando a língua nos lábios, algo me diz para ficar atenta.

Percebo minha respiração ficando fraca. *Se recomponha Helle!*

–Nã... não to entendo senhor Parkerys, do que o senhor está falando? – de que raios este homem está falando?

Ele estreita os olhos, coloca o dedo indicador sobre os lábios e me avalia por instantes. Quem é o irmão dele? De quem ele está falando? Trato de encará-lo aguardando por uma resposta. Ryan não é muito confiável, ele é pretensioso e não faz nada sem um interesse, a presença dele aqui é totalmente incomum, ele abomina esse lugar, ainda me lembro de suas palavras da última vez que nos vimos.

Apesar de seu charme, algo nele me dá um pouco de medo.

– Não estou acreditando que ele não te contou – ele fala mais para si mesmo do que pra mim.

– Ele quem? – falo, já impaciente.

– Victor – ele me encara com incredulidade, arqueando uma sobrancelha – Ele não te falou que é quase meu irmão, se ele não fosse um bastardo? – apesar do sorriso sarcástico, percebo o amargor de suas palavras.

Ei... o que? Eu ouvi direito? De que merda este cara tá falando? Victor e ele são irmãos? Isso não faz nenhum sentido, os dois não se parecem em nada! Não faz sent... mas espere! Aquele dia na boate havia algo entre eles e... agora... faz todo sentido! Eles são irmãos! Então por que ele chamou Victor de bastardo? E por que Victor nunca falou nada?

Victor... Victor... sempre uma caixinha de surpresas...

Olho para Ryan aguardando minha reação, eu não posso deixá-lo perceber que fiquei surpresa com isso, ele não precisa ter conhecimento sobre como o nome de Victor mexe comigo, em todas as partes do meu ser. Finjo desinteresse e tento falar da maneira mais natural possível.

– E por que ele me falaria senhor Parkerys? Eu e o senhor Harris não nos falamos já faz muito tempo, eu ainda estava em Nova Iorque.

Pela sua expressão de deboche, ele está duvidando de mim, mas por que Victor me contaria? *Só por que nós transamos como loucos e eu morro por dentro ouvindo o nome dele? Rá! Realmente Maria Helena, seu senso de humor me assusta!*

Peraí... porque diabos esse homem está me falando isso?

– Eu não estou entendendo onde o senhor pretende chegar senhor Ryan. Á que exatamente se deve a sua visita?

Eu não gosto de ser tratada com deboche ou ironia e esta visita não me agrada muito, não quero destratá-lo, mas também não vejo futuro para essa conversinha mole. Percebo-o diminuindo o espaço entre nós, e novamente recuo um passo encontrando a parede atrás de mim. Ele está tão perto que posso sentir seu perfume insistentemente doce entrando em meu cérebro.

– Estava curioso sobre algumas coisas e senti vontade de vir pessoalmente – sua voz é sedutora e me causa uma sensação de enjoo.

Em segundos, um alívio me preenche como ar fresco, sem nem precisar vê-lo, eu sei que Felipe acaba de entrar na sala, eu sinto sua presença, é como se ele pudesse ouvir meu apelo mental. Escuto-o limpando a garganta.

– Helle, tá tudo bem? – sua voz é de poucos amigos.

Ryan gira a cabeça e avalia Felipe de cima a baixo. Arrogantemente, ele se inclina para próximo ao meu ouvido.

– Venha jantar comigo esta noite Maria Hellena, temos muitos assuntos para falar – ele ainda insiste em manter o tom de voz baixo, como se fossemos algum tipo de casalzinho guardando um segredo íntimo de Felipe.

– Agradeço o convite, mas realmente não posso Senhor Parkerys, estou bastante ocupada.

Consigo me distanciar e vou para a parede lateral da sala, fingindo guardar um objeto no armário. No fundo, eu estou tão aliviada com a presença de Felipe que solto um sorrisinho pra ele, e ele logo percebe que eu não estou muito á vontade com nosso visitante.

Ryan observa nossa troca de olhares, e rapidamente assume sua postura de homem de negócios.

– Bem, tenho trabalho a fazer – ele ajeita o nó da gravata e vem se despedir fazendo menção de me dar um beijo no rosto – Não é a mim que Victor tem que temer. Pelo jeito seu amiguinho ali representa muito mais perigo – ele cochicha em meu ouvido.

– Adeus senhor Parkerys.

Vejo-o caminhar até a saída, desviando de Felipe com um aceno de cabeça, antes de deixar totalmente o ambiente, ele se vira para mim novamente.

– Se decidir me procure, será um prazer jantar com você Maria Hellena.

E assim ele se foi, para o meu alívio. Essa conversa foi mesmo muito estranha. Mas agora terei outra ainda mais estranha pela frente, *poupe energias Maria Hellena*.

– Quem é esse cara? – Felipe está me encarando com os olhos penetrantes. Será que ele ficou com ciúmes?

– É um investidor que Miguel e eu encontramos em Nova Iorque.

– E por que ele estava tão próximo? Tive a impressão que você não estava gostando, mas sabe como minhas impressões são equivocadas de vez em quando.

Isso homem, tripudia em cima do meu peito, que eu mereço.

– Você entrou na hora certa Felipe, a visita dele também foi uma surpresa para mim.

Ele faz uma expressão de desconfiado e continua me observando, coro sob seu olhar como se eu fosse uma criança fazendo alguma travessura.

– Você veio falar comigo? Digo... comigo *agora*? Ou você vai sair antes que eu possa perceber? – *dois podem estar irritadinhos, meu querido!*

Ele engole em seco, acho que desde o nosso almoço tenho aproveitado para devolver a gentileza que ele vem fazendo me ignorando nos últimos dias.

– Então você vai para o Brasil? – ele permanece me olhando, mas agora a máscara de homem indiferente está começando a sair de seu rosto.

– Sim, tenho que resolver algumas coisas por lá e preciso me distanciar daqui por um tempo.

Fico em frente a ele, em pé, esperando nosso confronto, precisamos conversar. Eu não quero mais atacá-lo, quero que ele me escute, que saiba que eu não estou bem com tudo isso, e que apesar de confusa, gosto muito dele, meus últimos dias foram uma grande merda sem falar com ele.

– Ouça Felipe – respirei fundo – Eu não posso mais com essa situação entre a gente, está doendo muito e...

Ele me interrompe, aproximando seu corpo do meu.

– E você acha que fugindo daqui vai conseguir resolver? – ele está tão perto, com as mãos encostadas na parede em volta de mim, me cercando sem me tocar. As palavras sussurradas e os lábios tão perto que seu hálito quente tocam meu rosto refletindo em todo o meu corpo.

Estou me segurando para não abraçá-lo forte, hipnotizada. Respiro seu cheio, puxo o ar com força tentando colocar meus pensamentos em ordem, toda essa tensão e ele assim tão perto me fazem perder a razão.

– Você sabe que do jeito que está não pode continuar, Felipe. Estamos confusos, eu estou te magoando e me destruindo também.

Ele afasta e se senta em cima da mesa, eu levo meu corpo junto, não o toco, mas também não quero perder a proximidade.

– Sei que você está sofrendo, mas a sua indiferença me consterna, você não sabe como eu fiquei destruída depois que você saiu de casa daquele jeito. Tem coisas sobre mim que você desconhece.

– Então me conte – ele fala com apelo, encaro diretamente seus olhos e confirmo que ele está sofrendo muito com tudo isso.

Estamos tão perto, eu quero apenas erguer a mão e tocar seu peito, abraçar e beijar cada pedacinho dele, mas não posso continuar até saber exatamente o que eu sinto.

– Eu luto todos os dias para manter meu equilíbrio, e isso que estamos passando está acabando comigo, eu não posso continuar sem ter entendimento de tudo o que sinto, e morro por dentro quando vejo a merda que estou fazendo em você.

Ele abaixa a cabeça e um nó se forma em minha garganta. Que saco! Por que eu tenho que ser essa merda de pessoa complicada? Eu só quero ficar com ele sem pensar em mais nada, eu quero esquecer Victor e pensar somente em Felipe, mas não consigo! Não posso gostar de duas pessoas ao mesmo tempo. Isto é apenas uma confusão da minha cabeça e eu preciso resolver.

– Você não gosta de mim Helle? – Seus lindos olhos escuros estão em mim, tentando compreender toda essa merda que sou. Ver sua expressão assim dói mais do que levar um chute no estômago.

Ergo as mãos e seguro seu rosto, eu quase posso sentir a dimensão do que ele está sentindo, eu preciso contar o que se passa com meus sentimentos também.

– Eu gosto muito de você... tanto que chega a doer. Mas você merece que eu esteja cem por cento pronta pra receber tudo o que você tem á oferecer... neste momento minha cabeça não consegue raciocinar, Felipe. Me dá esse tempo e não me odeie, por favor. Você é muito importante pra mim e cada dia que não te vejo é como o meu inferno pessoal.

Sem evitar, as lágrimas já escorrem pelo meu rosto, e num gesto protetor, Felipe me puxa pela cintura contra o seu corpo, reconfortando-me.

– Não fale para eu não te odiar Helle, eu nunca seria capaz de sentir isso por você.

Apoio minha cabeça em seu ombro e fico por alguns minutos, deixando que as lágrimas caiam. Eu gosto muito dele, e nesse momento sinto como se esse fosse meu lugar no mundo, mas mesmo contra minha vontade Victor está presente em minha mente, não posso continuar assim, preciso me afastar de tudo isso. Dói saber que não posso ser tudo que Felipe merece, eu quero ser essa pessoa, mas nesse momento não sou capaz.

Felipe aos poucos vai me soltando de seu abraço forte, sua mão toca meu queixo, fazendo-me encará-lo, seus dedos secam minhas lágrimas carinhosamente.

– Eu vou dar o tempo que você precisa Helle...

Nossos olhos estão unidos e respiramos no mesmo ritmo.

–É difícil pra mim, mas eu vou respeitar e esperar até que você esteja pronta, Helle, demore o tempo que for, vou estar aqui – seu dedo toca suavemente meus lábios – porque eu amo você. Eu vou sempre cuidar de você, assim fiz todos estes dias.

– Obrigado Felipe... – minha voz sai soluçada enquanto observo seus lábios se aproximando dos meus para um beijo casto.

Nossos rostos se afastam e eu respiro pela última vez seu cheiro fresco, sinto, no fundo da minha alma que isso aqui é uma despedida. Tento segurar a queimação na garganta enquanto assisto ele se levantar e sair caminhando. Preciso manter a calma, essa conversa foi difícil e abri meu coração, nós dois precisávamos disso, mas os sentimentos que tenho por mim neste momento são os piores, é como se eu estivesse deixando a felicidade escapar simplesmente porque sou uma cadela.

Eu não tenho mais condições de trabalhar hoje, quero me afundar na minha cama e ficar nela por uma semana, aliás um ano, lambendo as feridas que eu mesma causei, como um bichinho machucado.

♠ *Apenas um sonho ruim* ♠

Anoiteceu e Felipe ainda não voltou. Depois da nossa conversa, é perfeitamente normal que ele não queira ficar aqui comigo, no entanto, sou uma egoísta de merda e queria que ele estivesse em casa, queria que tudo voltasse a ser como antes, quando conversávamos como dois amigos, agora de uma maneira ou de outra, sinto aqui dentro de mim que eu o perdi. Conheço Felipe há tão pouco tempo e já não posso ficar sem ele, só o fato de saber que ele vem dormir aqui todas as noites já me deixa em paz. Por que eu não consigo tirar Victor e toda essa meda da cabeça e ser feliz com Felipe? Com Felipe as coisas são puras, a vida é doce e descomplicada, já Victor é como um incêndio que cresce e arrasa tudo, não consigo respirar perto dele, perco os sentidos quando ele me toca, é carnal e parece um veneno impregnado em mim. Sei que esse negócio de gostar de duas pessoas não pode existir e essa incerteza é totalmente incompreensível.

Por falar no *deus-grego-sem-consideração*, o que foi a visita de Ryan hoje? Que história mais estranha é essa de que ele é irmão de Victor? E por que Ryan o chamou de bastardo? Victor deveria ter me contado? Não! Aliás, eu sei alguma coisa sobre a vida familiar dele, exceto que seus pais faleceram, de acordo com o Google? É claro que não. Mais estranho ainda é o papo de Victor “estar obcecado por manter Ryan longe”, o que isso significa? Por que ele deveria manter Ryan longe de mim? *Victor, Victor, sempre uma surpresa.*

Estou acordada, olho para o relógio e já se passa da meia noite quando ouço Felipe entrar em casa, mas não posso ir até a sala para vê-lo, preciso respeitar sua decisão.

Debato-me um pouco até cair no sono e amanheço meio zonza depois de uma noite repleta de sonhos desagradáveis. Levanto rapidamente da cama e, como parte do meu mais novo ritual matinal, vou pra sala constatar que Felipe já se foi... *ele é mesmo um cara decidido e não há nada que eu possa fazer nesse momento... é melhor tomar um*

banho gelado para começar o dia bem e tirar quaisquer sentimentos inoportunos da cabeça, Maria Hellen.

Ligo para Miguel e a chamada vai para a caixa de mensagem. Consulto meus e-mails e... há uma mensagem de Victor com o assunto “Se afaste de Ryan Parkerys”... pelo jeito ele já sabe que seu *irmão* me procurou, mas não vou abrir, não quero me incomodar com isso agora, hoje tenho um encontro com os agricultores e preciso estar bem. Victor me desestabiliza e é a última coisa que preciso nesse momento. Tento esquecer seu nome e procuro me distrair com algumas coisas durante a manhã até chegar o horário da reunião... quanto mais se aproxima o horário, mais começo a sentir ansiedade, queria muito que Miguel estivesse aqui.

Finalmente Dirijo até o grande salão que Chioke conseguiu emprestado para alocar todos os moradores que farão parte do projeto. É muita gente e o espaço tem que ser grande.

Meu coração está explodindo com um misto de ansiedade e felicidade. Chioke, Faruki, Abejide, Ghayda e Felipe estão comigo, me dando apoio. Caminho com as pernas meio bambas até a frente do grande salão, onde há um lugar preparado para eu ficar, todos os olhares estão em mim.

– Boa noite a todos – minha voz está um tanto trêmula, mas é de felicidade.

E depois disso tudo se passa como um flash, a reunião é um sucesso, explico aos agricultores que os insumos chegarão em dez dias, dou as orientações dos procedimentos que seguiremos e como vamos agir enquanto os maquinários não chegam. Com minha ida ao Brasil finalizaremos o processo de financiamento das máquinas, as negociações já estão adiantadas por Fernando, basta oficializar com o banco.

Se tudo correr bem, dentro de seis meses estaremos com uma safra fortalecida e vendendo ao preço justo, Fernando já está com alguns compradores varejistas em

negociação. Os sistemas de irrigação já estão projetados, e esta semana começarão a funcionar, nós pagamos com nosso próprio caixa. Isso tudo é um sonho sendo realizado, e o começo de muitos outros projetos que faremos aqui.

O clima é de êxtase, e para minha surpresa, ao final sou presenteada carinhosamente com duas galinhas vivas, não posso negar que é inusitado e não sei bem o que vou fazer com elas, *mas pensando bem Maria Hellena, você está mesmo precisando conversar, espero que elas sejam boas ouvintes.*

No geral, é um dia absolutamente perfeito. Tiro umas fotos e envio para o celular do Miguel, junto com uma mensagem.

“Loiro, a reunião foi maravilhosa, estou muito feliz 😊”.

Abejide nos convidou para ir á sua casa comemorar os acontecimentos do dia, olho para Felipe e vejo o quanto ele está radiante, entretanto apesar de eu pegar seus olhares algumas vezes em mim, ele quase nem falou comigo. Eu sei que é melhor ficar longe de sua vista, não quero estragar sua noite, mas não posso deixar de ir comemorar com as pessoas que estão nos dando tanto apoio. Depois de ouvir eles combinando de voltar caminhando, dou um jeito de voltar dirigindo pela curta distância, e levo Ghayda comigo no jipe.

Entro com Ghayda na cozinha para ajudá-la a preparar alguns petiscos e logo na porta já vejo as crianças, elétricas, correndo de um lado para o outro, quando elas percebem minha presença, me cercam com pequenos abraços e risadas. Fico rindo também observando a disposição delas para falar mais rápido do que a velocidade da luz.

Pouco depois, ouço os homens entrando e se acomodando na outra sala. Felipe, Faruki, Chioke e Abejide tomam uma bebida fermentada e riem de algumas histórias antigas, numa espécie de clube dos homens, enquanto eu ajudo Ghayda com os alimentos, de vez em quando eu até converso um pouco com todos, mas agora num espaço tão pequeno, me sinto meio envergonhada com a presença de Felipe, e logo que posso volto pra cozinha.

Estou muito feliz com tudo, mas já é hora de eu voltar pra casa, a semana foi bem intensa e agora está tendo seus efeitos no meu corpo. Preciso me enfiar num banho

quente e relaxar, e pra ser honesta, não quero constranger Felipe com minha presença aqui ou em casa fazendo-o ter que lidar comigo acordada. Não vejo a hora das coisas voltarem ao normal entre nós, mas enquanto isso não acontece, vou fazer o possível para facilitar as coisas pra ele.

Despeço-me de Ghayda, preparando para ir, ela se levanta e me surpreende com um abraço tão apertado que me faz sorrir.

– Obrigado por tudo o que está fazendo dona... quero dizer Helle – ela se atrapalha e eu rio da tentativa dela de não me chamar do terrível “dona”.

– Obrigado você Ghayda, tenho muita sorte de ter amigos tão especiais como vocês – correspondo ao seu aperto forte.

Peço que ela não conte para eles que já estou indo, não quero estragar a noite de todos então saio pelos fundos. Olho para o incrível céu estrelado e faço um agradecimento silencioso por este dia e pelos amigos que eu ganhei aqui, Niamey me deu muitas coisas e nem tenho palavras pra definir o quanto sou grata. Quando escolhemos o Níger nem de longe eu sonhava com tudo isso que encontramos aqui.

Olho para o jipe estacionado e me ocorre que o clima está mesmo perfeito para uma caminhada, minha casa fica á poucas quadras, vou deixar o carro aqui e aproveitar a noite incrível, além do mais, já faz um tempo que não me exercito. O ar quente das noites no Níger é algo que eu não vejo com muita frequência em Curitiba, lá a temperatura é muito fria na maior parte do ano, o calor dura pouco mais de dois meses e neste período o ideal é aproveitar para se exercitar ao ar livre, pois nos outros meses a garoa gelada não deixa. Há uma piada local de que em um único dia é possível ver as quatro estações do ano, e na verdade é quase isso mesmo. Sinto saudades de lá, de algumas coisas muito e de outras quase nenhuma, mas no geral, eu sinto saudade de Curitiba.

Estou a pouco mais de vinte metros de casa e noto um elegante carro preto se aproximando de mim, eu já vi esse veículo antes, acho que é James, não tenho certeza, mas se for ele eu tenho que dar um ”oi”, não posso simplesmente ignorá-lo porque ele trabalha para o *deus-grego-sem-consideração*, James me salvou, se não fosse ele nem sei o que teria acontecido comigo.

Diminuo a velocidade dos meus passos para cumprimentá-lo, *ele é o herói á quem devo minha vida e é claro, ao patrão dele também.* Estou a um passo da janela do veículo, mas subitamente paraliso no lugar escutando uma voz dentro da minha cabeça gritando para que eu não continue, todos os pelos do meu braço se arrepiam e a princípio eu não entendo, no entanto, um furacão terrível me percorre o corpo quando percebo que não é o carro dele: no interior do veículo estão três homens de pele escura e olhos determinados e, *como se eu estivesse em uma pavorosa cena em câmera lenta,* antes que eu consiga correr, a porta se abre e eu sou puxada com violência para dentro.

Caio sentada ao lado de um homem que me parece familiar... de onde eu o conheço?

Oh! Meu Deus! Por favor, não pode ser! Por favor, não! Por favor! O cheiro horrível, dentes escuros e falhos e o olhar perverso... *Arg!* É o mesmo homem asqueroso que invadiu o quarto no hotel para me atacar!

A sensação de desmaio toma conta do meu corpo, sinto minha pressão arterial indo tão baixa quanto meus pés, estou mole, ouço apenas a gargalhada ameaçadora lá no fundo do meu cérebro, tudo está ficando distante e escuro... e... simplesmente não vejo mais nada.

– Oi amor, estava com saudades? – o sorriso monstruoso e olhos amarelos me encaram, mas eu não consigo me mexer, nem falar. O que está acontecendo? Por que não consigo reagir? *Oh! Minha nossa! Estou amordaçada e amarrada!*

Grito e me esperneio o mais forte que posso, e as cordas segurando meus braços atrás do meu corpo nem se movem, a amordaça na boca abafa minha voz de um jeito desesperador. Eu ainda estou no veículo, mas desta vez, deitada, no banco com minha cabeça apoiada no colo do monstro. Acho que meu pânico motiva ainda mais este homem, ele gargalha de contentamento fazendo meu coração disparar no peito e a bÍlis subir pela garganta. Estou fodidamente sem saída, é o fim pra mim. Olho para a noite através da janela do veículo tentando imaginar para onde estão me levando, mas a única coisa que vejo é o céu estrelado.

Um homem no banco do carona, ao lado do motorista fala pelo celular com alguém á quem se refere como “doutor”, dizendo que já está com a moça indo para o lugar, ele vira a cabeça para trás e percebe que eu estou acordada, e então conta para a pessoa do outro lado da linha e desliga. *Para onde estão me levando? Por quanto tempo eu fiquei apagada? Quem é “doutor”?* Isso deve ser apenas um sonho ruim Helle, logo você acorda, acalme-se!

Para minha repulsa, o mostro me olha com ar faminto e um brilho negro nos olhos, acariciando meu cabelo e dizendo coisas que aumentam a sensação de enjoo.

Viajamos por algum tempo que eu não sei determinar quanto, até que chegamos á um local sem nada que eu consiga ver por perto, parece um sítio. Eles descem do carro e o mostro me puxa para fora, sou levada para a frente de uma casa pequena de madeira, tem uma varanda, com chão de barro, a casa não tem energia elétrica apenas lamparinas, não vejo nenhum banheiro aqui dentro, apenas um quarto e uma pequena cozinha com um fogão á lenha, uma pia sem torneira e uma mesa velha com duas cadeiras.

Agora posso ver o rosto dos outros dois homens, são totalmente desconhecidos, nunca os vi antes. Um deles é jovem, deve estar na faixa dos vinte e cinco anos, percebi que ele não me olha com ar de pervertido, como o monstruoso de dentes feios, parece mais sério e aparenta não estar muito satisfeito com a situação.

Estou em pé na entrada da cozinha com o monstro me segurando excessivamente forte pelo braço. O rapaz jovem se aproxima.

– Ouça moça, vou tirar isso da sua boca e desamarrar os seus braços, mas não tente fazer nenhuma gracinha. Entendeu? – ele fala sério, mas não rude.

Faço que sim com a cabeça, ele retira minha amordaça e encara o monstro com um olhar de reprovação quase que exigindo a retirada das mãos dele de mim. O homem pavoroso, muito a contragosto, larga meu braço, e o rapaz me vira para a parede e desamarra a corda dos meus braços, meus punhos estão com marcas e vergões. Viro novamente de frente para ele e olho em seus olhos.

– Por que vocês estão fazendo isso? – minha voz sai baixa como uma súplica.

– Escute amorzinho, você não fala nada aqui entendeu? – o monstro pavoroso se intromete e acaricia meu rosto, instintivamente eu me afasto dando um passo para o lado.

O rapaz jovem rapidamente se posiciona de frente para o asqueroso e num gesto habilidoso, segura o meu algoz pelo pescoço empurrando-o contra a parede.

– Não queira fazer merda aqui, imbecil! Temos ordens e não vou deixar que você estrague tudo – ele fala tão rápido que o sotaque torna-se acentuado.

Com as mãos para cima em sinal de rendição e uma risada debochada, o monstro concorda. O jovem solta ele, e se direciona a mim.

– Você vai ficar nesse quarto, mas não adianta tentar fugir ou gritar, não há nada e nem ninguém próximo. Não fale comigo ou com qualquer um de nós, apenas fique quieta e tudo vai ficar bem. Você entendeu?

Faço que sim, ele me conduz para dentro do quarto, vira as costas e sai, me trancando. O lugar é pequeno, há apenas uma cama velha com um colchão de espuma fino, no alto de uma das paredes há uma minúscula janela com vidros quebrados e tomada por teias de aranha, o chão também é de barro e o lugar me parece abandonado.

Por que eles estão fazendo isso? Eles recebem ordens, mas de quem? Eu não posso ficar aqui trancada, eu não posso!

Sento na cama e começo a fazer um exercício de respiração para me acalmar, puxo todo o ar possível pelo nariz, encho meu pulmão e solto lentamente pela boca, repito isso por quase dez vezes. *Eu não posso entrar em pânico*, repto mentalmente, se eu não me controlar vou pirar aqui, estar trancada me traz lembranças horríveis e a última coisa de que preciso é uma crise de pânico.

Ouçoo as vozes deles, levanto rapidinho e encosto minha cabeça na porta tentando ouvir, no entanto não consigo entender o que falam, são cochichos, mas percebo que os dois homens estão sendo bruscos com o asqueroso. Algo me diz que enquanto eles estiverem aqui, este monstro não vai tentar fazer nada comigo, mas e se eu ficar sozinha com ele? *Deus me ajude! Não posso ficar sozinha com ele. Por favor!*

Volto para a cama, puxo minhas pernas para junto do meu peito e fico encolhida, meus pensamentos estão em um verdadeiro maremoto. Como vão me achar aqui? Quem vai perceber minha ausência, se Felipe é a pessoa mais próxima e nem conversa comigo quando estamos em casa? Ele vai achar que estou dormindo no quarto, amanhã cedo vai sair antes que eu possivelmente acorde, *estou ferrada!*

Repito os exercícios de respiração e o mantra para me lembrar que não posso entrar em pânico, meu corpo inteiro treme, meu estômago revira e um gosto amargo toma conta da minha boca. Lá fora o céu está cheio de estrelas e há apenas alguns barulhos de insetos, devo estar muito longe da cidade, pois rodamos por algum tempo até chegar aqui.

Ouçõ batidas e a voz do homem pavoroso falando como se estivesse encostado na porta.

– Meu amorzinho, quer que eu entre aí para te fazer companhia? Eu vou te dar algo tão gostoso que você vai implorar por mim. – a risada é atormentadora, ele está debochando, me provocando e causando um medo terrível.

Se eu ficar mais algumas horas presa aqui vou pirar, este homem lembra Thiago. Guardo cravado na memória algumas cenas totalmente assombrosas, como por exemplo, ele batendo na porta do quarto me chamando de amorzinho e dizendo que sabia que eu sentia falta dele, nessas horas eu rezava para Deus pedindo que ele não entrasse. *Como ele podia se transformar de um homem carinhoso para um animal de uma hora para outra?*

A família de Thiago tem grande parte de culpa sobre o homem perturbado, com múltiplas personalidades e sem caráter que ele se transformou. Em um dos dias em que ele me manteve trancada, depois de me bater e me tomar à força, fiquei desolada caída no chão ao lado da cama, lembro de ter ouvido a voz de sua mãe na sala, os dois conversavam sobre o seu estado de desleixo, ela perguntou por mim e ele disse que eu estava no quarto, ela pediu para me ver e ele disse que não, que eu não podia falar com ninguém, seu tom era tão autoritário que até mesmo sua mãe se submetia às suas ordens, e neste dia não foi diferente, sem questionar ela foi embora, levando consigo minha esperança de ser ajudada.

Eu não posso ficar aqui!

Passo a noite inteira na mesma posição, o céu está clareando e eu não dormi nenhum único minuto. Ouço uma batida na porta, e o jovem de olhar sério entra, ele segura uma caneca e um pedaço de pão, ao entrar, observa-me e acho que percebe que eu não preguei os olhos. Sem falar nada, ele deixa o café da manhã em cima da cama e sai, me trancando novamente. Eu não consigo comer nada, meu estômago não suportaria qualquer alimento.

Levanto e tento olhar para fora, mas a janela é muito alta, o que só me permite ver o céu. Agora, com a claridade do dia, eu posso ver os detalhes do quarto, as paredes são de uma madeira imperfeita, com marcas e algumas ranhuras, o teto é composto apenas de telhas sem nenhum tipo de forro, permitindo que a luz entre diretamente pelas frestas, o chão é todo de barro liso e seco, a cama é de madeira envernizada e o colchão é de espuma bem fina, não há travesseiro ou cobertor. Eu preciso fazer xixi, minha bexiga está quase explodindo, eu tenho que pedir para usar o banheiro.

Caminho para a porta, encosto meu ouvido e tento escutar a movimentação, mas tudo está silencioso. *Será que eles estão aqui?*

– Oi! Tem alguém ai fora? – bato com força na porta – Eu preciso usar o banheiro, tem alguém ai? Por favor!

Ouçó os passos e me afasto, o jovem abre a porta.

– Tudo bem moça, o banheiro fica lá fora – seu olhar é desconfiado – Não vou te amarrar, mas não tente fazer nada estúpido.

– Ok.

Ele me segura pelo braço e saímos para o quintal, olho para o local totalmente afastado, não há nenhuma casa ou estrada visível, se parece com um deserto, exceto pela vegetação. Pelo meu pouco conhecimento da região, devo estar distante dos povoados que circundam Niamey.

O banheiro é uma casinha de madeira, com um buraco fundo cavado no chão e duas madeiras cruzadas fazendo às vezes de vaso sanitário, o cheiro é terrível. Entro e encosto a porta, a madeira é tão velha que esfarela nas mãos, abaixo, apoiando sobre

minhas pernas e faço xixi. Este tipo de banheiro é precário, mas bem usual por aqui, o mais intrigante é a existência de um rolo de papel higiênico pendurado na parede, demonstrando que eles estavam preparados para me receber, já que a casa não tem cara de ser habitada normalmente. Então foi planejado? Por quem?

Saio do banheiro, o jovem me aguarda em pé apenas alguns passos da porta.

– Preciso lavar as mãos – falo baixinho tentando ser cordial com ele.

– Venha comigo.

Caminho atrás dele para a varanda da casa, ele mostra uma bacia com água e uma pedra de sabão, e aguarda enquanto lavo as mãos, em seguida, volto para ser trancada no quarto. Não vi nem sinal dos outros dois homens, acho que o jovem está sozinho, será que eu consigo convencê-lo a me deixar livre?

Bato na porta, e sua voz impaciente me pergunta o que eu quero.

– Por favor, me deixe ir embora! Por que vocês estão fazendo isso?

– Moça, fique quieta e tudo vai acabar logo – seu tom de voz diz que ele também não está confortável com a situação e não quer conversar, melhor não insistir, por hora.

A presença dele e não do monstro me mantém mais calma, mas não menos preocupada. O que eles pretendem fazer? Vão me manter aqui até quando?

Fico por mais sei lá quanto tempo sentada na cama, até que escuto o barulho de um veículo, as conversas são baixas, mas ouço a voz do homem pavoroso. Pouco tempo depois, o rapaz jovem entra novamente no quarto com uma embalagem de metal e um garfo, ele olha para a cama e vê que eu nem toquei no café da manhã, mas não diz nada, deixa o almoço e retira a caneca e o pão, saindo sem dizer uma só palavra. *Eu não quero comer nada, só quero sair daqui.*

Deito um pouco, minhas costas já doem de ficar sentada. Observo através da janela o anoitecer chegando, eu não quero mais ficar aqui, quero ir pra casa. Será que alguém já percebeu minha ausência? Cadê minha bolsa? Eu estava com ela quando entrei no carro, será que eles estão com o meu celular? Miguel vai me ligar para saber da reunião e vai

achar estranho que eu não atenda, mas e se ele não ligar? Felipe certamente não vai se dar conta da minha ausência, ele nem fala comigo, droga!

Respire fundo e controle-se Helle. Pânico não vai adiantar! Repito diversas vezes para mim mesma tentando afastar a ansiedade que está crescendo dentro do meu corpo. Minha cabeça começa a doer, mas não vou deixar afligir, já passei por isso antes e posso ser forte.

Lembro o primeiro dia que Thiago me deixou trancada, foi quando pedi a separação. Certa manhã eu havia combinado de me encontrar com Miguel na biblioteca para concluirmos um trabalho, eu já estava sendo muito displicente faltando aos outros encontros de estudo porque meu marido inventava desculpas para não me levar e eu não poderia ir sem ele, esta era a condição imposta por Thiago para que eu pudesse concluir a graduação. Eu já não podia mais deixar Miguel na mão, ele poderia se cansar disso tudo e decidir não fazer mais os trabalhos comigo.

Naquela manhã, Thiago se recusou a me levar, por mais que eu argumentasse sobre a importância daquele trabalho para minha conclusão da disciplina, ele negou veementemente. A impassibilidade com que ele falava foi irritante, ele era um autoritário acostumado com as pessoas fazendo sua vontade, e eu já estava de saco cheio daquela vida estranha que levávamos, eu não era sua propriedade e suas mudanças de humor me assustavam.

Foi então que decidi, pela primeira vez desde que nos casamos, eu não iria mais abaixar minha cabeça. Tomei coragem e falei para Thiago que, com ou sem ele, eu iria à biblioteca.

Aquilo foi como acender o pavio de uma dinamite, o tom de indiferença foi substituído pela agressividade, ele me segurou pelos braços me sacudindo e proferindo palavras sobre eu ser sua, ter que obedecê-lo, e dever-lhe obrigação e gratidão. Os olhos eram tão intensos e assustadores que por um minuto eu recuei, mas então... eu me dei conta que se continuasse seguindo suas ordens eu jamais seria outra coisa além da esposa submissa. Eu precisava de mais, eu sentia necessidade de ser mais do que isso na vida. Afastei de seus braços, dei dois passos para trás, peguei minha bolsa e falei que estava

saindo. Como um animal selvagem, ele me puxou com extrema violência e me feriu com um tapa tão forte no rosto que eu caí no chão.

Finalmente foi a gota d' água, eu não podia mais aceitar.

– Seu estúpido imundo! – eu gritei com toda a minha força.

A irritação dominou meu corpo, eu tocava meu rosto no local onde ele bateu e podia sentir a pele latejando embaixo da minha mão, as lágrimas foram saindo, mas não era tristeza, era raiva.

Ele se ajoelhou diante de mim com os olhos assustados, e como se a cena anterior não tivesse acontecido me puxou para junto do seu peito, falando coisas desconexas, dizendo que eu estava com fome e ele prepararia o café da manhã, suas mãos seguravam meu rosto e sua boca foi se aproximando da minha para um beijo. Esta reação embrulhou meu estômago mais forte do que tudo. Que tipo de homem cruel me bate e age como se nada estivesse acontecendo menos de um minuto depois?

– Eu estou cansada disso! Eu quero me separar! – eu gritei mais forte.

A reação foi quase que imediata, ele se colocou em pé, me puxou para cima num movimento violento, apertou meu corpo junto do dele, encostou a testa na minha e falou entre os dentes, com os lábios colados nos meus.

– Você nunca mais vai falar isso, Helle! Nunca mais!

Eu me debati sob os seus braços, afastei minha cabeça e continuei.

– Eu não quero mais você. Não quero continuar casada com você! – eu falava movida pela irritação e não podia mais recuar, a decisão estava tomada e acho que foi a melhor que eu já tomei em anos.

Ali começou o inferno, ele me sacudiu, disse que eu estava ficando louca e que ele jamais me deixaria livre, eu gritei mais algumas coisas sobre não estar feliz e não amá-lo. Ele me arrastou pelos cabelos, me jogou no quarto, trancou a porta e me deixou lá.

Foi um período difícil, eu sabia que se eu falasse para Thiago o que ele desejava ouvir tudo voltaria ao normal, bastava eu dizer que não queria me separar e estava arrependida, ele exigia estas palavras, mas eu fui forte, não falei e aguentei as consequências.

Fiquei tão imersa nas lembranças que não me toquei que a lua já está alta no céu, escuto o barulho do veículo chegando, uma das vozes é diferente, não é de nenhum dos três homens, parece familiar, mas está tão baixa que não é possível identificar. Pouco depois, o veículo vai embora.

Com uma batida na porta o jovem entra trazendo outra refeição e olha com desgosto para a embalagem do almoço em cima da cama, ainda fechada. Ele respira fundo, como se fosse falar algo, mas não o faz, deixa a nova embalagem com o jantar e leva o almoço não tocado.

♠*Uma miragem*♠

Outra noite inteira passa diante dos meus olhos e permaneço deitada, mas sem sequer cochilar, eu estou cansada, com mais dor de cabeça, não consigo comer ou dormir neste lugar. Eu não ouvi vozes durante a noite toda, acho que estou sozinha com o rapaz, menos mal, isso seria milhões de vezes pior com o monstro aqui.

A porta abre e o jovem entra com um pedaço de pão e uma caneca nas mãos. Ele fica em pé me observando por alguns instantes, e desta vez, se senta na cama. Vejo nitidamente sua relutância em falar comigo.

– Eu sei que não é fácil o que está acontecendo, mas você precisa comer. Você já está aqui há duas noites e não comeu nada, vai ficar muito fraco. Coma pelo menos o café da manhã – ele não me olha, seu rosto encara o chão.

– Eu não consigo comer – falo sem muita vontade.

Eu sei que ele está desconfortável com tudo, mas então por que ele faz isso? Respiro fundo, e abro a boca para começar a fazer perguntas, mas antes disso, ele se levanta e sai.

Esse cara não se parece em nada com o monstro, não há prazer sádico em seus olhos, ele pode me ajudar, preciso tentar falar com ele assim que ele voltar trazendo outra refeição, por hora ainda não consigo comer nada.

No meio da manhã ele me leva ao banheiro. Olho em volta para ter certeza que estamos sozinhos e tento conversar, mas ele simplesmente não me deixa falar, ele pede que eu fique em silêncio, e eu obedeço.

Durante o que eu julgo ser à tarde, ouço o veículo voltando, eu sei que estão trazendo o almoço porque a cada vez ele chega, eu recebo uma embalagem fechada com comida. Assim que o jovem entra, eu vou tentar falar com ele novamente.

Minutos depois, para o meu pavor total, quem entra é o monstro de sorriso perverso, ele encosta a porta atrás de si, com o almoço em sua mão. Sua expressão é de triunfo. Ele

deixa a embalagem no chão, joga a caneca e o pão para longe, senta ao meu lado e se inclina em minha direção, eu estou em cima da cama encolhida no canto, segurando os joelhos contra o peito. Ele acaricia minha perna.

– Vou te dar o que você precisa, mas não agora, boneca, ainda vamos ficar sozinhos e você vai me pagar caro por toda esta espera.

Um calafrio percorre minha espinha só de pensar em ficar sozinha com ele. Fico muda de medo e ele sai gargalhando. Desta vez é inevitável, o pânico toma conta da minha mente. Eu não suporto a ideia deste homem me tocando. Não suporto!

Vou até a porta e começo a chutar e esmurrar gritando com toda a força que eu tenho.

– Me tire daqui, eu quero sair, me tire daqui agora! Por favor! Me soltem! – eu não posso mais ficar nenhum dia aqui, *por favor, Deus, me ajude!*

Sento no chão, enrolo minhas pernas e choro de soluçar, eu não aguentaria ficar sozinha com esse homem imundo, eu só quero voltar pra casa, para Miguel, para Felipe e para minha vida.

Fico horas no chão, até que o veículo chega, desta vez a voz familiar está mais perto, ele diz algo sobre me levar pra longe. *Será que eu escutei certo?* De quem é essa voz? Por mais força que eu faça, não consigo reconhecer. *Eu não quero ir para longe, quero sair daqui!* Chuto a porta e grito novamente, mas é só o trabalho de ouvir o veículo indo embora.

Alguns minutos depois o rapaz entra no quarto, eu estou sentada no chão, encostada na parede, ele se senta na cama, deixando o jantar de lado.

– Moça, eu não posso te ajudar. Você não vai conseguir nada deixando de comer.

– Por favor, me ajude a sair desse lugar, eu não fiz mau nenhum para estar aqui – eu falo em soluços, enquanto seco minhas lágrimas.

Desta vez ele me encara diretamente nos olhos e posso ver a aversão a isso tudo em seus olhos, ele estala os dedos das mãos em sinal de nervosismo, seu maxilar está travado.

– Eles avisaram para vocês irem embora daqui e vocês não escutaram... – ele falou tão baixo que quase não pude ouvir.

– Estamos ajudando esse povo, você não percebe isso? – fico em pé e vou em sua direção, sentando ao seu lado na cama e continuo – Eu sei que você não é como eles, por favor, me deixa sair.

– Eu não posso fazer isso moça, eles me matariam e... além do mais... pegariam você de novo. Você se meteu com gente muito perigosa – as palavras saem baixas e o olhar com que ele encara o chão é de tristeza. Sem que eu possa dizer mais nada, ele sai.

A noite é uma tortura, eu acho que eles não pretendem me soltar tão cedo, mas o que pretendem? Assustar Miguel? Quando vão me soltar?

Amanheço em claro, ouço quando a porta se abre e o jovem entra segurando o café da manhã, ele se senta na cama, mas estou deitada virada para a parede, não quero olhar pra ele e para nenhum destes caras que me mantém prisioneira, quero ir pra casa!

Noto pela respiração profunda que ele está tenso, pelo jeito quer me falar algo, então me viro de frente e algo em sua expressão me faz querer chorar.

– Esta noite não vou estar aqui. Tenho que ir pra casa e você vai ficar com outra pessoa... – ele nem consegue me olhar nos olhos.

– Não! Por favor! Não! Não me deixe ficar sozinha com aquele cara nojento, por favor!

Sento rapidamente e seguro seu braço, implorando para que ele não permita que aquele monstro tenha a oportunidade que precisa para fazer, Deus sabe o que, comigo.

– Ouça moça, eu também não quero te deixar sozinha com ele, mas recebo ordens.

– Por favor, não faça isso, aquele homem é mau e você sabe o que ele pretende comigo! Por favor!

– Eu não posso fazer nada sobre isso, mas presta atenção moça, vou tentar fazer com que ele beba o suficiente para cair – ele estrala os dedos em sinal tensão – conheço aquele animal e ele é fraco para bebida, mas é ainda mais fraco para mulheres então não

tente fazer nenhuma gracinha, apenas cale a boca aqui dentro e não emita nenhum barulho. Se ele sequer lembrar-se da sua presença, mesmo bêbado como um porco, ele vai entrar aqui e eu não vou poder te defender, você entendeu?

– Por favor, não me deixe sozinha com ele! Ele me disse que só está esperando por isso, você não pode me deixar, pelo amor de Deus!

– Não há nada que eu possa fazer... – o jovem respira fundo, acho que refletindo sobre alguma coisa.

Ele se inclina como se fosse pegar algo em sua bota, e faz uma breve parada com dúvida. Olho em sua mão e vejo um pequeno estojo de couro.

– Eu não deveria... mas... fique com isso para caso precise.

O jovem estende a mão me entregando o estojo, a princípio eu não entendo, até que me dou conta de que se trata de um canivete.

– Se ele tentar alguma coisa se proteja com esse canivete, mas pense muito bem porque apesar de tudo, aquele porco é habilidoso. Não deixe ele ver e nem saber onde você conseguiu. Entendeu?

Faço que sim com a cabeça, o jovem se levanta e sai.

Uma sensação mortal percorre meu corpo, os pelos do meu braço se arrepiam, estou tremendo e o mal estar me faz querer botar minhas entranhas para fora. Não posso ficar sozinha com aquele cara pavoroso, mesmo com o canivete, ele é muito forte contra mim, o que eu vou fazer? Não consigo conter o enjoo que domina o estômago, corro para o canto do quarto e vomito tudo o que posso.

Um tempão angustiante se passa e mesmo sabendo que eu preciso de energia, não consigo comer o almoço que o jovem deixou na porta, sem falar comigo. Eu estou nervosa demais para isto. Sei o que é a sensação de um homem tocando seu corpo sem que você queira, durante quase todos os dias em que fiquei prisioneira em minha própria casa, Thiago fazia isso e por mais que eu lutasse, nada, absolutamente nada acabava com a satisfação que ele sentia enquanto me tomava à força. Ouço quando o carro chega, possivelmente trazendo o monstro. Minutos depois, o rapaz entra no quarto com

a embalagem de comida, ele faz uma aceno de cabeça como se estivesse me avisando que logo ele iria embora.

Durante algum tempo escuto as risadas lá fora, certamente o jovem rapaz está colocando seu plano de embriagar o homem pavoroso em prática, mas isso não me tranquiliza em nada. Ando de um lado para outro, tentando me acalmar, fique tranquila Helle, vai dar tudo certo, fique tranquila.

Meu desespero só aumenta quando o barulho do motor do veículo anuncia sua partida. Faço os exercícios de respiração, encosto a cabeça na porta tentando ouvir algum sinal lá fora, tomara que esse homem nojento tenha dormido! Não ouço nenhum único ruído.

Sento na cama, me encolho no canto segurando os joelhos contra o peito, se eu pudesse me olhar no espelho agora sei que estaria pálida, com olheiras e um olhar amedrontado. Eu tremo, minha pele está arrepiada, mordi tanto os lábios que eles já amorteceram.

Por precaução, preparo o canivete tirando o estojo e escondendo embaixo do colchão, deixando apenas a lâmina no meu bolso para caso eu precise usar. *Que Deus ajude que eu não precise.*

Escuto um ruído de cadeira sendo arrastada, em seguida a porta se abre vagarosamente, minha garganta dá um nó e a bÍlis veio á boca.

Se eu pudesse descrevê-lo bem, diria que ele é uma mistura do lobo mau da história da chapeuzinho vermelho, sem a inocência, com o monstro da serra elétrica. Ele baba, seus dentes são feios e escuros, está usando a mesma roupa de quatro dias atrás, o suor escorre pelo seu rosto e peito, manchando sua camisa amarelada. O cheiro é tão abominável que eu consigo sentir a três metros de distância. Uma forte onda elétrica percorre minha coluna, o enjoo e a tontura vêm juntos, mas eu não posso desmaiar agora!

– Oi meu amorzinho. Eu não disse que a gente ia ter uma noite só nossa? – ele está terrivelmente bêbado, seus olhos têm um brilho negro assustador e ele se aproxima lentamente, para me torturar.

– Saia de perto de mim seu nojento!

– Ai! Assim você me magoa boneca. – ele leva as duas mãos ao peito sobre o coração de um jeito debochado – Eu sei exatamente do que você precisa para ficar calminha.

A cada passo lento, aumenta mais o meu terror, ele faz de propósito.

– Não se aproxime ou vai se arrepender! – grito tentando inutilmente intimidá-lo.

A adrenalina está em cada célula do meu corpo. O meu coração acelera no peito, me deixando em estado de alerta total.

Ele chega à beira da cama, com as mãos vindo para me pegar, eu puxo o canivete do bolso e enfio em seu braço, cravando na carne com toda a minha força.

A reação dele é de completo... susto. *Rá! Esse animal nojento não esperava por isso!* Seus olhos se arregalam me encarando e por um segundo acho que ele está tão ferido que não pode se mexer, mas... como seu eu tivesse acabado de contar uma piada, ele começa a gargalhar tão alto e provocativo que meu coração quase sai do peito.

– Ah sua cadela! É assim que você gosta então? Com violência?

Ele me puxa com extrema rapidez, me vira de costas para ele prendendo seu braço em meu pescoço com um golpe de gravata, sinto sua respiração forte na minha nuca. Com a outra mão ele puxa meus cabelos com tanta força que chega a doer. Sua língua asquerosa percorre a parte de trás do meu pescoço, eu percebo sua excitação nas minhas costas e isso revira meu estômago com toda a intensidade.

Da maneira mais forte que consigo, dou uma cotovelada em suas costelas fazendo com que ele arqueie de dor e me solte. Eu corro para o outro canto do quarto, ele se vira pra mim com ódio nos olhos.

– Sua putinha, quanto mais você tenta fugir mais prazeroso essa brincadeira fica.

O monstro vem com rapidez para o meu lado e num só puxão rasga minha camiseta expondo meu sutiã. Com a cena dos meus seios quase á mostra, sua excitação aumenta, os olhos brilham e ele lambe os lábios de um jeito nojento. Ele me puxa pelos cabelos

até a cama e me joga com violência, eu chuto, esperneio e nada parece detê-lo, ele é grande e por mais magro que pareça, tem força. Ele segura minha calça tentando puxá-la. Sinto meu corpo esmorecer.

Está acabado, é o fim! Esse homem nojento vai me tocar!

– Me solta, por favor, me solta! – eu grito e choro ao mesmo tempo.

Ele tira a camisa amarelada e exhibe seu peito brilhando de suor, isso faz a bÍlis subir rasgando pela minha garganta.

– Por favor, não faça isso! Pare! Pare! – eu imploro, e ele ri alto.

– Sua putin... – de repente ele para, com o olhar congelado.

Como se os céus ouvissem meu pedido, o barulho de veículos se aproximando com rapidez e a imagem de Victor chutando a porta iluminam a minha mente, *será que é uma miragem?*

– Helle!

Vejo Victor arrancando o cara de cima de mim com um soco certeiro, e atrás dele Miguel e Felipe entram, com olhos de sangue.

James também entra no quarto e ele, Miguel e Felipe pegam o monstro arrastando ele para fora. Victor tira a jaqueta e coloca em meus ombros, me abraçando para junto de si, neste momento minhas comportas se abrem.

– Obrigado! Obrigado! Obrigado! – as lágrimas escorrem com vontade.

A junção do medo e da adrenalina apunhala meu ventre, quase me arrastando vou até o canto do quarto e vomito minha alma, eu não tenho nada no estômago, mas a sensação é que minhas entranhas querem sair pela boca. Meu corpo treme de frio, de susto, de medo, de cansaço, todos os sentimentos me dominam ao mesmo tempo, Victor apenas me escora. Estou tão fraca que já não consigo mais ficar em pé, minhas pernas estão tremulas demais.

Miguel e Felipe entram novamente, Miguel corre para mim, me abraçando.

– Helle, meu bebê, você está bem? Ele fez alguma coisa com você? – ele me abraça, seus olhos assustados.

Victor me afasta do canto da parede, fazendo com que Miguel me solte. Finalmente consigo encarar os olhos marejados de Felipe.

– Helle me perdoe, a culpa foi minha, me perdoe! – recebo um abraço quente, ele beija meus cabelos – me perdoe.

Todos estão com os olhares abatidos. Eu amo cada um deles, mas não consigo raciocinar sobre nada, simplesmente não consigo pensar em mais nada agora.

Sinto uma tontura forte e um zumbido no ouvido, e percebo meu corpo encontrando o chão.

– Helle! – antes de eu tocar o solo de barro, Victor me segura em seus braços, levando para fora em direção ao carro.

Olho a tempo de ver meu carrasco todo ensanguentado sendo arrastado por James e mais alguns homens para dentro de uma grande caminhonete preta, com todos os vidros escuros. Agora não quero pensar nele, não quero imaginar o que vai acontecer com esse porco, só quero ir pra casa.

Victor me coloca no banco de trás, Miguel entra e se senta ao meu lado, Victor assume o volante e Felipe o banco do carona. Meu corpo treme dos pés à cabeça, recolho meus joelhos para junto do peito, enfio os braços dentro da jaqueta e cubro meu rosto com as mãos, *quero ir para casa, não quero pensar, não quero pensar!*

– Precisamos levá-la a um hospital – Victor fala em tom de comando, ao ligar o motor do carro.

– Estou bem, não quero ir a nenhum hospital – falo baixo, ainda de cabeça baixa, cansada demais para encarar qualquer um deles.

Os braços de Miguel me envolvem, mas eu não consigo mexer meu corpo, só consigo me encolher e esconder meu rosto, eu não quero que me vejam assim, estou me sentindo suja, quero ficar sozinha.

Nenhum deles fala uma palavra, o silêncio é tranquilizador, me sinto protegida. Aos poucos e depois de mais de uma hora, levanto a cabeça para tentar ver o caminho, olho para a janela e posso sentir os olhos de todos eles em mim, até mesmo Victor me encara pelo retrovisor enquanto dirige. Não reconheço nada no caminho, estávamos longe mesmo.

Minhas lágrimas ainda descem pelo rosto, mas desta vez de gratidão.

– Obrigado por me tirarem de lá – sussurro baixinho, mas continuo olhando para fora.

Nenhum deles diz nada, Miguel apenas me abraça forte e beija minha cabeça. Viajamos por quase duas horas em total silêncio. Já na entrada de Niamey, Victor limpa a garganta e fala em tom esforçadamente natural tentando conter seu autoritarismo.

– Helle vai para o hotel comigo, é muito perigoso fic...

Felipe interrompe antes mesmo de ele terminar a frase.

– Nada disso, ela vai para casa, estaremos lá – o silêncio dá lugar a um clima tenso.

Trato de interromper, eu não tenho forças para lutar com ninguém, só quero ir para casa.

– Quero ir para casa Victor. Miguel vai ficar comigo e vocês dois devem descansar, ficarei bem – falo bem baixo, mas tenho certeza que eles entenderam minha vontade porque o silêncio voltou a reinar, embora a tensão entre os dois seja perceptível.

Reconheço de longe o vilarejo, finalmente estamos nos aproximando de casa!

Victor estaciona e antes que eu me dê conta, ele e Felipe estão do lado de fora do veículo, tentando me ajudar a descer, tento fingir que não reparei, não quero criar um clima agora, então me apoio em Miguel e entramos em casa.

– Vamos para o seu quarto Helle, você precisa descansar agora – Miguel fala calmamente, como se eu fosse uma criança.

– Eu preciso de um banho, Miguel – as palavras saem quase sussurradas.

Ele me leva para o banheiro e ajuda a tirar a jaqueta, liga o chuveiro e regula a temperatura.

– Vou pegar uma toalha e roupas, me avise quando estiver pronta, bebê – ele percebe que eu não quero falar nada, só preciso ficar sozinha.

Arranco os trapos da camiseta toda rasgada que eu ainda vestia e o restante das roupas. Entro no chuveiro e me sento no chão, deixando a água cair nas minhas costas. Eu precisava disso, da água levando embora toda a sujeira impregnada em mim. Aproveito que estou sozinha e deixo tudo o que eu ainda tenho de lágrimas caírem arrastando pra fora as coisas ruins e as lembranças negativas. Preciso me recuperar e superar essa merda! *Sou forte e vou superar.* Deus mandou minha salvação antes que as coisas ficassem realmente piores, e aquele jovem de certa forma também cuidou de mim. *Vamos Helle, o que não te mata fortalece, você já superou coisas piores, isso não foi nada!*

Com uma batida na porta, Miguel entra com a mão tapando os olhos, meu corpo já está enrugado de tanta água, ele me oferece um roupão de banho e me ajuda a secar meu cabelo.

– Você está bem bebê? – a voz preocupada e carinhosa.

– Estou Loiro, agora só quero dormir, me sinto cansada, mas amanhã estarei melhor – ele me abraça beijando minha testa.

Pego de suas mãos um blusão e calças de moletom, Miguel se vira para a parede enquanto eu me visto. Sento no vaso e ele termina de secar e pentear meus cabelos.

A presença dele me conforta e me sinto em paz, ele é tão bom comigo e já me viu assim antes, foi ele quem me resgatou uma vez e cuidou de mim, acho que ele sabe como estou me sentindo agora.

– Te amo muito Miguel.

– Eu também amo você, morri mil mortes desde que foi levada, mas amanhã falamos sobre isso, apenas descanse.

Saio do banheiro, Victor e Felipe estão em pé, encostados cada um em uma parede. Agora posso ver com clareza suas expressões cansadas e profundas olheiras. Tenho a impressão de que estão com a mesma roupa e há dias sem dormir, mas são lindos e assim juntos não consigo nem pensar de que jeito eu gosto de cada um, mas o fato é que gosto.

– Estou bem e quero que vocês descansem, vou ficar com Miguel hoje e vai ficar tudo bem, eu só preciso dormir. – respirei fundo – E... obrigado por tudo .

Minha voz sai cansada. Eu não consigo encarar nenhum deles, mas sei que é algo que tenho que enfrentar cedo ou tarde.

Vou para o quarto, com Miguel logo atrás de mim. Deito na cama embaixo de um cobertor e ele se deitou ao meu lado, por cima do cobertor.

– Você não quer que eu prepare um chá, bebê? – ele está deitado de lado, me encarando.

Faço sinal que não com a cabeça. Eu estou realmente cansada, passei três noites sem dormir e sinto o sono de aproximando.

♠A voz familiar ♠

Amanheço como se tivesse dormido uma eternidade. Levanto da cama, o sol já está forte lá fora, deve ser por volta das dez da manhã. Hoje vai ser um dia diferente pra mim, hoje é dia de alegria! Visto shorts jeans e camiseta verde clara, realçando meus olhos, olho no espelho, eu estou mais magra, mas com aspecto muito melhor do que ontem. Jogo uma água no rosto, arrumo meu cabelo em um coque, escovo os dentes e vou para a cozinha. Meu estômago ruge de fome.

Quando me aproximo da sala vejo que Felipe, Victor e Miguel estão sentados no balcão da cozinha, mas apenas Miguel fala uma coisa ou outra, os dois apenas ouvem, parecendo distantes. Assim que eles me veem, ambos fazem menção de vir em minha direção, Felipe ainda está com o rosto cansado, mas de roupa limpa com uma camiseta cinza e bermuda, seus olhos estão ansiosos e preocupados, Victor não fica por menos, está com uma camisa polo azul marinho e calça jeans preta. Minha nossa, eles são lindos!

Antes que eles se levantem eu faço um sinal com a mão dizendo que estou bem, passo por todos dando a volta no balcão, Miguel me pede para sentar.

– Vou fazer seu café da manhã, Helle – ele se vira para o fogão, eu vou onde ele está e dou um beijo em seu rosto.

– Obrigado meu Loiro, estou mesmo com fome.

Volto para o balcão e me sento diante de Victor e Felipe, ambos me olham atentos, é uma das cenas mais estranhas que eu já vivi.

– Bom dia senhores – dou um sorrisinho leve e abaixo a cabeça.

– Como você se sente Maria Hellena? – Victor fala com um tom mandão como sempre, no entanto sei que ele está mesmo preocupado, seus olhos azuis transparentes com terríveis olheiras e barba por fazer dão indícios.

– Estou bem, só com fome mesmo – falo de cabeça baixa, brincando com o sache de chá em uma xícara que Miguel acabou de colocar em minha frente.

– Você está magra – Felipe observa, acho que falou mais para si mesmo.

Nós três estamos de cabeça baixa, a situação não poder ser mais constrangedora. Miguel percebe e coloca um prato cheio de torradas e ovos mexidos no balcão. Eu puxo o prato e começo a devorá-lo. Tudo o que eu não comi por quase quatro dias decidi fazer agora. Tento não pensar muito sobre a cena patética em que eu mesma me meti: eu e os dois homens com quem dormi nos últimos dias, sentados em um balcão de café da manhã. Quando termino a refeição, tomo coragem para começar a conversa.

– Eu quero agradecer á vocês pelo que fizeram ontem... – mantenho minha cabeça baixa.

Sinto os olhos dos dois me queimando, e Miguel novamente salva a parada.

– Vamos falar sobre isso depois, acho que agora você precisa descansar – ele olha para os dois homens á minha frente. Ambos percebem a indireta.

– Vou resolver algumas coisas, mas retorno dentro de meia hora – Victor fala de um jeito sério e se levanta, dá a volta no balcão e beija minha testa, quase que marcando território – Eu não vou mais ficar longe de você Helle, nunca mais.

Quase derreto com o olhar triste e intenso com que Victor me encara. Nem tenho tempo de reagir, ele vira as costas e sai. Por que ele fez tudo isso? Por que ele está aqui?

Percebo que Felipe se irritou com a atitude dele, mas não diz nada. Ele também se levanta, chega até onde eu estou e segura meu rosto com as duas mãos, seu olhar corta meu coração.

– Escute bem Helle, estou saindo agora, mas não esqueça estarei sempre aqui com você – ele dá um beijo nos meus lábios, um aceno de cabeça para Miguel e sai.

Miguel e eu nos olhamos, sem palavras. Eu não sei o que dizer ou pensar. Por mais que Victor me faça sofrer, ele me salvou pela segunda vez e eu sei, aqui dentro do meu peito que ele sente alguma coisa por mim. E Felipe é tudo o que preciso na vida, ele é leal, amigo e mexe comigo, eu não quero magoá-lo, nunca.

Miguel se aproxima e me abraça.

– Como você está bebê?

– Estou bem, muito feliz de estar aqui com você, Loiro.

– Eu morreria se algo te acontecesse Helle, estes últimos dias foram um pesadelo – ele está de frente para mim, tirando alguns fios de cabelo caídos no meu rosto,

– Eu sei, mas já passou, graças á Deus passou. E a Mônica como está?

– Bem. Esta é outra longa história.

Percebo que há algo que ele não está contando.

– O que foi Miguel?

Ele respira fundo.

– Achamos que pode ter alguma relação com o que aconteceu com você.

– Como assim?

– Para me segurar em Nova Iorque e deixar você aqui sozinha, vulnerável.

– Mas você já sabe quem fez isto?

– Tenho algumas suspeitas, mas acho que Victor sabe...

Acho que Miguel sabe mais do que está falando. Levantamos e vamos para a sala.

– Estes dois caras gostam mesmo de você Maria Hellen – ele fala enquanto eu me deito no sofá com a cabeça em seu colo, seus dedos deslizam em meu cabelo.

– Eu também gosto deles... mesmo Victor depois de tudo, sou muito grata á ele... e Felipe me transmite segurança, paz, é complicado... mas não quero ter que pensar nisso agora – tento mudar o foco, ainda não quero enfrentar meus sentimentos – E você, como ficou sabendo do que aconteceu comigo?

– Por Victor. Ele me ligou desesperado e viemos para a África em seu jatinho particular. Seus homens estavam te seguindo e quando eles viram seu carro estacionado na casa de

Abejide ficaram do lado de fora esperando, até que perceberam todos indo embora menos você.

– Eu saí pelos fundos, queria vir caminhando pra casa – constato minha falta de cérebro.

– Eles viram Felipe saindo e perguntaram se você estava lá dentro, quando descobriram o que você havia feito, vieram aqui para casa e você já não estava. Felipe está inconsolável achando que a culpa é dele.

– Mas eu saí escondida, a culpa não é dele, é minha, eu baixei a guarda.

– Eu sei que a culpa não é dele, mas desde a noite de sexta-feira ele ficou transtornado indo em tudo quanto é lugar e enfrentando pessoas perigosas da cidade para saber do seu paradeiro.

Imaginar Felipe transtornado me fere, ele é tão incrível, e saber que causei seu sofrimento dói fundo no peito.

– Victor também não ficou menos pior Helle, ele não parou nem por um segundo, agrediu um cara, ligou a cada dez minutos para James e se quer saber... esta casa foi como uma base militar, ninguém dormia ou comia, Felipe e Victor ficavam de um lado para outro parecendo zumbis.

– Ver vocês entrando naquele quarto ontem foi uma das visões mais felizes da minha vida.

Miguel é mesmo um grande irmão, deitada em seu colo me sinto uma criança protegida, acho que nunca vou poder retribuir todo o amor e cuidado que ele tem comigo.

– Helle, eu preciso te perguntar uma coisa...

– O que foi? – sento no sofá e arrumo meu corpo para ficar de frente para ele.

– Aquele cara fez... ahã... algum mal á você? – eu sei, olhando em seus olhos aflitos, que esse pensamento está acabando com ele.

Suspiro, e conto tudo o que aconteceu para Miguel, desde quando me colocaram no veículo e levaram para aquela casa. Conto sobre o jovem bom que de certa forma de

protegeu, sobre as refeições e a ausência de sono, e falo sobre os momentos de pânico antes de eles chegarem e me salvarem. Miguel escuta tudo com tristeza, seu olhar faz algo doer em mim.

– Eu estou bem, Loiro, acho que já passei por coisas piores... – levo meu corpo para ele e o envolvo em um abraço apertado, tentando afastar qualquer preocupação. Há pessoas na vida que fazem toda a diferença e ele é uma delas para mim, já passamos por muitas coisas e não gosto de vê-lo assim.

Quando nos soltamos, percebo Victor parado na porta, ele nos observa atentamente e seu corpo inteiro está rígido, tenso. Será que ele ouviu tudo?

Miguel se afasta e fica em pé.

– Vou deixar vocês dois sozinhos, Helle, preciso ir á casa de Abejide, mas eu volto logo.

Miguel beija minha testa e sai, me deixando sozinha com o *deus-grego-de-olheiras-e-ar-preocupado-mas-não-menos-lindo-Victor*. Ele se aproxima silenciosamente e senta ao meu lado, seu cheiro é como uma droga viciante que entra pelo nariz, atinge imediatamente meu cérebro trazendo lembranças totalmente íntimas, refletindo em todos os pontos do meu corpo, mesmo contra a minha vontade.

– Então você passou por tudo isso... – ele fala baixo, mais para si do que pra mim, como se estivesse meditando sobre meu relato á Miguel.

Victor é intenso demais, suas emoções são transparentes e nesse momento sei que a tensão exala por cada parte do seu corpo. Não o quero assim por minha causa.

– Mas estou bem agora Victor – falo tentando suavizar o assunto.

Ele se aproxima mais e segura minha mão, sinto a quentura de sua pele e assisto-o beijar meus dedos, meu corpo inteiro balança sob o toque. Se sua audição fosse um pouco mais apurada, ele poderia até ouvir as batidas aceleradas do meu coração. *Ah homem, como você consegue fazer isso?*

Acho que meu rosto corou.

Percebendo seu efeito em mim, Victor me puxa com força para junto dos seus braços, seu cheiro, o calor do seu corpo, o toque, tudo nesse homem desperta um furacão dentro de mim. Ele segura meu rosto me fazendo encará-lo e vejo a necessidade em seus olhos. Sem que eu possa pensar muito, sinto sua respiração quente e seus lábios se aproximando. *Devo beijá-lo? Eu sei como as coisas terminam com Victor, mas...*

Sua boca encontra a minha quase que com fúria, a língua é exigente, seus braços me apertam com força, o calor é inebriante... *eu não posso fazer isso... não devo... mas não consigo resistir...* tudo é tão desesperado que eu simplesmente não consigo! Entrego-me ao beijo e ao apelo do deus grego que mexe comigo profundamente e de maneira inexplicável. Minhas mãos agarram seus cabelos e suas mãos deslizam pelas minhas costas, cintura, barriga. É como se nada mais existisse, ansiávamos por este momento.

– Eu não sei mais viver sem você Maria Hellena! – ele geme feroz, selado em mim.

Seus lábios estão colados aos meus, meu corpo trai minha razão e estou esquentando em um ritmo perigoso... rápido demais para minha sanidade.

– Espere Victor – afasto minha cabeça para trás e tento recuperar o fôlego, estamos muito envolvidos, preciso de espaço para pensar.

– Eu não consigo Helle, estes dias foram de longe os piores da minha vida.

Isso foi tão honesto e eu não sei se ainda tenho forças para resistir a esse homem, meu peito acelera quando estamos juntos, ele me abala profundamente... mas as coisas não podem ser assim.

– As coisas não podem ser assim Victor, eu sei que estes dias em que estive... ahã... longe... foram difíceis, mas nós não...

– Não decida nada agora Maria Hellena, eu sei como se sente e sua cabeça está confusa, você passou por muita coisa e a culpa é toda minha, eu falhei na sua segurança – ele fala de um jeito tão infeliz que sinto um nó na garganta.

– A culpa não é sua, tire isso da cabeça, você já me salvou duas vezes e eu devo minha vida a você – minhas mãos ainda estão em seus cabelos.

– Fiquei em pedaços nestes últimos dias Helle e só de pensar no que teria acontecido se não chagássemos á tempo...

Levo minha mão aos seus lábios, impedindo que ele continue, não quero que ele pense isso.

– Shh... você chegou a tempo e é isso o que me importa.

Ele segura minha mão e beija, de um jeito doce, o homem poderoso, forte e lindo está no meu sofá totalmente vulnerável, eu nem sei como lidar com isso.

– Fique comigo Helle, vamos viajar por alguns dias e ficar um tempo juntos, só nós dois...

Eu o interrompo.

– Eu não posso Victor, eu... eu estou confusa com tudo isso.

Ele me encara como se pudesse ver minha alma.

– Isso tem alguma coisa a ver com seu *amigo* Felipe?

– Tem a ver comigo, com tudo o que vivemos... eu não sei o que pensar e... vendo você aqui tão perto... não consigo raciocinar, Victor.

Sou sincera e vejo que ele está processando minhas palavras.

Ele inclina o corpo para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, depois de um tempão, que possivelmente foram apenas segundos, ele vira para me encarar fixamente.

– Depois de tudo o que aconteceu, descobri que eu preciso apenas que você esteja bem... mesmo que sua felicidade não seja ao meu lado, eu quero você segura e feliz... eu morreria por você, Maria Hellen – ele fala baixo, ferido.

As palavras batem em meu peito. Eu sinto tudo por esse homem e ao mesmo tempo sei que isso não me levará á lugar algum... no entanto, vendo ele aqui, nitidamente abalado me faz sentir uma imbecil de merda que tem medo de sofrer e não faz nada além de fugir como um bichinho selvagem.

– Você pretende continuar no país... continuar trabalhando aqui? – Victor levanta a cabeça e me penetra com o olhar, desta vez ele não está me criticando, é apenas um pergunta e muito justa por sinal.

– Com o projeto sim, mas pensei em passar alguns dias no Brasil para pensar nas coisas... – ele me observa com atenção, sem nenhuma barreira de palavras defensivas ou agressivas, ele de fato está considerando o que eu disse.

Nossa ligação visual é quebrada pelo barulho do celular, ele olha para a tela com expressão de desgosto. Observo-o levantar e caminhar para a janela.

– Diga – tom áspero com seja lá que for.

Ele fica ouvindo e parece irado com a informação, como se estivesse engolindo algo amargo. Logo que desliga, percebo que seus olhos estão quase negros e acho que diz respeito ao que aconteceu comigo.

– O que foi Victor?

Ele morde o lábio, seu maxilar está travado, lutando contra algo em sua cabeça, noto sua resistência em me contar, mas eu insisto, seja lá o que for, eu quero saber.

– Por favor, Victor.

Ele engole em seco, até sua respiração fica diferente.

– Meus homens arrancaram uma informação daquele verme que estava com você.

Um gosto ruim sobe a minha garganta.

– E?

– Ele trabalha para alguém... como eu suspeitava.

– Sim Victor, para quem ele trabalha?

Ele está com raiva e percebo que não quer me contar. Esse mistério já está começando a irritar.

– Victor, para quem ele trabalha? – falo mais incisiva, não posso deixar ele sequer cogitar a possibilidade de não me contar.

Ele respira fundo.

– Ryan Parkerys.

Minha pressão arterial cai para o chão, a náusea consome minhas entranhas e meu nível de pavor vai para as alturas... por que raios Ryan Parkerys faria isso? Não é possível, deve haver algum engano, ele não pode ter feito isso, ele não teria nenhum mot... mas... espera um pouco... o que ele veio fazer na cidade? Que negócios ele tem aqui, se um dia ele me disse que este país não interessava á sua empresa e... ele é *irmão* de Victor!

O que há de errado? O que eu não estou vendo?

Levanto para encarar Victor e tentar entender com clareza este novo fato. Eu realmente conheço Victor Harris? Ele e Ryan são irmãos? O que Victor sabe sobre tudo isso?

– Victor, ele me procurou há uns dias, dizendo que vocês eram irmãos... o que há nessa história e você não está me contando? Por que diabos, Ryan Parkerys faria uma coisas destas comigo?

Falo com um pouco de fúria e indignação com o homem à minha frente me escondendo seja lá o que for.

– Ele não é o que parece, e nós não somos irmãos – ele está fazendo força para controlar sua fúria, seus olhos me encaram profundos e quase indignados com a minha acusação não explicita.

– Então o que ele é, e o que vocês são? – cruzo meus braços sobre meu peito, pronta para ir tão fundo quanto eu puder.

Ele fica em silêncio e aperta tanto a mandíbula que sua pele do rosto chega a pulsar. Será que ele está considerando *não* me contar?

Isso me tira toda a paciência.

– Ah ora essa! Vamos! Fale Victor, isso me diz respeito e exijo saber.

Após uma respiração pesada, observo-o se sentar.

– Sente-se também – ele ordena, e eu instintivamente acato.

Pelo jeito tudo é pior do que eu imagino.

– Minha mãe biológica faleceu quando eu tinha oito anos, ela trabalhava na casa dos pais de Ryan.

Viro meu corpo e fico de lado no sofá, quero vê-lo de frente, é a primeira vez que ele me conta algo sobre sua família. Quero saber mais sobre esse homem tão poderoso e intenso e ao mesmo tempo tão reticente.

– Os pais de Ryan eram pessoas muito boas, cuidavam de mim e me tratavam como filho, mesmo enquanto minha mãe ainda estava viva. Depois de sua morte eles me adotaram legalmente e passei a ter todos os direitos, tal como ele.

Ver Victor me contando um pouquinho de sua história me abala, ele também perdeu sua mãe quando era criança e eu sei a dor que isso traz, preciso afastar a desconfiança e tentar ouvir de mente aberta.

– E seu pai?

Percebo que estamos falando baixo, como um segredo só nosso em nossa própria bolha.

– Quando minha mãe adoeceu, ele a abandonou, foi embora e só voltou para assinar os papéis da minha adoção. No fundo ele nunca gostou de nós e não pensou duas vezes quando teve a oportunidade de se livrar de mim – seus olhos estão distantes e sem vida, não me lembro de ter visto ele assim antes.

Ficamos em silêncio. O que dizer? Sei como é ficar sozinho no mundo e vejo como a lembrança da mãe o entristece.

Levo a minha mão até a sua e a seguro levemente, está tão gelada que parece uma pedra, aperto com força e posso sentir o calor voltando á ela. É impressionante como esse homem, mesmo triste, consegue ser perfeito. Olho para seu rosto e sinto uma

vontade enorme de beijar cada centímetro, quando penso nele infeliz tenho um desejo enorme de abraçá-lo e dizer que estou aqui, com ele.

Puxo todo o ar para os meus pulmões, preciso processar tudo isso... *controle-se Helle*.

Minha mente está voando descontrolada, sinto meus neurônios fritando... a relação de quase irmãos deles, a infância de Victor, meu sequestro, nada faz nenhum sentido e não parece real, não entendo porque Ryan faria isso comigo e...

Calma lá...

– Por duas vezes no cativeiro eu ouvi uma voz familiar, mas não reconheci... no entanto agora, pensando melhor... era a voz de Ryan – as palavras saem em emoção, quase sussurradas e, acho que, trazem Victor de seus pensamentos, imediatamente.

– Você está bem Helle? – ouço a voz preocupada em alerta de Victor, mas não consigo reagir.

Eu estou bem? Por que ele faria isso comigo? Por que Ryan deixaria um monstro quase me estuprar? Minha cabeça está girando, estou fraca, as coisas na sala começam a correr em minha frente. Respire, respire, respire!

Essa sensação de pânico é tão comum para mim. Lembro que na semana em que fiquei internada depois que Miguel me resgatou, eu passei a receber a visita de uma terapeuta, os pais dele achavam isso importante, e de fato foi. Todos os dias ela entrava no quarto e ficava por uma hora me ouvindo. Contei á ela sobre meus medos e as reações estranhas do meu corpo em situações de stress, ela me disse que depois de grandes emoções e forte adrenalina é absolutamente normal que o corpo demonstre algumas reações incomuns como tremedeira, náuseas, tonturas, frio, falta de ar... e por incrível que pareça, eu consigo ter quase tudo isso ao mesmo tempo. Sou mesmo uma fodida de merda, estou exatamente assim agora sabendo que Ryan me fez passar por tudo aquilo, eu sabia que algo nele me dava medo.

– Helle! – a voz de Victor ecoa no fundo da minha mente.

Estou tão fraca que mal consigo responder, eu preciso me deitar e dormir, nesse momento eu só preciso apagar.

– Victor, eu preciso me deitar, estou um pouco cansada não me sinto muito bem...

Falo baixinho, utilizando a minha última reserva de energia. Sem que eu termine a frase, ele me pega no colo e leva para o quarto. Eu não evito ou tento resistir, eu só preciso dormir. Ele me deita com cuidado na cama, enquanto eu tremo descontroladamente, ele me cobre e se senta ao meu lado.

– Durma meu anjo, você passou por muita coisa, precisa descansar – Victor passa as mãos pelos meus braços, por cima da coberta, me esquentando. A sensação é reconfortante... e acabo dormindo.

♠ *Dilemas tardios* ♠

Abro os olhos e, para minha felicidade, me dou conta de que eu estou mesmo em meu quarto, a sensação é de que os dias no cativeiro foram apenas um pesadelo, um sonho ruim e nada mais.

Começo a repassar mentalmente as palavras de Victor, eu acredito nele, não tenho dúvidas que se Ryan foi mesmo responsável pelo eu aconteceu comigo, Victor não teve nenhuma relação, me sinto envergonhada por esta ideia ter passado pela minha mente, eu não poderia desconfiar de um homem com tanta profundidade no olhar quanto ele.

Victor Harris me fez dormir com tanto cuidado e carinho que isso se parece com um sonho. Vê-lo aqui cuidando de mim, dizendo que precisa me ver bem e feliz, mesmo que eu não fique com ele, mexe comigo e nem acredito que é real. Meus sentimentos por ele são tão fortes que não tenho certeza que isso seja bom, sei que na primeira oportunidade ele simplesmente vai para outra mulher e esse pensamento me fere.

Saio do quarto e vou ao banheiro, olho para o espelho e, apesar de mais magro, meu rosto está corado, dormir me fez muito bem e a felicidade de saber que estou livre flui por todos os meus poros.

A casa está particularmente silenciosa, acho que estou sozinha. Caminho para a sala e encontro Felipe, em pé olhando pela janela. Encosto no batente da porta e observo-o, mais magro, mas não menos lindo, sua presença é sempre marcante onde quer que ele esteja. Sei dos sentimentos dele por mim, Felipe é um cara verdadeiro e nunca me decepcionou... ao contrario de Victor... mas desde que nos beijamos pela primeira vez, tenho sentido uma mistura de desejo e culpa que está me matando. Eu gostaria de corresponder a tudo o que Felipe merece, no entanto, neste momento não estou certa dos meus sentimentos... e com o deus grego por perto as coisas se tornam piores. É difícil assumir que tenho estas dúvidas, não se trata só de sexo, eu sinto algo pelos dois, tudo é tão novo que as sensações me confundem. Com Victor eu conheci o prazer e percebi o quanto meu corpo pode ser sensível ao toque, descobri necessidades que antes eu nem sabia que era capaz de ter. E Felipe também faz meu corpo reagir, mas não é só carnal, há afeto. Isto é enlouquecedor, pareço uma adolescente... talvez estes sentimentos me

faltaram na idade certa. *Aff! Isto já está ficando desconcertante Maria Hellen. Um brinde aos dilemas amorosos tardios!*

Acho que a minha presença é tão perceptível para Felipe quanto a dele é para mim, não emito nenhum barulho e mesmo assim ele se vira e olha diretamente nos meus olhos. Apesar de ver um meio sorriso nos lábios, percebo seu semblante de desgosto, isso dói e me faz congelar no lugar, ele vem e me abraça fazendo nossos corpos se encaixarem.

– Helle.

– Felipe – dou um sorriso, meio sem palavras.

É possível sentir cada músculo rígido da sua barriga com a força com que ele me segura.

– Senti tanto a sua falta. Quase enlouqueci... sem você aqui – seus lábios tocam o alto da minha cabeça.

O que encontro em sua voz toca mortalmente a minha alma, é como se ele se sentisse culpado pelo que aconteceu. Eu nunca poderia aceitar isso, Felipe cuidou de mim todo esse tempo, eu jamais posso permitir que ele carregue uma culpa tão infundada. Eu preciso esclarecer isso pra ele.

Cuidadosamente, coloco a mão em seu peito quente, afastando-o um pouco. Ele me olha brevemente assustado, suas sobrancelhas arqueiam. Eu toco seu rosto, tão perfeitamente desenhado, traçando com o polegar as linhas de preocupação de sua testa, seus olhos não deixam os meus.

– Está tudo bem, eu estou bem Felipe. Eu estou aqui.

– Helle, se você soubesse...

Eu interrompo.

– Felipe, eu sei que você acha que tem culpa pelo que aconteceu, mas isso não é verdade. Eu pedi á Ghayda para não avisá-lo que eu estava indo embora naquela noite, eu quis sair sem ser vista e a responsabilidade é inteiramente minha.

Ele coloca as mãos sobre as minhas, noto uma mudança conflitante em seus olhos.

– O que há entre você e Victor? – ele me olha esperando uma resposta sincera e está na hora de eu dar isso.

– Não há nada, mas... – *como explicar?*

– Mas?

– Nós ficamos quando estávamos em Nova Iorque... isso foi antes – faço um gesto com a mão entre nós. – antes de eu e você Felipe.

– Antes de você se entregar á mim... – sua voz está fodicamente rouca.

– Quando eu voltei de Nova Iorque, eu estava muito decepcionada com ele, e então...

– Então ficamos juntos... – ele estuda minha expressão – você se arrepende do que fizemos?

Seu olhar é penetrante.

– Não! De maneira alguma!

– Você está em dúvida entre nós dois, é isso?

Direto ao assunto!

Nossos olhares estão amarrados, nem consigo pensar no que dizer que faça disso menos difícil.

– Eu não sei o que pensar Felipe, eu... eu sou uma pessoa fodida, é complicado.

Ele se aproxima, nossas bocas ficam a um palmo de distância, eu poderia beijá-lo e acho que meu corpo quer fazer isso. *Essa coisa toda me faz sentir uma cadela desprezível!*
Eu não posso!

– Eu já falei isso antes e vou reforçar, vou te dar todo o tempo que você precisa Maria Hellena, sua dúvida não diminui em nada os meus sentimentos, eu quero você, gosto de você e estou aqui pra você – suas palavras sopram quente no meu rosto.

Ele poderia gritar, me xingar, me desprezar e ao invés disso ele é compreensível comigo? *Eu não mereço esse cara, não mereço!*

Fecho meus olhos e respiro profundamente, deixando o ar entrar e tomar conta de cada pedacinho do meu pulmão. Suas palavras atingem um pontinho dentro de mim que me faz querer chorar, estou me sentindo suja e presa á uma fina lâmina de desabar. Não sei mais o que dizer e a brasa na minha garganta nem permite que eu diga nada.

Abro meus olhos com a voz de Miguel entrando na sala, ele está com o telefone na mão. Dou um passo para trás, e Felipe faz o mesmo movimento, ambos olhamos para ele.

– Já está tudo pronto para a chegada do material, cinco dias e os agricultores receberão a primeira remessa para começar o plantio... – ele para, nos observando. Como sempre, meu melhor amigo percebeu o clima.

Disfarço e vou para a cozinha, abro os armários, desastrada demais para não chamar a atenção, deixo a porta bater fazendo um eco chato no ambiente. Preciso de uma xícara, urgente, um chá quente me faria muito bem agora. Encho uma chaleira de água, coloco no fogão e quando me viro de frente, os dois já estão se acomodando no balcão.

Felipe faz um movimento e puxa algo do bolso.

– Abbah, a filha de Abejide fez este presente para você.

– Oh! É lindo! – é um colar feito com detalhes de madeira e palha trançada, uma peça realmente linda.

Abbah é a menina de cílios lindos. Amanhã preciso visitar a família de Abejide, quero ver como Ghayda está e saber se eu não a coloquei em apuros pela última vez que estive lá.

Observo meu presente e sopro o chá quente em minha xícara. Mesmo sem encará-lo, vejo Felipe graciosamente abrir um sorriso debochado.

– Você sabia que a Helle é uma exímia jogadora de futebol, Miguel?

Quase engasgo com meu chá.

– Ah é? – Miguel estreita os olhos, se segurando para não rir.

Limpo as gotinhas de chá que caíram no balcão, sob os olhares divertidos.

– Não foi nada demais, dei uma aulinha de futebol para os filhos de Abejide há alguns dias, nada excepcional. – dou uma piscadinha, com minha melhor expressão de modesta.

– Que garota humilde, não é Felipe?

Jogo o pano em Miguel, que segura no ar. Estou rindo como uma criança, diante de duas beldades e de repente o clima está tão leve e perfeito, isso deveria durar para sempre.

Ficamos por mais um tempo falando besteiras, rindo, contando histórias engraçadas até que Felipe decide ir embora, acho que ele quer me deixar descansar. Na despedida ele beija meu rosto e lentamente seu cheiro invade meu cérebro me lembrando de que por mais amigo que ele seja, ele me quer como mulher. Eu só consigo me sentir culpada por toda esta expectativa. Houve um tempo em que tudo isso era impensável, eu nem imaginava que homens assim pudessem existir, me acostumei com o pior e agora estou totalmente perdida e não me sinto merecedora de coisas boas.

Vou para a sala com Miguel, deito a cabeça em seu colo e começo a contar sobre as revelações de hoje, sobre Ryan e como algumas coisas começam a fazer sentido. Ryan tem negócios aqui, ele mentiu sobre isso e até tentou nos desestimular de vir para o Níger, ainda não sei exatamente em que nós estamos atrapalhando ou que tipo de negócios ele tem, mas é algo perigoso.

Miguel me contou que enquanto eu estive naquele lugar horroroso, ele foi procurado por algumas autoridades diretamente ligadas ao governo e que se mostraram preocupados com a repercussão do meu desaparecimento. O sequestro de uma estrangeira no Níger afeta diretamente ao tratado assinado há pouco mais de um mês em Genebra que infere sobre a preservação dos direitos humanos. Assim que relacionaram o acidente de

Mônica com o que estava acontecendo aqui, a ONU colocou pressão no governo por respostas. Miguel acha que por enquanto, teremos certa segurança, ou pelo menos ninguém vai querer nos atacar no momento.

Para Miguel, a relação de Victor com Ryan é antagônica. Eu também acho que Victor jamais se ligaria a negócios errados. Apesar de sua fraqueza por mulheres, ele é bastante ético, li muita coisa sobre sua empresa se posicionar firmemente contra a corrupção de executivos, a favor de causas ambientais e sociais, Victor jamais se meteria em coisa errada... acho eu.

Mordo meus lábios com a lembrança de Victor aqui em casa horas antes. Tudo nele é tão forte, não consigo evitar todas as borboletas no meu estômago quando estamos juntos.

– O que mais está te incomodando bebê? É sobre o cara, não é?

Respiro fundo, é inevitável negar para Miguel a grande confusão na minha cabeça com relação ao *deus-grego-mais-quente-que-o-inferno*.

– Eu nem consigo respirar quando ele está por perto, Loiro, isso é tão forte que me sufoca... mas eu sei que não tem nenhum futuro, ele não é o tipo de homem que se contentaria apenas comigo e essa sensação é... estranha... e totalmente nova pra mim... nem sei como lidar com isso. E tem Felipe também...

– O que você sente pelo Felipe? – Miguel desliza os dedos em meu cabelo... como eu realmente senti falta disso.

– Eu sinto que preciso ficar com ele e fazê-lo feliz, quando penso que estou magoando Felipe, meu coração fica apertadinho no peito, me sinto uma imbecil de merda que está brincando com o homem mais incrível que já conheci... o sexo com ele é perfeito, ele é carinhoso, sincero... seus olhos brilham quando estamos juntos e me sinto... segura ao seu lado.

Respiro fundo, para Miguel eu posso contar estas coisas, ele me ajuda a pensar e já me viu em todos os tipos de confusões mentais possíveis, e agora pareço uma safada desprovida de empatia, que só pensa no próprio bem-estar.

– E o que te impede de ficar com Felipe, Helle?

– Eu não sei, acho que é a presença de Victor. Às vezes eu penso que Victor é como uma fogueira que quanto mais me aproximo, mais quente e perigoso fica, esta inconstância me atormenta... eu perdi já meu equilíbrio uma vez e não posso deixar que isto aconteça novamente, você sabe.

– Bebê, você ainda tem reflexos de Thiago nas suas decisões, você tem medo não do que sente por Victor ou Felipe, mas do que já viveu com aquele cara abominável. Quando você se convencer que aquele babaca foi uma amarga exceção, todas as outras coisas ficarão mais fáceis.

Eu sei que nenhum deles é como aquele porco com quem fui casada, mas as emoções que estou sentindo agora são totalmente novas, isso me confunde.

Nem me dei conta que já é noite. O dia hoje foi intenso, não tive tempo de saber sobre a história de Victor, ele começou a me contar, no entanto minhas inadequadas reações o interromperam. Amanhã tenho que perguntar mais sobre sua vida, eu preciso conhecer inteiramente o deus grego que afeta até meu último pelo do corpo.

Volto para o quarto e caio em um sono profundo.

Acordo quase dez da manhã, entro na cozinha e encontro Miguel fazendo café. Estranhamento meu instinto procura por Victor ou Felipe, mas nenhum deles está aqui. Desde que voltei sempre tem um deles por perto... *estou mal acostumada... e quem não ficaria com dois homens lindos! Isso mesmo Maria Hellena, continue com estes pensamentos de merda e vire uma cadela.*

Dou um beijo em Miguel e como o sanduíche maravilhoso que ele fez. Pra variar, meu melhor amigo me conhece melhor que ninguém, sem que eu pergunte, ele me fala que Felipe acabou de sair, e Victor não veio hoje... *hum... desde ontem de manhã ele não aparece... será que ele se arrependeu de me contar aquelas coisas? Não... acho que não.*

Hoje quero fazer muitas coisas, vou visitar Abejide, ir com eles às propriedades de agricultores, preciso também comprar algumas coisas no centro e preparar minhas malas para a viagem ao Brasil... ainda estou em dúvida se devo mesmo viajar... mas será bom eu passar um tempo longe.

Passo um dia bem movimentado e ao entardecer vou para o centro comercial de Niamey com Miguel. Compramos algumas coisas para a casa e passeamos pelas feirinhas de artesanato, aproveitei também para comprar lembrancinhas para o pessoal no Brasil.

Finalmente volto para casa, estou me sentindo meio inquieta, não quero pensar muito nisso, mas acho que tem a ver com a falta de notícias de Victor. *Tudo bem Maria Hellena, pare por ai, ele é um cara extremamente ocupado e já fez muito ficando aqui todos estes dias, deve estar trabalhando no hotel, só isso.*

Para diminuir a sensação de angústia, tomo um banho e me afundo na cama, puxo meu fone de ouvido e ligo o Ipod. Eu tenho que relaxar, preciso dormir, mas minha imaginação fértil já quer dar seus palpites sobre as razões da ausência do *deus-grego-misterioso*, no fundo, eu tinha esperanças de que ele viesse me ver. Como é possível este homem me deixar tão ansiosa com sua ausência? Droga.

Fico acordada por horas até que finalmente o sono chega, trazendo um sonho com... Victor.

Olho para a fresta de luz intensa entrando pelo quarto. Já é dia. Mas não foi isso que me acordou... sou atraída por um cheiro maravilhoso de café fresquinho que chuta minha bunda para fora da cama. Me arrasto meio sonolenta pela casa e encontro Felipe distraidamente cozinhando... é uma visão e tanto.

Como por magnetismo, ele se vira e me olha... difícil não admirar quando até o sol contribui com sua beleza. Ele parece tão fresco e limpo... *oh minha nossa, isto não me ajuda em nada.*

– Bom dia menina dorminhoca! – seu sorriso me desconcerta. É possível estar incrivelmente lindo tão cedo? De que planeta esses homens vieram?

Tomamos café da manhã juntos e rimos um pouco, os efeitos do sequestro já estão indo embora e Felipe está sereno novamente. Isso é muito bom, amo quando estamos tranquilos um com o outro, como amigos, sem ele fugir de mim, muito embora eu sei que ele está aguardando a minha decisão e entre uma conversa e outra, um pequeno clima surge. Tenho tentado não entrar neste caminho em nossas conversas.

Pouco depois, Miguel aparece todo suado, ele foi correr no bairro. Percebo que eles ainda evitam me deixar sozinha e acho que nesta manhã estão revezando minha segurança... *estou sendo um incômodo e não gosto nada disso.*

– Bom dia Helle! – ele me beija no rosto e se senta na banqueta em frente.

Olho meio boba para os dois, lado a lado, tão diferentes e tão iguais... Miguel é um Loiro muito lindo, as mulheres daqui ficam de boca aberta com ele. É um tanto incomum ver cabelos dourados nesta região e ele acaba sendo o centro das atenções femininas, e Felipe também não fica para trás, já vi muitas moças babando por ele, *inclusive eu.*

Felipe já se foi, estou sozinha com Miguel. Apesar de ter rido e me distraído com a presença dos dois, a falta de notícias de Victor está me incomodando, me deixando ansiosa, sei lá.

Escuto meu amigo limpar a garganta, daquele jeito de que quer me contar alguma coisa.

– Bebê, soube agora pouco que... Victor voltou para Nova Iorque, na terça-feira – ele me observa com atenção e suas palavras caem como um balde de água fria sobre mim.

Ele foi embora? Sem se despedir? Que tipo de pessoa fala todas aquelas coisas e vai embora, no mesmo dia? Sim, ele foi embora no mesmo dia em que esteve aqui em casa comigo me dizendo que não podia viver sem mim. *Mas que droga!* Por que ele fez isso?

Só tem uma explicação, quando ele descobriu o envolvimento de Ryan no meu sequestro preferiu ir embora, por medo ou para não brigar com o *irmãozinho*. Ele não quer enfrentar Ryan e preferiu fugir. Covarde! Ele sempre me decepçiona e eu ainda me abalo por ele, sou mesmo uma burra!

Nem escutei mais nada que Miguel falou, só consigo me concentrar no buraco enorme rasgando meu peito. *Respire, respire, respire.*

Saio do balcão e vou para o quarto, meus pés arrastando como se tivesse chumbo preso a eles. Caio na cama sem nenhuma reação, estou tão chocada que nem consigo respirar. De novo Victor aparece na minha vida, confunde meus sentimentos e vai embora me deixando a beira de um precipício. Mas sei que desta vez é para sempre, ele nunca mais vai voltar, sinto aqui dentro de mim que nunca mais verei Victor Harris e isso dói como um soco de um lutador de MMA atingindo diretamente meu peito. Não é possível que eu esteja tão enganada a respeito dele, ele é forte e destemido, e de repente vai embora sem nenhuma explicação e logo depois de saber sobre Ryan.

Chega! Chega desse sofrimento, dos dramas, dos ressentimentos, chega! Eu estou farta de passar por tantas oscilações! Se Victor decidiu assim, assim será. Preciso acabar com essa dor miserável, preciso esquecer os efeitos que esse homem causa em mim.

Preciso esquecer!

♠ *Um pequeno paraíso* ♠

Passo a tarde e a noite chorando até soluçar, mas eu sei que este ritual é necessário, quero que as lágrimas limpem minha cabeça e levem tudo de Victor para fora do meu corpo, da minha mente. A dor que ele me causa é capaz de me destruir e enquanto eu não tirar isso de mim, não terei controle dos meus sentimentos. Ele tomou sua decisão, tenho que seguir minha vida.

Amanheço acordada, mas não vou mais pensar em Victor. Dói muito, mas nada que eu não possa superar.

Às seis da manhã vou para o chuveiro e tomo um banho gelado, quero lavar essa merda de mim. Visto meu moletom que adora me fazer companhia nos momentos de baixo astral, e sento no sofá, com uma xícara de chá nas mãos. Claro que ainda estou em estado de semi-coma amoroso, mas se eu pensar friamente, vou perceber que o deus grego sempre foi uma ilusão pra mim, eu nunca tive ele realmente, nosso destino não é ficarmos juntos, só tenho que aceitar isso e minimizar os efeitos dessa dor miserável.

Algumas horas depois Felipe entra na sala, percebo um sorriso animadinho em seu rosto, será que ele já sabe que *aquele homem* foi embora? Isso já não importa.

– Bom dia Helle! – *caramba!* Quanto bom humor.

Tento abrir um sorriso para corresponder a tanto entusiasmo, ele está lindo esta manhã, bermuda cor caqui e camiseta branca. Noto algo em suas mãos... é uma cesta?

– Bom dia Felipe, seu bom humor é impressionante – faço um esforço para ser amigável. Não quero parecer sarcástica e contaminá-lo com meu humor negro.

Ele estreita os olhos, mas não para de sorrir, parece um menino lindo.

– O que é isso? – aponto para suas mãos.

Ele me olha com aquela cara de “*vai me dizer que não sabe*”, quase dou risada.

– Como você pode ver, é uma cesta de piquenique. Vou te levar á um lugar especial.

Não sei se é uma boa ideia, não estou com espírito para passeios hoje, mas como recusar um pedido de um cara lindo, sexy, com um sorriso perfeito nos lábios e uma cesta de piquenique nas mãos? Tenho que dar uma chance á Felipe, ele está se esforçando, poderia ter qualquer mulher no planeta e está aqui, eu preciso dessa oportunidade de ser feliz.

– Tudo bem... vou me trocar.

Volto minutos depois, estou com um vestido soltinho que cobre toda a minha perna, ideal para os dias quentes do Níger. Felipe me olha com cara de bobo. Dou um soco de leve em seu ombro.

– Vamos lá garoto, estou com fome e não vejo a hora de ver o que tem nesta belezinha de cesta.

Ele segura seu ombro como se eu o tivesse machucado, mostro a língua da forma que faria uma criança, ele ri e me enlaça pela cintura. Entramos no carro com o dia quente logo cedo.

Ele está fazendo mistério sobre aonde vamos, só me diz que o lugar é incrível e eu vou amar.

Enquanto ele dirige, sua mão vagorosamente procura a minha e eu cedo, toco sua pele quente e ficamos o restante do longo caminho de mãos dadas, impressionante como o toque dele me tranquiliza. Observo seu rosto de traços fortes, a barba começa a crescer pela linha do maxilar, pele bronzeada e cabelos escuros brilhantes... simplesmente sexy. Esse homem é tentador.

Finalmente chegamos a um dos lugares mais lindos que eu já vi, impressionante, no meio da floresta protegida em mata fechada. Ouço o canto dos pássaros e fico paralisada diante da incrível mistura de cores nas árvores e plantas. Em nossa frente uma cachoeira de pelos menos uns dez metros de altura com uma água agitada caindo sobre um pequeno lago cristalino, é possível ver os peixes nadando. Será que as pessoas do Níger sabem deste lugar? Isso é um pequeno paraíso!

Habilidosamente Felipe estende uma toalha á margem do lago e começa a tirar os alimentos de dentro da cesta. Ele trouxe comida para um batalhão, há frutas, suco, pão, bolo... ele quer me engordar?

– Virá mais alguém para este piquenique Felipe?

– Tudo por você Maria Hellena – ele dá uma piscadinha charmosa.

Sentamos um de frente para o outro. Estou mesmo com fome, começo a atacar a comida enquanto Felipe apenas belisca um pedaço de fruta me olhando atentamente como se estivesse me admirando, chego a corar sob o seu olhar.

– Esse lugar é mesmo incrível, acho que nunca vi nada parecido – busco distração no lugar perfeito em que estamos.

– Pois é. É um lugar reservado, poucas pessoas têm permissão para virem aqui – ele olha para o lago cristalino enquanto fala, o efeito do sol em sua pele faz maravilhas.

– E como você conseguiu? – fico curiosa.

– Tenho alguns amigos no Níger, Helle.

Balanço a cabeça em sinal de compreensão, ele é um cara muito querido e respeitado por aqui.

Ainda que inconsciente, o clima está presente entre nós. Com um pequeno movimento para frente como se fosse se aproximar de mim, ele puxa sua camiseta pela cabeça, deixando o peito nu cheio de músculos, me falta ar com a visão e com certeza estou enrubescendo.

Felipe dá um meio sorriso, totalmente sexy, eu mordo minhas bochechas para não sorrir, esse homem é um convite. Assisto boquiaberta quando ele tira a bermuda revelando um calção de banho. Sem que eu possa reagir diante da visão de masculinidade, ele se joga no lago graciosamente, demonstrando o jovem que ele de fato é. Cada braçada na água deixa seu peitoral á mostra. A pele bronzeada, a água e o sol refletindo torna o efeito é devastador. *Minha nossa!* Isto tá parecendo um daqueles comerciais de TV!

– Você não quer entrar Maria Hellena? A água está quentinha – ele fala brincalhão. Posso ver seu corpo boiando no líquido límpido.

Sua voz é um chamado, mas eu não estou com roupa apropriada por baixo do vestido e acho que isso também não seria uma boa ideia... ainda há aquele buraco deixado pelo *deus-grego-sem-consideração e... pare! você não deve pensar nele Maria Hellena.*

Recuso e fico observando a cena. Mesmo involuntariamente, ver Felipe tão sexy começa a me afetar, meu peito palpita a cada olhar que ele me dá.

Ele também está mexido.

Mordo mais forte meus lábios quando o vejo saindo do lago, a água escorrendo pela sua barriga, deslizando pelo corpo, os cabelos castanhos escorridos e encharcados. Quase tenho um ataque cardíaco quando ele sacode a cabeça para tirar a água do cabelo, tentadoramente excitante!

Eu não consigo me mover, pareço uma estátua petrificada. Ele se aproxima e se abaixa, deixando seu rosto quase colado ao meu.

– Vamos para casa Maria Hellena – é uma ordem dura.

Seu hálito quente toca meu rosto e eu quase desmancho. Ele percebe minha reação e balança a cabeça, negando algo para si mesmo. Mas por que não me beijou? Por que quer ir embora agora?

Assinto com a cabeça e começo a guardar as coisas na cesta rapidamente, totalmente confusa. Felipe percebe meu desconcerto e segura minha mão, parando meus movimentos.

– Se eu ficar mais um minuto aqui com você, não sei o que posso fazer e eu quero respeitar a sua vontade – sua voz está completamente afetada e os olhos brilham sedentos.

Essas palavras mexem em cada pedacinho do meu corpo, sinto palpitações, calor, meu ventre treme, até minha boca ficou seca... mas sei que ele tem razão.

– Ok – falo sussurrado.

Ele se veste, recolhemos as coisas e entramos no carro. Desta vez ele não pega em minha mão.

Sentada ao seu lado, uma eletricidade familiar corre em meu sangue. Por mais que eu tente normalizar minha respiração e clarear meu cérebro, estou conflitando para minimizar o desejo que sinto por ele nesse momento. Eu não posso ser leviana e agir por impulso, mas há um sentimento intenso que crava meus sentidos.

Felipe tem os olhos fixos em sua frente, ele nem se move, mas percebo a veia em seu pescoço pulsar forte.

Eu não vou resistir, não consigo. Eu preciso viver isso com ele, não consigo acalmar meu desejo, estou sufocada com tudo o que tem acontecido, com Victor, com Ryan, o sequestro, eu quero esquecer tudo isso, quero tirar do meu corpo esta angústia, eu preciso de Felipe. Agora.

– Pare o carro Felipe – peço, quase inaudível.

Acho que Felipe vê a necessidade em meus olhos. Ele me olha surpreso e oscila por um segundo, mas a determinação está em meu rosto, e ele atende meu pedido, parando o carro.

– Helle, você sabe o quanto eu te quero, mas não sei se isso é uma boa ideia... além de que você está confusa, eu não...

Sem pensar em mais nada, e sem deixar que ele termine a frase, eu pulo em cima dele, e sento em seu colo. Sentindo sua ereção, sei que ele também anseia por mim.

Beijo loucamente sua boca, puxo seus cabelos, lambo sua mandíbula, mordo seus lábios. Eu quero este homem, aqui e agora. Puxo sua camiseta e tiro com tanta força que ele até se assusta. Toco seu peito com tanta necessidade e vejo seus músculos se enrijecerem. Ele beija meu pescoço, me aperta contra seu corpo. Sua mão entra pelo meu vestido, me tocando intimamente, acariciando meu pontinho, me deixando quente e úmida. Eu beijo mais forte seus lábios, seu pescoço, chupo a pontinha de sua orelha.

Estou quente, pronta pra ele. Remexo meu quadril sobre sua mão. Ele conhece meu corpo, sabe como me tocar e percebendo meu estado de excitação coloca lentamente dois dedos dentro de mim me tocando em um lugarzinho exato. Com movimentos precisos, sou puxada para um orgasmo violento que me arrebatava, não vejo mais nada, só grito de prazer, tremendo, chamando pelo seu nome.

Felipe me sustenta em seu colo enquanto ainda tenho espasmos. Estou segura aqui com ele.

– Helle, minha menina – seus lábios colam em minha testa, carinhosamente.

Vou me acalmando, tentando normalizar minha respiração, o tremor aos poucos abandona o meu corpo. Encaro Felipe de frente, olhando em seus olhos, o desejo é evidente, preciso continuar, não devo agir como se nada estivesse acontecendo. Vejo a expectativa e o medo em seu rosto, ele anseia pelas minhas próximas palavras, e eu preciso dele.

– Vamos para a sua casa Felipe – falo determinada.

Ele abre um sorriso tão lindo que eu não me contenho e beijo até mesmo seus dentes.

Saio do seu colo e me sento no banco, observo enquanto ele retoma a direção, seu peito está ofegante, a boca até inchada de tantas lambidas e mordidas que eu dei. Estou ansiosa por ele.

Chegamos à sua casa, eu nunca estive aqui antes, é um lugar pequeno, limpo e organizado, os móveis são antigos e há personalidade, mas eu não tenho tempo de olhar muito em volta, meu desejo é forte demais para esperar por apresentações. Eu me jogo em seu colo e começo um ritual de beijos em seu corpo, me ajoelho e provo-o com o melhor de mim. Fazemos amor por horas, na sala, no quarto, no banheiro, eu não quero pensar em mais nada, somente nele.

A cada vez que a imagem de Victor tenta se aproximar da minha mente eu me entrego mais para Felipe, transamos até esgotarmos e caímos em um sono profundo.

Conforme a luz do dia entra pelo quarto, a lucidez clareia meus pensamentos. Vejo Felipe dormindo como um anjo, cabelos caídos sobre os olhos, expressão serena, corpo entrelaçado ao meu... e uma dor forte me atinge o peito.

Todo o amor e energia que eu entreguei nestas últimas horas foram como uma válvula de escape para me proteger das lembranças... do estúpido e covarde Victor... mas agora, com a razão tomando minha mente já não posso mais evitar, e um misto de arrependimento e culpa consome minha alma. Por que eu me entreguei sem ter certeza dos meus sentimentos? Eu prometi honestidade á Felipe, mas agi como uma meretriz querendo sanar o meu próprio desejo carnal para fugir das lembranças, ignorando que ele tem sentimentos por mim.

Que grande pessoa de merda eu me tornei? Por que meu peito ainda dói como se houvesse um buraco e o maldito Victor não me saí da cabeça? Por que eu sou assim? Eu gosto muito do Felipe e a dor que posso causar nele me fere como um punhal cravado na alma. Prefiro a morte á vê-lo sofrendo.

Eu tenho que ir embora, eu preciso ficar sozinha.

Do jeito mais cuidadoso que consigo, me afasto de Felipe, visto as roupas e saio de sua casa. Ele mora a poucos quarteirões e eu vou caminhando. Nesse momento nem penso em medo ou perigo, se é que ainda há perigo em andar sozinha pelas ruas de Niamey. Chego em casa e vou direto para o quarto.

As coisas não poderiam ficar piores, eu estava começando a me entender com Felipe e arruinei tudo. Eu não consigo mais conviver com tudo isso, sou uma arruinada e estou prejudicando o único cara que de fato me ama, que nunca me feriu. A culpa é tão grande que só me faz ficar pior. Eu nunca fui uma pessoa egoísta, mas as minhas atitudes com ele são desprezíveis. E o pior de tudo é que eu sei exatamente porque me sinto assim... *infelizmente, para minha desgraça e ruína total... eu amo o cretino Victor Harris com todas as minhas malditas forças!*

Eu não quero amar, mas eu o amo mais do que qualquer coisa e tudo agora está tão claro e indiscutível, que meu desejo é morrer! Eu fugi deste pensamento por tanto tempo, tentando negar para mim mesma e hoje finalmente eu tenho a coragem de

reconhecer que eu fiquei arrasada quando esse homem saiu sem nem dizer adeus, porque na verdade eu, estupidamente, amo Victor. *Que droga! Que maldita droga!*

Estou decepcionada e enojada com minha capacidade de ser fraca. Quando as pessoas dizem que você não pode se eximir de sofrer na vida, mas pode escolher quem te fará sofrer, estão enganadas, eu não escolhi sofrer pelo desprezível Victor, eu gostaria de ser feliz, com Felipe. *Deus tire esse homem da minha cabeça, tira ele do meu coração, tira ele de mim.*

Ajoelho no chão sem forças para lutar. O pânico está tomando conta do meu corpo, não consigo respirar, não quero mais respirar, eu quero morrer, não sou ninguém e não farei nenhuma falta nessa vida. Estou magoando uma das melhores pessoas do mundo.

Tremo descontroladamente, as lágrimas escorrem sem nenhum pudor. Eu preciso de ajuda, estou ficando mentalmente perturbada, eu preciso de ajuda.

♠ *És responsável pelo que cativas* ♠

Como se ouvisse o meu chamado Miguel abre a porta do quarto. Vagarosamente, ele se senta ao meu lado no chão. Pelo jeito acabou de acordar, ou eu o acordei, ele ainda veste seu moletom e seu cabelo está despenteado.

Estou certa que ele está assustado me vendo assim, ele sabe que eu estava com Felipe, e não me pergunta nada, apenas se mantém ao meu lado. Eu soluço entre lágrimas. Preciso de ajuda, sei disso, e ninguém melhor que meu melhor amigo para me ouvir nesse momento.

– Não aguento mais Miguel, estou magoando Felipe com minhas ações de merda... eu não quero mais pensar em Victor.

Ele tira os cabelos do meu rosto encharcado.

– Eu sei o quanto Victor importa para você, bebê.

Sinto um nó na garganta.

– Eu não queria isso Miguel, estou farta de tudo isso.

– A verdade é que Victor ama você Maria Hellena, o sofrimento dele torna isso óbvio.

– Que sofrimento? Ele é um covarde, fugiu... deve estar com medo de Ryan – soluço novamente, minhas lágrimas não querem me deixar.

– Eu não tenho certeza disso... acho que deve ter mais alguma coisa... ele não é o tipo de cara que teria medo de alguém, se você visse o que ele fez para te achar.

– Mas isso foi antes dele saber sobre Ryan... – constato com tristeza.

– Não Helle. Eu suspeito que no dia em que voltamos á cidade, logo que soubemos do sequestro, ele tenha dado uma surra em Ryan. Naquele dia Victor saiu furioso e voltou um tempo depois com marcas de sangue pela camisa. James deixou escapar sobre a briga, eu só não sabia com quem... mas agora...

Se isso é mesmo verdade, por que ele tem atitudes assim? Victor não me quer, acho que ele só se preocupa com a minha segurança por algum tipo de culpa... preciso esquecer esse homem!

– Eu só sei que preciso esquecer ele, Miguel. Da última vez eu fiquei em pedaços quando sai de Nova Iorque e agora estou do mesmo jeito, se não pior, não posso deixar.

Miguel vira o corpo para ficar de frente pra mim.

– Tem uma coisa que eu esqueci de te contar, com esta correria toda... quando estávamos no jatinho, aguardando a liberação para o voo, eu acabei questionando ele sobre aquela mulher.

– Que mulher? – limpo meus olhos para encará-lo e tentar saber do que ele está falando.

– A funcionária dele, que te encontrou no banheiro.

– E? – uma ansiedade repentina me deixa em estado de alerta. Aquela mulher agiu como uma pequena puta, esfregando em minha cara sua ligação com o *deus-grego-mulherengo*.

– Quando eu contei o que ela te disse, a reação dele não deixou dúvidas Helle... ele não tem e nunca teve nada com ela.

O que? Ah! Pare!

– É obvio que ele falaria isso Miguel, você é como meu irmão, ele sabe disso... e te conhecendo bem, imagino que não foi uma pergunta muito amigável.

Miguel acredita mesmo nisso?

– Helle, o cara ficou irado e ligou pra ela na minha frente, a ligação estava no viva-voz, e quer saber? Eu não gostaria de estar na pele dela naquele momento. Toda a raiva que ele estava pelo seu sumiço foi direcionada para a coitada.

– Não faz...

Tento interromper, mas ele faz um sinal com a mão, me impedindo, e continua.

– Quando Victor perguntou se ela fez isso, ela negou veementemente, foi então que ele gritou um monte de xingamentos e, sem nenhuma piedade... mandou ela embora.

O que?

– Não faz sentido – nenhum sentido – Se ele se importa mesmo, por que ele fugiu e nem falou comigo?

– Pense nisso bebê.

Miguel beija minha testa e sai do quarto. Ele percebeu que preciso ficar sozinha para assimilar e tentar entender tudo isso.

Minha preocupação nesse momento volta para Felipe. Quando ele acordar e não me ver, vai ficar extremamente magoado, já vi ele assim e dói demais. Eu preciso me afastar para o nosso bem. Vou para o Brasil amanhã, já está decidido, é a melhor coisa a fazer.

Deito na cama com o coração apertado, as lágrimas insistem em escorrer pelo meu rosto. Quem sabe longe eu consiga esquecer Victor e pensar sobre o que tenho com Felipe. Ele é como um farol na escuridão da minha vida e eu quero ser pra ele como a família que ele perdeu aqui mesmo no Níger. Mas agindo como tenho feito, só estou ferindo-o.

Eu não posso simplesmente fugir, eu preciso falar com ele, e tem que ser agora.

Pego o carro e dirijo até a casa de Felipe. A porta está só encostada, como eu deixei horas antes, então entro sem bater. Dou dois passos sala adentro para ver a imagem mais triste da minha vida, Felipe encolhido em uma banqueta, com a cabeça apoiada entre os braços cruzados em cima do balcão. Quando ele me ouve, levanta lentamente a cabeça e vejo lágrimas escorrendo pelo seu rosto, *ele está chorando por mim!*

Um nó terrível tranca imediatamente minha garganta, é sem dúvida a sensação mais forte do que tudo que já senti, o nó e o gosto amargo habitual não fazem nem efeito perto do que estou sentindo agora.

Caminho até ele, a dor é tão forte que eu nunca conseguiria explicar. Sento em uma banqueta ao seu lado, e não posso conter as minhas próprias lágrimas. Aos soluços tento falar.

– Me perdoa Felipe! Do fundo do meu coração me perdoe! Eu quero ser para você o que você merece mais do que eu quero viver – minha voz sai sussurrada, tremula.

Ele ouve de cabeça baixa, e eu continuo.

– Eu sou uma merda de pessoa. Me perdoa. Eu não te mereço, estou sempre dando passos para trás, é isso que eu sou.

– Você já fez sua escolha... eu sei – ele fala com a voz embargada, rouca.

– Eu quero ficar com você, mas não posso. Eu preciso de você com todas as minhas forças. Não me abandone Felipe, e não me odeie, por favor, você faz parte de mim, eu sei que sou uma egoísta de merda, mas não quero te perder na minha vida.

Ele respira fundo e finalmente me olha, eu vejo a dor crua em seus olhos.

– Ouça Maria Hellena, não há maneira de sermos amigos como se nada tivesse acontecido, como se eu não te amasse... é difícil aceitar que eu não tenho você.

Tento interrompê-lo, mas ele continua.

– Eu não quero ver você com ele, isso já dói o suficiente como está... é melhor eu me afastar.

O que?

– O que você está falando Felipe? Se afastar como? – me falta ar nos pulmões. Suas palavras me deixam a um centímetro de desmoronar.

– Eu pensei muito desde a hora que você saiu Helle, e decidi que eu não suportaria estar perto de você sentindo essa maldita dor. Cada dia assim me traria a morte... vou sair daqui por um tempo.

– Não! Por favor, não! – agarro seu braço.

Nunca, nem de longe, eu tive tanto medo de perder alguém. Perder Felipe é o fim pra mim.

– É melhor a gente não se ver mais... e... desde que meus pais faleceram, eu não saí daqui, eu preciso passar um tempo longe.

Não consigo dizer mais nada, meu pranto não deixa. Cruzo meus braços na bancada e derrubo minha cabeça em cima deles. Estou soluçando.

Ele me abraça e fala muito baixo, que nem tenho certeza se ouvi mesmo.

– Tudo bem Helle, eu sei que você também está sofrendo... sempre vou te amar.

Levanto a cabeça para encará-lo.

– Você ama esse lugar, Felipe, não vá embora, eu sei que sou egoísta, mas dói demais pensar em nunca mais te ver, em ficar longe de você.

Ele respira profundamente.

– Isso parece um pouco egoísta mesmo – seu sorriso não tem muita energia – mas eu não estou indo embora para te magoar Helle, estou fazendo para amenizar o meu sofrimento.

É perfeitamente compreensível, mas não deixa de doer.

Ele se levanta e nesse momento tenho a infeliz certeza que essa é a nossa despedida.

– Vou sair, mas fique aqui quanto tempo quiser... – ele beija o alto da minha cabeça e sussurra – adeus Helle.

Fico sozinha na casa desejando que um buraco se abra aos meus pés. Nada, nunca, absolutamente nada que eu tenha vivido se compara ao que estou sentindo agora, nem sei descrever.

Não sei quanto tempo fiquei na casa dele. Também não sei como eu cheguei em casa. Quando Miguel me vê não diz nada, apenas me abraça.

Ele não me quer só como amiga e eu tenho que entender. Mas pensar em nunca mais ver Felipe é insuportável, não tem explicação.

Entro no meu quarto e caio na cama. Este é o dia mais triste da minha existência, nem que eu viva cem anos vou me perdoar por deixar Felipe daquele jeito, eu trocaria minha vida para não ver o sofrimento dele. Ele quer meu amor, mas sou *imbecil* demais para aceitar, pensando bem eu mereço mesmo ser infeliz.

Já é noite quando Miguel entra. Nós nos conhecemos tanto que ele sabe os momentos em que preciso ficar só e que preciso dele ao meu lado.

Aos poucos conto o que aconteceu, ele ouve sem interrupções. Quando termino, ele suspira fundo e me faz compreender que Felipe só está se protegendo de sofrer, eu preciso entender e respeitar, será bom para nós dois. Eu também devo viajar, passei por muita coisa desde que saí do Brasil, preciso me reencontrar e recuperar o meu equilíbrio emocional.

Miguel me pede para dormir que ele cuidará da minha viagem, vou embarcar amanhã. Ele sai e eu assisto o dia clarear, sem dormir, estou anestesiada, esperando amanhecer.

Arrumo as malas e Miguel me leva para o aeroporto. Sinto um peso no coração por não me despedir de Felipe, mas eu sei que seu adeus ontem foi definitivo.

Embarco na aeronave e tomo um comprimido para dormir. Enquanto espero o efeito do remédio, começo a relembrar de alguns meses atrás, quando Miguel e eu saímos do Brasil com destino à Nova Iorque. Lembro das nossas expectativas e de todas as coisas que aconteceram desde então, das pessoas que conheci, dos sentimentos que experimentei. Definitivamente eu não sou a mesma Maria Hellena, estou voltando com uma carga muito maior, preciso administrar e separar cada coisa para não me afundar e deixar o verdadeiro objetivo desta trajetória se dissipar diante dos meus olhos. Estar na África era um sonho, mas as coisas só estão começando a acontecer e estes dias no Brasil vão me fortalecer para recuperar o foco profissional.

Mesmo com as coisas dando certo para a empresa, saio do Níger com uma sensação de vazio tão profundo que nem sei explicar com palavras. Certa vez li uma passagem no livro “O Pequeno Príncipe” que na época não compreendi, mas hoje tem um significado totalmente claro pra mim “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”, a dor e o sofrimento de Felipe são de minha inteira responsabilidade, mesmo sem compreender meus sentimentos, eu dei a ele a vazia esperança alimentando todo o seu amor por mim, e agora ele está destruído e isso me causa uma dor inexplicável no peito.

Miguel me contou que aquela mulher ridícula mentiu me fazendo acreditar que ela e Victor tinham um caso, vai ver ela é mais uma das milhares de fãs que ele possui... perfeitamente compreensível. Mas ainda assim, eu já o vi com outra depois que ficamos juntos, isso só prova que ele é um homem instável quanto aos seus sentimentos. Lembro que no dia em que ele me fez a proposta de *sexo sem joguinhos*, eu o tinha visto com uma mulher no café da manhã e outra à noite no clube, esse é Victor Harris.

E quanto à história de que ele brigou com Ryan por minha causa? Ainda assim algumas coisas fazem todo o sentido, ele recusou o investimento e acho que foi para proteger os negócios do *irmãozinho*. Chega! Por mais que eu não fique com Felipe, preciso esquecer definitivamente Victor.

♠*Um alarme alto e forte*♠

Adormeço e só acordo com a aeromoça me informando que chegamos ao Brasil. Faço mais uma ponte aérea e desembarco em Curitiba. *Ah que saudade desta cidade!* Nesta época do ano o frio e garoa são constantes. Hoje particularmente é um dia chuvoso e com o céu escuro. O cheiro daqui é diferente, o clima é agradável e familiar. Mesmo com o vento gelado eu não posso deixar de abrir a janela do táxi para sentir o ar da *minha* cidade.

Miguel havia avisado aos pais que eu estaria de volta, mas achei melhor que eles não fossem me buscar no aeroporto, eu já dei trabalho demais. Vou direto para o meu apartamento.

Ao descer do táxi, recebo um sorriso de boas vindas do porteiro.

– Dona Maria Hellena, a senhora voltou!

Cumprimento-o com um abraço, ele já trabalha há muitos anos no prédio, embora só faça dois que comprei este apartamento e passo pouco tempo aqui.

Ele me ajuda a carregar as bagagens, e na curta viagem no elevador, meio sem jeito me alerta que eu poderia encontrar algo estranho no apartamento, mas eu não tenho muito tempo para perguntar. Quando paramos no meu andar e levamos as malas até a entrada, quase caio para trás com a surpresa que encontro ao abrir a porta.

Meu coração para por segundos, um amargor preenche minha boca e meu estômago revira em náusea.

O chão da sala nas proximidades da porta está totalmente tomado por cartas, eu olho para o porteiro e acho que até ele se surpreende com a quantidade. Mas como isso é possível? Será que é o que estou pensando? Não tem outra explicação. Eu mudei o endereço das minhas correspondências para o nosso escritório aqui na cidade.

– Como? – pergunto apontando para o chão, sentindo o sangue fugir do meu rosto.

Um pouco constrangido, ele me conta que todas as semanas um sujeito deixa estas cartas na portaria. Mesmo tento a íntima sensação de já saber quem enviou, abaixo para pegar uma delas e encontro o nome de Thiago como remetente. Sinto minhas pernas moles e cambaleio para trás, tonta.

– A senhora está bem? – o porteiro segura meu braço, com um olhar arregalado.

– Es... estou s... si... sim – as palavras saem embaraçadas – Por favor, tire estas cartas daqui – quase sussurro.

O porteiro gentilmente se abaixa e recolhe todas as cartas. Ele me questiona sobre o que fazer com elas, eu peço que as devolva ao remetente, jogue fora, queime-as... faça o que quiser, só tire elas daqui.

O porteiro se vai, me deixando sozinha. Ver esta merda realmente me faz mal. Meu ex-marido sabe o meu endereço e isso me perturba, mas acho que ele não viria até mim, tenho uma restrição judicial que proíbe que ele se aproxime a menos de um quilômetro. Por garantia, ligo para o porteiro e peço que de maneira alguma ele deixe qualquer pessoa entrar no prédio para me visitar sem me avisar.

Durante a noite tento adormecer, mas os pesadelos me fazem acordar mais cedo, são sonhos intercalados com Felipe, Victor e com o desprezível Thiago. Acho que nunca fiquei tão abalada como estou nos últimos dias. Posso sentir a sanidade mental escorrendo pelos meus dedos, tenho que lutar.

Pela manhã, ligo para o consultório da doutora Clarice, ela é psicóloga e terapeuta e conversou muito comigo enquanto eu estava no hospital. Eu deveria ter continuado a vê-la, mas evitei isso e logo fui para o nordeste. No entanto, hoje eu preciso falar com alguém e acho que ela é a pessoa certa para me ouvir. Consigo um horário com ela ainda pela amanhã. Tomo um banho, me arrumo e vou para o consultório.

O lugar é calmo e a doutora é uma senhora na faixa dos cinquenta anos cuja presença inspira confiança. Ela me cumprimenta e pede que eu me sente no sofá em sua frente. A

sessão que era para durar uma hora se estende por quase três. Conto dos meus sentimentos e confusões, em alguns momentos vou às lágrimas, falo sobre Victor, Felipe e por fim conto sobre a desagradável surpresa com as cartas de Thiago.

Saio do consultório com algumas coisas mais esclarecidas na cabeça, mas ainda com muitos sentimentos mal resolvidos. Ela me fez entender que por mais que eu lute, que fique longe não é assim que as coisas serão resolvidas, eu preciso enfrentar estes sentimentos. Encarar o medo que sinto com a ideia da proximidade de Thiago, a dor que causei em Felipe e os sentimentos que tenho por Victor.

Pego um táxi para o escritório e sou recebida com euforia, troco abraços, ouço as últimas notícias, assino alguns papéis até que Fernando chega. Percebo que todos estavam muito preocupados com o meu sequestro. Vou para a sala de Fernando sob milhares de perguntas de como estou.

– No final foi só o susto mesmo, estou bem, Fernando. Eles queriam afastar a A&V da jogada, mas não conseguiram.

Alice, a assistente dele, entra na sala trazendo uma generosa xícara de café.

– Obrigado Alice!

Ela sorri e nos deixa. Volto meus olhos para Fernando, que está particularmente estranho, mas ainda não sei explicar como.

– Helle, ontem eu fui surpreendido com uma grande notícia, liguei para Miguel para contar e acho que você ainda não sabe, preferi deixar você descansar da viagem.

– Que notícia? – fico curiosa, percebo que ele está feliz, acho que a notícia é boa.

– Recebi uma ligação do gerente do banco, ele me perguntou se eu já havia consultado o saldo da conta da A&V e quando eu entrei no sistema para consultar tive uma grande surpresa.

– Por quê? O que tem a nossa conta? – olho pra ele com cara de boba, ainda não entendendo toda a expectativa em seus olhos.

– Recebemos um crédito de vinte milhões de dólares! – ele fala eufórico.

O que? O que ele acabou de dizer?

– O que? – quase caio da cadeira e todo o café é derramado sobre mim – Como assim?

– A KHarris creditou este valor na nossa conta, e hoje cedo recebi os contratos. Você acredita nisso? Os caras creditaram esse valor na conta informando que os contratos viriam por Fedex!

– Não... não pode ser... é sério isso?

Fernando sorri, e me mostra os contratos. Dou uma analisada nos papéis, a assinatura de Victor está neles, sua caligrafia masculina ressalta no documento. Não pode ser.

Ligo imediatamente para Miguel, ele também estava surpreso com a notícia e conta que tentou falar com Victor, mas não conseguiu. Por que Victor faria isso? Ele está indo contra os interesses de Ryan. Estou definitivamente na versão *Maria-Hellena-Em-Choque*. Escuto todas as informações que eles têm, mas eu já não estou mais prestando atenção. Victor Harris emprestou o dinheiro, não atende ao telefonema de Miguel, vai contra o seu irmão adotivo... e por quê?

Eu preciso ficar sozinha, pensar sobre tudo isso. Dou um jeitinho de me despedir e pego um táxi para casa.

Por que Victor fez isso? Ele fugiu sem se despedir e agora faz esta transferência sem nenhuma garantia assinada e pior: ele nem quer mais me ver pessoalmente, mandou que entregássemos os contratos por Fedex.

Ah homem! Você confunde a minha vida a cada minuto! Quente ou frio? Bom ou mau? Quer ou não? Quem é você realmente Victor Harris? Você não sai da minha maldita cabeça, você me confunde... e eu miseravelmente te amo.

Chego em casa com a cabeça pirando, por mais que eu tente entender as ações desse homem, acho que nunca vou conseguir. Eu o amo com todas as forças do meu corpo e ele não me quer. Ao mesmo tempo em que ele se afasta, se aproxima mais me fazendo lembrar que ele existe, que é real! Esse homem quer me enlouquecer é isso! Ele não me

ama, mas quer que *eu* o ame! Ele só pode ser um sádico... um puta milionário poderoso, lindo, deus grego e... *terrivelmente sádico!*

Eu vou deixar ele fazer isso comigo? Vou ficar assistindo este homem tomar conta da minha vida, da minha cabeça, do meu corpo sem reagir? Esse maldito e maravilhoso deus grego vai acabar comigo!

Ligo para Miguel novamente, eu preciso conversar com ele, estou ficando louca aqui com esses pensamentos. Ele atende no primeiro toque e eu disparo a falar. Conto que procurei a doutora Clarice e as coisas que ela me disse, falo sobre as cartas que recebi e... sobre a minha confusão com essa atitude de Victor. Ouço a respiração profunda de Miguel e escuto atentamente o que ele pensa.

– Bebê, você sabe o quanto eu amo e quero você feliz. Eu vou te falar uma coisa que talvez você não queira, mas você precisa ouvir... você não pode mais fugir dos seus sentimentos, então vá procurar esse homem e enfrentar seus fantasmas, vá atrás de Victor e descubra o que vocês sentem um pelo outro, não deixe que nenhuma barreira te impeça de descobrir e viver isso com ele, bebê. Ele ama você, e você o ama também.

Cada palavra entra na minha cabeça como um alarme alto e forte, me despertando para a vida. Eu preciso de Victor como preciso de ar, se ele não me quer eu tenho que ouvir isso de sua boca. Vai doer mais do que tudo, mas eu tenho que ouvir isso dele. Eu preciso estar perto... é isso... vou atrás dele... vou pra Nova Iorque!

– Loiro, eu vou pra Nova Iorque.

Ele suspira, aliviado.

– É isso aí garota! Você é forte, faça isso.

– Obrigado Loiro...

– E bebê...

– Ahn?

– Eu te amo. Você é minha irmãzinha e eu te amo muito, estarei sempre aqui pra você.

– Eu também de amo Miguel, você é minha família.

Pouco tempo depois recebo uma mensagem do escritório com os dados do meu voo. Miguel cuidou de tudo e eu embarcarei amanhã.

Olho para meu reflexo no grande espelho da sala... estou totalmente desmazelada, pareço uma bruxa. Se eu quero enfrentar o meu destino, e quem sabe levar um fora, tenho que estar no mínimo apresentável, perder com honra como dizem. Ligo para um SPA próximo e marco de última hora uma sessão de massagem, depilação, cuidados com a pele e cabelos.

Eu tenho que traçar um plano, o que eu farei se Victor me desprezar? Vou chorar como um bebezinho na frente dele? Vou gritar? Correr? Não! Mas então o que eu farei? Uma boa opção é esmurrar aquele rosto lindo e fazê-lo sangrar, mas acho que ele é um pouco forte e isso não seria possível! Rio mentalmente imaginando a cena, ver Victor Harris sangrando com um soco meu não seria nada mal, ele precisa de um pouquinho de dor para pagar a gentileza que tem me causado desde que o conheci. Mas esta não é uma boa ideia. *Um brinde ao senso de humor negro!*

Passo um dia de beleza, quase relaxada, não fosse a família de borboletas que resolveu morar no meu estômago. Difícil pensar que vou atrás dele, e nem sei como ele vai reagir.

Volto pra casa e tento me distrair um pouco, lendo, vendo TV, mas as horas não passam. Sabendo que meu embarque foi marcado para amanhã parece que o tempo está brincando comigo, já limpei meu apartamento inteirinho, fiz algumas coisas de trabalho, e... nada do dia passar.

À noite eu só consigo pensar no que direi ao homem que domina meus pensamentos, eu não posso ser complacente e aceitar suas atitudes, mas eu preciso que ele saiba que o amo.

Amanheço com o dia ainda escuro lá fora, peço um táxi e vou para o aeroporto. Mesmo sabendo que terei algumas horas de voo pela frente, a ansiedade e o medo me estão em mim. Não sei ao certo o que esperar desta viagem, mas seja lá o que for eu preciso ir lá e falar com ele. Victor mudou minha desde o primeiro minuto em que o vi, não é

possível que ele esteja alheio á tudo isso, eu sinto que ele também me quer ou pelo menos me quis em algum momento e estou pronta para encarar o que quer que me aguarde.

♠ *Olhe para mim* ♠

Desembarco no aeroporto de Nova Iorque e respiro novamente o ar da cidade, a iluminação, o barulho dos carros, a movimentação agitada do final de expediente, tudo é muito característico daqui, acho que não existe outra cidade no mundo com a mesma energia.

Eu pedi para Miguel não reservar o mesmo hotel em que ficamos das outras vezes que estive aqui, aquele hotel é de Victor e pode ser que ele fique sabendo da minha presença na cidade e fuja novamente, melhor não arriscar... *Pareço um monstro indo atrás de uma presa... quanta evolução Maria Hellen!*

Já está anoitecendo e eu não tenho condições psicológicas de procurá-lo, o cansaço da viagem me pegou de jeito e ele não pode me ver com esta cara cansada, preciso estar bem para enfrentar meu destino. Deixo as malas no hotel e corro para o Central Park, eu preciso sentir o ar fresco para buscar inspiração. Sento em um banco e fico apenas observando as pessoas se exercitando, os casais namorando, crianças andando de bicicleta, cada pedacinho disso tudo mexe comigo de uma forma muito boa, tudo o que vivi desde que estive aqui pela primeira vez me faz ver que o mundo gira com uma velocidade incontrollável, o tempo não para e a vida não dá segundas chances, é necessário viver o presente sem medo, curtindo o que há de melhor na simplicidade das coisas.

No Níger encontrei um objetivo de vida e lá quero ficar até que as coisas estejam melhores, não pretendo parar por aqui, vou continuar trabalhando. Não quero ser um estereótipo de heroína, quero apenas fazer valer a pena, só que nada disso é possível se não sinto segurança com meus sentimentos, magoei Felipe e nunca vou me perdoar, mas não consigo mais ficar longe de Victor Harris.

Volto para o hotel e fico esperando as horas passarem. Ligo para Miguel para contar como foi a viagem, pergunto sobre Felipe e fico sabendo que ele deixou a cidade, a notícia me deixa muito triste, no entanto eu já sabia que ele faria isto. Talvez esta distância seja melhor para os dois, mas eu nunca vou deixar de gostar dele e sei que ainda nos veremos novamente, é o que eu mais quero.

Acordo cedo, tomo um banho e vou escolher o que vestir. O que usar para uma conversa franca, cheia de mágoas... e amor... com um homem que talvez nem me queira? Sei lá se a escolha vai importar nessa altura do campeonato. Coloco um vestido simples, branco, sem muitos detalhes, tecido reto e não muito justo, deixo o cabelo solto e passo um pouco de maquiagem. Para não ficar tão apática calço sapatos de salto alto, pretos.

Olhando para o meu reflexo no espelho tenho um pouco de temor pelo que vejo, eu estou totalmente insegura e com um medo absurdo nos olhos, toda a coragem que eu tinha até poucas horas atrás está se esvaecendo. Sinto meu peito apertado com um misto de dor e ansiedade. Por que as coisas têm que ser assim? Vale a pena lutar por isso? Estou disposta a enfrentar Victor Harris e descobrir que ele é uma grande decepção? É uma boa ideia ir atrás dele? *Aff! Quantas dúvidas.*

Bem... não dá mais para voltar atrás... vista sua armadura de titânio sobre seu coração totalmente frágil e vá a luta Maria Hellen, você precisa estar forte para esta conversa, seja lá o que aconteça... apenas precisa estar forte.

Pego um táxi e chego ao lindo império do homem que transformou minha vida em uma confusão total. Aproximo da recepção e a cada passo que eu dou sinto mais vontade de voltar por onde entrei e sair correndo desse lugar. *Respire, respire, respire, viva o momento e enfrente seja lá o que for, Maria Hellen!*

Quando a recepcionista me vê, abre um belo sorriso, pelo jeito ela me reconheceu. Peço para falar com Victor e ela me diz para aguardar nos sofás... *ah estes sofás!* Sento e coloco as mãos sobre os joelhos, estou tremendo como nunca antes, minhas mãos parecem duas pedras de gelo. Faço um exercício de respiração e tento prestar atenção na expressão dela enquanto fala ao telefone, provavelmente anunciando minha presença para Victor. E se ele não quiser me receber? Neste caso, pelo menos eu tentei.

Ela vem caminhando a passos, que parecem lentos demais, em minha direção, dá um sorriso e me pede para acompanhá-la ao elevador que Victor me receberá em sua sala. Entro e ela me orienta sobre onde fica a sala dele, mas eu já sei. Ela vira as costas e volta para seu posto, me deixando sozinha na caixa de aço. Minha tremedeira me faz ter que me apoiar na parede. Respiro mais um milhão de vezes até a porta se abrir, achei

que veria ele me esperando na porta do elevador, mas ele não está. *Isso não é um bom sinal.*

Caminho até a sala onde eu já estive antes, meu coração está disparado no peito. Bato na porta e ouço a voz dele me dizendo para entrar. Minha pressão arterial deve estar nas alturas. Abro a porta e todos os sentimentos vêm para o meu corpo ao mesmo tempo: amor, tristeza, raiva, alegria, dor... eu nem sei o que pensar ao ver a imagem dele, de costas para mim, com as mãos no bolso do elegante terno, olhando para a cidade de cima. Como ele pode estar ali tão tranquilo depois de tudo? Foi uma boa ideia vir até aqui para descobrir que, ao contrário de mim, ele está muito bem? *Maldição!*

– Oi... – minha voz sai engasgada. Um nó dolorido na garganta não me deixa falar mais do que isso.

Ele se vira, de vagar e quando consigo ver seu rosto tomo um grande susto... ele está magro, com os olhos no fundo, barba por fazer, um olhar triste e cansado. Meus Deus! Ele está um lixo! Isso... parece... bom? Ele não está bem e isso me deixa confusa.

Nossos olhares se conectam pelo que parece uma eternidade. Eu não tenho palavras e acho que nem ele. As lágrimas começam a aparecer, meu peito está sufocado, minha garganta queima. *Eu amo este maldito homem com toda a força da minha alma, nunca amei ninguém assim!*

Movida por uma necessidade devastadora eu corro para os braços dele, o impacto dos nossos corpos é enorme. Eu o abraço com tanta força e ele retribui o aperto. As lágrimas escorrem pelo meu rosto. Por que ele fez isso? Por que ele fugiu?

Uma onda de raiva me amarga por dentro, parece veneno entrando no meu sangue e percorrendo pelas minhas veias como combustível no fogo. Todo o sofrimento de uma vida foi transportado para a minha mão e com toda a violência guardada dentro de mim eu começo a esmurrar seu peito.

– Por que você fugiu? Por quê? Você é um covarde! Você é um maldito covarde de merda, Victor! – eu grito sufocada, choro, soluço e tremo enquanto golpeio-o com força.

Suas mãos fortes me puxam contra seu peito, me impedindo de continuar com os golpes. O aperto firme não permite que eu me mexa. Ele beija o alto da minha cabeça, mantendo os lábios apertados em meu cabelo, e não diz uma única palavra. Estou terrivelmente confusa, eu o amo tanto que chega a doer é impossível deixar de gostar dele, eu já tentei e não consigo, é impossível, e estou aqui presa em seus braços sentindo como se esse fosse o melhor lugar do mundo. Mas ele não me quer.

Respiro fundo e me afasto com alguns passos para trás, e ele não me impede.

– Por que você fugiu Victor? – minhas palavras saem carregadas de ressentimento.

Eu o encaro de frente e posso ver em seus olhos que ele também está sofrendo, mas ele rapidamente desvia o olhar... *o que? ele não quer me encarar?... ele está... magoado comigo?*

– Eu ouvi você... – ouviu o que? De que diabos este homem está falando?

– Do que você está falando? – cruzo os braços em meu peito.

– Eu ouvi você conversando com Miguel naquela noite.

Ele não me olha nos olhos, e eu ainda não entendo.

– O que você ouviu? – o foi que ele ouviu?

– Você disse todas aquelas coisas, sobre como a minha presença impedia que você... ficasse com o seu *amigo* – suas palavras são frias, quase indiferentes.

É o que?!

– Victor voc... – dou um passo à frente, mas ele me interrompe abruptamente.

– Eu ouvi toda aquela merda, Maria Hellena, sobre como é o sexo entre vocês, sobre como foi bom pra você e como a minha presença te atrapalha! O que você esperava, que eu ficasse lá, te impedindo de ser feliz? Porra! – a indiferença deu lugar a um homem passionavelmente irritado.

Minha nossa! Estou em choque. Ele escutou sobre eu e Felipe e será que ele não entendeu? Espera aí... será que ele não ouviu tudo o que eu disse? Esse cara escutou a metade de uma conversa e... ah não! Não mesmo! Ele não pode me tratar assim sem nem ter escutado tudo.

– E você fugiu para não me *impedir* de ser feliz? Você acha que pode decidir isso por mim? Aliás... você ouviu uma conversa pela metade e simplesmente decidiu ir embora sem nem me dizer adeus? – acuso-o totalmente irritada.

– Ah! por favor, Maria Hellena! Não me venha com essa, eu não fugi! Eu me afastei porque minha presença te atrapalha, você mesmo disse isso! – ele finalmente me olha – Eu tenho tido dias de merda porque quero a porra da sua felicidade, mesmo que seja com aquele filho da puta do seu *amigo*! – suas palavras são quase gritos.

– Você tem tido dias de merda? – aponto meu dedo para seu peito – Você acha que os meus dias foram como? Olhe para mim! Você acha mesmo que eu estou feliz? Que porra, Victor! Que covarde de merda é você afinal?

Com fúria, ele me segura pelos braços, suas mãos me apertam com força.

– Eu não sou covarde! Você acha que foi fácil abrir mão de você? Você é tão cadela assim que só pensa em você e não consegue ver que estou sofrendo? Olhe para mim *você*!

Minha respiração paralisa. Ele está quase transtornado de raiva, seus olhos azuis estão negros e profundos, as pupilas dilatadas, nossos rostos estão tão perto que meu coração quer explodir no peito. Suas palavras batem forte como um tapa no meu rosto e novamente meus olhos se encheram de água

– Eu não sou uma cadela, Victor! Eu sou uma merda de pessoa e... eu... eu *amo* você com todas as malditas forças da minha alma, não posso mais viver sem você... – as minhas últimas palavras saem sufocadas com as lágrimas.

Eu disse as palavras... eu falei que o *amo*! Eu nunca disse isso para meu ex-marido... eu falei para Victor Harris que o amo! Eu falei!

Ele perdeu a cor. Sou puxada para mais perto, ele solta meus braços e segura meu rosto me fazendo encará-lo.

– O que você disse? – ele fala baixo, com os olhos vidrados nos meus, sem expressão. Não consigo ver o que ele sente.

Respiro fundo, já não tenho mais o que esconder, eu simplesmente não tenho mais nenhuma condição de lutar contra o que sinto.

– Eu disse que amo você com todas as forças da minha alma, não posso mais viver sem você... eu te amo Victor – falo fraca.

Seus olhos estão arregalados, olho no fundo deles e revejo o azul oceano, mas o que eu vejo além deles me amolece por dentro... eles estão marejados... *ele tem lágrimas nos olhos!*

Sem pensar ou dizer mais nada... nos envolvemos em um beijo violento, intenso, de tirar todo o meu fôlego. Eu preciso sentir esse homem, eu preciso tocar nele, sentir seu calor e saber que tudo isso é real, eu dependo disso para viver! Solto um pequeno soluço no meio do beijo. Ele tira sua boca da minha e começa a beijar meu rosto, minha testa, meu pescoço. Nossas lágrimas se misturam. Ele segura meu rosto novamente.

– Você não sabe como me faz feliz dizendo isso, eu também te amo Maria Hellena, te amo como nunca amei ninguém e sou um miserável sem você. Eu morreria por você.

Victor seca minhas lágrimas e me abraça. O mundo podia parar neste momento, este é o abraço mais esperado de toda a minha vida. Eu nunca senti isso por ninguém e é um sentimento tão forte, que toma conta de cada parte de mim. Mas e se isso acabar de novo? E se ele fugir? E se eu fugir? Eu preciso dele, mas será que ele vai encarar a barra que é estar comigo?

Acho que ele percebeu o medo em mim. Ele respira profundamente e se senta no canto da mesa, me puxando para junto. Fico em pé em sua frente, entre suas pernas. Cuidadosamente, Victor retira os cabelos do meu rosto. Seu olhar está sério.

– Nós temos muito que conversar e não podemos mais adiar, Helle. Eu sei dos seus medos, eu também tenho os meus e quero te contar algumas coisas – ele sela um beijinho nos lábios – vamos para minha casa agora, lá não seremos interrompidos.

Faço que sim com a cabeça, mas bem no fundo do meu peito, eu morro de medo de conversar. Já fizemos isso e nunca acabou bem, eu não posso perder ele, não posso.

Ele me puxa pela mão, entramos no elevador e vamos direto para a garagem. Ele abre a porta do veículo e eu entro, passando por ele vejo que está meio receoso pela minha reação, mas com Victor eu não sinto medo... eu sei que ele não é como meu ex-marido.

♠ *Um pedaço de mim* ♠

Chegamos em seu apartamento e tudo está do jeitinho que eu me lembrava, eu quis muito voltar aqui, sonhei com isso desde que saí daquele jeito. Nunca vou esquecer a imagem dele naquele dia.

Ele me observa e imagino que também está lembrando do dia em que fui embora, mas isso é passado, estamos aqui juntos hoje.

– Vou pegar um pouco de vinho pra gente... – ele fala baixo.

Fico em pé na sala, e de repente um medo se fez claro na minha mente... e se ele me disser que não pode ficar comigo por causa de Ryan? E se tudo isso for um sonho... é possível um cara como Victor dizer que me ama? Será que estou sonhando?

Ele volta em silêncio, estou tão submersa em meus pensamentos que só percebi sua presença quando ele parou ao meu lado. Suas mãos me puxam para um abraço. As duas taças com o vinho estão na mesinha, ao lado do sofá.

– Vamos sentar Helle, eu preciso te contar algumas coisas.

Sentamos um inclinado de frente para o outro, ele me dá a taça e bebe um pouco de seu vinho.

Percebo que ele está pensando sobre o que me contar. È para eu ter medo? Penso em perguntar, mas ele começa a falar.

– Aquele dia, eu te contei que fui adotado pelos pais de Ryan... – concordo com a cabeça – O que eu *não* pude te contar é que ele me odeia.

Como assim? Por que alguém odiaria Victor? E sendo criados como irmãos?

– Quando os pais dele me adotaram ele tinha seis anos, eu sou dois anos mais velho que ele.

Ele respira, refletindo.

– Nós nunca fomos amigos, por mais que eu tentasse... nunca fomos amigos...e conforme crescíamos a coisa só piorou. Julia, a mãe dele e minha mãe de coração também, tentou de tudo para que ele me aceitasse, fizemos muitas visitas á psicólogos, viagens de férias juntos e nada, absolutamente nada fazia com que nos aproximássemos. Ele tinha muito ciúmes dos pais e... eu entendia.

Victor relembra de um jeito triste, dá para ver que ele não se sente bem com esta história.

– Quando estávamos na fase de adolescência, ele se aproximou de algumas pessoas de caráter desviado, por assim dizer, e isso foi somente a chama na pólvora que ele já tinha dentro de si. Ele deu muito trabalho para nossos pais, se metia em confusão, brigas, drogas e tudo o que um jovem pode fazer de mais rebelde. Julia e Dennis sabiam que ele fazia tudo aquilo, no fundo, para chamar a atenção, mas as coisas começaram a ficar feias quando ele se revoltou de vez e tinha atitudes totalmente agressivas em casa, ele insultava nossos pais, enfrentava até mesmo Dennis, que sempre foi um pai exemplar pra gente.

Vejo que os olhos de Victor se escureceram com a lembrança, mas me mantenho quieta, apenas ouvindo.

– Quando eu estava com dezoito anos, conheci uma garota e começamos a namorar... Kelly era o nome dela... o lance era sério e depois de um ano juntos ficamos noivos.

Meu coração quase parou... ele já foi *noivo*? Mas ele me disse uma vez que não namorava, nunca! *Ok, apenas continue ouvindo Maria Hellen!*

– Eu gostava dela, mas só percebi como ela era de verdade, quando já estávamos a dois anos juntos... ela era muito ambiciosa.

Ele toma mais vinho, seu olhar está distante.

– Eu já estava com vinte anos... uma tarde estávamos eu, Dennis e Julia em casa e recebemos uma ligação anônima dizendo que Ryan havia sofrido um acidente grave, ficamos desesperados... descemos correndo até a garagem, Dennis pegou seu carro, Julia entrou e se sentou ao lado, no banco do carona, e eu também iria junto com eles,

no entanto percebi que minha carteira ficou no apartamento, então voltei correndo, mas Dennis não quis me esperar, ele estava desesperado demais, combinamos que eu iria no meu carro logo atrás dele.

Acho que a história que está por vir o magoa muito. Aproximo e toco em seu joelho. Ele aperta forte minha mão.

– Quando eu peguei meu carro e estava descendo a estrada em direção á praia em que supostamente Ryan estaria ferido, percebi de longe uma movimentação estranha de pessoas com os veículos parados, observando o desfiladeiro, numas das curvas da estrada. Eu não ia parar... mas um aperto no peito, uma angústia que não sei explicar me fez parar. Quando fiz isso e fui até a beira do local, vi o carro dos meus pais caído lá embaixo... eu não queria acreditar naquilo, entrei em desespero e tentei descer até onde estavam, mas era impossível... o carro estava totalmente destruído.

Minha nossa! Nunca vi Victor assim, ele está com o olhar vazio, longe, uma expressão de dor mortal.

– Victor...

– Eles já estavam mortos, Helle.

Engulo em seco. Difícil.

– Eu lamento muito Victor... deve ter sido difícil pra você... – me aconchego mais perto, eu quero consolá-lo.

– Foi muito difícil mesmo, mas o pior veio depois... esperei o resgate chegar e constatar a morte deles, voltei pra casa pegar alguns documentos necessários para a liberação dos corpos e quando cheguei em casa encontrei o maldito Ryan comemorando a morte dos pais! Aquele desgraçado estava bem e tinha reunido um monte de gente para uma festa em nossa casa!

– Meus Deus! Como isso é possível Victor?

Como alguém pode comemorar a morte dos pais? Como aquele desgraçado pôde fazer isso?

– Eu sei... isso não podia ser possível, mas era... ele se assustou de um jeito quando me viu, que tudo fez todo o sentido: aquele maldito achou que eu também estivesse morto!

– Oh! Victor... – eu nem sei o que dizer.

– Enterrei meus pais praticamente sozinho, Ryan nem chegou á ir ao enterro, aquele desgraçado. Mas como dizem: tudo que está ruim pode piorar... depois de uma semana da morte deles, percebi que a Kelly estava estranha, insistindo que eu assinasse um papel, eu estava confuso e triste, e confiava nela, eu sempre confiei.

Sirvo-me de mais vinho, *acho que vou precisar*, e coloco um pouco mais na taça dele também.

– Quando eu estava prestes a assinar o papel, o telefone dela tocou, eu notei que ela ficou nervosa e se afastou, então me perguntei quem poderia estar ligando para deixá-la daquele jeito, ela falava baixinho e tentava disfarçar. Pela primeira vez desde que a conheci, eu senti algo estranho... quase um insight, eu estava segurando o papel que ela dizia ser o contrato para prorrogar a data do casamento no buffet, já que eu não poderia me casar com meus pais recém enterrados.

Ele cerra os punhos, como se estivesse com raiva do que acabava de lembrar.

– Resolvi ler o tal contrato e descobri que aquilo não tinha nada a ver com o nosso casamento... aquilo era uma declaração de renúncia á minha parte da herança.

Caramba!

Fico muda, não sei o que dizer, isso é mesmo muito ruim, só de pensar em alguém tentando ferir ou enganar Victor, tenho uma onda de ira subindo pelo meu corpo.

– Ela fez aquilo a mando de Ryan, eles eram amantes... ele se envolveu com ela, fez milhares de promessas e ela era muito ambiciosa, não pensou duas vezes.

Ele bebeu todo o vinho, sua expressão é um misto de raiva e dor, eu amo tanto esse homem e não posso ver ele assim, sinto a dor dele em minha própria pele. Ouvindo tudo isso meu corpo está tremendo inteiro.

–Mas isso não é nada perto do que descobri depois... o carro dos meus pais foi sabotado... tudo começou a se encaixar... tenho absoluta certeza que foi Ryan que fez isso, que tudo já estava nos planos dele, ele pensou que eu tivesse morrido também e foi por pouco... como ele não conseguiu me matar, tentou me fazer assinar um papel renunciando á herança.

– Bastardo – falo indignada

– Eu não consegui provar nada, mas tenho certeza.

Estou em choque, Ryan Parkerys é um assassino, ele sabotou o carro dos próprios pais, e quase matou Victor também! Maldito! Eu sabia que algo nele não era bom, aqueles olhos sarcásticos... ele me sequestrou e será que iria me matar?

A sensação de enjoo tão familiar bate forte no meu estômago.

Victor enlaça minha cintura, me enrosco mais ainda em seu colo. Eu sei que estas lembranças doem nele.

– Victor, eu nem sei o que dizer, é tudo tão terrível, ele é um monstro.

– Eu sei Helle, eu gostaria de vê-lo atrás das grades, mas o desgraçado foi esperto, fez tudo direitinho, sem deixar provas.

– Ele me sequestrou, podemos colocar ele na cadeia, não podemos? – viro para ficar de frente pra ele.

– Não temos provas Helle, seria a palavra dele contra a daquele animal imundo que estava com você, Ryan é influente no Níger, ele tem alguns poderosos nas mãos.

Ele é o cara por trás de tudo, o cara tão temido que todos falavam, Ryan é um bandido muito pior do que eu pensava. Mas ele já tentou matar Victor uma vez... e se ele tentar novamente?

– Victor... – meus olhos marejam com a ideia – e se ele tentar te matar novamente?

Este pensamento dói forte, apoio minha cabeça em seu ombro, envolvida pela cintura, sua mão sobe acariciando meu cabelo.

– Ele não vai tentar nada contra mim, dei uma lição nele um dia e ele é esperto o suficiente para ficar longe... o problema Maria Hellen, é que ele descobriu a única forma de me atingir: ferindo *você*.

Ele segura meu queixo, seus olhos fixos em mim, sinceros e profundos como Victor consegue ser. Aliso seu rosto, na tentativa de aliviar um pouco a agonia em seu olhar.

– Naquela noite no hotel, depois que o encontramos na boate, eu fui embora e te deixei sozinha porque eu precisava te proteger. Ryan percebeu que *você* era importante pra mim, eu vi nos olhos dele e tive a certeza que se eu não impedisse, ele faria algum mal contra *você*, para me atingir.

– Por isso *você* fugiu?

– Sim, eu tinha que fazer ele pensar que *você* não era importante pra mim...

– Ai *você* resolveu ficar com outra, dois dias depois? – não posso evitar a irritação com a lembrança.

– Eu não *fiquei* com ela, Helle, eu só a levei lá porque sabia que Ryan frequentava aquele clube e se me visse com outra, então ele pensaria que *você* não significava nada pra mim e te deixaria em paz. Sinto muito meu anjo, eu fiz *você* sofrer, mas só queria te proteger.

– *Você* não ficou com ela? – eles estavam tão íntimos, qualquer um percebia o clima.

– É claro que não! Depois que eu beijei *você*, nunca mais tive vontade de ficar com mais ninguém – ele aperta meu queixo – a senhora me arruinou para as mulheres, Maria Hellen Vagnolli.

Nem sei o que pensar, *eu* arruinei o todo poderoso *Victor-Deus-Grego-Harris*? Eu o amo mais do que tudo na vida e ele também me ama! Se for um sonho, Senhor, por favor, me deixe dormindo!

– Eu te amo Victor!

Beijo-o com amor e desejo e percebo seu sorriso se abrindo. Eu nunca me senti tão dependente de alguém, esse homem está cravado em mim, na minha carne, ele é tudo o que preciso para viver.

Quase sem fôlego, me afasto dele, seguro seus cabelos e o encaro nos olhos.

– Ok, só me responda uma coisa: aquele dia em Niamey, eu voltei ao hotel e você já tinha ido embora. Por quê?

Ele sorri tristemente e fala com a voz rouca.

– No dia em que você fugiu de mim depois da nossa primeira noite juntos?

Eu enrubesço de vergonha. Naquela manhã eu saí correndo como uma garotinha, morrendo de medo de tudo o que eu estava sentindo.

– Sim, naquele dia...

– James me contou que o jatinho de Ryan havia acabado de pousar na cidade, eu não podia deixar que ele me visse ali, isso só confirmaria que eu estava completamente apaixonado por você.

Ele respira fundo, seus dedos roçando os meus lábios, e continua.

– Mas acho que ele já sabia... ele é um cara muito cuidadoso com seus crimes, dificilmente deixa rastros, no entanto para me magoar, ele arranjou pessoalmente todos os detalhes do seu sequestro. Eu só descobri o seu paradeiro porque rastreei o celular dele, foi assim que te encontramos.

De repente todo o medo e insegurança que eu sentia se evaporou no ar, este homem me salvou duas vezes, ele só queria me proteger, todas as vezes que ele criticou meu retorno ao Níger foi porque ele queria me manter longe de perigo. Eu duvidei do caráter de Victor diversas vezes, quando tudo o que ele fez foi para garantir minha segurança, será que a vida está me dando uma chance de ser feliz?

Nunca vou abandonar meu projeto de vida, o Níger é meu país, vou continuar e agora sei quem é o verdadeiro inimigo e vou enfrentá-lo de frente, temos o dinheiro de Victor,

temos o apoio da população e nada mais vai nos impedir. Vou lutar todos os dias para fazer a vida daquele povo melhor, mesmo que eu falhe, vou morrer tentado e agora tenho forças para isso e o amor do homem que eu amo.

Vou voltar lá, continuar o trabalho e rezo para reencontrar Felipe, eu também o amo, mas hoje sei que é como um amigo muito querido. Conheço todas as barreiras e dificuldades que terei pela frente, sei que Ryan não vai deixar barato minha insistência. Sei também que tenho um fantasma do passado que preciso enfrentar, e pelo jeito não vai demorar muito, pois logo será a audiência da separação litigiosa, mas me fortalece saber que eu tenho alguém que eu amo mais do que tudo, que me arrepia inteira só com o olhar e faz meu coração quase explodir no peito com seu toque. Victor Harris é um pedaço de mim, ainda brigaremos muito por nossos ideais, mas quero ficar com ele para sempre.

– Victor, eu te amo mais do que a mim mesma, e quero pedir desculpas por todas as vezes que eu duvidei de você, nunca vou viver o suficiente para agradecer sua proteção. Eu tenho muitos medos, e as coisas não serão fáceis pra gente, mas eu nunca mais quero me afastar de você.

Vejo lágrimas brotando em seus olhos.

– Nunca me deixe Helle.